



**Universidade de Aveiro**  
**Ano - 2013/2014**

Departamento de Línguas e Culturas

**JOÃO TIAGO  
TAVARES RIBEIRO**

**EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DA OBRA *NOVOS CONTOS  
DA MONTANHA* DE MIGUEL TORGA**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais realizada sob a orientação científica da Prof<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Ramalheira, do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

**o júri**  
presidente

Prof. Doutor António Manuel Lopes Andrade  
professor auxiliar da Universidade de Aveiro (Presidente)

Prof<sup>a</sup> Doutora Maria do Rosário da Cunha Duarte  
professora auxiliar da Universidade Aberta (Arguente)

Prof<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Martins Pinhão Ramalheira  
professora auxiliar da Universidade de Aveiro (Orientadora)

## **agradecimentos**

Um reconhecido bem-haja vai em primeiro lugar para a Professora Doutora Ana Maria Ramalheira que sempre se mostrou disponível para me apoiar em todas as fases deste trabalho. Ajudou-me a estruturá-lo e a redigi-lo, e ainda me disponibilizou todos os materiais necessários para a sua elaboração.

Agradeço muito também aos meus familiares e amigos, que estiveram sempre presentes, incentivando-me com palavras certas.

Uma palavra de gratidão também para a Mariana, que me ajudou na tarefa de fotografar as edições anteriores a 1980.

palavras-chave

Crítica Textual, Crítica Genética, Miguel Torga, Novos Contos da Montanha

resumo

O presente trabalho constitui uma proposta de edição crítico-genética da obra *Novos Contos da Montanha* (1.<sup>a</sup> ed.: 1944) de Miguel Torga (1907-1995). Após uma introdução teórica sobre Crítica Genética, são apresentadas as edições em apreço, bem como os critérios que presidiram à elaboração de todo o aparato crítico. A parte nuclear do projeto é constituída pela transcrição da última edição publicada em vida do autor, acompanhada de notas textuais que revelam o processo de génese do texto através das marcas de manipulação autógrafa.

keywords

Textual Criticism, Genetic Criticism, Miguel Torga, *Novos Contos da Montanha*

abstract

This project is a proposal for a critical edition of *Novos Contos da Montanha* (1st edition 1944) from the author Miguel Torga (1907-1995). After a theoretical introduction about Genetic Criticism, the editions in appreciation will be presented, as well as the criteria that were used during the critical apparatus. The crucial part of the work is formed by the transcription of the last edition. Published in 1980, the text possesses a set of textual notes that reveal the process of origin of the text.

*De quantos ofícios há no mundo, o mais belo e o mais trágico é o de criar arte. É ele o único onde um dia não pode ser igual ao que se passou. O artista tem a condenação e o dom de nunca poder automatizar a mão, o gosto, os olhos, a enxada. Quando deixa de descobrir, de sofrer a dúvida, de caminhar na incerteza e no desespero - está perdido.*

Miguel Torga, *Diário I*, 16 de Junho 1938

## Índice

Agradecimentos.....	3
Introdução.....	9
1. Miguel Torga: aspetos da vida e obra.....	10
2. <i>Novos Contos da Montanha</i> : breve apresentação da coletânea.....	11
2.1. Cenário em que as ações se desenrolam.....	13
2.2 Aspetos estilísticos.....	14
2.3 Características das Personagens.....	17
3. A Crítica Genética: aspetos teóricos e metodológicos.....	21
4. As edições de <i>Novos Contos da Montanha</i> publicadas entre 1944-1980.....	25
4.1 A edição de 1944.....	26
4.2 A edição de 1945.....	26
4.3 A edição de 1952.....	27
4.4 A edição de 1959.....	27
4.5 A edição de 1967.....	28
4.6 A edição de 1980.....	28
5. Critérios que presidiram à edição crítico-genética de <i>Novos Contos da Montanha</i> .....	29
6. Edição Crítico-Genética de <i>Novos Contos da Montanha</i> .....	30
7. Considerações finais.....	234
8. Bibliografia.....	237
9. Anexos em CD-ROM.....	240





## Introdução

Este trabalho propõe-se a elaborar uma Edição Crítico-Genética de *Novos Contos da Montanha* do escritor Miguel Torga. É um projeto que teve a sua génese na disciplina de Crítica Textual, afeta ao plano de estudos do Mestrado de Estudos Editoriais, designadamente no âmbito de um trabalho que nos foi proposto pela Senhora Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Ramalheira, docente responsável por esta unidade curricular.

Foi um trabalho que realizei na altura com muito entusiasmo, pois cativou-me muito constatar a forma, e tentar percebê-la, como Torga foi reiteradamente burilando as suas obras, de forma quase obsidante, ao longo do tempo. Considero que este trabalho tem alguma originalidade, uma vez que não existe, no contexto das obras de autores portugueses, nenhuma Edição Crítica de qualquer das obras de Miguel Torga.

O trabalho que me proponho realizar constituiria assim um subsídio para esse projeto mais vasto, que está a dar os primeiros passos pela mão da Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Ramalheira.

Numa primeira instância, serão abordados aspetos gerais sobre vida e obra de Miguel Torga, bem como o contexto político e social em que a sua obra se inscreve.

Proceder-se-á de seguida a uma breve apresentação da obra supramencionada, dando um enfoque especial ao cenário sociocultural em que as diversas ações se desenrolam, bem como às características gerais da linguagem e aos tipos de personagens.

Os capítulos seguintes incidirão sobre os princípios teóricos e metodológicos em que assentam a Crítica Genética.

De seguida, serão caracterizadas as edições «revistas» e «refundidas» em vida pelo autor, como ele próprio teve o cuidado de as designar. Refiro-me às seguintes edições: 1.<sup>a</sup> edição (1944), 2.<sup>a</sup> (1945), 3.<sup>a</sup> (1952), 4.<sup>a</sup> (1959), 5.<sup>a</sup> (1967) e 9.<sup>a</sup> (1980).

A parte nuclear do trabalho é constituída por uma proposta de edição crítico-genética de *Novos Contos da Montanha*, que inclui obviamente o registo de todas as variantes apuradas através da comparação e do cotejo das seis edições. O objetivo deste trabalho é

estabelecer um texto com a preocupação do rigor ecdótico, contendo informação sobre a evolução que a obra foi sofrendo nas mãos do autor.

## **1. Miguel Torga: aspetos da vida e obra**

Poeta, ficcionista e ensaísta, Miguel Torga é o pseudónimo literário de Adolfo Correia da Rocha. Nascido no seio de uma família humilde em S. Martinho de Anta, aldeia na província de Trás-os-Montes, Torga abandona o Seminário de Lamego aos 13 anos para embarcar para o Brasil, onde viveu durante cinco anos com o tio, a trabalhar numa fazenda em Minas Gerais. Regressa depois a Portugal, onde completa em poucos anos o curso liceal e se licencia em Medicina na Universidade de Coimbra.

Romancista, dramaturgo, ensaísta, contista exímio, Miguel Torga é autor de mais de 50 obras publicadas desde os 21 anos de idade.

Colaborou em várias revistas literárias, designadamente na *Presença*, *Sinal* e *Manifesto*.

A sua obra evidencia uma notável técnica narrativa e uma linguagem muito expressiva, frequentemente de cunho popular.

A obra de Miguel Torga está perpassada de simbologias bíblicas e de alusões a temas com uma ligação à terra, à região natal, a Portugal e à própria Península Ibérica.

Miguel Torga foi diversas vezes premiado nacional e internacionalmente. Foram-lhe atribuídos, entre outros, o Prémio Diário de Notícias em 1969, o Prémio Internacional de Poesia em 1977, o Prémio Montaigne (1981), o Prémio Camões (1989), o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (1992) e o Prémio da Crítica, consagrando a sua obra em 1993.

## 2. *Novos Contos da Montanha*: breve apresentação da coletânea

Miguel Torga escreve a coletânea *Novos Contos da Montanha* em pleno período do Estado Novo, o regime ditatorial que vigorou em Portugal no período que medeia 1933 e 1974. Insurgindo-se contra o regime ditatorial de António de Oliveira Salazar e de Marcelo Caetano, Torga sempre defendeu a liberdade. Numa entrada do volume V do *Diário*, que data do dia 24 de Novembro de 1949, o escritor refere-se à questão da liberdade nos seguintes termos:

Deve ser bom escrever em plena liberdade, como é bom colher um fruto da própria árvore e mastigá-lo. Mas que sabor, que triunfo, escrever com liberdade debaixo da tirania! Cada palavra, cada pensamento é um risco que se corre, um desafio que se lança. Não há sossego de fora que se tenha, noite que se durma em paz. Mas lá na última morada do ser, na consciência profunda da dignidade humana, que segurança, que serenidade! A verdade, com todas as atribulações, foi servida. A vida pode continuar. (Torga, 1999: 39).

A coletânea *Novos Contos da Montanha* inclui vinte e dois contos com os seguintes títulos: «O Alma-Grande», «Fronteira», «O Pastor Gabriel», «Repouso», «O Caçador», «O Leproso», «Destinos», «O Lopo», «O Sésamo», «Mariana», «Natal», «Névoa», «Renovo», «O Regresso», «A Confissão», «O Milagre», «O Artilheiro», «Teia de Aranha», «A Festa», «O Marcos», «A Caçada» e «O Senhor».

Num estudo sobre a obra do autor em apreço, Maria da Assunção Morais Monteiro dilucida a presença de Trás-os-Montes em toda a obra literária de Torga (cf. Monteiro, 1997: 169). A paisagem de Trás-os-Montes e as suas gentes no ano de 1944 são respetivamente, o espaço, as personagens e o tempo da obra *Novos Contos da Montanha*. O autor apresenta a região da seguinte forma: [Trás-os-Montes] «fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os tome mais impossíveis e apetecidos» (Torga: 1986, 27).

Refira-se que, em *Novos Contos da Montanha*, o autor defende implicitamente a luta dos direitos e a melhoria das condições de vida do povo transmontano. Neste sentido, é

relevante fazer uma menção ao prefácio da segunda edição da obra, em que o autor chama a atenção para com a realidade social de Trás-os-Montes na época, dirigindo-se aos seus leitores nos seguintes termos:

Escrevo-te da Montanha, do sítio onde medram as raízes deste livro. [...] Encontrei tudo como o deixei o ano passado, quando da primeira edição dessas aventuras. Apenas vi mais fome, mais ignorância e mais desespero. Corre por estes montes um vento desolador de miséria que não deixa florir as urzes nem pastar os rebanhos. (Torga, 1980: 7).

No prefácio da tradução castelhana de *Novos Contos da Montanha*, encontra-se registada uma nota, que data do dia 20 de Março de 1987, em Coimbra, em que Torga apresenta ao leitor espanhol as personagens que povoam esta coletânea da seguinte forma:

Heróis altivos, cingidos às leis da condição, desde o nascimento que estão acostumados a enfrentar os caprichos do destino por sua conta e risco, mesmo quando afiançados. [...] Portugueses, como é evidente, viram a luz do dia nas terras altas de Trás-os-Montes [...]. Têm, pois, todos os traços fisionómicos da região. Duros e terrosos. Simplesmente acontece que, num livro que publiquei em tempos, a propósito de condicionalismos do meio, declarei que o universal é o local sem paredes. O que realmente acontece com eles. Psicologicamente, nenhum é murado. Daí que reajam e actuem como filhos do mundo em todas as circunstâncias. (Torga, 1990: 11).

Trás-os-Montes é pois esse «Reino Maravilhoso», do qual o autor se afastou por necessidade, sem nunca deixar de sentir por ele uma enorme afeição. Essa região montanhosa é para Torga uma espécie de paraíso perdido e simultaneamente reencontrado. Perdido, no sentido em que o deixou na adolescência, e reencontrado, porque de acordo com a sua vontade, a ele regressou frequentemente ao longo da sua vida e nele repousa para sempre (cf. Monteiro, 2000: 8).

## 2.1. Cenário em que os contos se desenrolam

O cenário em que se desenrolam as ações dos contos que integram *Novos Contos da Montanha* não é contudo um cenário idealizado ou em que a beleza paisagística seja glorificada. De facto, em *Novos Contos da Montanha* são raras as passagens em que as próprias personagens estão conscientes da beleza do mundo que os circunda, como é facilmente observável, e de uma forma dramática, no conto «A Caçada», em que os dois rivais disputam a sua honra, alheios à beleza que os rodeia. É contudo o narrador que se encarrega de fazer reiteradas referências à grandeza estética do cenário da montanha (cf. Fagundes, 1992: 195).

A montanha é o elo de ligação de todos os contos que integram a coletânea em apreço. Surge, por vezes de uma forma obsidiante, como o verdadeiro centro de gravidade das narrativas, na estruturação do cenário, na moldura das personagens, no enredo e nas imagens. O que o título geral indica relativamente aos títulos individuais é a noção de uma unidade na diversidade. É a montanha que serve de moldura geográfica a todos os contos (cf. Fagundes, 1992: 178).

O conto «O Sésamo», por exemplo, desenrola-se na aldeia de nome Urros, em plena montanha:

Urros, em plena montanha, é uma terra de ovelhas. Ao romper de alva, ainda o dia vem longe, cada corte parece um saco sem fundo donde vão saindo movediços novelos de lã. Quem olha as suas ruelas a essa hora, vê apenas um tapete fofo, ondulante, pardo do lusco-fusco, a cobrir os lajedos.» (Torga, 1980: 102).

O conto «Teia de Aranha» desenrola-se na pequena cidade de São Cristóvão, na montanha, longe da civilização e da agitação das grandes cidades:

O tempo em S. Cristóvão anda devagar. As terras são cascalho puro, de maneira que é preciso dar prazo às raízes para roerem o granito até fazerem de uma areia um grão de cevada ou de centeio. Um ano, ali, são trezentos e sessenta e cinco dias bem medidos. (Torga, 1980: 185).

É igualmente interessante notar a relação entre as estações do ano, os homens e a natureza. Embora não haja nenhuma indicação ostensiva no que toca ao cenário temporal ou sazonal, constata-se que contos como, por exemplo, «Fronteira» «Lopo» e «Natal» se desenrolam claramente no inverno, e os conflitos sociais destas personagens são muitas vezes ampliados pelo ambiente da estação. Por outro lado, a primavera surge de algum modo associada à procriação, como se verifica em contos como «Mariana» e «O Senhor» (cf. Fagundes, 1992: 189).

## 2.2. Aspetos estilísticos

No Seminário de Lamego, Torga leu os textos sagrados e terá aprendido também o catecismo, memorizando na companhia do avô paterno a doutrina poética à base de preces límpidas, ingénuas e rimadas (cf. Gonçalves, 1995: 36). A formação religiosa do escritor acabou por se refletir no discurso dos contos. Leia-se por exemplo o seguinte trecho do conto «O Regresso»: «a aldeia desperta, clara e rumorosa, numa fortaleza inacessível. E o filho pródigo volta-lhe as costas, derrotado.» (TORGA, 1980: 150). Torga adapta recorrentemente o texto bíblico ao enredo dos contos, dramatizando a relação da gente simples do povo com Deus (cf. Ferreira, 2008: 34).

Na cosmogénese torguiana subjacente a *Novos Contos da Montanha* interagem três agentes distintos: a terra, a vida e o homem. Se lançarmos um olhar atento às metáforas mais simples para referir a terra, verificamos que elas se articulam perfeitamente com as utilizadas em relação à vida e ao homem. Um conto que exemplifica bem este aspecto é «Alma-Grande». Os seres humanos encarnam forças da natureza. O personagem Alma-Grande habita terras de vento e o vento é caracterizado como uma força imponente e arrebatadora. O mesmo acontece com a água. O Alma-Grande é igualmente representado através da imagem de um rio:

Pela rua abaixo só o vento falava. Rouco de tanto bradar, monocórdico, persistente, era nele que tinha expressão a intimidade de ambos: um, o pequeno, nervoso, inquieto, a braços com pressentimentos confusos, que se recusavam a

sair-lhe do pensamento; o outro, o velho, a aceitar aquele destino de abreviar a morte como um rio aceita o movimento. (Torga, 1980: 17).

A forma como Torga entretence amiúde o discurso teológico e o cósmico tende a criar uma consciência individual indissociável de uma consciência social, de onde ressuma uma vontade de transformar o mundo (cf. Gonçalves, 1995: 119). Veja-se, entre outros, por exemplo, o conto «O Leproso».

Torga usa frases curtas e incisivas que conferem ao seu discurso um tom áspero. Como refere a autora Teresa Lopes, um discurso «pleno de arestas e em blocos bem recortados e independentes, como as fragas que o inspiram» (cf. Lopes, 1993: 59). A investigadora considera que Miguel Torga parece querer despertar no homem uma força e pureza animal, demonstrando simultaneamente uma dimensão espiritual. Note-se o uso recorrente de vocábulos como «parir», no sentido de «dar à luz», ou ter «cio», no sentido de «instinto sexual». São, de resto, numerosos os exemplos em que as personagens são retratadas com termos da esfera animal (cf. Lopes, 1993: 59). O uso destes termos prende-se com uma estratégia torguiana de sugestão de harmonia com a natureza na caracterização das personagens. Daí a interpenetração da imagética geomórfica, zoomórfica ou vegetal e a desarmonia que recorrentemente se estabelece entre as personagens e as suas ações (cf. Fagundes, 1992: 214). O conto «O Leproso» é um exemplo elucidativo desta estratégia discursiva. Julião é comparado pelo narrador a uma anormalidade botânica. A doença de Julião é associada à imagem de um fungo numa planta sadia. Saliente-se que Julião termina como matéria bruta que irá ser posteriormente reciclada pela montanha: «Era um grande e negro tição, que dificilmente se distinguia do tronco de um sobreiro mal queimado». (Torga, 1980: 82).

A descrição geomórfica vem à tona em contos como «O Lopo»: «Rico e manhoso, movia montanhas a cavar o dia inteiro, sem ninguém descortinar como conseguia ter Portugal nas mãos quase sem sair da terra». (Torga, 1980: 98).

O discurso afeto à imagética animal é também recorrente em *Novos Contos da Montanha*. As analogias zoomórficas tendem a realçar os laços harmoniosos da personagem com a montanha. Os animais selvagens portadores de conotações simbólicas negativas estão associados (cf. Fagundes, 1992: 218). Veja-se, por exemplo, os traços animais com que é caracterizado o leproso: «com olhos de carneiro mal morto» («O

Leproso», Torga, 1980: 65). Em «Fronteira», as atividades dos contrabandistas são igualmente expressas através de analogias do mesmo género. A personagem Sabino, por exemplo, é associada à figura de um rato: «Parece um rato a surgir do buraco. Fareja, fareja, hesita, bate as pestanas meia dúzia de vezes a acostumar-se às trevas, e corre docemente a fechadura do cortelho» («Fronteira», Torga, 1980: 25). Outras personagens centrais têm nomes de animais, ou alusivos ao comportamento animal, como o João Rã e Alexandre Rato («O Regresso», «O Marcos» Torga, 1980: 145, 203). Sublinhe-se contudo que «Caçada» é o conto onde este tipo de analogias zoomórficas desempenha de facto um papel fundamental. Os nomes de duas das três personagens masculinas, Leoniz e Marta, são obviamente alusivos a dois predadores do reino selvagem, sendo eles, designadamente o leão e a marta.

Uma outra característica do discurso torguiano é o uso recorrente do discurso indireto livre, em que a voz do narrador e a voz da personagem se confundem, criando uma espécie de intersecção entre o discurso direto e o discurso indireto. Leia-se, por exemplo, o seguinte trecho do conto «Fronteira»:

Acordou inteiro. Tchup, tchap, tchap, tchap... Pela neve fora, da outra banda, aproximava-se alguém. Quem diabo seria? O carrapito? O Carrapito não. Olha o Carrapito meter-se a um nevão daqueles! O Samuel? O Samuel também não. Era mais atarracado. Só se fosse o Gregório... Sim, porque o Cristóvão, que tinha o mesmo corpo, estava em Vila Seca, no namoro. Vira-o passar... (Torga, 1980: 33).

Através do discurso indirecto livre, o narrador reproduz indiretamente, em jeito de monólogo, as falas das personagens e, simultaneamente, os seus pensamentos, emoções e desejos. Esta estratégia discursiva, em que diferentes vozes se entrecruzam, imprime à narrativa um ritmo, uma fluência e uma vivacidade tendencialmente mais coloquiais, mais popular.



### 2.3. Características das Personagens

As personagens de *Novos Contos da Montanha* são gente dura e telúrica que luta contra leis divinas e terrestres, espelhando certos tipos do povo transmontano do Portugal dos anos 40 do século XX. O Alma-Grande é um exemplo dessas personagens tipo, hoje extintas ou muito raras. Vestindo a pele de parca, o Alma Grande aparece a pedido dos familiares dos doentes em fase terminal, com a tarefa de lhes cortar o sopro que os liga precariamente à vida, aliviando assim, o seu sofrimento. O Alma Grande levanta as grandes questões que se prendem com a fronteira entre a vida e a morte, designadamente a eutanásia e o encarniçamento terapêutico. Atente-se nas figuras de Isaac, que consegue escapar às tenazes e ao peso do joelho da morte, e de Abel, incapaz de reagir perante o filho do moribundo:

Bem que se lhe avivava na consciência a certeza de que era matar a razão do seu destino! Em vão. O puro instinto não tinha coragem para empurrar aquelas mãos e aquele joelho diante de uma testemunha. Ergueu-se. Com o rosto coberto por um pano de lividez igual à do agonizante, voltou-se. (Torga, 1980: 21).

A ação secundária do conto «Fronteira», que incide fundamentalmente sobre a luta pela sobrevivência à margem da lei numa terra hostil, introduz-nos guarda Robalo, que conhece Isabel numa festa em Fronteira. À medida que se desenrola uma relação amorosa entre os dois, constatamos o conflito interior de Robalo. Rápida e silenciosa, Isabel parte para o contrabando e Robalo, que representa a autoridade, prepara-se para a denunciar perante a justiça, mesmo depois de esta ter dito que estava grávida dele. Robalo acaba por se tornar contrabandista, juntamente com a mulher:

E aí começam ambos a trabalhar, ele em armas de fogo, que vai buscar a Vigo, e ela em cortes de seda, que esconde debaixo da camisa, enrolados à cinta, de tal maneira que já ninguém sabe ao certo quando atravessa o ribeiro grávida a valer ou prenha de mercadoria. (Torga, 1980: 36).

No conto «O Pastor Gabriel» é esboçado o perfil de um pastor de ovelhas, que controla tão bem o rebanho como a filha de Silvano, com quem se deita na palha (cf. «O Pastor Gabriel», Torga, 1980: 41). Por seu lado, no conto «O Caçador», as duas personagens principais, Matilde e Avelino, são geradores de muitos comentários castradores dos habitantes de Pedralva, indignados com as histórias dos encontros furtivos nos arredores do lugarejo. Outro exemplo interessante de uma relação conjugal cada vez mais votada ao silêncio é a do casal Tafona e Catarina (cf. Torga, 1980: 57).

No conto «O Leproso», o leitor depara-se com o quotidiano de um conjunto de personagens que se move num tempo e num espaço que é, metaforicamente, das trevas: «Eram todos amigos, daquela amizade possível entre gente rude e sacrificada, sem licença para aventuras intensas do coração e do entendimento». (Torga, 1980: 67).

Em «Destinos» testemunhamos os sentimentos, carregados de temores e tensões, entre o filho de Teodósia e Natália. Um amor que aflora na primavera, estação favorável ao florescimento de sentimentalismos, mas que acaba por ser envolvido numa onda de renúncia. Incapaz de se libertar das amarras que os prendem a um mundo irreal, o casal simboliza a condenação à realidade (cf. Torga, 1980: 89).

No conto «Natal» somos confrontados com um pobre mendigo, o Garrinchas, que numa fria noite de Natal acaba por pernoitar numa pequena igreja na companhia da Virgem Maria e do Menino Jesus, dizendo: «A Senhora faz de quem é; o pequeno a mesma coisa; e eu, embora indigno, faço de S. José» (Torga, 1980: 126).

Em «Regresso», Ivo é um ex-combatente que se voluntariara para a Guerra e que, após longo período de tempo regressa à aldeia: «Partira contra a vontade pacífica e humana de todos para uma guerra que não era deles, matara sem razão nenhuma, atraíçara milénios de fraternidade, de paz e de entendimento» (Torga, 1980: 146).

O Armindo de «A Confissão» foi preso por alegadamente ter roubado uma casa e torturado pelo sargento Reinaldo, que o queria fazer confessar o crime. Armindo, que estava inocente, foge da prisão e atravessa a fronteira. Quando regressa à aldeia, meio século depois, Armindo logra provar a sua inocência. No fim do julgamento, Reinaldo morre e Armindo faz com as próprias mãos a justiça que lhe tinha sido negada, dando duas

bofetadas no cadáver: «Estás morto, é o que te vale. Mas mesmo assim não vais deste mundo sem duas bofetadas na cara, covarde! E deu-lhas» (Torga, 1980: 157).

As personagens retratadas em *Novos Contos da Montanha* pertencem ao povo português transmontano, com as suas virtudes e os seus defeitos, com a sua mesquinhez e a sua grandeza de alma, com a sua religiosidade e as suas crendices, com a sua força, determinação, com a bondade e maldade, num Portugal isolado do chamado mundo civilizado, cujo povo sofre também com a escassez e o racionamento do rescaldo da Segunda Guerra Mundial.

As personagens tipificam uma coletividade rural: o povo de Trás-os-Montes. Numa época em que homens e mulheres tinham papéis sociais muito distintos. Curiosamente, as mulheres que povoam a trama narrativa de *Novos Contos da Montanha* são tendencialmente dominadoras, ao passo que os homens assumem mais o papel de macho fecundador. O conto «Névoa» aborda a função das mulheres como procriadoras e guardiãs da semente germinadora, a sua submissão sexual, o desvelo como cuidam com amor maternal da família. A Felisberta do conto «Renovo» tipifica o sofrimento amiúde também associado ao amor maternal:

A pobre Felisberta tinha pago o seu tributo com três filhas, dois netos e o marido. Restava-lhe apenas aquele filho, que a cada instante a renovava. E todo o seu instinto de mulher estava ali, suspenso de respiração e dos olhos da última semente. (Torga, 1980: 141).

A Mariana do conto homónimo «Mariana» exemplifica bem o tipo de mulheres que povoam as narrativas que integram *Novos Contos da Montanha*. Mariana encarna os aspetos positivos da montanha, designadamente o ventre fecundo e o pólo aglutinador da família e do conforto do lar «Em qualquer mata miúda paria naturalmente e atrás de qualquer parede recebia a seiva de uma nova vida». (Torga, 1980: 115).

Aliados aos aspetos positivos, surgem os lados negativos da montanha e que contribuem de resto, para o cariz trágico-telúrico da obra (cf. Fagundes, 1992: 211). O maior fracasso como procriadora é protagonizado por Raquel, no conto «Milagre». A loucura e suicídio acontecem, devido à esterilidade do seu ventre: «A doida, então, saltou

da albarda, sacudiu-se e caminhou calmamente até ao pontão. Mas antes que o homem pudesse sequer fazer um gesto, viu-a voar de saias abertas sobre o despenhadeiro» (Torga, 1980: 169).

Das personagens que integram as diversas tramas narrativas da coletânea em apreço ressuma a força da montanha, que, por sua vez as repele, as rejeita, sempre que elas infringem as suas leis. Leiam-se os três exemplos que se seguem:

E a terra inteira, irredutivelmente, determinou que aquele filho vil [o Julião de «Leproso»] nunca mais lhe pisasse o chão. (Torga, 1980: 77).

Religiosamente, [Lopo] debruçou-se sobre o regato, meteu nele a mão calosa, encheu-a e deixou cair em cascata a liquefeita frescura de três meses de trabalho. (Torga, 1980: 95).

Sentado numa fraga de granito, a trouxa de roupa pousada ao lado, com o olho que lhe restava [Ivo de «Regresso»] ia fotografando as fases sucessivas por que passava o casario e a vida da terra onde nascera» procura o estado de invulnerabilidade. Porém, fracassa na tentativa, uma vez que também ele viola um dos éditos da montanha, tornando-se num ser vulnerável. (Torga, 1980: 145).

Em «O Sésamo», a personagem de nome Rodrigo desespera, uma vez que não atinge o sonho de abrir a montanha. Renunciando o seu sonho, aceita o seu destino (cf. Torga, 1980: 108).

Os heróis da montanha torguianos são persistentes e trabalhadores áduos. Curiosamente, numa entrada do volume XIV do *Diário*, que data o dia 17 de Setembro de 1984, o escritor refere-se aos seus conterrâneos nos seguintes termos:

O que eu os invejo [aos habitantes de S. Martinho de Anta]! Nasceram aqui e aqui ficaram, a fazer parte da paisagem, como que plantados nela. Ninguém os estranha quando passam, ninguém pergunta quando chegaram e quando se vão. Nenhum destino os levou para longe e os traz só de vez em vez, para sentirem a angústia de, embora de cá, serem insólitos em todos os caminhos e provisórios em todas as atenções. Nunca os crucificará esta espécie de ciúme da terra, que ocultamente me rói, desde que saí da escola, e tive de o ir ganhar, a iludir em vão de mil maneiras a evidência de um amor frustrado. Seus filhos a tempo inteiro, terão sempre com ela em vida a comunhão total que apenas terei na morte. (Torga, 1999: 158).

### 3. A Crítica Genética: aspetos teóricos e metodológicos

Para a elaboração dos aspetos teóricos e metodológicos afetos ao presente estudo de Crítica Textual, recorri principalmente às obras da especialista francesa em Crítica Genética Almuth Grésillon (diretora do Institut des Textes et Manuscrits Modernes [ITEM], de 1986 a 1994, da Escola Superior de Paris), designadamente *Elementos de Crítica Genética. Ler os Manuscritos Modernos* (trad. port: 2007), do linguista brasileiro César Nardelli Cambraia (professor da Universidade Federal de Minas Gerais), nomeadamente *Introdução à Crítica Textual* (2005), e do professor Maximiano de Carvalho e Silva (pesquisador nos domínios das ciências da linguagem como a Crítica Textual, Linguística Portuguesa e estudos literários), designadamente *Crítica Textual – Conceito – Objecto – Finalidade* (1994).

Cada cópia que se faz de um texto leva a uma alteração do mesmo independentemente da vontade de quem o copia. Assim, a reconstituição de um original obriga a uma identificação das alterações, exógenas e endógenas, que este sofreu ao longo do processo da transmissão (cf. Cambraia, 2005: 2).

As modificações exógenas relacionam-se essencialmente com a corrupção do material utilizado para registar um texto (papiro, papel, tinta, etc.). Esta corrupção que se verifica no material pode ser causada por motivos variados, nomeadamente humidade, exposição à luz, fogo, insetos, etc. Compreendem-se assim as razões pelas quais documentos originais exigem condições especiais de preservação, que geralmente só as grandes bibliotecas e arquivos possuem (cf. Cambraia, 2005: 3).

As modificações endógenas são aquelas que provêm do ato de reprodução do texto em si. Por outras palavras, trata-se do processo de realização da sua cópia num novo suporte material. As alterações endógenas podem ser autorias e não autorais (cf. Cambraia, 2005: 6). Assim, as modificações autorais, como o próprio nome indica, são realizadas pelo próprio autor intelectual da obra. Durante o processo de preparação de edição impressa de uma obra, por exemplo, é comum o autor receber as provas tipográficas realizadas a partir de um original manuscrito ou datilografado. O autor retifica então aquilo

que o tipógrafo modificara por falta de atenção, mas também pode introduzir alterações no texto originalmente enviado à editora (cf. Cambraia, 2005: 6).

Entre modificações não autorais, há àquelas que ocorrem por ato intencional de quem reproduz o texto, devido a divergências ideológicas, e que se manifesta através da censura política, religiosa, etc. (cf. Cambraia, 2005: 7).

As modificações involuntárias ocorrem, obviamente, por lapso de quem reproduz o texto. Este tipo de alterações, conhecido de uma forma tradicional como erro de cópia, foi objeto de diversos estudos com o objetivo de descrever e classificar as diversas categorias (cf. Cambraia, 2005: 10). Tamanho empenho decorre da consciência de que a identificação da origem de um erro evidencia a forma como deve ser remediado na reconstituição da forma original dos textos (cf. Cambraia, 2005: 10).

A Crítica Textual é uma disciplina filológica que emerge dos problemas de publicação de textos, manuscritos ou impressos, antigos ou modernos (cf. Silva, 1994: 57). Por outras palavras, a Crítica Textual, com o seu método rigoroso de investigação histórico-cultural e genética, aborda os textos como expressões de uma cultura pessoal ou social, tendo a preocupação fundamental de verificar a autenticidade dos mesmos através da análise da sua transmissão através do tempo. O objetivo da Crítica Textual consiste em reproduzir edições que se identifiquem, ou se aproximem o mais possível, dos textos originais dos respetivos autores ou dos testemunhos mais primitivos que se tem conhecimento (cf. Silva, 1994: 57).

A Crítica Textual tende a relegar a exegese ou interpretação do texto para um plano relativamente secundário, fornecendo apenas o material, cujo conteúdo é então analisado pela crítica literária. Sublinhe-se todavia que é fundamental que o investigador que se dedica à elaboração de edições críticas tenha um bom conhecimento das obras dos autores sobre cujas obras se debruça, que compreenda os respetivos estilo e poética, a fim de perceber a génese de determinados problemas que se geram no processo de transmissão das mesmas. O objetivo da Crítica Textual passa fundamentalmente «pela constituição de uma edição crítica do texto que conseqüentemente deverá ser legível, ao mesmo tempo que indica as alterações que foram sendo feitas» (cf. Silva, 1994: 58). O método de Crítica Textual assenta na comparação de várias versões manuscritas ou impressas de um

determinado texto. César Nardelli Cambraia refere o autor Maximiano de Carvalho e Silva, que de uma forma bastante instrutiva aponta as tarefas do crítico textual (cf. Cambraia, 2005: 18). Entre elas, contam-se *grosso modo*: a definição do método, do objeto, das finalidades da ciência e das diferentes épocas da sua evolução, o estudo e classificação dos textos e das edições, a averiguação da sua autenticidade, a pesquisa da origem dos textos, a inclusão de regras gerais e dos princípios específicos para a conversão de textos orais em textos escritos, a indicação dos pressupostos filológicos para a boa realização da tradução dos textos, a organização dos planos de publicação das obras avulsas e de obras completas de determinados autores, e a preparação de edições merecedoras de todo o crédito (cf. Cambraia, 2005: 19).

O mais importante contributo da Crítica Textual é, em última análise, a recuperação do património cultural escrito de uma dada cultura. Assim como pinturas, esculturas, igrejas, e diversos outros bens culturais da humanidade são restaurados, a fim de que mantenham a forma dada pelo seu ator intelectual, também o património escrito deve ser restaurado em todos os aspetos. Supondo que após a restituição de um texto escrito original ele é, regra geral, publicado novamente, contribui-se desta forma para a transmissão e preservação desse património. Desta forma, percebe-se a vasta extensão do domínio do conhecimento humano que beneficia do exercício da Crítica Textual.

A Crítica Textual, que é um ramo da Filologia, é reiteradamente associada à Ecdótica. Não existe atualmente unanimidade sobre o campo de conhecimento que cada um desses dois termos indica, uma vez que são tratados como sinónimos. Se a expressão crítica textual é usualmente empregada no sentido do campo do conhecimento que envolve a restituição da forma original, pura, dos textos, já o termo Ecdótica tem sido utilizado para designar o campo de conhecimento que se debruça mais especificamente do estabelecimento de textos e a sua apresentação (cf. Cambraia, 2005: 13).

A Crítica Genética, um ramo da Crítica Textual, sofreu um impulso especial da investigação universitária que foi realizada em França, no final dos anos 60, no Centro Nacional de Investigação Científica, nomeadamente por Almuth Grésillon entre outros. Assim, a Crítica Genética prende-se com o estudo da génese de uma obra e tem como objetivo ajudar a compreender o processo de criação da mesma. Assim, debruça-se sobre

rascunhos, manuscritos e edições corrigidas por escritores. Procura dilucidar os caminhos seguidos pelo escritor e entender o nascimento da sua obra.

Os geneticistas possuem normalmente um conjunto de competências. No que diz respeito à sua formação, a maioria possui uma formação literária. Alguns geneticistas possuem também formação linguística com especial enfoque pelo ato de linguagem e pelos fenómenos da enunciação escrita. Outros, por seu lado, dominam muito bem as linguagens informáticas. Sublinhe-se que os investigadores que se dedicam profissionalmente à Crítica Genética possuem em geral uma formação muito abrangente que transcende os campos da Literatura e da Linguística. O facto de a Crítica Genética constar oficialmente do programa de determinados cursos universitários faz com que as portas desta disciplina filológica se abram, na prática, a muitos outros investigadores, designadamente aqueles que desejam aproximar-se do texto original não idolatrado, tocando a sua autenticidade (cf. Grésillon, 2007: 26).

A vontade de procurar um determinado manuscrito desaparecido pelas vicissitudes da História requer de facto um elevado grau de paciência e de acribia. Uma paciência que deverá ser acompanhada de uma grande humildade, dado que, na maioria das vezes, o geneticista encontra-se diante de materiais muitas vezes desmotivadores (cf. Grésillon, 2007:28).

Neste âmbito, torna-se relevante mencionar que a área da Crítica Genética também possui um conjunto de limites (cf. Grésillon, 2007: 40). Um desses limites relaciona-se com a questão da materialidade, empírica e histórica, que o seu objeto de trabalho (em particular os manuscritos) geralmente impõe. Deste modo, a sua reconstituição do texto primevo pode ficar comprometida quer pelo desaparecimento de uma dada peça na transmissão dos manuscritos, quer pela sua eliminação por parte do próprio autor ou herdeiros. (cf. Grésillon, 2007: 41). A reconstrução genética de um texto torna-se assim numa questão de probabilidades, e não de certezas (cf. Grésillon, 2007: 42).

Um outro limite desta disciplina filológica relaciona-se com a questão do próprio carácter privado da escrita. Com ou sem consentimento por parte dos autores, a verdade é que os seus manuscritos continuam a conquistar os especialistas que se dedicam à Crítica Genética e à crítica literária. Uma vez editados, os manuscritos transformam-se em objetos



de leitura e de crítica, deixando de lado a ideia de que constituem uma literatura sem leitor (cf. Grésillon, 2007: 45).

A Crítica Genética pertence à estética da produção, na medida em que os manuscritos são o seu suporte (cf. Grésillon, 2007: 268). Os manuscritos dos grandes escritores são, de um modo geral, particularmente ricos em trabalho de escrita e de reescrita, onde reconstrói o princípio da beleza (cf. Grésillon, 2007: 270).

Almuth Grésillon sublinha que a Crítica Genética se constitui no domínio da escrita literária, uma vez que o seu campo de ação se relaciona com a produção escrita de obras (cf. Grésillon, 2007: 270).

Em suma, Almuth Grésillon recorda-nos que toda a escrita, qualquer que seja o seu suporte, conhece somente quatro operações de reescrita, sendo eles: o acrescentar, suprimir, substituir e permutar. Este aspeto é tão verosímil que o próprio sistema informático retomou exatamente esses comandos (cf. Grésillon, 2007: 287).

#### **4. As edições de *Novos Contos da Montanha* publicadas entre 1944-1980**

Na elaboração da proposta de edição crítica de *Novos Contos da Montanha* que se segue, que toma por base a última publicada antes da morte do autor, foram confrontadas as seis edições publicadas durante a vida Miguel Torga, designadamente aquelas em que o próprio escritor indica explicitamente que foram objecto de alterações, ou seja, como já acima mencionado, a 1.<sup>a</sup> edição (1944), rubricada pelo autor, a 2.<sup>a</sup> (1945), igualmente rubricada pelo autor, a 3.<sup>a</sup> (1952), aumentada e com um prefácio, a 4.<sup>a</sup> (1959), refundida e aumentada, a 5.<sup>a</sup> (1967), revista, aumentada e com um prefácio e a 9.<sup>a</sup> edição (1980) revista.

#### **4.1. A edição de 1944**

Publicada em 1944 pela Coimbra Editora, a primeira edição apresenta na capa um desenho da autoria do arquiteto, fotógrafo, pintor, *designer*, escritor e editor Victor Palla (1922-2006). Este desenho consiste na imagem de um pastor segurando um cajado numa paisagem rural, com montes e árvores.

Da folha de rosto da edição em apreço constam com os seguintes elementos essenciais à identificação da obra: Miguel Torga – *Novos Contos da Montanha* – Coimbra 1944. Esta edição não apresenta qualquer prefácio ou introdução. Contém no final um índice, remetendo para os dezassete contos que compõem a obra (cf. Torga, 1944).

#### **4.2. A edição de 1945**

A edição de 1945, também sob a chancela da Coimbra Editora, ostenta uma pequena advertência por parte do editor, mencionando que deste livro se fez uma tiragem especial de sessenta exemplares, numerados e rubricados pelo autor.

A capa apresenta uma nova ilustração, embora seja igualmente assinada por Victor Palla. Trata-se igualmente de um desenho de um pastor segurando um cajado. Esta edição apresenta um prefácio, em que o autor se dirige ao leitor, e um índice. Apesar das manifestas diferenças nas ilustrações das capas, ambas as edições são praticamente idênticas. Desta forma, são raros os empregos de novos vocábulos, assim como a substituição de outros (cf. Torga, 1945).

### **4.3. A edição de 1952**

A 3.<sup>a</sup> edição surge em 1952, igualmente com a chancela da Coimbra Editora. Com a indicação de que foi «aumentada», inclui ainda um novo prefácio, bem como o prefácio da 2.<sup>a</sup> edição. Trata-se de uma edição aumentada, uma vez que foram adicionados três novos contos, nomeadamente: «O Pastor Gabriel», «O Lopo» e «Entremês». No novo prefácio, Miguel Torga dirige-se ao «Leitor amigo» e explica-lhe o conjunto de alterações a que a obra foi sujeita. Desta forma, as alterações são testemunhadas em todos os contos, através de substituições de lugares, do emprego de novos vocábulos e da substituição de outros. No conto «Fronteira», por exemplo, assiste-se à substituição de um dos lugares em que a ação do conto se desenrola. No cotejo com a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edições, o vocábulo «D.Benito» é substituído pelo termo «Torneros». Curiosamente, esta situação não se verifica em todo o conto, e em vários momentos é visível o uso dos mesmos vocábulos utilizados nas duas primeiras edições. De referir, que as alterações presentes na 3.<sup>a</sup> edição, designadamente os empregos e substituição de novos vocábulos, não alteram o desenrolar dos contos que compõem a obra (cf. Torga, 1952).

### **4.4. A edição de 1959**

A edição de 1959 foi, como se indica, «refundida». As alterações presentes nesta edição intensificam-se quando equiparadas com a 3.<sup>a</sup> edição. No conto «A Caçada», por exemplo, verifica-se a substituição de vocábulos como: «companheira», em vez de «mulher» e «moega», em vez «moinho». De salientar, que alterações desta natureza são testemunhadas em todos os contos que constituem a obra e evidenciam uma enorme preocupação por parte do autor, na busca da expressão mais depurada, do termo mais adequado e da síntese mais sugestiva. Porém, e tal como na 3.<sup>a</sup> edição, esta situação não se verifica em todos os contos, e desta forma, verifica-se o uso dos mesmos vocábulos na 1.<sup>a</sup> edição de 1944 e na 2.<sup>a</sup> edição de 1945. De referir que nela constam os prefácios relativos à

2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edições e a capa não difere em relação à 3.<sup>a</sup> edição. À edição de 1959 foi ainda adicionado o conto «Natal» (cf. Torga, 1959).

#### **4.5. A edição de 1967**

A 5.<sup>a</sup> edição, «acrescentada e revista», apresenta um novo prefácio. Os elementos que constituem a capa, bem como o número de contos e o índice não diferem da 4.<sup>a</sup> edição. De salientar, que esta edição difere significativamente quando equiparada com as duas primeiras edições. Desta forma, assiste-se ao emprego de novos termos e à substituição de vocábulos. Todavia, o mesmo não se verifica quando comparadas com a 3.<sup>a</sup> edição de 1952 e a 4.<sup>a</sup> edição de 1959. Frases como «forças elementares do mundo» e «camarada de suor», presentes nos contos «O Caçador» e «O Leproso» respetivamente, são um dos muitos exemplos elucidativos deste aspeto (cf. Torga, 1967).

#### **4.6. A edição de 1980**

A 9.<sup>a</sup> edição, de 1980, «revista», foi composta não só tomando referência a de 1967, mas também respeitando minuciosamente a sua configuração gráfica. Ambos os volumes contêm exatamente 225 páginas, tendo o de 1980 seguido escrupulosamente os critérios tipográficos e a paginação da de 1967. Por vezes quando se assiste a substituições, em alguns dos vocábulos, a grelha tipográfica permanece a mesma. De referir que a 9.<sup>a</sup> edição, tal como a 5.<sup>a</sup> edição de 1967, difere em relação à 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edições. Todavia, este aspeto não se manifesta no confronto com a 3.<sup>a</sup> edição de 1952 e a 4.<sup>a</sup> edição de 1959. De salientar, que as alterações feitas na 9.<sup>a</sup> edição não modificam o desenrolar dos contos que compõem a obra, como, aliás, se verifica em todas as outras edições. Na verdade, são alterações que têm como finalidade intensificar o visualismo de certas cenas, assim como tornar a linguagem das personagens mais pitoresca. O prefácio não apresenta alterações e no índice contabilizam-se o mesmo número de contos (cf. Torga, 1980).

## 5. Critérios que presidiram à edição crítico-genética de *Novos Contos da Montanha*

A 9.<sup>a</sup> edição revista constitui o texto-base da proposta de edição crítico-genética que se segue, dado que foi a última que foi publicada em vida do autor. Nas anotações, em rodapé, as edições acima referidas serão indicadas com letras. A 9.<sup>a</sup> edição, que corresponderá à letra F, será igualmente a primeira a ser indicada nas anotações. As restantes edições, nomeadamente a 5.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> serão respectivamente indicadas pelas letras E, D, C, B e A.

Nas anotações, começa-se por se indicar a variante propriamente dita (frase ou vocábulo), por sua vez rematada com um parêntese reto. As letras maiúsculas referem-se às edições supramencionadas. Surgem depois as variantes das restantes edições, que seguem a mesma norma de identificação. Veja-se o seguinte exemplo:

<sup>25</sup> entre duas palavras de consolo] F; como quem não quer a coisa] A.

Neste exemplo, a frase «entre duas palavras de consolo», na 9.<sup>a</sup> edição, foi substituída por «como quem não quer a coisa», na 1.<sup>a</sup> edição.

Quando certos trechos se revelarem iguais em algumas das edições, não serão colocados os lemas repetidos. Significa que no caso de edições com os mesmos lemas, as letras que as identificam, estarão seguidas umas das outras. Veja-se o exemplo que se segue:

<sup>28</sup> apostada em perdê-lo] FE; que o queria perder] DCBA.

Um aspeto que merece referência, mas que não será tido em conta nas notas de rodapé prende-se com a questão da atualização da ortografia. Assim, refira-se que a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edição da obra *Novos Contos da Montanha* obedeciam à norma ortográfica vigente antes da Reforma Ortográfica de 1945. As outras edições seguem esta Reforma.

Nos casos em que as variantes compreendem mais de duas linhas, far-se-á o registo do início e do final dessa variante, separadas por reticências entre parênteses retos. Por exemplo.

<sup>869</sup> Vinha o Pedro de ganhar [...] abriu] FEC; Ao despegar [...] foi abrir] DBA.

## **6. Edição Crítico-Genética de Novos Contos da Montanha**

### **PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO**

S. Martinho de Anta, Setembro de 1945.

Querido Leitor:

Escrevo-te da Montanha, do sítio onde medram as raízes deste livro. Vim ver a sepultura do Alma Grande e percorrer a via sacra da Mariana. Encontrei tudo como o deixei o ano passado, quando da primeira edição destas aventuras. Apenas vi mais fome, mais ignorância e mais desespero. Corre por estes montes um vento desolador de miséria que não deixa florir as urzes nem pastar os rebanhos. O social juntou-se ao natural, e a lei anda de mãos dadas com o suão a acabar de secar os olhos e as fontes. Crestados e encarquilhados, os rostos dos velhos parecem pergaminhos milenários onde uma pena cruel traçou fundas e trágicas legendas. Na cara lisa dos novos pouca mais esperança há. Ora eu sou escritor, como sabes. Poeta, prosador, é na letra redonda que têm descanso as minhas angústias. Mas nem tudo se imprime. Ao lado do soneto ou do romance que a máquina estampa, fica na alma do artista a sua condição de homem gregário. E foi por isso que fiz aqui uma promessa que te transmito: que estava certo de que tu, habitante dos nateiros da planície, terias em breve compreensão e amor pela sorte áspera destes teus irmãos. Que um dia virias ao encontro da aridez e da tristeza contidas nas suas fragas, não como leitor do pitoresco ou do estranho, mas como sensível criatura tocada pela magia da arte e chamada pelos imperativos da vida. Prometi isso porque me senti humilhado com tanto surro e com tanta lazeira, e envergonhado de representar o ingrato papel de cronista de um mundo que nem me pode ler. Tomei o compromisso em teu nome, o que quer dizer em nome da própria consciência colectiva. Na tua ideia, o que escrevo, como por exemplo

estas histórias, é para te regalar e, se possível for, comover. Mas quero que saibas que ousei partir desse regalo e dessa comoção para te responsabilizar na salvação da casa que, por arder, te deslumbra os sentidos.

Teu,

MIGUEL TORGA

## PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

Leitor amigo :

Aqui te apresento, o mais discretamente possível, a terceira edição deste livro. Almas penadas dum Portugal nuclear, todas as personagens dele ardem nas suas páginas como nas labaredas simbólicas de qualquer nicho dos caminhos. Por isso, de mãos erguidas, imploram de quem passa o piedoso silêncio que preceda um acto de respeito e de compreensão. Respeito pela sua medida, que é humana, e compreensão pelos trâmites das suas acções, que foram terrenas.

Dou eu, pois, o exemplo, e digo-te em duas palavras que se fez mais uma reprodução do painel, acrescentado apenas de algumas figuras que lhe faltavam, e retocado aqui e além, onde a tinta estava a cair.

Painel tosco e montanhês, como sabes. Mas nosso, quer queiramos, que não, e dos outros também, quando a curiosidade dos outros der a volta ao mundo.

Então, embora sorriam da ingénua pintura do artista, hão-de certamente render-se à penitente grandeza destes irmãos serranos, que se purificam com sofrimento universal num purgatório de chamas transmontanas.

MIGUEL TORGA

Coimbra, Setembro de 1952

## PREFÁCIO À QUINTA EDIÇÃO

Acrescentado e com bastantes remendos na vestimenta já várias vezes remendada, sai novamente impresso este livro, mais feliz do que o seu irmão gémeo Contos da Montanha, desterrado no Brasil. De origem modesta, contra tudo o que era de esperar, a sorte tem-no bafejado. Vai sendo lido e reproduzido, sinais certos de que vive e caminha. Razões? Talvez a evidência de se não tratar de uma mera celebração literária para iniciados, mas dum sincero esforço de comunhão universal. Desde rapaz que defendo uma arte o mais pura possível nos meios e o mais larga possível nos fins. Uma super-realidade da realidade, onde todos os homens se encontrem, quer sejam intelectuais quer não. Daí que no meu espírito tenha igual peso o juízo dos leigos e dos ungidos, e me console tanto o aplauso dos simples como o dos complicados. Só quando uns e outros se juntam na mesma curiosidade pelo que escrevo sinto uma relativa paz de consciência e alguma certeza. É menos cruciante o medo de me perder nas malhas dum ritual esotérico. No caso presente, parece que, de facto, tal não sucedeu. A missa é campal, aberta a todos os horizontes. E quem a reza é um pobre cristão que soletra humildemente, em nome dos irmãos penitentes, o seu tosco latim. O que até se vê na própria maceração destes sucessivos intróitos...

S. Martinho de Anta, Natal de 1966



## O ALMA-GRANDE

Riba Dal é terra de judeus. <sup>1</sup>Baldadamente, pelo ano fora, o Padre João benze, perdoa, baptiza e ensina o catecismo por perguntas e respostas.

- Quem é Deus?

- É um Ser todo poderoso, criador do Céu e da Terra.

<sup>2</sup> Na destreza com que se desenvolvem do interrogatório, não há quem possa desconfiar que por detrás da sagrada cartilha está plantado em sangue o Pentateuco. Mas está. E à hora da morte, quando a um homem tanto lhe importa a Thora como os Evangelhos, antes que o <sup>3</sup>abade venha dar os últimos retoques à pureza da ovelha, <sup>4</sup>e receba da língua moribunda e cobarde a confissão daquele segredo – abafador.

Desses servos de Moisés, encarregados de abreviar as penas deste mundo e salvar a honra do convento, o maior que há memória é o Alma-Grande.

Alto, mal encarado, de nariz adunco, <sup>5</sup>vivia no Destelhado, uma rua onde mora ainda o vento galego, a assobiar sem descanso o ano inteiro. Quem vinha chamar aquele pai da morte já sabia <sup>6</sup>que tinha de subir pela encosta acima a lutar como um barco num mar encapelado.

- Raios partam o vento!

Mas quê! <sup>7</sup>Do mesmo modo que a Alma-Grande era certo na casa da esquina, sempre ao borralho, <sup>8</sup>era certo o bafo da Sanábria a varrer a ladeira.

---

<sup>1</sup> Baldadamente, pelo ano fora] FED; Pelo ano fora] CBA.

<sup>2</sup> Na destreza com que se desenvolvem do interrogatório, não há quem possa] FED; Uma firmeza tal na voz daqueles cristãos, que não há quem possa] CBA.

<sup>3</sup> o abade venha dar os últimos] FED; o Padre João venha dar os últimos] C; o Padre João venha dar os últimos] BA.

<sup>4</sup> e receba da língua moribunda e cobarde a confissão] FEDC; para que no derradeiro arranco a língua não abra mão] BA.

<sup>5</sup> vivia] FEDCB; morava] A.

<sup>6</sup> já sabia] FE; era certo e sabido] DCA.

<sup>7</sup> Do mesmo modo que] FE; Como o Alma-Grande] DCBA.

<sup>8</sup> o bafo da Sanábria a varrer a ladeira] FE; aquele bafo da Sanábria varrer tudo] DCBA.

<sup>9</sup>Diante da casa, bastava gritar-lhe o nome.

- Tio Alma-Grande! Ó Tio Alma-Grande!

- Lá vai...

<sup>10</sup>Daí a nada a tenaz das suas mãos e o peso do seu joelho passavam guia ao moribundo.

Entrava, atravessava impávido e silencioso a multidão que há três dias, na sala, esperava impaciente o último alento do agonizante, metia-se pelo quarto dentro, fechava a porta, <sup>11</sup>e pouco depois saía com uma paz no rosto pelo menos igual à que tinha deixado ao morto. Os de fora olhavam-no ao mesmo tempo com terror e gratidão. Às vezes, uma voz ou outra, <sup>12</sup>depois do pesadelo, levantava-se do fundo da consciência e protestava; mas no dia seguinte acontecia ser <sup>13</sup>essa mesma voz que no alto do Destelhado, sobrepondo-se à força do vento, <sup>14</sup>o reclamava.

- Tio Alma-Grande! Ó Tio Alma-Grande!

- Lá vai...

E aparecia à porta <sup>15</sup>logo a seguir.

Quando a hora do Isaac chegou, foi um <sup>16</sup>filho, o Abel, que trepou a ladeira. O garoto vinha excitado, do movimento <sup>17</sup>desusado de casa, da maneira estranha como a mãe o mandara chamar o Tio Alma-Grande, e da ventania.

- <sup>18</sup>Que tem o teu pai, rapaz?

O pequeno olhou fixamente a cara seca do abafador.

---

<sup>9</sup> Diante da casa, bastava gritar-lhe o nome] FE; À porta, já se sabia:] DCBA.

<sup>10</sup> Daí a nada a tenaz das suas mãos [...] guia ao moribundo] FED; Daí a nada o moribundo [...] o joelho do Alma-Grande] CBA.

<sup>11</sup> e pouco depois] FED; e daí a nada] CBA.

<sup>12</sup> do pesadelo] FE; da sua partida] DCBA.

<sup>13</sup> essa mesma voz] FE; essa mesma boca] DCBA.

<sup>14</sup> o reclamava] FE; chamava] DCBA.

<sup>15</sup> logo a seguir] FED; daí a nada] CBA.

<sup>16</sup> filho] FE; filho seu] DCBA.

<sup>17</sup>desusado de casa, da maneira estranha como a mãe] FE; de casa, que chegara ao auge, da voz estranha com que a mãe] DCBA.

<sup>18</sup> Que tem o teu pai] FE; Então o que é que o teu pai tem] DCBA

- Febre...

- Bem, vamos então lá...

- E o que é que o Tio Alma-Grande lhe vai fazer?

- Vê-lo...

Pela <sup>19</sup>rua abaixo só o vento falava. Rouco de tanto bradar, monocórdico, persistente, era nele que tinha expressão a intimidade de ambos: um, o pequeno, nervoso, inquieto, a braços com pressentimentos confusos, que se recusavam a sair-lhe do pensamento; outro, o velho, a aceitar aquele destino de abreviar a morte como um rio aceita o seu movimento.

Em casa havia lágrimas desde a <sup>20</sup>soleira da porta. Mas a entrada do Alma-Grande secou tudo. Atrás dos seus passos lentos e pesados pelo corredor ficava uma angústia calada, com a respiração suspensa.

- O que é que lhe vai fazer? – perguntou <sup>21</sup>de novo o Abel, agora à mãe, quando a porta do quarto se fechou.

A Lia respondeu ao filho com duas lágrimas silenciosas pela cara abaixo.

Lá dentro, <sup>22</sup>colado à cama que a transpiração alagava, o Isaac parecia ter chegado ao fim. Branco, com dois olhos perdidos no fundo da cara, oprimido, como que só esperava a ordem de largar a vela. Tinha adoecido havia quinze dias. Um febrão tal que o Dr. Samuel desanimou. Veio, tornou a vir, e acabou por aconselhar que tratassem do caixão. Mas o Isaac era <sup>23</sup>cedro do Líbano, rijo, no cerne. Depois desse desengano ainda <sup>24</sup>o mal o roeu seis dias sem o comer. E sempre de olhinho vivo. Gemia, gemia, finava-se, mas com aquelas duas contas de azeviche a reluzir. Acabou, contudo, por lhe pousar no rosto uma sombra estranha; e a mulher, a Lia, abriu mão da esperança. Dois dias mais, e como na sala

---

<sup>19</sup> rua] FE; ladeira] DCBA.

<sup>20</sup> soleira] FEDC; ombreira] BA.

<sup>21</sup> de novo o Abel, agora à mãe] FE; sem poder mais, o Abel] DCBA.

<sup>22</sup> Colado à cama que a transpiração alagava, o Isaac parecia ter chegado ao fim] F; o Isaac, na cama alagada de suor, parecia ter chegado ao fim] EDCBA.

<sup>23</sup> Mas o Isaac era cedro do Líbano] FE; Mas como o Isaac era cedro do Líbano] DC; Mas como o Isaac era cedro do Líbano de Lei] BA.

<sup>24</sup> o mal o roeu] FE; a febre o mordeu] DCBA.

a D. Rosa lembrasse a confissãozinha, um irmão de Isaac, o Daniel, chegou-se à cunhada e deixou cair, <sup>25</sup>entre duas palavras de consolo, o nome do Alma-Grande.

<sup>26</sup>A Lia, a princípio, reagiu quando pôde. Mas a perspectiva do padre João a entrar-lhe pela casa dentro venceu-a. Mal rompeu a manhã, com uma voz que fez medo ao filho, mandou-o chamar o abafador.

Quando o Alma-Grande entrou, o Isaac <sup>27</sup>estava no auge que de um combate que quase sempre se trava de corpo estendido. O inimigo era uma parte de si mesmo <sup>28</sup>apostada em perdê-lo. E a outra metade, um pedaço de ser nobre e agradecido à seiva, corajosamente defendia o resto da muralha. As bagadas pelas têmporas abaixo e um ritmo apressado da respiração <sup>29</sup>davam sinal desta guerra. <sup>30</sup>Mas de nada mais precisava, quem olhasse com limpos olhos humanos, para sentir a grandeza e a solenidade de tal hora.

Por desgraça, o Alma-Grande não podia ver aquilo. <sup>31</sup>Insensível à profundidade dos mistérios da vida, sem o estremecimento de uma fibra sequer, avançou para o leito <sup>32</sup>num automatismo rotineiro. O seu papel não era olhar; era ir inteiro com as mãos ao pescoço, com o joelho à arca do peito, e retirar-se uns minutos depois, como um instrumento que tivesse cumprido <sup>33</sup>correctamente a sua função.

No seu castelo o Isaac pelejava sempre. <sup>34</sup>O fole pressuroso do arcaboço metia ar na fornalha; espesso, cáldo, activo, o suor ir brotando do vulcão.

---

<sup>25</sup> entre duas palavras de consolo] FE; como quem não quer a coisa] DCBA.

<sup>26</sup> A Lia] FED; A mulher] CBA.

<sup>27</sup> no auge do combate que quase sempre se trava de corpo estendido] FE; no alto de um combate que quase sempre se fere de corpo hirto e deitado] DCBA.

<sup>28</sup> apostada em perdê-lo] FE; que o queria perder] DCBA.

<sup>29</sup> davam sinal] FE; eram o único sinal] DCBA.

<sup>30</sup> Mas de nada mais precisava, quem] FED; Mas não era preciso mais, a quem] CBA.

<sup>31</sup> Insensível à profundidade dos] FE; Cego de natural condição para os] DCBA.

<sup>32</sup> num automatismo rotineiro] FE; como das outras vezes] DCBA.

<sup>33</sup> correctamente] FEDC; exactamente] BA.

<sup>34</sup> O fole pressuroso do arcaboço] FE; Como um fole pressuroso, o arcaboço] DCBA.

<sup>35</sup>A casa dir-se-ia um sepulcro habitado por vivos petrificados e mudos. Só no quarto havia movimento e palpitação.

Calado, o Alma-Grande avançou. Mas quando de mãos abertas e joelho dobrado ia a cair sobre o Isaac, fê-lo parar uma voz diferente de todas as que <sup>36</sup>ouvira em momentos iguais, que parecia vir do outro mundo, e dizia:

- Não... Não... Ainda não...

Quantas vezes o abafador tinha escutado aquilo, gritos de desespero, apelos sôfregos e angustiados, sem se deter na sua missão sagrada! Quantas vezes! Desta, porém, <sup>37</sup>o apelo e os gemidos soavam-lhe nos ouvidos doutra maneira.

Um pano escuro que até ali vendara os olhos do Alma-Grande queria rasgar-se de cima a baixo. E o abafador, paralisado entre as trevas do hábito e a luz que rompia, lembrava uma torrente subitamente sem destino.

- Não... Ainda não... Ainda não...

Era terrível o que se <sup>38</sup>passava. À luta que o Isaac sustentava contra forças que nunca ao certo se conheceram, juntava-se o embate dos dois homens, um a saber que ia matar, outro a saber que ia ser morto.

Estiveram assim algum tempo, de olhos cravados um no outro, a medir-se. Pesado, o suor escorria pela cara do Isaac; quente, o sangue <sup>39</sup>martelava nas têmporas do Alma-Grande.

Foi o ruído súbito e em guincho de uma porta que fez explodir aquela concentração.

---

<sup>35</sup> A casa dir-se-ia um sepulcro, habitado por vivos petrificados e mudos [...] movimento e palpitação] FE; A casa dir-se-ia um sepulcro habitado por vivos paralisados e mudos[...]movimento e palpitação] D; Penetrada da fundura do momento [...] no quarto a sua terra] CBA.

<sup>36</sup> ouvira] FE; tinha ouvido] DCBA

<sup>37</sup> o apelo e os gemidos soavam-lhe nos ouvidos doutra maneira] FE; os gemidos batiam-lhe em cheio não sabia em que recanto do corpo] D; os gemidos batiam-lhe em cheio não sabia em que fibra do corpo] CBA.

<sup>38</sup> passava] FE; passava ali] DCBA.

<sup>39</sup> martelava nas têmporas] FE; batia numa veia da testa] DCBA.

O barulho <sup>40</sup>a ouvir-se, e o Alma-Grande, como um peso suspenso e de repente liberto, a cair em cima do moribundo.

Nem uma palavra só. Apenas um baque surdo, e as mãos sôfregas <sup>41</sup>do agressor à procura do pescoço de Isaac.

Mas a porta que rangera dera entrada a alguém. A um vulto que o Alma-Grande <sup>42</sup>adivinhou atrás das costas, parado, lívido, a tentar compreender.

Um esforço supremo do Isaac para se livrar das garras <sup>43</sup>que o apertavam e a presença atónita do Abel, tiraram às mãos e ao joelho do Alma-Grande a força habitual. Bem que se <sup>44</sup>extremara ele o assassino, o animal que bebia grossos tragos o fio de vida que encontrava no caminho! Bem <sup>45</sup>que se lhe avivava na consciência a certeza de que era matar a razão do seu destino! Em vão. O puro instinto não tinha coragem para empurrar aquelas mãos e aquele joelho diante de uma testemunha.

Ergueu-se. <sup>46</sup>Com o rosto coberto por um pano de lividez igual à do agonizante, voltou-se. E sem coragem para encarar os arregalados e aflitos olhos do pequeno, <sup>47</sup>que o varavam, silenciosamente, saíu.

---

<sup>40</sup> a ouvir-se] FED; acontecer] CBA.

<sup>41</sup> do agressor] F; do assassino] EDCBA.

<sup>42</sup> adivinhou atrás das costas] FED; apenas adivinhou por detrás de si] CBA.

<sup>43</sup> que o apertavam e a presença atónita do Abel [...] a força habitual] FE; que o procuravam, e a presença atónita à entrada da porta [...] a sua força] DCBA.

<sup>44</sup> extremara nele [...] no caminho] FED; extremara em si [...] no seu caminho] CBA.

<sup>45</sup> que se lhe avivava na consciência a certeza de que era matar a razão do seu destino] FED; que ele agora sabia que era matar a razão dos seus anos] CBA.

<sup>46</sup> Com o rosto coberto por um pano de lividez igual à do agonizante, voltou-se] FE; Da testa caíam bagas de suor iguais às da testa do agonizante] D; Da sua testa caíam bagas de suor iguais às da testa do agonizante] CBA.

<sup>47</sup> que o varavam] FE; que o varavam como punhais] DCBA.

Atravessou a sala <sup>48</sup>cabisbaixo, longe da majestade trágica das outras vezes. Deixava atrás de si a vida, e a vida <sup>49</sup>não lhe dava grandeza.

Quando, um segundo depois, a Lia, como um bicho culpado, entrou no quarto, o filho estava sentado na cama, com a pequena mão na testa do pai.

A criança <sup>50</sup>debatia-se num agitado mar de brumas; mas o seu coração ditava-lhe a mãozinha ali, na fronte escaldante do que lhe dera o ser, <sup>51</sup>do mesmo modo que lhe ordenara já a entrada sorrateira e inquieta no quarto.

E foi talvez o <sup>52</sup>gesto inocente e filial que fez correr novamente nas veias de Isaac o sangue da confiança. Sem confissão, vinte dias depois comia o caldo ao lume como se nada tivesse sido. E nada tinha sido realmente para toda a gente da terra, menos para ele, <sup>53</sup>para o pequeno e para o Alma-Grande. Os outros passaram da agonia à morte e da morte à ressurreição, <sup>54</sup>na inconsciência de quem passa do calor ao frio e do frio novamente ao calor. Só os três sabiam, de maneiras diversas, que o drama <sup>55</sup>fora mais negro e profundo. O Isaac vira as garras da morte ao natural; o Alma-Grande olhara pela primeira vez <sup>56</sup>a escuridão do seu poço; <sup>57</sup>o garoto, esse, pressentia coisas que não podia clarificar ainda no pensamento.

---

<sup>48</sup> cabisbaixo, longe da majestade trágica] F; cabisbaixo, longe da grandeza trágica] E; sem a grandeza trágica das outras vezes] DCBA.

<sup>49</sup> não lhe dava grandeza] FED; mais que a ninguém, não lhe dava grandeza] CBA.

<sup>50</sup> debatia-se num agitado mar de brumas] FE; não chegara à fundura total de todo o drama] DCBA.

<sup>51</sup> do mesmo modo que lhe] FE; como lhe] DCBA.

<sup>52</sup> o gesto inocente [...] nas veias do Isaac o sangue da confiança] F; a mão inocente [...] na testa do Isaac o sangue da confiança] ED; E foi talvez a mão inocente [...] na testa do Isaac o sangue são da vida] CBA.

<sup>53</sup> para o pequeno] FE; para o filho] DCBA.

<sup>54</sup> na inconsciência de quem passa do calor ao frio [...] ao calor] FE; como se passa do calor ao frio e do frio [...] ao calor] DC; como se passa do sol ao frio [...] ao sol] BA.

<sup>55</sup> fora mais negro e profundo] FE; tinha sido mais negro] DCBA.

<sup>56</sup> a escuridão] FEDCB; a fundura] A.

<sup>57</sup> o garoto, [...] ainda no pensamento] FE; o pequeno, [...] não clarificara ainda] DCBA.

Vagaroso, o tempo <sup>58</sup>foi deslizando; e com ele apagara-se já de todo na lembrança da terra a doença do Isaac. Missa e Sabath.

Os três, porém, debruçavam-se sem descanso sobre o lago onde se reflectia a imagem negra do passado. O Isaac, cada vez mais dorido, olhava, olhava, e via a vingança; o Alma-Grande, cada vez mais culpado, olhava, olhava, e via o medo; o pequeno, inocente, via apenas a angústia de não entender. E os três formavam como que <sup>59</sup>uma ilha de desespero no mar calmo da povoação. Não se falavam, fora do filho a pedir a bênção ao pai, do pai a dar-lha, e de uma saudação ambígua e monossilábica do Alma-Grande ao passar pelo Isaac. Mas traziam-se guardados uns aos outros, como se nenhum deles quisesse perder a hora em que, para a eternidade, varressem do céu <sup>60</sup>das consciências a nuvem pesada que o toldava.

E esse momento, finalmente, chegou.

Vinha o Alma-Grande de ver a filha e os netos, em Bobadela, quando o Isaac, que o seguia como um cão de fila, lhe saltou à estrada. Testemunhas, só Deus e o Abel que, <sup>61</sup>sem o pai suspeitar, o acompanhava também por toda a parte, e olhava a cena escondido atrás de um fogão.

- Não matarás...

<sup>62</sup>Assim era no Evangelho. <sup>63</sup>Fora dele, numa lei diferente, a moral tinha outros caminhos, como o próprio Alma-Grande sabia.

- Não matarás...

---

<sup>58</sup> foi deslizando] FE; foi passando] DCBA.

<sup>59</sup> uma ilha de desespero no mar] FEDC; um oásis de desespero no deserto] BA.

<sup>60</sup> das consciências] FE; das suas vidas] DCBA.

<sup>61</sup> sem o pai suspeitar, [...] escondido atrás de um fragão] F; sem o pai dar conta, [...] escondido atrás de um fragão] E; sem o pai dar por isso, [...] olhava a cena por detrás de um fragão] DC; sem o pai ver, [...] e olhava aquilo por detrás de um fragão] BA.

<sup>62</sup> Assim] FE; Mas isso] DCBA.

<sup>63</sup> Fora dele, numa lei [...] como o próprio Alma-Grande sabia] FE; Numa outra lei, o Alma-Grande [...] certos caminhos] DCBA.



O Isaac, porém, olhava o Alma-Grande com os mesmos olhos <sup>64</sup>implacáveis que lhe vira nas horas de agonia.

- Não... Não...

Mas o Isaac era o mais novo e o mais forte. E, quando o Alma-Grande foi a dar conta, <sup>65</sup>estrebuchava no chão, de costas, com o pescoço apertado nas mãos do outro, e com a tábua do coração sob o peso infinito de um joelho.

- Não... Não...

O pequeno, do penedo, via a cara congestionada do Alma-Grande, e ouvia o esforço <sup>66</sup>da respiração a forçar o garrote.

- Não...

<sup>67</sup>Possantes, inexoráveis, as tenazes iam apertando sempre. E, com mais um estertor apenas, estavam em paz os três. O Isaac tinha a sua vingança, o Alma-Grande já não <sup>68</sup>sentia medo, e a criança compreendera, afinal.

---

<sup>64</sup> implacáveis que lhe vira nas horas da agonia] FE; implacáveis que lhe vira quando estivera à sua mercê] D; com que saíra uma vez do seu limbo para o ver] CBA.

<sup>65</sup> estrebuchava] FE; estava] DCBA.

<sup>66</sup> da respiração a forçar] FE; do seu peito para forçar] DCBA.

<sup>67</sup> Possantes, inexoráveis, as tenazes] FE; Seguras, inexoráveis, as mãos] DCBA.

<sup>68</sup> sentia medo] FEDCB; tinha medo] A.

## FRONTEIRA

Quando a noite desce e sepulta dentro <sup>69</sup>do manto o perfil austero do Castelo de Fuentes, Fronteira desperta.

Range o primeiro a porta do Valentim, e sai por ela, magro, fechado numa roupa negra de bombazina, um vulto que se perde cinco ou seis passos depois.

A seguir, aponta à escuridão o nariz afilado do Sabino. Parece um rato a surgir do buraco. Fareja, fareja, hesita, bate as pestanas meia dúzia de vezes a acostumar-se às trevas, e corre docemente a fechadura <sup>70</sup>do cortelho.

O Rala, de braço bambo da navalhada que o D. José, <sup>71</sup>em Lovios, lhe mandou à traição, dá sempre uma resposta torta à mãe, quando já no quinteiro ele lhe recomenda não sei quê lá de dentro.

O Salta, que parece anão, esgueira-se pelos fundos da casa, chega ao cruzeiro, benze-se e ninguém lhe põe mais a viste em cima.

A Isabel, sempre com aquele ar de quem vai lavar os cueiros de um filho, sai quando o relógio de Fuentes, longe e soturnamente, bate as onze. Aparece no patamar como se nada fosse, toma altura às estrelas, se as há, e some-se na negrura como os outros.

O Júlio Moinante, esse levanta o gravelho, abre, senta-se num degrau da casa, acomoda o coto da perna da melhor maneira que pode, e fica horas a fio a seguir na escuridão o destino de um que lhe dói. Era o rei de Fronteira. Morto o Faustino nas Pedras Ninhas, <sup>72</sup>herdou-lhe o guião. Mas um dia o Penca agarrou-o com a boca na botija, e foi só uma perna varada e as tripas do macho à mostra. <sup>73</sup>Quando, naquele estado, entraram ambos em Fronteira, ele e o animal, parecia que o mundo se ia acabar ali. Mas tinha o filho, o João. E agora, enquanto o rapaz, como os mais, se perde nos caminhos da noite,

---

<sup>69</sup> do manto] FE; de si] DCBA.

<sup>70</sup> do] FE; do seu] DCBA.

<sup>71</sup> em Lovios] FED; lhe mandou à traição] CBA.

<sup>72</sup> herdou-lhe o guião] FED; ficou ele] CBA.

<sup>73</sup> Quando, naquele estado, entraram ambos] FED; Quando entraram ambos, ele e o animal, naquele estado] CBA.

<sup>74</sup>vai-lhe seguindo os passos da soleira da porta.

Saem outros, ainda. Devagar, pelas horas a cabo, os que parece terem-se esquecido, vão deslizando da toca. Só mesmo quando não existe mais corpo adulto e válido <sup>75</sup>no povo é que Fronteira sossega.

Coisa estranha: esta rarefação que se faz <sup>76</sup>na aldeia, longe de a esvaziar, enche-a. A terra veste-se de um sentido novo, assim deserta, à espera. Pequenina, de casas iguais e rudimentares, escondida do mundo das dobras angustiadas e ossudas <sup>77</sup>de uma capucha de granito, as horas que medeiam entre o seu coração e Fuentes são tão fundas e carregadas <sup>78</sup>que quase magoam. Quem regressará primeiro?

Noventa vezes em cada cem, é a Isabel. Aquilo são pés de veludo! Mas às vezes é o Sabino. Sempre de nariz no ar, a bater as pestanas contra a luz da candeia, entra em casa alagado em água e com um bafo tal a aguardente que tomba.

- Arruma!

A mulher nem <sup>79</sup>suspira. Pega no saco, mete-o debaixo da cama, e põe-se a lançar o caldo. Por fim, começa:

- O Valentim?

- Chumbo. Já passou.

- O Rala?

- <sup>80</sup>Uma caixa de conhaque. Vem por Fornos.

- O Salta?

- <sup>81</sup>Foi a Torneros. Volta amanhã.

- A Isabel?

---

<sup>74</sup> vai-lhe seguindo os passos da soleira da porta] FE; imagina da soleira da porta o meandro dos seus passos] D; recompõe ele da soleira da porta] CBA.

<sup>75</sup> no povo] FED; na terra] CBA.

<sup>76</sup> na aldeia] FE; em si] DCBA.

<sup>77</sup> de uma capucha] FE; de um manto duro] DCBA.

<sup>78</sup> que quase magoam] FED; que a povoam] CBA.

<sup>79</sup> suspira] FED; responde] CBA.

<sup>80</sup> Uma caixa] FE; Dois litros] DCBA.

<sup>81</sup> Foi a Torneros] FEDC; a D. Benito] BA.

- Seda. Ao sair do Padilha parecia um bombo.

E enquanto a maçã de Adão <sup>82</sup>sobe e desce no pescoço comprido do Sabino, e a malga de caldo se esvazia, <sup>83</sup>das respostas que dá e do mágico ventre da noite, diante do olhar angustiado da Joana e de Fronteira, vão surgindo os que faltam ainda: o João, o Félix e o Maximino.

Quando algum não regressa, e por lá fica varado pela bala de uma lei que Fronteira não pode compreender, o coração da <sup>84</sup>aldeia estremece, mas não hesita. Desde que o mundo é mundo que toda a gente ali governa a vida na lavoura que a terra <sup>85</sup>permite. E, com luto na alma ou no casaco, mal a noite <sup>86</sup>escurece, continua a faina. A vida está acima das desgraças e dos códigos. De mais, diante <sup>87</sup>da fatalidade a que a povoação está condenada, a própria guarda acaba por descrer da sua missão hirta e fria na escuridão das horas. <sup>88</sup>E se por acaso se juntam na venda do Inácio uns e outros – guardas e contrabandistas -, fala-se honradamente <sup>89</sup>da melhor maneira de ganhar o pão: se por conta do Estado a vigiar o ribeiro, se por conta da Vida a passar o ribeiro.

De longe em longe, porém, quando <sup>90</sup>há transferências ou rendições, e aparecem caras e consciências novas, são precisos alguns dias para se chegar a <sup>91</sup>essa perfeição de entendimento entre as duas forças.

---

<sup>82</sup> sobe] FED; lhe sobe] CBA.

<sup>83</sup> das respostas que dá] FED; do Sabino] CBA.

<sup>84</sup> aldeia] FED; terra] CBA.

<sup>85</sup> permite] FE; tem] DCBA.

<sup>86</sup> escurece] FE; amanhece] DCBA.

<sup>87</sup> da fatalidade a que a povoação está condenada] FED; diante da fatalidade que a terra é] CBA.

<sup>88</sup> E se] FEDCB; E quando] A.

<sup>89</sup> da melhor maneira de ganhar o pão [...] a vigiar o ribeiro] FE; da melhor maneira de ganhar o pão [...] a guardar o ribeiro] DCB; da maneira como se ganha melhor o pão [...] a guardar o ribeiro] A.

<sup>90</sup> há transferências ou rendições] FE; a guarda é rendida] DCBA.

<sup>91</sup> essa] F; esta] EDCBA.

O que vem teima, o que está teima, e aparece aço a bater em pederneira. Mas <sup>92</sup>tudo acaba em paz.

Desses saltos do quotidiano de Fronteira, o pior foi o que <sup>93</sup>se deu com a vinda do Robalo.

Já lá vão anos. O rapaz era do Minho, acostumado ao positivismo da sua terra: um lameiro, uma junta de bois, uma videira de enforcado, o <sup>94</sup>Abade muito vermelho à varanda da residência, e o Senhor pela Páscoa. Além disso, novo no ofício – na guarda, para onde entrara em nome dessa mesma terrosa realidade: um ordenado certo e a reforma <sup>95</sup>por inteiro. <sup>96</sup>Daí que lhe parecesse o chão de Fronteira movediço sob os pés. Mal chegou e se foi apresentar ao posto, deu uma volta pelo povoado. E aquelas casas na extrema pureza de uma toca humana, e aqueles seres deitados ao sol como esquecidos da vida, transtornaram-lhe o entendimento.

- Esta gente que faz? – perguntou a um companheiro já maduro <sup>97</sup>no ofício.

- Contrabando.

- Contrabando!? Todos!? E as terras, a agricultura?

- Terras!? Estas penedias?!

O Robalo queria falar de qualquer veiga <sup>98</sup>possível, que qualquer chã que não vira ainda, mas <sup>99</sup>tinha forçosamente de existir, por que na sua ideia um povo não podia viver senão de hortas e lameiros. Insistiu por isso na estranheza. Mas o outro lavou dali as mãos:

- Não. Aqui, a terra, ao todo, ao todo, produz a bica de água da fonte. Os restos vão-no buscar a Fuentes.

---

<sup>92</sup> tudo acaba] FED; acaba tudo] CBA.

<sup>93</sup> se deu] FED; que deu] CBA.

<sup>94</sup> Abade] FEDCB; Sr. Abade] A.

<sup>95</sup> por inteiro] FE; no fim da vida] DCBA.

<sup>96</sup> Daí que lhe parecesse o chão] FE; Por isso, pareceu-lhe o chão] DCBA.

<sup>97</sup> no ofício] FE; no lugar] DCBA.

<sup>98</sup> possível, de qualquer chã] FE; de qualquer chão] DCBA.

<sup>99</sup> tinha forçosamente de existir, pois que] FE; mas tinha de existir por força, visto] DCBA.

Mas nem assim o Robalo entendeu Fronteira e o seu destino. No dia seguinte, pelo ribeiro fora, <sup>100</sup>parecia um cão a guardar. <sup>101</sup>Que o dever acima de tudo, que mais isto, que mais aquilo – <sup>102</sup>sítio que rondasse era sítio excomungado. Até as ervas falavam quando qualquer as pisava de saco às costas. Mal a sua ladradela de <sup>103</sup>mastim zeloso se ouvia, ou se parava logo ou nem Deus do céu valia a um cristão. Em quinze dias foram dois tiros no peito do Fagundes, um par de coronhadas no Albino, e ao Gaspar teve-o mesmo por um triz. Se não <sup>104</sup>dá um torcegão no pé quando apontava, varava a cabeça do infeliz de lado a lado. A bala passou-lhe a menos de meio palmo das fontes.

Mas Fronteira tinha de vencer. Primeiro, porque o coração dos homens, por mais duro que seja, tem sempre um ponto fraco por onde lhe entra a ternura; segundo, porque o Diabo põe e Deus dispõe. Foi assim:

Apesar <sup>105</sup>de inconveniente e mazombo, num domingo em que havia festa em Fronteira, o Robalo, que estava de folga, não resistiu: chegou-se aos bons. <sup>106</sup>E quem havia de lhe entrar pelos olhos dentro ao natural, cobertinha da luz doirada do sol? A Isabel! A rapariga <sup>107</sup>tirava a respiração a um mortal. Vinte e dois anos que nem vinte e dois dias de S. João. Cada braço, cada perna, cada seio, que era de a gente se lambar.

---

<sup>100</sup> parecia] FE; era] DCBA.

<sup>101</sup> Que o dever acima de tudo] FE; Que esta ali para cumprir o seu dever] DCBA.

<sup>102</sup> sítio que rondasse] FE; sítio ao alcance dos seus olhos] DCBA.

<sup>103</sup> mastim zeloso se ouvia [...] ou nem Deus do céu valia a um cristão] F; castro-laboreiro se ouvia [...] ou nem Deus do céu valia a um cristão] E; castro-laboreiro se ouvia [...] ou era fogo em cima sem mais nada] DCBA

<sup>104</sup> dá um torcegão no pé [...] varava a cabeça do infeliz] FE; é um torcegão que deu [...] varava-lhe a cabeça] DCBA.

<sup>105</sup> de inconveniente e mazombo [...] estava de folga] FE; de não se dar com ninguém [...] afinal era rapaz] DCBA.

<sup>106</sup> E quem havia de lhe entrar pelos olhos dentro] FE; E quem havia ele de ver] DCBA.

<sup>107</sup> tirava a respiração a um mortal] FE; estava no melhor da vida] DCBA.

Ora como <sup>108</sup>ele andava também na mesma conta de primaveras, e não era de pedra, o lume pegou-se à estopa. De tal sorte, que, quando o dia acabou, o Robalo não parecia o mesmo. <sup>109</sup>Evaporara-se-lhe o ar de salvador do mundo, e até já via Fronteira de outro jeito. <sup>110</sup>Se não fosse aquele maldito instinto de castro-laboreiro... <sup>111</sup>Tempos depois, apesar de os amores com a Isabel irem de vento em popa, cama e tudo, ainda o ladrão se lhe sai com esta:

- Gosto muito de ti, tudo o mais, mas se te encontro a passar carga e não paras, atiro como a outro qualquer.

A Isabel riu-se.

- Palavra?!

- Palavra.

- A mim?!!!!

- A minha mãe, que fosse...

Desprenderam-se dos braços um do outro melancolicamente. E quando no dia seguinte o Robalo voltou ao ninho tinha a porta fechada.

Como a vida em Fronteira é de noite que se vive, e o Robalo era todo senhor do seu nariz, puderam decorrer meses sem o rapaz pôr os olhos sequer na rapariga. Ela passava o ribeiro como podia, e ele guardava o ribeiro como o podia.

Fronteira olhava.

E até ao natal a vida foi deslizando assim.

---

<sup>108</sup>ele andava também na mesma conta de primaveras [...] o lume pegou-se à estopa] FE; ele andava também na mesma conta de primaveras [...] aquilo foi como um raio num palheiro] DCB; o rapaz tinha também vinte e dois anos [...] aquilo foi como um raio num palheiro] A.

<sup>109</sup> Evaporara-se-lhe o ar de salvador do mundo] FE; O seu ar de salvador do mundo tinha batido as asas] DCBA.

<sup>110</sup> Se não fosse aquele maldito instinto de castro-laboreiro] F; Pena correr-lhe aquilo no sangue, de guardar] E; Mas corria-lhe aquilo no sangue, de guardar] DCBA.

<sup>111</sup> Tempo depois, apesar de os amores com a Isabel [...] o ladrão se lhe sai com esta] FE; E já tempos depois, apesar de os amores dele [...] o ladrão do homem se sai com esta à rapariga] DCBA.

Na noite de consoada, porém, aconteceu <sup>112</sup>o que já se esperava. Parte da <sup>113</sup>guarnição tinha ido de licença. Todos se chegavam ao calor da lareira familiar, saudosos de paz e harmonia. Mas o Robalo ficara firme no seu posto.

Nevava. Um frio <sup>114</sup>tal que o próprio bafo gelava mal saía da boca. Visto de dentro da capa <sup>115</sup>de oleado, o mundo parecia uma coisa irreal, <sup>116</sup>alva, inefável como um sonho. O céu estava ainda mais silencioso e mais <sup>117</sup>alto que de costume. E qualquer parte do Robalo, sem ele querer, diluía-se na magia que enluarava tudo. No Minho, numa noite assim... Pena a Isabel ter-lhe saído contrabandista... Tê-la encontrado uma terra daquelas... Senão, mais tarde, quando tivesse a reforma... <sup>118</sup>Até mesmo agora...

Comovido, deixou-se <sup>119</sup>perder por momentos na vaga mansidão da brancura.

<sup>120</sup>Mas, como por detrás do homem o guarda continuava alerta, mal acabava de pisar aquele caminho sem pedras, já o seu ouvido de cão da noite lhe trazia à consciência um rumor de passos só pressentidos.

Acordou inteiro.

Tchap, tchap, tchap... Pela neve fora, da outra banda, <sup>121</sup>aproximava-se alguém.

---

<sup>112</sup> o que já se esperava] FED; o que tinha de acontecer] CBA.

<sup>113</sup> guarnição] FE; patrulha] D; guarda] CBA.

<sup>114</sup> tal que o próprio bafo gelava mal saía da boca] FED; tão de cortar, que o próprio bafo parecia fazer-se em gelo mal saía da gente] CBA.

<sup>115</sup> de oleado] FED; oleado de Robalo] CBA.

<sup>116</sup> alva, inefável como um sonho] FE; alva, redonda como um sonho] D; branca, cheia de sonho] CBA.

<sup>117</sup> alto que de] FED; fundo do que o] CBA.

<sup>118</sup> Até mesmo agora] FEDC; Mesmo agora] BA.

<sup>119</sup> perder por momentos na vaga mansidão] FED; por um momento perder todo no vago manso] CBA.

<sup>120</sup> Mas como por detrás do homem [...] acabava de pisar aquele caminho] FE; Mas como a parte mais essencial de si [...] acabava de pisar aquele caminho] D; Como, porém, a parte mais essencial de si [...] se tinha metido neste caminho] CBA.

<sup>121</sup> aproximava-se] FED; vinha] CBA.



Quem diabo seria? O Carrapito? <sup>122</sup>O Carrapito, não. Olha o Carrapito meter-se a um nevão daqueles! O Samuel? O Samuel também não. <sup>123</sup>Era mais atarracado. Só se fosse o Gregório...Sim, porque o Cristóvão, que tinha o mesmo corpo, estava em Vila Seca, no namoro. Vira-o passar...

<sup>124</sup>A pessoa que vinha, caminhava sempre, direita como um fuso ao cano da carabina.

Tchap...Tchap...

Todo gelado por fora, mas quente da emoção que lhe dava sempre qualquer alma em direção ao ribeiro, o Robalo esperou. E, quando os paços se molharam no rego de água e <sup>125</sup>chegaram à margem, a mola tensa estalou:

- Alto!

Mas <sup>126</sup>o gume da palavra de comando não conseguiu cortar sequer os flocos de neve. A sensação que teve ao gritar <sup>127</sup>foi a de um baque amortecido. Uma espécie de tiro à queima-roupa.

Repetiu:

- Alto!

Uma voz cansada entrou-lhe no coração.

- Sou eu...

- Tu?!

- Sou. Mas nem trago contrabando, nem me posso demorar.

- Tu?!

---

<sup>122</sup> O Carrapito] FEDC; Mas o Carrapito] BA.

<sup>123</sup> Era mais atarracado [...] Vira-o passar] FED; O Samuel era mais atarracado [...] Quem?] CBA

<sup>124</sup> A pessoa] FED; Mas a pessoa] CBA.

<sup>125</sup> chegaram à margem, a mola tensa estalou] FED; passaram, a sua contensão explodiu] CBA.

<sup>126</sup> o gume da palavra de comando não conseguiu cortar sequer os] FE; o gume da sua voz não conseguiu cortar sequer os] D; a força e a quentura da sua voz como que não valiam nada a cortar] CBA.

<sup>127</sup> foi a de que baque amortecido] FED; a palavra foi a de ter atirado uma pedra à calma indiferença de um lago] CBA.

- Eu mesmo. <sup>128</sup>E já disse que não trago contrabando, nem me posso demorar.

Se ele não fosse o Robalo, cego e frio dentro da função, o que lhe apetecia era tomar nos braços <sup>129</sup>aquele corpo amado e rebelde, enfarinhado de neve e não sabia de que outra secreta alvura. Mas era o Robalo guarda, a guardar. Por isso fez <sup>130</sup>arrefecer nas veias a fogueira que o escaldava e estacou o primeiro passo no vulto com nova ordem:

- Alto, já disse!

Docemente, numa <sup>131</sup>carícia estranha para os seus ouvidos, quem passava falou:

- Não berres, que não vale a pena. Este volume todo – é gente. A intenção era boa, era... Mas de repente, em Fuentes começam-me a apertar as dores... Senão me apego às pernas com quanta alma tinha, nascia-me o rapaz galego. Querias?

O coração do Robalo não aguentava tanto. Um filho! Um filho seu no ventre de uma contrabandista!

Regelou-se ainda mais.

- A mim não me enganas tu. <sup>132</sup>Gente! No posto eu te direi se isso é <sup>133</sup>gente, ou são cortes de seda. Vamos lá!

Pela neve fora <sup>134</sup>a presença da rapariga era como um enigma sagrado diante dos olhos dele. Mas o guarda guardava.

- Ó homem de Deus, deixa-me ir enquanto posso! Olha que se as dores voltam como hà bocado, é no sítio onde estiver...

---

<sup>128</sup> E já] FED; Mas já] CBA.

<sup>129</sup> aquele corpo amado e rebelde [...] outra secreta alvura] FED; aquele corpo, cansado [...] alva cobertura da natureza] CB; aquele corpo, cansado [...] mágica cobertura da natureza] A.

<sup>130</sup> arrefecer nas veias a fogueira] FED; gelar nas veias a comoção do fogo] CBA.

<sup>131</sup> carícia estranha] FED; voz estranha] CBA.

<sup>132</sup> Gente!] FED; Filho!] CBA.

<sup>133</sup> gente, ou são] FED; um filho ou são] C; 32.6 um filho ou se são] BA.

<sup>134</sup> a presença da rapariga] FED; o corpo dela] CBA.

O Robalo, porém, tinha de levar a cruz ao fim.<sup>135</sup> Já com a Isabel fechada na pobreza da tarimba, esperou ainda o milagre de a sua obstinação acabar em tecidos, em seco e peço contrabando posto a nu.

Fronteira, contudo podia mais do que <sup>136</sup>uma absurda obstinação. E, mal a <sup>137</sup>parturiente atirou lá de dentro o primeiro grito a valer, o Robalo ruíu.

Desesperado, parecia um doido por toda a casa. De quando em quando, arrastado por uma força <sup>138</sup>que não conseguia dominar, chegava-se à porta do quarto, humilde, rasgado de cima abaixo de ternura:

- Isabel...

Um berro que estalava fino e súbito fazia-o recuar transido para o mais fundo da sala.

Até que a trovoadas amainou e <sup>139</sup>do pesado silêncio que se fez nasceu para os seus ouvidos maravilhados um choro doce, novo, muito puro, que lhe arrancou lágrimas dos olhos.

Chegou-se à porta outra vez:

- Isabel...

A voz cansada da mulher mandou-o entrar.

E, quando o dia rompeu, Fronteira tinha de todo ganho a partida. Demitido, o Robalo juntou-se com a <sup>140</sup>rapariga. Ora como a lavoura de Fronteira não é outra, e a boca aberta, que remédio senão entrar na lei da terra! Contrabandista.

E aí começam <sup>141</sup>ambos a trabalhar, ele em armas de fogo, que vai buscar a Vigo, e ela em cortes de seda, que esconde debaixo da camisa, enrolados à cinta, de tal maneira

---

<sup>135</sup> Já com a Isabel fechada [...] acabar em tecidos] F; E já com a Isabel fechada [...] acabar em tecidos] ED; E no posto, com Isabel já fechada [...] acabar em seda] CBA.

<sup>136</sup> uma absurda obstinação] FED; ele] CBA.

<sup>137</sup> parturiente] FED; Isabel] CBA.

<sup>138</sup> que não conseguia dominar] FED; que irrompera dentro de si] CBA.

<sup>139</sup> do pesado silêncio] FED; de um silêncio pesado] CBA.

<sup>140</sup> rapariga] FED; Isabel] CBA.

<sup>141</sup> ambos a trabalhar [...] ou prenda de mercadoria] FE; ambos [...] ou prenda de mercadoria] D; ambos [...] cortes que nunca mais acabam] CBA.

que já ninguém sabe ao certo quando atravessa o ribeiro grávida a valer ou prenda de mercadoria.

## O PASTOR GABRIEL

Nunca houve em toda a montanha pastor como o Gabriel.

- Merecias outras ovelhas, <sup>142</sup>homem! – disse-lhe um dia o Prior, desanimado da anarquia dos seus paroquianos, quando viu o rebanho <sup>143</sup>do rapaz atravessar a estrema dum centeio sem tirar uma dentada.

- Deus me livre! Já me vejo maluco com estas...

Mentira. O padre tinha razão. Era uma pena ver tanta autoridade, tanta vocação, tanto jeito natural, ao serviço dos animais. Nem se pode fazer ideia! O carneiro mais teimoso, mais lorpa, mais churro, chegava às mãos do Gabriel e mudava de condição. Só não ficava a falar.

- Que fazes tu ao gado, <sup>144</sup>criatura? Parece que o enfeitiças!

- Nada. Dou-lhe monte, como a outra gente.

Sorria. E lá continuava a educar os malatos com gestos e palavras que ninguém sabia fazer nem dizer. Nunca batia numa rês. O castigo era um simples olhar reprovativo, um assobio impaciente, uma interjeição mal humorada. Mas bastava. Ao fim de algum tempo, cada cabeça como que porfiava em não desagradar ao dono, em viver sintonizada com aquele governo sem cajado. E <sup>145</sup>dava gosto ver a disciplina com que o rebanho deixava o redil e atravessava o povo.

- Não há dúvida! <sup>146</sup>Nem o mestre na escola!

<sup>147</sup>Continuava a rir-se por dentro. <sup>148</sup>Espantavam-se com pouco. Com a pequenina amostra do muito que estava por detrás...

---

<sup>142</sup> homem] FED; rapaz! C; Conto inexistente] BA.

<sup>143</sup> do rapaz] FED; dele] C;

<sup>144</sup> criatura] FED; homem] C;

<sup>145</sup> dava gosto ver] FED; era uma consolação] C;

<sup>146</sup> Nem o mestre da escola!] FED; De mestre] C;

<sup>147</sup> Continuava a rir-se por dentro] FED; Nem eles sabiam] C;

<sup>148</sup> Espantavam-se com pouco. Com a pequenina amostra] FED; Espantavam-se com a pequenina amostra] C;

<sup>149</sup>Na verdade, toda aquela disciplina tinha um fim, e era muito mais apertada do que parecia. <sup>150</sup>Como os pastos no verão escasseavam, só havia uma solução: aceivar os nabais de noite, pela calada. <sup>151</sup>Ora, para Áfricas dessas, o Gabriel necessitava de gado mudo e lesto, cegamente obediente ao comando. <sup>152</sup>Por isso, sem dizer porquê nem por que não, exigia sistematicamente dos patrões que vendessem os carneiros mancos ou rebeldes, e ninguém ouvia o balido de nenhum.

- O teu gado não berra?

- Pergunta-lhe.

É o berras! Ou não se chamasse ele Gabriel e não <sup>153</sup>capitaneasse um bando de salteadores. No meio da escuridão, abria a porta do curral e punha-se a andar. O rebanho atrás, como um cão rafeiro. À entrada da melhor sementeira, parava, perscrutava os horizontes e arrombava o tapume. Depois, em silêncio, <sup>154</sup>deixava entrar os famintos e esperava que cada boca se fartasse em silêncio.

Se por acaso <sup>155</sup>ouvia vozes ou passos de gente que se aproximava, subia acima da parede, descalçava os socos, batia com um no outro e largava a fugir com quantas pernas tinha. <sup>156</sup>Não era preciso mais: quando chegava ao redil, já o rebanho lá estava.

- Não, tu hás-de ter qualquer segredo, qualquer mistério... - insinuava o Languna, a sondar.

- Palavra de honra que não.

---

<sup>149</sup> Na verdade, toda aquela disciplina [...] do que parecia] FED; Excerto inexistente] C;

<sup>150</sup> Como os pastos no verão escasseavam] FED; Coisas assim: como os pastos no verão eram maus] C;

<sup>151</sup> Ora, para Áfricas dessas, o Gabriel [...] obediente ao comando] FED; Mas para isso o Gabriel [...] mudo e lesto] C;

<sup>152</sup> Por isso, sem dizer porquê [...] vendessem os carneiros] FED; Aí estava a razão [...] de todos os carneiros] C;

<sup>153</sup> capitaneasse] FED; comandasse] C;

<sup>154</sup> deixava entrar os famintos e] FED; Excerto inexistente] C;

<sup>155</sup> ouvia] FE; sentia] DC;

<sup>156</sup> Não era preciso mais: quando chegava ao redil, já] FE; Não era preciso mais: quando chegava às cancelas, já] D; E acontecia que muitas vezes chegava às cancelas e já] C;

E realmente não tinha. A coisa vinha-lhe espontaneamente, duma maneira directa, rápida, infalível, de entender e de se fazer entender <sup>157</sup>por todos os seres vivos. Via um coelho na cama, falava-lhe e punha-lhe a mão em cima. Acalmava um cão açulado – a sorrir-lhe.

Mas esta comunhão instintiva com a natureza dos bichos não <sup>158</sup>tentava o Gabriel alargá-la à natureza dos homens. Desses arredava-se discretamente, sem querer passar, nas relações com eles, <sup>159</sup>do plano amorfo da neutralidade. Alugava o suor. Enjeitado, sem vintém, servia este e aquele. <sup>160</sup>A indústria de Ferrede era comprar gado magro, engordá-lo e vendê-lo. Portanto, <sup>161</sup>quem tinha o dinheiro tinha o poder, e não valia a pena discutir. Que <sup>162</sup>lhe interessava a ele perder tempo com palavreado ou mendigar intimidades que sabia impossíveis de antemão? <sup>163</sup>O que os donos de cada rebanho queriam já o sabia: era que lho entoirisse de qualquer maneira. Recebia, pois, o farnel pela manhã, e ala que se faz tarde. <sup>164</sup>Cada qual para o que nasce.

No verão em que fez vinte e dois anos, não pôde, contudo, ficar indiferente a um apelo que, muito embora fosse de cordeira no cio, vinha duma criatura cristã, com quem, <sup>165</sup>de resto, acabou por casar.

Foi assim: como a serra inteira ardia na fomalha do Agosto, <sup>166</sup>certo dia, no pino do sol, resolveu assestar o gado na loja. Servia então o Silvano, o maior proprietário da terra.

---

<sup>157</sup> por todos os] FED; pelos] C;

<sup>158</sup> tentava o Gabriel alargá-la] FED; a tentou o Gabriel alargar] C;

<sup>159</sup> do plano amorfo da neutralidade] FED; passar do plano do anodino] C;

<sup>160</sup> A indústria] FED; o negócio] C;

<sup>161</sup> quem tinha dinheiro [...] pena discutir] FED; não havia necessidade [...] grandes intimidades] C;

<sup>162</sup> lhe interessava a ele [...] impossíveis de antemão] FED; interesse tinha de estar a [...] mesquinha ambição dos patrões] C;

<sup>163</sup> O que os donos de cada rebanho [...] que lho entoirisse de qualquer maneira] FED; O que eles queriam já o sabia: era que lhes entoirisse o rebanho] C;

<sup>164</sup> Cada qual para o que nasce] FED; O seu mundo era de lã] C;

<sup>165</sup> de resto, acabou por casar] FED; casou] C;

<sup>166</sup> certo dia, no pino do sol [...] o maior proprietário da terra] FE; certo dia, no pino do sol [...] o maior capitalista da terra] D; chegou-se a casa do patrão, o Murta, a melhor fortuna da terra, assestar o gado na loja] C;

E enquanto o rebanho, sonolento, ruminava, estendeu-se <sup>167</sup>também no catre, igualmente sonolento e a ruminar. Era a hora do jantar, e lá em cima <sup>168</sup>os patrões comiam e bebiam à tripa-forra. Ele, coitado, <sup>169</sup>teria uma malga de caldo no fim do banquete, e viva o velho!

Nisto, sente passos pela escada abaixo, abre-se a porta, e a filha da casa, <sup>170</sup>bonitona, mas de pêlo na venta, que nunca lhe dera conta que o olhasse como homem e nunca lhe consentira que a olhasse como mulher, aparece de cântara na mão, ao vinho.

<sup>171</sup>Em silêncio e sem se mexer, deixou-a passar para a adega, que era ao fundo, numa loja contígua. Mas apenas sentiu desandar a torneira da pipa e a espuma do tinto a ferver dentro do barro que lhe fez cócegas na garganta, pediu humildemente:

- Minha ama, dê-me uma pinga!

- Dou. <sup>172</sup>Anda cá bebê-la...

<sup>173</sup>Ergueu-se num pronto, saltou por cima do gado, entrou no armazém, recebeu a pichorra, levou-a à boca e começou a consolar a alma. De repente, sem mais nem para quê, a moça, calada, <sup>174</sup>dá-lhe um empurrão à vasilha com a ponta do dedo. De respiração afogada e ainda engasgado, a tossir, relanceou-a toda. <sup>175</sup>Ao machio, a senhora morgada!

E nada mais simples: pousou a caneca e dobrou a rapariga <sup>176</sup>sobre a facha de palha.

---

<sup>167</sup> também no catre, igualmente sonolento e a ruminar] FED; ele sobre a tulha de milho, sonolento, a ruminar também] C;

<sup>168</sup> os patrões comiam e bebiam] FED; iam comer e beber] C;

<sup>169</sup> teria uma malga de caldo no fim do banquete e viva o velho] FED; uma malga de caldo e viva o velho] C;

<sup>170</sup> bonita, mas de pelo [...] olhasse como mulher] FE; bonita, mas áspera como um tojo [...] olhasse como mulher] D; e a filha da casa, áspera como um tojo [...] reparasse nele como homem] C;

<sup>171</sup> Em silêncio e sem se mexer [...] pediu humildemente] FED; Na sua pureza de zagal [...] pediu] C;

<sup>172</sup> Anda cá bebê-la] FE; Anda cá] DC;

<sup>173</sup> Ergueu-se num ponto, saltou por cima do gado [...] a consolar a alma] FE; Ergueu-se num ponto [...] saltou por cima das ovelhas] D; Recebeu a pichorra [...] consolar a alma] C;

<sup>174</sup> dá-lhe um empurrão à vasilha com a ponta do dedo] FED; empurra-lhe com um dedo o fundo da vasilha] C;

<sup>175</sup> Ao machio, a senhora morgada] FE; No ponto, a fulana] D; No ponto] C;

<sup>176</sup> sobre uma facha de palha] FED; como um vime, sobre a palha] C;



## REPOUSO

Era <sup>177</sup>de sua natureza um tipo macambúzio, de olhos grandes e vidrados, boca rasgada e um espesso bigode a cair-lhe da cara. Fizera a morte de Celeiroz logo no ano das inspecções, dera <sup>178</sup>a seguir cabo do Marinho com um tiro no vazio esquerdo, mas tudo se reduzira a uns meses de cadeia. Com medo, ninguém queria fazer prova contra ele, e a justiça, diante do desinteresse de todos, desinteressava-se também. Mal a mulher da primeira vítima se calou de gritar pelos montes fora, a bala contra o Marinho partiu de uma pistola de guerra que furava tábuas de solho de cinquenta passos. Mas nem assim as autoridades se resolveram a proceder. Depois <sup>179</sup>de o terem à sombra algum tempo, a porta ferrada do calabouço de Carrazedo abriu-se e o Joaquim Lomba continuou a afligir a terra.

Quase não trabalhava, que ninguém o queria, nem a dias nem de empreitada. <sup>180</sup>Possuía contudo qualquer coisa de seu e, com um cacho que respigava na vinha deste ou daquele e um vintém que sempre recebia de uma ajuda que uma trovoadas ou o aperto de uma malhada consentiam, ia vivendo. Mas era uma existência negra a que levava, sozinho, sujo, coberto da sombra do medo e da desconfiança dalgumas léguas em redor. Outros homens tinham matado em toda <sup>181</sup>a região e a fama da sua crueldade corria mundo. Ninguém se esquecia do Basílio Antunes, que assassinara a frio o moleiro de Candedo, nem do Varela, que saltara em cima da barriga da mulher e dera cabo dela. Mas a fama do Lomba <sup>182</sup>abrangia outros horizontes e amargava com outro travo.

---

<sup>177</sup> de sua natureza] FED; de si] CBA.

<sup>178</sup> a seguir do cabo do Marimbo [...] meses de cadeia] F; dera cabo do Marinho [...] meses de cadeia] E; dera cabo do Marimbo [...] cadeia em Carrazeda] DCBA.

<sup>179</sup> de o terem à sombra algum tempo [...] a afligir a terra] FE; de alguns meses de prisão preventiva [...] continuou afligir a serra] DC; de alguns meses de prisão preventiva [...] continuou na vida] BA.

<sup>180</sup> Possuía] FED; Tinha] CBA.

<sup>181</sup> a] FE; aquela] DCBA.

<sup>182</sup> abrangia outros horizontes e amargava com outro travo] FED; tinha outra lonjura e outro travo] CBA.

Falava-se dele e corria por todos um calafrio de pavor diferente <sup>183</sup>dos medos conhecidos. É que trazia estampada no rosto <sup>184</sup>a ferocidade. Ao primeiro relance, a gente via que ali andavam mortes passadas e mortes futuras. Acrescia que o Lomba conhecia isto. Mazombo, <sup>185</sup>ensimesmado, a marca que sentia na cara dava-lhe uma tristeza profunda, de revolta esganada. <sup>186</sup>Em certas horas, uma humanidade estuante, larga, generosa, que também nele morava, queria mostrar-se à luz do sol. Mas o primeiro a quem dava os bons dias cortava-lhe aquela onda fraternal em bocados. A resposta vinha seca, esquiva, <sup>187</sup>a estremar os caminhos. O semblante do Lomba cobria-se então da ferocidade velha e da raiva de agora; <sup>188</sup>e tornava-se ainda mais soturno e sinistro.

Foi por uma coisa destas e num dia destes que liquidou o Adriano. Erguera-se cedo, comera um naco de pão, bebera um trago de aguardente, e lá ia ele ver a vida. Mas o Adriano, a primeira alma que encontrou, respondeu-lhe tão <sup>189</sup>arredio, que não se teve:

- Olha lá, ó pedaço de asno, que mal te fiz eu?

O outro sentiu-se perdido.

- Nada. Que mal me havias de fazer?

Era uma explicação e um apelo à concórdia. Desgraçadamente, o coração do Lomba estava cheio de <sup>190</sup>fel.

- O que tu merecias era que te desse uma lição...

Apesar de o Lomba ser quem era, o Adriano sentiu-se na obrigação de defender os brios de homem. E, embora debilmente, lá tentou:

- <sup>191</sup>Atreve-te! Atreve-te e verás... Ora o diabo!

---

<sup>183</sup> dos medos conhecidos] FED; dos outros medos] CBA.

<sup>184</sup> a ferocidade] FE; a sua sina] DCBA.

<sup>185</sup> ensimesmado] FE; metido consigo] DCBA.

<sup>186</sup> Em certas horas [...] mostrar-se à luz do sol] FE; Em certas horas [...] sol da sua fonte] D; Dias havia [...] sol da sua fonte] CBA.

<sup>187</sup> a estremar caminhos] FE; limitando os caminhos] DCBA;

<sup>188</sup> e tornava-se ainda mais soturno e sinistro] FE; e a sua sombra tornava-se mais negra e mais soturna ainda] DCBA.

<sup>189</sup> arredio] FE; rispidamente] DCBA.

<sup>190</sup> fel] FE; vinagre] DCBA.

<sup>191</sup> – Atreve-te! Atreve-te e verás] FED; Atreva-se. Atreva-se, e verá] CBA.

Não foi preciso mais. O Lomba chegou-se ao pé dele, ergueu a roçadoira, e de um golpe só tirou-lhe uma rodela à cabeça.

Mas ainda desta vez <sup>192</sup>o crime ficou impune. Não havia testemunhas, a família do Adriano teve medo de uma vingança, e o Lomba continuou a mortificar Mondrões.

Mas também ele sentia o peso daquela cruz. Como não podia matar o concelho inteiro, nem obrigar um por um os conhecidos a falarem-lhe na paz de Deus, <sup>193</sup>o aguilhão da consciência não lhe dava tréguas. <sup>194</sup>Em certas horas, empolgado pela força do mal, enchia-se do próprio ódio, e não ficava espaço para qualquer minguá. <sup>195</sup>Noutras, porém, um vazio infinito, um desespero sem remédio, um abandono maior do que o das pedras, prefiguravam-lhe o inferno.

- Quero-me confessar, senhor Prior – <sup>196</sup>acabou por pedir abruptamente na quaresma, depois de entrar de rompante na sacristia.

- Muito bem, Joaquim... - respondeu-lhe manso e humano o capelão. – <sup>197</sup>Pode ser agora.

<sup>198</sup>Foram ambos para um canto, o padre sentou-se, ele ajoelhou-se-lhe aos pés, e começaram.

- <sup>199</sup>Já nem me lembro de nada...

- <sup>200</sup>Não te aflijas. Vai fazendo e dizendo comigo...

O sinal da cruz foi menos mal, o *mea culpa* passou, vieram os primeiros mandamentos e chegaram por fim ao pior.

---

<sup>192</sup> o crime] FE; a sua crueldade] DCBA.

<sup>193</sup> o aguilhão da consciência não lhe dava tréguas] FE; dentro de si [...] terra excomungada] D; crescia em si [...] terra excomungada] CBA.

<sup>194</sup> empolgado [...] espaço para qualquer minguá] FE; empolgado [...] espaço para a consciência de qualquer minguá] D; o próprio ódio [...] lugar a nenhuma fonte] CBA.

<sup>195</sup> Noutras, porém [...] prefiguravam-lhe o inferno] FED; Mas noutras, um vazio [...] como línguas de fogo] CBA.

<sup>196</sup> acabou por pedir] FED; disse ele abruptamente] CBA.

<sup>197</sup> Pode ser agora] FEDC; Quando quiseres] BA.

<sup>198</sup> Foram] FEDCB; Chegaram-se] A.

<sup>199</sup> Já] FED; Eu já] CBA.

<sup>200</sup> Não te aflijas. Vai fazendo e dizendo comigo] FE; Não tem mal, vai fazendo e dizendo comigo] D; Não faz mal, vai dizendo comigo] CBA.

- Bem, eu matei o da Gertrudes, o <sup>201</sup>Marinho... E também fui quem deu cabo do Adriano...

O prior <sup>202</sup>não sabia outra coisa. Por isso manteve-se calmo e apenas perguntou:

- <sup>203</sup>Estás arrependido dos teus crimes e disposto a pedir a quem desgraçaste?

Aqui a situação bulia com mundos complicados do Lomba. Tinha vindo para se libertar do abismo sobre o qual a sua negra alma vivia debruçada. E quando tudo parecia conseguido e a serenidade estável do planalto lhe acenava já sorridente, - a dura penitência de voltar à fundura do poço! E perdeu-se:

Não, senhor Prior. Não estou arrependido, nem vou pedir perdão a ninguém.

O padre suava. E depois de tirar o lenço tabaqueiro do bolso e de limpar a calva, voltou, sempre <sup>204</sup>brando e conciliante:

- Mas assim não te posso absolver, <sup>205</sup>homem! Pois se tu não te queres humildar, nem te arrependes sinceramente do que fizeste... Olha lá, mas então não seria melhor para ti ires entregar-te à justiça e pedires perdão a Deus?

- Eu não sou parvo! Vim aqui porque tenho confiança no senhor Prior... <sup>206</sup>Agora se me não quer perdoar, não perdoe...

Ergueram-se ambos, tristes, desesperados daquela impossibilidade de harmonia. E mais do que até aí, a amargura, a raiva e a negridão da vida se estamparam na cara dura e desgraçada do Lomba.

---

<sup>201</sup> Marinho ... E também fui] FEDC; Marinho ... e fui também eu que dei] BA.

<sup>202</sup> não sabia outra coisa] FED; já sabia] CBA.

<sup>203</sup> Estás arrependido dos teus crimes e disposto a pedir perdão a quem desgraçaste] FED; E estás arrependido [...] E disposto a pedir perdão a quem desgraçaste?] CBA.

<sup>204</sup> brando e conciliante] FED; sereno e natural] CBA.

<sup>205</sup> homem] FEDC; homem de Deus] BA.

<sup>206</sup> Agora se me não quer] FED; Bem, mas se não quere] CBA.

<sup>207</sup>Poucos meses depois, começaram em Mondrões os festejos da Senhora da Boa-Morte. E foi aí que Lomba, sem poder mais, deu largas à sua angústia recalcada. Disposto a não sabia que loucura, com a pistola carregada de balas, entrou no adro e começou a fazer doudices.

Primeiro chegou-se ao coreto e <sup>208</sup>gritou para o mestre da música:

- Pare lá com isso e toque uma valsa!

- O senhor é mordomo? – perguntou o velhote, <sup>209</sup>na boa fé.

- Sou quem lá está. Mude de peça ou rebento-lhe <sup>210</sup>os miolos!

O bom homem titubeou. Mas por fim, diante daqueles olhos vidrados e do sinal que lhe fez uma doceira, <sup>211</sup>distribuiu novos papéis e a banda começou, de facto, a tocar uma valsa.

O sucesso <sup>212</sup>da prepotência não deu paz ao Lomba. Pelo contrário: acirrou-lhe ainda mais o desejo de disparatar. E dirigiu-se ao do fogo.

- Deita lá uma dúzia de morteiros!

- Não posso. Só a Santos. Deus me livre!

- Deita ou já sabes...

A pistola era grande e negra, e as palavras do Lomba soturnas e frias. E o Pé-Tolo, sem mais aquelas, um a um, foi queimando os foguetões.

- Que estupidez é essa, ó meu burro? Quem te mandou botar desses, agora?

<sup>213</sup>O mesário espumava de justa indignação. Mas bastou o outro apontar silenciosamente o Quim Lomba para tudo se remediar.

---

<sup>207</sup> Poucos meses depois [...] da Boa Morte] FED; Foi daí a poucos meses [...] começaram em Mondrões] CBA.

<sup>208</sup> gritou para o] FED; disse ao] CBA.

<sup>209</sup> na] FE; na sua] DCBA.

<sup>210</sup> os miolos] FE; a alma] DCBA.

<sup>211</sup> distribui novos papéis e a banda] FE; parou, distribuiu novos papéis, e a banda] D; parou, distribui novos papéis, e a música] CBA.

<sup>212</sup> da prepotência [...] o desejo de disparatar] FED; do seu gesto [...] coisas disparatadas] CBA.

<sup>213</sup> O mesário espumava de justa indignação] FED; Era um mesário aflito e indignado] CBA.

- <sup>214</sup>Bem, pronto. Faz-se de conta...

O mal é que o assassino queria estancar a levada.

- Pare lá com isso já, seu trampolineiro! Desça daí!

- O cavalheiro parece que quer conversa. <sup>215</sup>Se não fosse a consideração que devo à honrada assistência...

Era um vendedor de drogas para todas as doenças e necessidades, que de cima de uma cadeira ganhava a vida. Homem rijo e acostumado a zaragatas. <sup>216</sup>Quando, porém, lhe disseram de quem se tratava, calou-se e pôs-se a arrumar os frascos a pensar na mulher e nos filhos.

-E se alguém <sup>217</sup>avisasse a guarda? – lembrou um, assim que se espalhou a notícia dos desacatos do Lomba.

- É verdade, a guarda...

<sup>218</sup>O certo é que ficaram no mesmo sítio, sem coragem de ir denunciar o criminoso. <sup>219</sup>Continuaram irresolutos no adro, vagamente protegidos por aquela palavra que só por si metia respeito.

- Deixa lá ver a cana...

---

<sup>214</sup> Bem pronto. Faz-se de conta. [...] Desça daí] FE; Bem pronto. Faz-se de conta [...] Salte cá para baixo] D; Bem, bota a Santos dos outros [...] Desça cá para baixo] CBA.

<sup>215</sup> Se não fosse a consideração que devo à] FE; Se não fossem os meus deveres para com a] DC; Mas os deveres para com a] BA.

<sup>216</sup> Quando, porém, lhe disseram de quem se tratava calou-se] FE; Quando, porém, lhe disseram de quem se tratava, calou-se, desceu] D; Mas quando lhe disseram [...], calou-se, desceu] CBA.

<sup>217</sup> avisasse a guarda [...] assim que] FE; fosse avisar a guarda [...] por toda a festa] DCBA.

<sup>218</sup> O certo é que ficaram] FE; O que é certo é que todos ficaram] DCBA.

<sup>219</sup> Continuaram irresolutos [...] metia respeito] FE; Deixaram-se estar [...] metia respeito] D; Deixaram-se estar [...] uma promessa e um perigo] CB; Deixaram-se ficar [...] uma promessa e um perigo] A.

<sup>220</sup> Simplesmente, desta vez, erguia-se diante do Lomba uma vontade. Com nove anos, o <sup>221</sup> garoto, que conseguira apanhar a quimera, tinha decisão para a defender.

- Oh, oh! <sup>222</sup> Não queria mais nada! Você é parvo ou faz-se?

- Deixa cá ver a cana, e cala-te.

- Vá lamber sabão. Ora o palerma! <sup>223</sup> Faça como eu: desembeline as pernas.

Pelos olhos do Lomba o clarão de sangue e raiva passou mais vivo. Mas passou e deixou atrás de si um sorriso compassivo, terno, que lhe refrescou o coração.

- Então não dás?

- Pois não dou, não. Se estiver tão livre da peste!

O pequeno <sup>224</sup> largou, chamado por um morteiro que subia estrepitosamente ao ar, e o Lomba ficou sozinho, vencido, impotente, mas estranhamente feliz.

- Chegou para mim... - murmurou, comovido.

A música rompeu lá em cima numa marcha ligeira, ergueu-se no adro um polvorinho de dança, estalejaram mais foguetes, e um barulho ensurdecedor mostrava <sup>225</sup> ao desordeiro que os seus caprichos e as suas balas não podiam vencer a onda de vitalidade.

- Chegou para mim... - murmurou outra vez, agora a caminhar vagarosamente por entre os penedos.

<sup>226</sup> Mais fogo, uma polca, outra vez a voz do charlatão a vender unguentos, e a festa parecia uma flor a abrir-se. As horas, porém, foram passando, as aldeias, ao longe, começaram a acenar a cada um, e o adro, pouco a pouco, ficou deserto.

---

<sup>220</sup> Simplesmente desta vez, erguia-se diante do Lomba] FE; Desta vez, porém, erguia-se diante do Lomba] DC; Desta vez, porém, o Lomba tinha diante de si] BA.

<sup>221</sup> garoto] FED; rapaz] CBA.

<sup>222</sup> Não queria mais nada] FE; Olha para ele] DCBA.

<sup>223</sup> Faça como eu: desembeline as pernas] FE; Corra atrás delas, se as quer] DCBA.

<sup>224</sup> largou, chamado por um morteiro que subia] F; correu atrás de um morteiro que subiu] E; correu atrás de um novo foguete que subiu] DCBA.

<sup>225</sup> ao desordeiro [...] a onda da vitalidade] FED; ao Lomba [...] aquela onda] C; ao Lomba [...] vencer aquela onda] BA.

<sup>226</sup> Mais fogo [...] uma flor abrir-se] FE; Mais foguetes [...] uma flor abrir-se] D; Mais foguetes [...] nunca mais ter fim] CBA.

- <sup>227</sup>Credo, santo nome de Deus! – exclamou a Eusébia, ao passar pelo sítio onde o Lomba despejara a pistola no céu da boca.

- É o Lomba. Que balas tão bem empregadas!...

Os olhos vítreos e arregalados pareciam querer impor ainda respeito e medo. Mas eram só eles a falar pelo corpo todo, encolhido, morto, humilde e manso como um monte de estrume.

- Também digo. Abençoadas mãos...

<sup>228</sup>Seguiam caminho, sem uma palavra de pena, sem um arrepio, sem uma oração.

E assim o deixaram abandonado à grande e pavorosa noite da montanha.

---

<sup>227</sup> Credo, santo nome de Deus [...] exclamou a Eusébia] FE; Olha para ali [...] avisou alguém] D; Olha para ali [...] disse alguém] CBA.

<sup>228</sup> Seguiam caminho] FE; Iam passando] DCBA.



## O CAÇADOR

Trôpego, o Tafona já não chegava às perdizes da Cumieira. Por isso, arrastava-se até Pedralva e caçava de espera. Caíam rolas no cedo, uma lebre ou outra pelo ano adiante, e coelhos quase sempre. No defeso, fornecia a casa e a barriga sem fundo do compadre Frederico; no tempo da permissão, vendia-lhe a Joana Benta as cabeças na Vila.

- Veja vossemecê... - dizia ele, a contratar o preço. – Eu sei <sup>229</sup>lá!...

Com oitenta e cinco anos, a vida fora-lhe sempre estranha como se a não tivesse conhecido. Casara, tivera filhos, mas nada disso o tocara por dentro. Virgem e selvagem na alma, continuava a caçar, e só embrenhado de giestas e urgueiras é que ouvia, se ouvia, os clamores da mulher e <sup>230</sup>o ganido das crias.

Saía cedo, sempre supersticioso das menstruações da Camila, a vizinha do lado, que lhe mudavam a direcção do chumbo, e regressava altas horas da noite, colado ao granito das paredes, e assim escondido dos olhos curiosos da povoação.

- Por onde andaste?

<sup>231</sup>A pobre da Catarina, a princípio, ainda tentou encontrar naquele destino pontos de referência em que pudesse firmar-se. Mas as respostas vinham tão vagas, tão distantes, <sup>232</sup>que se atirou às leiras e deixou o homem às carquejas. Não era que ele mesmo enredasse os caminhos e despistasse <sup>233</sup>conscientemente a companheira. As peripécias da caça e a cegueira com que galgava os montes é que o impediam à noite de relatar o trajecto <sup>234</sup>seguido.

---

<sup>229</sup> lá] FE; lá disso] DCBA.

<sup>230</sup> das crias] FED; dos filhos] CBA.

<sup>231</sup> A pobre da Catarina [...] firmar-se] FE; A pobre da Catarina [...] firmar os pés] D; A mulher [...] firmar os pés] CBA.

<sup>232</sup> que se atirou] FED; a pobre Catarina atirou-se] CBA.

<sup>233</sup> conscientemente a companheira] FEDC; os mais conscientemente] BA.

<sup>234</sup> seguido] FE; do seu dia] DCBA.

<sup>235</sup>Se quisesse e soubesse dizer por que trilhos passara, falaria de veredas e carreiros que nunca conhecera, descobertos na ocasião pelo instinto dos pés e rasgados no meio de uma natureza cósmica, verde como uma alucinação, com alguns ramos vistos em pormenor, por neles pousar inquieto um pombo bravo ou se aninhar, disfarçada, uma perdiz. Às vezes até <sup>236</sup>se admirava, ao regressar a casa, de tanta bruma e tanta luz lhe terem enchido simultaneamente os olhos. Serras a que trepara <sup>237</sup>sem dar conta, abismos onde descera alheado, e um toco, um raio de sol, o rabo de um bicho, que todo o dia lhe ficavam na retina. É claro que nem sempre as horas eram assim. Algumas havia de perfeita consciência, em que <sup>238</sup>nenhum pormenor da paisagem lhe escapava, as próprias pedras referenciadas, aqui de granito, ali de xisto. Mas, mesmo nessas <sup>239</sup>ocasiões, qualquer coisa o fazia sonâmbulo do ambiente. <sup>240</sup>Era tanta a beleza da solidão contemplada, despegava-se das serranias tanta calma e tanta vida, os horizontes pediam-lhe uma concentração tão forte dos sentidos e uma dispersão tão absoluta deles, que os olhos como que lhe abandonavam o corpo e se perdiam na imensidão. <sup>241</sup>Simplesmente, essa diluição contínua que sofria no seio da natureza não excluía uma posse secreta de cada recanto do seu relevo.

---

<sup>235</sup> Se quisesse e soubesse [...] nunca conhecera] FE; Se quisesse e soubesse [...] a gente, até dele] DC; Se êle quisesse e soubesse [...] a gente, até dele] BA.

<sup>236</sup> se admirava, ao regressar a casa] FE; ele se admirava, ao regressar a casa] D; ele se admirava ao fim do dia] CBA.

<sup>237</sup> sem dar conta, abismos onde descera alheado] FE; e que não vira, abismos onde descera sem sentir] DC; e que não vira, fundos onde descera sem sentir] BA.

<sup>238</sup> nenhum pormenor [...] aqui de granito, ali de xisto] FE; o corpo inteiro [...] de granito ou de xisto] DCBA.

<sup>239</sup> ocasiões] FEDC; horas] BA.

<sup>240</sup> Era tanta a beleza da solidão contemplada [...] os horizontes pediam-lhe uma concentração tão forte dos sentidos e uma] FE; Era tanta a beleza da solidão contemplada [...] a natureza pedia-lhe uma concentração tão forte dos sentidos e uma] DC; Era tanta a beleza da solidão que via [...] a natureza chamava-o ali para uma concentração tão forte dos sentidos e para uma] BA.

<sup>241</sup> Simplesmente, essa diluição contínua que sofria no seio da natureza] FE; A diluição contínua que sofria a calcorreá-los] D; A diluição contínua que sofria neles] CBA;

<sup>242</sup>Uma espécie de percepção interior, de íntima comunhão de amante apaixonado, capaz de identificar o panasco de Alcaria pelo cheiro ou pelo tacto.

A caça fora a maneira de se encontrar com as <sup>243</sup>forças elementares do mundo. E nenhuma razão <sup>244</sup>consequira pelos anos fora desviá-lo desse caminho. A meninice começara-lhe aos grilos e aos pardais, a juventude e a maioridade passara-as atrás de bichos de pêlo e pena, e agora, velho, as contas do seu rosário eram meia dúzia de cartuchos que, sentado, ia esvaziado no que aparecia. E a vida, a de todos os dias e de toda a gente, com lágrimas e alegrias, ambições e desalentos, ficara-lhe sempre ao lado, vestida de uma realidade <sup>245</sup>que não conseguia ver. A aldeia formigava de questões e de raivas, e ele coava-lhe apenas a agitação de longe, vendo-a fumegar <sup>246</sup>na distância, ao anoitecer, e acariciando-a então num cansaço doce e contemplativo.

- Casou a Dulce...

- Ah, sim?...

Ouvira, de facto, imprecisamente, a voz do sino grande chegar <sup>247</sup>repenicada e festiva ao Falcão, mas o seu espírito não pudera nesse momento, nem podia agora, descer da nuvem de abstracção que o envolvia.

- Muito bonita ia o demónio da rapariga!

---

<sup>242</sup> Uma espécie de percepção interior [...] pelo cheiro ou pelo tacto] FED; Não era, contudo, uma percepção visual [...] pelo cheiro ou pelo tacto] C; Não era uma percepção visual [...] de olhos vendados, pelo tacto] BA.

<sup>243</sup> forças elementares] FED; as forças vivas] CBA.

<sup>244</sup> conseguira [...] desviá-lo desse caminho] FE; conseguira [...] desviá-lo desse curso natural] DC; tinha sido capaz [...] desviar desse curso natural] BA.

<sup>245</sup> que não conseguia] FE; pudera] DCBA.

<sup>246</sup> na distância, ao anoitecer] FE; ao anoitecer na distância] DCBA.

<sup>247</sup> repenicada e festiva ao Falcão, mas o seu espírito [...] da nuvem de abstracção] FE; no seu tom quotidiano ao Falcão, mas o seu espírito [...] da nuvem irreal] DC; no seu tom cotidiano ao Falcão, mas nem nesse [...] da nuvem irreal] BA.

Humana, mulher, <sup>248</sup>a Catarina tentava chamá-lo a uma consciência que reanimasse fogueiras mortas, sonhos desfeitos. <sup>249</sup>Nada. O pensamento dele não estava ali: perdia-se nos projectos do dia seguinte, já cheio do rumor alvoraçado do bando de perdizes que sabia ir levantar da cama ao romper da manhã.

- Morreu o Palhaça...

- Ah, morreu?...

E continuava a dar à manivela do rebordador, encontrando no cartucho, tímido como uma semente, <sup>250</sup>não sabia que verdade mais profunda e mais transcendente do que aquela morte.

A velhice e o reumatismo tentaram com toda a brutalidade <sup>251</sup>mantê-lo noutros varais. Mas ele lutava, e, embora limitado às cercanias da aldeia, continuava ainda <sup>252</sup>a sonhar.

Contudo, sem a liberdade absoluta dos longes, o seu espírito já não podia voar como dantes. A povoação ficava-lhe demasiado perto para lhe ser impossível um alheamento como o de outrora. E os olhos, cansados e traídos, começaram a mostrar-lhe o mundo triste dos outros. Contra vontade, observava, então. Mas em casa, à noite, a mulher punha o acontecido a uma luz tão desconforme com o que ele vira, tão alheia à sua compreensão, que fechava a boca e não respondia.

- Os Canedos berraram...

- Eu vi...

- A cunhada chamou curta à Ana...

---

<sup>248</sup> a Catarina [...] consciência que reanimasse] FED; a companheira [...] que reanimasse] C; a companheira [...] que vinha reanimar] BA.

<sup>249</sup> Nada. O pensamento dele [...] já cheio do rumor alvoraçado] FED; Nada. O pensamento dele [...] claro e aquecido no rumor quente] C; Mas o pensamento dele [...] imenso e aquecido no rumor quente] BA.

<sup>250</sup> não sabia que a verdade mais profunda e mais transcendente] FE; uma verdade mais profunda e mais transcendente] D; uma verdade mais profunda e mais viva] CBA.

<sup>251</sup> metê-lo noutros varais] FE; arrancá-lo do seu chão] DCBA.

<sup>252</sup> a sonhar] FE; o enlevo] DCBA.

O que <sup>253</sup>ouvira eram gritos, evidentemente, insultos, com toda a certeza, mas nomes assim... <sup>254</sup>E uma tristeza muda apertava-lhe o coração.

- Um roubo em casa do Antunes...

- <sup>255</sup>Bem me pareceu...

- Batatas, trigo, muita roupa, um presunto...

<sup>256</sup>Quase que surpreendera o Rodrigo e a mulher com a boca na botija, e sabia que não, que o que esconderam na mina velha, e pudera examinar à vontade, era uma sombra daquilo. De maneira que cada vez se metia mais consigo, com medo do vidro de aumento que deformava tudo e <sup>257</sup>envenenava os sentimentos. Porque uma coisa sabia ele: é que quase um século de caça não lhe endurecera nem lhe empeçonhara a alma. Matara, sim, e matava ainda, se podia, mas não era com ódio, a gritar maldição, que o tiro partia. Mais amorosamente do que mortalmente, o <sup>258</sup>dedo premia o gatilho. E quando, <sup>259</sup>a seguir, a lebre esperneava ou a codorniz gemia, a sua mão aligeirava docemente aquela agonia, numa carícia aveludada. Entre o <sup>260</sup>sangue da perdiz morta – que através do cotim da calça, morno, lhe acordava a consciência da pele – e o seu próprio sangue, não havia muro de nenhuma desarmonia. A morte que a arma fazia tinha no mesmo instante uma <sup>261</sup>ressurreição dentro dele.

<sup>262</sup>Mas a aleluia do formigueiro humano que o rodeava era outra.

- A Rosária a falar em moralidade! Se reparasse na filha...

---

<sup>253</sup> ouvira] FEDC; ele ouvira] BA.

<sup>254</sup> E uma tristeza muda apertava-lhe o coração] FEDC; E a natureza fechava-se-lhe como uma pedra] BA.

<sup>255</sup> Bem me pareceu] FEDC; Calculei que sim] BA.

<sup>256</sup> Quase que surpreendera [...] examinar à vontade] FE; Encontrara praticamente [...] examinar à vontade] DC; E ele, que quási encontrara [...] mesmo examinara] BA.

<sup>257</sup> os sentimentos] FE; as consciências] DCBA.

<sup>258</sup> dedo] FEDC; seu dedo] BA.

<sup>259</sup> a seguir] FE; momentos após] DCBA.

<sup>260</sup> sangue da perdiz morta [...] seu próprio sangue] FEDC; seu sangue e o sangue da perdiz morta [...] consciência] BA.

<sup>261</sup> dentro dele] FEDC; dentro de si] BA.

<sup>262</sup> Mas a aleluia do formigueiro [...] - Nem tu sabes] FED; Excerto inexistente] CBA.

- A Matilde? Que fez ela?

- Nem tu sabes!

Palavra, que não sabia.<sup>263</sup> Atravessara os anos como um duende, puro, alheio à raiva e à ganância, inocente, pronto a comover-se diante da primeira flor.<sup>264</sup> Uma virtude, sobre todas, conservara sempre: a da lisa naturalidade. E por isso, no meio<sup>265</sup> da incapacidade que sentia para entender o tecido de razões com que era feito o mundo que o cercava, a malha que menos o prendera era aquela onde se debatiam forças e gestos de amor. O cio, a brisa de sémen que agitava todos os seres vivos durante alguns dias em cada ano,<sup>266</sup> sabia-lhe à frescura de uma onda sagrada. Então,<sup>267</sup> oleava e arrumava a arma, e os seus olhos, de caçador ainda, seguiam a revoadada do casal de melros, o trajecto de um coelho, as pegadas da raposa, mas para os acompanharem comovidos naquela dádiva sensual e procriadora.

Infelizmente, só ele é que entendia de uma maneira assim inocente as coisas de que tinham intimidade de ninho e calor de seiva. Porque a aldeia,<sup>268</sup> que olhava compreensivamente as reses alevantadas, diante de uma rapariga cega de amores erguia-se como se visse um crime.

- <sup>269</sup>Ela e o Avelino parecem cães à cainça.

- E que mal há nisso?

---

<sup>263</sup> Atravessara os anos como um duende] FEDC; O seu coração atravessara os anos] BA.

<sup>264</sup> Uma virtude, sobre todas, conservara sempre: a da lisa naturalidade] FE; Uma coisa, então, conservara sempre: a lisa naturalidade de tudo] D; Uma coisa, então, soubera sempre conservar: a lisa naturalidade de tudo] CBA.

<sup>265</sup> da incapacidade [...] menos o prendera] FEDC; de toda a incapacidade [...] lhe fora sempre mais difícil] BA.

<sup>266</sup> sabia-lhe à frescura de uma onda sagrada] FEDC; era para ele uma onda de frescura sagrada] BA.

<sup>267</sup> oleava e arrumava a arma [...] dádiva sensual e procriadora] FED; os cães da arma desciam [...] dádiva sensual e procriadora] C; os cães da arma desciam [...] dádiva sensual e quente] BA.

<sup>268</sup> que olhava compreensivamente as reses alevantadas, diante] F; que entendia as reses alevantadas, diante] E; quer diante de uma cadela alevantada, quer no cheiro de uma rapariga cega de amores] DCBA.

<sup>269</sup> Ela e o Avelino parecem cães à cainça. E que mal há nisso] FED; Agora mesmo andava ela em aflições por causa da Matilde Cruz e do Avelino] CBA.

Maiores e vacinados, que tinha que ver o mundo com o que o corpo lhes pedia? Mas <sup>270</sup>os pais, aqui-del-rei que os enforcavam se olhassem sequer um para o outro, e a terra inteira aplaudia. Acontecia ainda que o Travassos, <sup>271</sup>todo lá da mãe da rapariga, punha em semelhante martírio a sombra de uma perseguição.

De fora, mas <sup>272</sup>infelizmente não de tão longe como desejava, o Tafona assistia à cena. <sup>273</sup>Sentado à sombra da nogueira molar, e perto da possa onde vinham beber, esperava as rolas. E lá em baixo, na veiga, o seu olhar cansado ia acompanhando a comédia. <sup>274</sup>A cachopa, de molho à cabeça, a passar na Silveirinha; o rapaz a deixar a rabiça na lavrada e a sair-lhe ao caminho; e o esqueleto do Travassos, abelhudo e ciumento, a correr a avisar as famílias.

Via e ficava a malucar naquilo, no contra-senso de tudo e de todos. Pois não seria melhor, mais justo, mais <sup>275</sup>humano, deixá-los juntarem-se livremente à lei da natureza? Contudo, daí a nada, a rapariga ia a toque de caixa pelo Teixo abaixo, e o rapaz retomava o arado a ouvir berros do pai.

- Uma pouca vergonha... - <sup>276</sup>recomeçava a Catarina à noite, depois do caldo.

- O quê?

- <sup>277</sup>O que há-de ser? A Matilde e o Avelino... Se não é o Travassos...

Calou-se como <sup>278</sup>de costume. Decididamente, cada vez entendia menos tal mundo.

---

<sup>270</sup> os pais] FED; a mãe dela e o pai dele] CBA.

<sup>271</sup> todo lá da mãe] FED; protegido pelo pai] CBA.

<sup>272</sup> infelizmente [...] assistiu à cena] FE; não de tão longe [...] assistiu à cena] DC; não de tão longe [...] via aquilo] BA.

<sup>273</sup> Sentado à sombra da nogueira] FE; Sentado na sua pedra, á sombra da nogueira] DCBA.

<sup>274</sup> A cachopa, de molho à cabeça [...] a correr a avistar as famílias] FE; A cachopa, de molho à cabeça [...] a correr a casa a avisar os pais] D; A rapariga, de molho à cabeça [...] a correr a casa a avisar os pais] CBA.

<sup>275</sup> humano [...] à lei da natureza] FEDC; natural [...] como o corpo lhes pedia] BA.

<sup>276</sup> recomeçava] FED; começou] CBA.

<sup>277</sup> O que há-de ser] FED; Excerto inexistente] CBA.

<sup>278</sup> de costume] FEDCB; das outras vezes] A.

Mas as pernas atraíam-no <sup>279</sup>miseravelmente, e, embora quisesse fugir para muito longe, tinha de se resignar às leis da idade e caçar de emboscada coelhos pacatos na vinha velha do prior.

Era um Setembro puro. Videiras que pareciam cedros e cachos com bagos como bugalhos. Manco, o Tafona foi-se arrastando e ainda a tarde vinha a cair além-Doiro já ele estava no seu posto, sentado, <sup>280</sup>imóvel e silencioso, com a arma engatilhada sobre a coxa.

Como <sup>281</sup>habitualmente, quase nem respirava. Por muito inocentes que fosses os láparos, farejavam ruído a cem léguas. E o Tafona, conhecedor daqueles ouvidos, apertava <sup>282</sup>os pulmões.

A espera <sup>283</sup>nunca lhe dava inteira paz de espírito. Forçava-o a <sup>284</sup>uma espécie de compromisso com a parte traiçoeira da vida, estremando os campos do agredido e do agressor. Entre ele e o bicho não havia, daquela maneira, um verdadeiro encontro, um embate de <sup>285</sup>forças. <sup>286</sup>Tudo se passava sem alegria e sem eco, choque abafado, como o de uma pinha aberta a cair no musgo.

<sup>287</sup>Subitamente começou a sentir sons indistintos. Prestou atenção. Passos. Passos de gente, e grande.

---

<sup>279</sup> miseravelmente [...] caçar de emboscada coelhos pacatos] FE; miseravelmente [...] de esperar por um coelhito pacato] DC; hora a hora [...] a esperar por um coelhito pacato] BA.

<sup>280</sup> imóvel e silencioso] FEDC; calado] BA.

<sup>281</sup> habitualmente] FEDCB; de costume] A.

<sup>282</sup> os pulmões] FED; o nariz] CBA.

<sup>283</sup> nunca lhe dava inteira paz de espírito] FE; era de todas as formas de caçar a única que lhe trazia uma certa inquietação] DCBA.

<sup>284</sup> uma espécie de compromisso [...] campos de agredido e do agressor] FE; uma espécie de compromisso [...] encontrava paz o seu instinto] D; uma simpatia branca [...] penetração do seu instinto] CBA.

<sup>285</sup> forças] FE; força] DCBA.

<sup>286</sup> Tudo se passava sem alegria e sem eco, choque abafado] FEDC; Era um choque sem alegria e sem som] BA.

<sup>287</sup> Subitamente começou a sentir [...] Passos de gente] FEDC; Os seus ouvidos despertados [...] Eram de gente] BA;



- Bolas! – disse, sem abrir a boca.

De facto, <sup>288</sup>perdera o tempo. Para que tudo retomasse a quietude inicial e os coelhos se resolvessem a vir <sup>289</sup>gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.

Os passos eram da Matilde, sorrateira, a saltar um bardo e a sumir-se na vinha.

- É boa!... – murmurou outra vez <sup>290</sup>intimamente, agora noutro tom.

Mas ainda <sup>291</sup>o seu espanto não acabar, já o Avelino, do lado do monte, lépido, deslisava para o meio da ramagem.

Riu-se. Desta vez riu-se com a sua mansidão habitual, sem barulho, <sup>292</sup>enternecidamente, como se estivesse nos velhos tempos e visse no azul do céu dois pintassilgos a voar para o mesmo ninho.

Infelizmente, <sup>293</sup>os namorados a desaparecerem, e sobre eles, de nariz no rasto, numa perseguição de rafeiro, o Travassos que, por acaso, caminhava direito à arma do caçador.

O Tafona nem teve tempo de pensar. <sup>294</sup>Parou a respiração e encolheu-se quanto pôde atrás do esconderijo.

<sup>295</sup>O abelhudo vinha apressado e chegou a tiro.

---

<sup>288</sup> perdera o tempo] FEDC; era uma hora perdida] BA.

<sup>289</sup> gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz] FEDC; gozar o anoitecer, era preciso passar o tempo [...] morresse em tôdas as encostas] BA.

<sup>290</sup> intimamente, agora noutro tom] FE; intimamente] D; sem abrir a boca, o Tafona] CBA.

<sup>291</sup> o seu espanto [...] para o meio da ramagem] FED; a sua admiração [...] para o meio da ramagem o Avelino] CBA.

<sup>292</sup> enternecidamente] FED; sozinho] CBA.

<sup>293</sup> os namorados [...] numa perseguição de rafeiro] FED; porém, os namorados [...] como um rafeiro] CBA.

<sup>294</sup> Parou a respiração [...] atrás do esconderijo] FED; Calou-se mais calado [...] por detrás da urgueira] C; Apenas pôde calar-se mais calado do que estava [...] por detrás da urgueira] BA.

<sup>295</sup> O abelhudo] FEDC; O outro] BA.

- <sup>296</sup>Alto lá! – ordenou-lhe então, sereno, mostrando o corpo.  
O Travassos estacou, <sup>297</sup>apalermado. Por fim <sup>298</sup>viu quem era e falou-lhe:  
- <sup>299</sup>Sou eu, ó ti Zé!  
- <sup>300</sup>Bem sei. Mas não te mexas.  
- O Travassos, ti Tafona. Deixe-me ir salvar <sup>301</sup>a infeliz!  
<sup>302</sup>A tremer e de olhos esgazeados, o zeloso coscuvilheiro não conseguia perceber.  
Mas o Tafona tinha-lhe friamente a espingarda endireitada ao peito, e ninguém da aldeia  
confiava na alma solitária do caçador.  
<sup>303</sup>- Alto, e nem tugar nem mugir! Aquelas coisas querem-se na paz do Senhor...

---

<sup>296</sup> Alto lá! – ordenou-lhe então, sereno] FE; Alto lá! – ordenou-lhe então o velho, sereno] D; Alto! – disse-lhe então o caçador, sereno] CBA.

<sup>297</sup> apalermado] FED; espantado] CBA.

<sup>298</sup> viu quem era] FED; reconheceu o Tafona] CBA.

<sup>299</sup> Sou eu, ó ti Zé!] FED; Sou eu ó ti Zé, sou eu] CBA.

<sup>300</sup> Bem sei. Mas não te mexas] FED; Alto!] CBA.

<sup>301</sup> a infeliz] FED; aquela desgraçada] CBA.

<sup>302</sup> A tremer e de olhos esgazeados, o zeloso não conseguia perceber] FED; O Travassos, a tremer e de olhos esgazeados não percebia aquilo] CBA.

<sup>303</sup> Alto, e nem tugar nem mugir! Aquelas coisas querem-se na paz do Senhor] FED; Excerto inexistente] CBA.

## O LEPROSO

Foi no Doiro, numa cava. Ao meio-dia, a Margarida veio trazer o jantar, e embora a sardinha salgada e o caldo de gravanços tirassem a coragem ao mais pintado, a cara da rapariga desanuviava os horizontes.

Era nova, sadia, alegre e de resposta sempre na ponta da língua. Por isso sabia bem dar-lhe um apertão, passar-lhe <sup>304</sup>sornamente o braço pela cintura, e ouvir-lhe depois os protestos vivos e desembaraçados.

- Ó seu alma do diabo, você cuida que isto é comida de cães?

Todo o eito se ria, a moça continuava a distribuir tigelas, e a fome, <sup>305</sup>a fadiga, a injustiça, e as demais inclemências da natureza e dos homens, ficavam esquecidas por um momento.

- Toma lá tu, meu pinga-amor!

Era a vez do Julião, e o rapaz, que de facto olhava a Margarida com olhos de carneiro mal morto, não resistiu à tentação de lhe tocar no seio com as costas da mão.

- Ó meu leproso dos infernos! Olha que eu atiro-te o cesto ao focinho!

Houve um largo riso de galhofa, mas houve também um estalo na consciência do Julião. Leproso!

A sua íntima inquietação, a sua <sup>306</sup>desconfiança contínua e já velha, ouviam pela primeira vez uma resposta, trágica como uma sentença de condenação: leproso!

Havia muito que qualquer coisa em si medrava como o <sup>307</sup>fungo das espigas verdes. Cresciam-lhe na cara gomos de carne dura, insensível e vermelha. <sup>308</sup>Desconhecia, porém, a gravidade do mal, e ninguém, até ali, tivera a crueldade de lho nomear.

---

<sup>304</sup> sornamente] FEDC; rapidamente] BA.

<sup>305</sup> a injustiça] FE; o cansaço] DCBA.

<sup>306</sup> desconfiança] FEDC; pergunta] BA.

<sup>307</sup> fungo nas espigas verdes] FEC; morrão nas espigas verdes] D; morrão nas espigas por amadurar] BA.

<sup>308</sup> Desconhecia, porém [...] crueldade de lho nomear] FEC; Mas nem sabia o que era aquilo [...] exato do seu mal] D; Mas nem sabia êle o que era aquilo [...] exato do seu mal] BA.

<sup>309</sup>Amofinado de angústia, estudava ao espelho, com minúcias de investigador, as subtis modificações de expressão, a transfiguração progressiva do rosto, mas o chamadoiro da sua desgraça era um mistério. E o que o coração temia sem saber, o que <sup>310</sup>a razão não descobrira claramente, estava ali irreparável e cruel: leproso!

Calou-se, <sup>311</sup>engoliu a custo duas garfadas, foi pôr a malga quase intacta no cesto, e sentou-se a uma sombra, a bater estupidamente com um pedaço de pedra no moirão da ramada.

- Ó Julião, tu parece que não esperavas pela resposta? – <sup>312</sup>gracejou um companheiro.

- Não...

Eram todos amigos, daquela amizade possível entre gente rude e sacrificada, sem licença para <sup>313</sup>aventuras intensas do coração e do entendimento. Escravos de uma terra hostil e de uma sociedade hostil, simples e toscos instrumentos de produção nas mãos injustas da vida, como poderiam eles descer à grande fundura dos sentimentos limados e gratuitos? Gostavam dele como de um <sup>314</sup>camarada de suor, prontos evidentemente a abandoná-lo se lhes disputasse a bica de água ou a sombra do descanso.

- Não faças caso, homem!

Mas também eles tinham ouvido <sup>315</sup>a palavra reveladora, e também eles acordavam para uma compreensão exacta do seu significado. E ao despegar, à noite, havia já em todos

---

<sup>309</sup> Amofinado de angústia estudava ao espelho [...] a transfiguração progressiva do rosto] FE; Amofinado de angústia estudava no espelho [...] a transfiguração progressiva do rosto] DC; Uma angústia de morte amofinava-o [...] a cara despelada e diferente dia a dia] BA.

<sup>310</sup> a razão não descobrira claramente] FEDC; o que a razão não descobrira mas suspeitava] BA.

<sup>311</sup> engoliu a custo duas garfadas] FEC; meteu com custo duas garfadas à boca] DBA.

<sup>312</sup> gracejou] FEC; disse] DBA.

<sup>313</sup> aventuras intensas] FEC; para coisas] DBA.

<sup>314</sup> camarada] FEC; companheiro] DBA.

<sup>315</sup> a palavra reveladora [...] do seu significado] FEC; a palavra reveladora [...] do significado dela] D; a palavra cruel [...] do significado dela] BA.

um sentimento de cautela, de resguardo, que insensivelmente os ia afastando dele como de <sup>316</sup>coisa imunda e contagiosa.

- Hoje na cava, à hora do almoço, a Margarida chamou leproso ao Julião. E, se calhar, <sup>317</sup>aqueles nascidos na cara...

<sup>318</sup>Diziam isto ao lume, na paz da cepa a arder e da candeia de azeite a bruxulear. Mas as palavras traziam dentro <sup>319</sup>uma tal guerra, um tão grande poder de expansão e de voo, que no dia seguinte, pela boca da mulher do Carriço, corriam a aldeia de lés a lés.

- Leproso?! Santíssimo Sacramento! E a gente a comer com ele do mesmo prato!

Era um toque a rebate de cima a baixo, uma instintiva solidariedade de defesa da tribo.

- Jesus, Maria! Lepra!

E abruptamente, <sup>320</sup>da noite para o dia, o Julião encontrou-se só, danado, excomungado, olhado como um inimigo repelente.

- Então vossemecê não precisa de gente para a malhada?

- Não. Já tenho.

- E de um homem que lhe <sup>321</sup>roce mato?

- Também não. Este ano remedeio-me assim.

Batiam-lhe com a porta na cara, sem piedade, cruel e friamente.

- Tu chega-te para lá! – gritou-lhe o <sup>322</sup>Travassos, em plena feira, quando ele se aproximava de uma saca de pão.

Ainda lhe passou pelos olhos <sup>323</sup>um relâmpago de sangue.

---

<sup>316</sup> coisa imunda e contagiosa] FEDC; um mal danado que se pega] BA.

<sup>317</sup> aqueles nascidos na] FEDC; aquelas coisas da] BA.

<sup>318</sup> Diziam isto] FEC; Isto era dito] DBA.

<sup>319</sup> uma tal guerra] FEC; tal guerra dentro] D; tal guerra dentro de si] BA.

<sup>320</sup> da noite para o dia] FEC; da noite para a manhã] DBA.

<sup>321</sup> roce mato] FEC; corte estrume] DBA.

<sup>322</sup> o Travassos em plena feira] FEDC; mesmo na feira o Travassos] BA.

<sup>323</sup> um relâmpago de sangue] FE; uma onda vermelha] DCBA.

<sup>324</sup>Mas acabou por reconhecer que, desgraçadamente, o outro tinha razão. O seu mal pegava-se e era a praga mais negra que se podia rogar a alguém. <sup>325</sup>E, em vez de reagir, começou a miná-lo uma tristeza resignada, apática e cheia de perdão. Ou da fraqueza que sentia, ou da doença, ou <sup>326</sup>a malucar na sorte, passava os dias deitado ao sol, numa aceitação mansa da condenação.

- Então tu ficas assim, não dás um passo para te tratar?

Foi um velho, o Januário, que teve a humanidade destas palavras. Talvez porque a vida já lhe pesava pouco <sup>327</sup>e começava a ver o destino de cada alma a uma luz transcendente, rompeu a muralha de nojo, que a povoação construía à volta do infeliz, e chegou-se a ele com este bálsamo.

- Vai ao médico, homem! Pode nem ser o que dizem... E, se for, trata-te. Hoje cura-se muita coisa. Dás entrada num hospital...

O Julião <sup>328</sup>ouvia-o como se as palavras que dizia tivessem um som doirado e viessem de mundos só de paz e de amor. <sup>329</sup>Há muito que se esquecera da antiga e natural voz humana, quente e aproximadora. Só se lembrava do gume das últimas ofensas, <sup>330</sup>do círculo do rumor hostil que o rodeava.

- Ó ti Januário, bem haja! Bem haja!

O outro partiu, e ele ficou a relembrar a doçura <sup>331</sup>do conselho, a encostar todas as chagas da suavidade daquela ternura.

---

<sup>324</sup> Mas acabou] FE; Mas desgraçadamente acabou] DCBA.

<sup>325</sup> E, em vez de reagir, começou] FEC; Começou então] DBA.

<sup>326</sup> a malucar na sorte [...] da condenação] FE; lá do quer que fosse [...] da sua sorte] DCBA.

<sup>327</sup> e começava a ver o destino[...] à volta do infeliz] FEC; e via as coisas de outro mundo [...] à volta do Julião] DBA.

<sup>328</sup> ouvia-o como se as palavras que dizia] FE; ouvia estas palavras] DCBA.

<sup>329</sup> Há muito que se esquecera da] FEC; Os seus ouvidos tinham esquecido já] DBA.

<sup>330</sup> do círculo de rumor hostil que o rodeava] FEDC; que lhe ferira a alma como um espêto] BA.

<sup>331</sup> do conselho] FEC; do que ouvira] DBA.

- E é que vou mesmo! – <sup>332</sup>disse por fim com decisão, como se quebrasse corajosamente invisíveis amarras que o prendessem.

Estava fraco e maltrapilho. <sup>333</sup>Mas, com as fracas forças e a fraca roupa, lá se arrastou a Sanfins e bateu à porta do doutor, que o atendeu da janela.

- Queria consultar vossa senhoria...

- Muito bem, <sup>334</sup>desço já.

<sup>335</sup>Antes mesmo de se queixar, leu a sentença nos olhos arregalados e perscrutadores do médico.

- Onde é você?

- De Loivos.

- É curioso que nunca vi lá casos <sup>336</sup>destes... <sup>337</sup>Há quanto tempo isto lhe apareceu?

- Sempre é <sup>338</sup>lepra?

O médico olhou-o, coçou a cabeça, pôs-se a mexer nos papéis da mesa, e acabou por dizer a triste verdade.

- Pois é, é... Infelizmente, é.

Nem falaram, <sup>339</sup>de remédios, nem de hospital, nem de nada. Despediram-se o mais tristemente possível, sem o <sup>340</sup>doente perguntar quanto devia e sem o médico indicar o que

---

<sup>332</sup> disse por fim com decisão [...] amarras que o prendessem] FEC; disse por fim [...] cadeia que o prendia se tivesse quebrado] DBA.

<sup>333</sup> Mas, com as fracas [...] atendeu da janela] FE; Mas assim mesmo [...] da janela] C; Mas assim mesmo [...] à porta do Doutor] DBA.

<sup>334</sup> desço já!] FEC; já aí vou!] DBA.

<sup>335</sup> Antes mesmo de se queixar [...] perscrutadores do médico] FEDC; Mas nos olhos arregalados [...] a confirmação da sua desgraça] BA.

<sup>336</sup> destes...] FEC; destes... É curioso] DBA.

<sup>337</sup> Há quanto tempo isto lhe apareceu?] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>338</sup> lepra?] FE; lepra, senhor Doutor?] DCBA.

<sup>339</sup> de remédios, nem de hospital] FE; dos remédios, nem do hospital] DCBA.

<sup>340</sup> doente] FEC; Julião] DBA.

era conveniente fazer. Ambos se resignavam sem luta àquela fatalidade monstruosa. O doutor ficava com <sup>341</sup>o nome miraculoso e com a sabedoria inútil; o gafado ia mostrar ao mundo, de mão estendida, a sua repugnante desgraça.

Propriamente em Loivos davam-lhe pouco. O facto de ser da terra, um testemunho, portanto, de que nela cresciam tão negros males, e um sentimento estranho de defesa irracional <sup>342</sup>impediam-nos de qualquer acto generoso para com ele. Mas os povos em volta, precisamente por razões opostas, <sup>343</sup>recebiam-no caridosamente, solidários com um dor que não lhes envergonhava o berço e os comovia apenas durante os segundos de um padre-nosso.

Uma estranha mudança se operava entretanto na alma de Julião. À medida que o tempo passava e que <sup>344</sup>a doença se tornava mais evidente, nascia-lhe um maior apego à vida. E também, com o andar dos <sup>345</sup>tempos, uma raiva funda a Loivos que lhe crescia no peito. À primeira aceitação pacífica e humilde da reacção desumana do povo, sucedera-se uma consciência clara e pungente <sup>346</sup>de aviltamente injusto. <sup>347</sup>Não tinha culpa de semelhante miséria. Uma fatalidade superior a todas as forças escolhera-o para vítima indefesa. E os amigos, os vizinhos, a gente com quem nascera, brincara, mourejara de manhã à noite, <sup>348</sup>corriam-no do afecto e das portas como um cão danado!

Ódio. Ódio era o que lhe pedia hora a hora o coração, outrora limpo e generoso, <sup>349</sup>e agora a empurrar um sangue podre e abjecto. E entre este rancor aos que no passado amara,

---

<sup>341</sup> o nome miraculoso [...] repugnante desgraça] FE; o seu nome [...] repugnante desgraça] C; o seu nome [...] com a mão estendida] DBA.

<sup>342</sup> impediam-nos] FE; impedia-os] DCBA.

<sup>343</sup> recebiam-no caridosamente] FE; acudiam curiosamente] DCBA.

<sup>344</sup> a doença] FEDC; o seu mal] BA.

<sup>345</sup> tempos] FEDC; dias] BA.

<sup>346</sup> de aviltamente] FE; de aviltamento] DCB; do aviltamento] A.

<sup>347</sup> Não tinha culpa de semelhante] FEC; Não partira do seu querer tamanha] DBA.

<sup>348</sup> corriam-no do afeto e das portas] FE; corria-o do seu afecto e da sua porta] C; corria-o do seu coração e da sua porta] DBA.

<sup>349</sup> e agora] FEDC; e hoje] BA.



<sup>350</sup>e a procura contínua de qualquer remédio impossível que o livrasse da pesada, passava tempo.

- Você já experimentou azeite? – perguntou-lhe um dia em S. Cibrão uma velhota. – Dizem que é como quem dá um talhadoiro. <sup>351</sup>Tem é de se tomar um banho nele.

<sup>352</sup>A economia de pedinte que o Julião organizara metodicamente permitira-lhe já ensaiar mil mezinhas, um ror de drogas, e consultar até a santa de Nogueiredo. <sup>353</sup>Melhoras nenhuma, infelizmente. Mas, quanto mais a <sup>354</sup>via fugir, mais amava a vida. Caíra-lhe <sup>355</sup>ainda à pouco o polegar direito, a cara, inchada, nodulosa e deformada, dava-lhe um estranho e horrível ar de bicho, não sentia pedaços inteiros do corpo. Amava, contudo, o mundo e queria continuar seu filho. Do fundo do poço onde dia a dia iam ficando enterrados, os seus olhos cada vez gostavam mais de ver a clara nitidez do sol.

- <sup>356</sup>E que azeite é? – perguntou, com a sofreguidão que punha sempre em cada esperança nova.

- Azeite natural, <sup>357</sup>da comida. Azeite.

---

<sup>350</sup> e a procura contínua [...] passava o tempo] FE; e a procura contínua [...] passava a vida] C; uma busca contínua [...] passava a vida] DBA.

<sup>351</sup> Tem é de se tomar] FEC; O que tem é de se tomar] D; Mas tem de tomar] BA.

<sup>352</sup> A economia de pedinte [...] de Nogueiredo] FE; O Julião tinha agora uma economia [...] do Nogueiredo] DCBA.

<sup>353</sup> Melhoras, nenhuma] FE; Nada] DCBA.

<sup>354</sup> via a fugir] FEC; a perdia] DBA.

<sup>355</sup> ainda há pouco o polegar direito [...] inteiros do corpo. Amava] FE; já o primeiro dedo da mão [...] inteiros do corpo, mas amava] DCBA.

<sup>356</sup> E que azeite é? [...] cada] FEDC; Mas que azeite é? [...] uma] BA.

<sup>357</sup> da comida. Azeite] FE; da comida. Azeite. É preciso bastante] D; da comida. Azeite. Mas é preciso bastante] C; Azeite natural, da comida. Azeite. Mas há-de tomar banho nele] BA.

A colheita no ano <sup>358</sup>fora escassa e a região de Loivos não era rica em olivais. O Julião, porém, com manha, lamúrias e algum dinheiro, lá conseguiu que em Paradela lhe cedessem um cântaro dele. <sup>359</sup>E já na semana seguinte pôde usar a receita.

Foi em plena serra e no tanque da fonte da Senhora da Agonia que fez a aplicação. Esvaziou o depósito de pedra, tapou-o, deitou-lhe dentro o <sup>360</sup>líquido milagroso, e despiu-se, seguro que ninguém o surpreenderia, porque escolhera a hora da sesta e a capela ficava num ermo. Só ele e a santa podiam olhar aquele monte de carne a apodrecer, a despegar-se, e ao mesmo tempo a dar uma impressão grotesca de renovo, numa proliferação desconforme.

Do mocetão que fora há pouco tempo ainda, restava agora um trambolho, engelhado ali, balofo <sup>361</sup>adiante, comido de mal da raiz à ponta. Os pés eram patorras informes, onde não se viam unhas nem veias; as pernas, ulceradas, pareciam <sup>362</sup>pinheiros cascalhudos, sangrados sem piedade; no peito, medravam a esmo caroços, sôfregos como cogumelos nem toco carunchoso. <sup>363</sup>Mas no rosto é que os estragos da devastação se mostravam mais cruéis. Dir-se-ia que lhe tinham colado à cara natural bocados toscos de barro vermelho, numa tentação demoníaca de criatura impiedosa. Nenhuma imaginação humana, por mais rica e ruim, seria capaz de deformar tanto <sup>364</sup>a fisionomia dum ser.

Mas ainda assim o Julião teve fé. Olhou-se compassivamente, deixou que duas lágrimas rolassem vagarosamente dos olhos inflamados por sobre os tortulhões dos maldres, <sup>365</sup>e meteu-se dentro da pia.

---

<sup>358</sup> fora escassa] FEC; não tinha sido de espantar] DBA.

<sup>359</sup> E já na semana seguinte pôde usar a receita [...] fez a aplicação] FEC; Foi no dia seguinte, em plena serra e na pia [...] que se banhou] DBA.

<sup>360</sup> líquido milagroso [...] o surpreenderia] FE; líquido milagroso [...]o podia ver] C; o azeite [...] o podia ver] DBA.

<sup>361</sup> adiante] FEDC; além] BA.

<sup>362</sup> pinheiros cascalhudos [...] num toco carunchoso] FEC; pinheiros cascalhudos [...] cogumelos numa podridão] D; cascalhudos pinheiros [...] cogumelos numa podridão] BA.

<sup>363</sup> Mas no] FEC; Mas era no] DBA.

<sup>364</sup> a fisionomia dum] FEC; um rosto e um] DBA.

<sup>365</sup> e meteu-se dentro da] FEC; e subiu para a] DBA.

O azeite fino de Paradela brilhava ao sol como um loiro e delido mel. E o corpo podre, daí a nada, coberto dele, <sup>366</sup>era uma estranha fonte, a deixar escorrer em cascatas fios leves e ligeiros, que a luz tornava quase irreais.

<sup>367</sup>Infelizmente, as chagas e os bubões da lepra foram insensíveis ao banho purificador. E o Julião, depois <sup>368</sup>de alguns dias de esperança, incerteza e desilusão, esqueceu-se de si e da sua tragédia, para começar a pensar noutra coisa: reaver os cinquenta mil réis que dera pelo remédio enganador.

Na mesma vasilha onde o trouxera de Paradela, aí o tinha ele, um pouco minguado, é certo, mas transparente e perfumado. Quem seria capaz de lho comprar?

Pensou, pensou, e o ódio cada vez mais vivo que tinha a Loivos mostrou-lhe a solução do caso. O Nunes, pois quem havia de ser?

Pela calada da noite, meteu-se a caminho. E quando o dia rompia fresco e limpo, estava ele à porta do vendeiro a oferecer a mercadoria.

- Não compro coisas roubadas – disse o Nunes, com a alma de traficante a fazer contas ao lucro.

- À salvação que não é roubado! Foram-me dando umas pingas, juntei-as, e agora vendo-o por inteiro. Há-de faltar pouco para um cântaro.

- Ora deixa lá ver...

- É do fino, que lho digo eu...

- É de azeitonas, olha a riqueza! E não chega <sup>369</sup>à medida... Se queres trinta mil réis... E é se me garantas...

- Então se eu fosse roubar, não roubaria o cântaro inteiro? Valha-o Deus!...

Os trinta escudos entraram no bolso sujo do Julião, o líquido sumiu-se na fundura de uma talha, e a vida continuou.

---

<sup>366</sup>era uma estranha fonte [...] deixar escorrer em cascata] FEDC; era uma estranha cascata [...] deixar escorrer de si] BA.

<sup>367</sup> Infelizmente] FEC; Infelizmente, porém] DBA.

<sup>368</sup>de alguns dias] FEC; dos dias] DBA.

<sup>369</sup> à medida [...] E é se me garantas] FEC; ao cântaro [...] Que ele é capaz de ser roubado] DBA.

Mas depois de o azeito consumido no caldo verde que Loivos comeu nessa semana, sem se saber de onde vinha nem de quem, uma notícia aterradora começou a correr de boca em boca:

- O Julião tomou banho num almude de azeite e vendeu-o depois ao Nunes...
- Ó mulher, nem a rir me digas isso!
- É verdade!

Ficavam como <sup>370</sup>petrificados, invadidos de nojo, agoniados, a deitar contas à última almotolia que tinham comprado. E no fim, quando a dura certeza se lhes impunha, queriam arrancar o estômago, <sup>371</sup>as entranhas, purificar-se da peçonha, vomitar no mesmo instante a lepra de que já se sentiam contaminados.

- Excomungado seja ele nas profundas dos infernos! Que nem os ossos lhe tenham descanso na sepultura! Que nem a terra o coma!

Eram pragas desmedidas, impotentes, saídas de todas as boas e de todos os corações. Ninguém se lembrava de fazer um exame de consciência a ver se alguma razão poderia atenuar as culpas do desgraçado. Cegamente e instintivamente, atiravam-lhe as piores pedradas que podiam, somente a espumar e a ranger os dentes.

Passada essa hora de pânico, começou a devassa cautelosa ao número exacto de consumidores do veneno. Prudente, a terra queria saber <sup>372</sup>ao certo quem era puro ou impuro.

Para agradar <sup>373</sup>aos mais poderosos, que melhor o podiam defender da ira dos outros, o Nunes ia revelando à boca pequena o nome de alguns fregueses a quem vendera da negregada mixórdia. E cada denúncia <sup>374</sup>aumentava o monturo intangível dos condenados.

---

<sup>370</sup> petrificados] FEC; petrificados no mesmo sítio] DBA.

<sup>371</sup> as entranhas, purificar-se da peçonha [...] sentiam contaminados] FEC; purificar-se daquela peçonha [...] sentiam no sague] DBA.

<sup>372</sup> ao certo] FEDC; exatamente] BA.

<sup>373</sup> aos mais poderosos [...] negregada mixórdia] FEC; ao mais poderosos [...] renegado azeite] D; aos limpos [...] renegado azeite] BA.

<sup>374</sup> aumentava o monturo intangível] FEDC; arrumava mais um para o monturo intangível] BA.

<sup>375</sup>Até que ao fim de pouco tempo contavam-se pelos dedos as exceções. Ou porque o Nunes mentia, ou porque os sujos queriam conspurcar os limpos, ou porque é uma natural tendência dos homens <sup>376</sup>baralhar o jogo, e morra Sansão e quantos aqui estão, segue-se que em breve já não se sabia verdadeiramente quem em Loivos estava maculado ou não. E o recurso era vigiarem-se <sup>377</sup>mutuamente, e cada qual a si mesmo, calados, sorrateiros e apavorados. Esperavam todos pelo brotar da semente maldita que a mão excomungada semeara neles.

Mas como ninguém, ao fim de um <sup>378</sup>espaço que lhes pareceu de pesadelo, apareceu com sinais do mal, e com as sachas, as regas, as malhadas e as romarias podiam mais do que uns simples litros de óleo engolidos e digeridos, a luz do caso começou a apagar-se.

Estava contudo cada vez mais aceso o rancor ao Julião. Ao labéu infamante do seu mal nado e criado no povo, juntara-se o pecado mortal do atentado contra a existência de cada um. E a terra inteira, irredutivelmente, determinou que aquele filho vil nunca mais lhe pisasse o chão.

Cada vez mais repugnante, o leproso continuava a esmolar pelas redondezas. Depois das crianças, eram agora os adultos que lhe fugiam horrorizados. E a esmola vinha-lhe na ponta dos dedos, ou caía das varandas na copa furada do chapéu. Mas insistia em viver, agradado dos montes, da neve, das árvores, da vida afinal. A consciência do que fizera àqueles que por ser infeliz o renegaram, arredava-o, temeroso, dos termos do <sup>379</sup>lugar nativo. Olhava de longe a povoação e, embora odiasse os homens, sentia uma ternura singular <sup>380</sup>pelos pardieiros onde o tempo pusera uma beleza que não encontrava em mais parte nenhuma. Fugia contudo dela como de uma perdição.

---

<sup>375</sup> Até que ao fim de pouco tempo contavam-se [...] pelos dedos as exceções] FE; Até que ao fim de pouco tempo se contavam [...] pelos dedos as exceções] C; Ao fim de pouco tempo [...] a dedo as exceções] D; Ao fim de algum tempo [...] a dedo as exceções] BA.

<sup>376</sup> baralhar o jogo [...] maculado] F; baralhar o jogo [...] contaminado] EC; medir tudo pela mesma rasa [...] poluído] DBA.

<sup>377</sup> mutuamente] FEDC; uns aos outros] BA.

<sup>378</sup> espaço] FEDCB; tempo] A.

<sup>379</sup> lugar nativo] FE; lugar onde nascera] D; lugar nativo] C; seu berço] BA.

<sup>380</sup> pelos pardieiros] FEC; pelas casas] DBA.

- De onde é você?

- De Loivos.

<sup>381</sup>E continuava a caminhar no sentido oposto das palavras.

Não estava velho ainda. Se o dedo do destino não lhe tivesse tocado, seria agora um homem no vigor <sup>382</sup>dos anos, cheio de Seiva madura e de serena esperança. Mas desmantelado <sup>383</sup>pela gangrena, putrefacto e repelente, via a morte aproximar-se dele minuto a minuto.

Foi num Agosto quente, seco, que sentiu a sombra da sua derradeira hora. E, por mandato de uma força imperiosa, começou a arrastar-se em direcção ao berço.

- Então vossemecê que tal vai? – perguntou-lhe no Fetal uma alma <sup>384</sup>compassiva.

A laringe roída mal podia falar. <sup>385</sup>Regougou:

- Malzinho. Na última.

E lá continuou a empurrar os cepos das pernas e a <sup>386</sup>cabeça medonha e pesada, de abóbora porqueira criada em terra de ruim amanhã.

Entrou na povoação depois da merenda, quando todos regavam. Só a Zulmira lavava roupa no tanque do largo. Mas a rapariga deu tal <sup>387</sup>grito ao vê-lo, chegou à veiga tão espavorida, que daí a nada, por toda a parte corria gente a acudir. <sup>388</sup>Largavam a água ao Deus dará, deixavam os milhos a estornicar ao sol, e galgavam paredes, saltavam valados, cegos atrás do nome do leproso.

---

<sup>381</sup> E continuava a caminhar no sentido oposto das palavras] FEC; E continuava a caminhar na direcção oposta às suas palavras] D; Mas caminhava sempre na direcção oposta às suas palavras] BA.

<sup>382</sup> dos anos [...] serena esperança] FE; da vida [...] serena esperança] C; da vida [...] serena força] DBA.

<sup>383</sup> pela gangrena [...] minuto a minuto] FEC; por aquela gangrena [...] minuto a minuto] C; por aquela gangrena [...] ao fim dos seus dias] BA.

<sup>384</sup> compassiva] FE; caridosa] DCBA.

<sup>385</sup> Regougou: - Malzinho. Na última] FEC; Regougou: - Malzinho. Muito malzinho] D; Mas regougou: - Malzinho. Muito Malzinho] BA.

<sup>386</sup> cabeça medonha e pesada[...] ruim amanhã] FEC; cabeça medonha de abóbora [...] mal gradeada] DBA.

<sup>387</sup> grito ao vê-lo [...] gente a acudir] FEC; tal grito [...] direcção ao perigo] DBA.

<sup>388</sup> Largavam a água ao Deus dará] FEC; Largava a água preciosa] DBA.

O Julião, entretanto, tivera a noção do perigo em que se metera. E, embora viesse ao encontro da sepultura, por um instinto rudimentar de conservação, virou de rumo e sumiu-se o mais depressa que pôde <sup>389</sup> nos matagais da Bouça.

- <sup>390</sup>Que direcção levava?

- Ia pela rua acima – gritava a cachopa, ainda a tremer.

<sup>391</sup>Farejavam desvairados pelos soutos, pelas vinhas, como quem procura um lobo culpado de mil crimes. Armados de forquilhas e de enxadas, batiam maciços, procuravam nas minas, <sup>392</sup> numa excitação raivosa de cães de caça.

- <sup>393</sup>Ele aí está! – denunciou por fim, triunfante, a Carvalhosa, que tinha sido companheiro do Julião nos dias longínquos do Doiro, e que havia comprado de certeza do azeite infernal.

- <sup>394</sup>Aonde?

- Ali!

Não se via vulto nenhum. <sup>395</sup> Apenas o mexer contínuo e linear das urgueiras pelo monte fora revelava a passagem por entre elas de alguém que caminhava lentamente.

- <sup>396</sup>Corram alguns pelo ribeiro e outros subam o barranco!... – gritou o Lúcio, que os comandava.

---

<sup>389</sup> nos matagais] FEC; no carqueijal] DBA.

<sup>390</sup> – Que direcção levava [...] gritava a cachopa ainda a tremer] FEC; – Foi por aqui! – Gritava um [...] Foi mas é por ali] DBA.

<sup>391</sup> Farejavam desvairados [...] pelas vinhas] FEDC; Corriam todos desvairados [...] pelos montes] BA.

<sup>392</sup> numa excitação raivosa de] FE; raivosos e excitados como] DCBA.

<sup>393</sup> Ele está aí] FEC; – Está ali!] DBA.

<sup>394</sup> Aonde?] FEC; Onde?] DBA.

<sup>395</sup> Apenas o mexer [...] pelo monte fora] FEC; Apenas o mexer [...] pelo monte acima] D; Mas um mexer [...] pelo monte acima] BA.

<sup>396</sup> Corram alguns pelo ribeiro [...] gritou o Lúcio, que os comandava] FEC; Corram alguns pelas barrocas [...] gritou o Lúcio] D; Corram alguns pelas barrocas [...] gritou o Pedro] B; Corram alguns pelas barrocas [...] gritou alguém] A.

- <sup>397</sup>É escusada esta trabalhadeira toda – disse então sinistramente o Ambrósio. – Liquida-se o caso de outra maneira. Quem tem fósforos?

- Eu – respondeu <sup>398</sup>o Alípio sem pensar.

- Dá cá.

Só então <sup>399</sup>compreenderam claramente a intenção do outro. Nos seus corações não estava o castigo tão definido. Mas nenhum quis <sup>400</sup>dar provas de fraqueza ou mostrar falta de zelo pelo bem de Loivos. <sup>401</sup>De resto, a primeira carqueja ardia já.

<sup>402</sup>E foi uma embriaguez de vingança e de animalidade. Uma vez que a fogueira se <sup>403</sup>erguera, todos a queriam atear mais, cegos de calor e de irresponsabilidade. <sup>404</sup>Os codessos desapareciam devorados pela boa das chamas, nuvens de fumo levantavam-se e abriam-se em clarões, e os homens uivavam, gritavam, praguejavam, possessos de crueldade.

- <sup>405</sup>Depressa! Acende ali!

---

<sup>397</sup> É escusada esta trabalhadeira [...] Liquida-se o caso] FEC; Qual o quê [...] Nós vamos mas é liquidar o caso] DBA.

<sup>398</sup> o Alípio sem pensar] FEC; sem pensar o Alípio] DBA.

<sup>399</sup> compreenderam claramente a intenção do outro] FEC; Só então compreenderam claramente o que o Ambrósio ia fazer] D; Só então compreenderam todos o que o Ambrósio ia fazer] BA.

<sup>400</sup> dar provas [...] ou mostrar falta] FEC; dar mostras [...] ou falta] DBA.

<sup>401</sup> De resto, a primeira carqueja ardia já] FEC; E a primeira carqueja começou a arder] DBA.

<sup>402</sup> E foi] FEDC; Foi então] BA.

<sup>403</sup> erguera] FEDC; ergueu] BA.

<sup>404</sup> Os codessos desapareciam devorados [...] praguejavam, possessos de crueldade] FE; Os codessos desapareciam como por [...] praguejavam como doidos possessos] C; Os codessos desapareciam como por [...] insultavam como doidos possessos] DBA.

<sup>405</sup> Depressa! Acende ali!] FEC; – Corre! Cerca!] DBA.



Atrás do Julião o rio de lume rolava como uma avalanche. E o leproso fugia àquele <sup>406</sup>castigo terrível com as forças que lhe restavam. A espetar o toco dos pés nos tojos arnais.

Com ramos secos acessos iam rodeando o monte de pequenas <sup>407</sup>labaredas, que começavam indecisas, fumarentas, e acabavam por se levantar fortes e devoradoras.

- Estás cercado! – exclamou por fim o Ambrósio, seguro do êxito, ao ver <sup>408</sup>a roda de <sup>408</sup>lume a apertar a encosta. – Pode correr e saltar que já não foge.

Alguém, na aldeia, sem ordem do prior, tocava os sinos a rebate. Um alarido de festa circundava o incêndio, <sup>409</sup>que até no céu refulgia abrasador.

- <sup>410</sup>Agora que encomende a alma a Deus...

<sup>411</sup>Exausto, sem uma aberta de esperança, sufocado, o Julião lutava sempre. Células <sup>412</sup>aparentemente mortas acordavam, os nervos destruídos pareciam sentir e reagir, e os olhos, quase cegos, abriam-se num esforço derradeiro para descortinarem o caminho da salvação. <sup>413</sup>O mar de labaredas, porém, era redondo. E quando a fogueira lhe apertou garrote, deixou-se finalmente cair.

<sup>414</sup>Apesar da palavra maldita que ouvira na mocidade, nunca esperara uma morte assim. Contudo, aceitava agora <sup>415</sup>em paz que ela viesse coroar uma luta tão dura e sem perdão.

---

<sup>406</sup> castigo terrível com as forças que lhe restavam] FE; castigo cruel com as forças que lhe restavam] C; castigo cruel como podia] DBA.

<sup>407</sup> labaredas] FEDC; fogueiras] BA.

<sup>408</sup> lume] FE; chamas] DCBA.

<sup>409</sup> que até no céu refulgia abrasador] FE; Um clarão abrasador refulgia no céu] DCBA.

<sup>410</sup> – Agora que encomende a alma a Deus] FEC; Está quase] DBA.

<sup>411</sup> Exausto, sem uma aberta de esperança] FEC; Esgotado, com fogo por todos os lados] BDA.

<sup>412</sup> aparentemente mortas] FEC; que estavam mortas] DBA.

<sup>413</sup> O mar de labaredas, porém, era redondo] FE; Mas era um mar de lume contra si] DC; Mas era um mar de chamas contra si] BA.

<sup>414</sup> Apesar da palavra maldita [...] nunca esperara uma] FE; Depois da palavra terrível [...] esperara tudo na vida menos] DCBA.

<sup>415</sup> em paz que ela viesse coroar] FEC; desde que se cobrira de uma luta] DBA.

- Pronto! – <sup>416</sup>gritou o Ambrósio, num remate que exprimia o alívio de todos. – Já está.

A derradeira ilha de mato <sup>417</sup>acabara de arder e a multidão correu insofrida sobre o chão ainda a fumegar.

Mas o corpo do Julião não estava inteiramente desfeito como desejavam. Era um grande e negro <sup>418</sup>tição, que dificilmente se distinguia do tronco de um sobreiro mal queimado.

---

<sup>416</sup> num remate que exprimia o alívio de todos] FEC; como se desse a todos um alívio] DBA.

<sup>417</sup> acabara de arder [...] chão ainda a fumegar] FEC; tinha sido devorada [...] multidão a correr] DBA.

<sup>418</sup> tição [...] sobreiro mal queimado] FEC; carvão [...] sobreiro mal queimado] D; carvão [...] sobreiro que tivesse ardido] BA.

## DESTINOS

Foram uns amores singulares, aqueles. No Junho, as cerdeiras punham por toda a veiga uma nota viva, fresca e sorridente. As praganas aloiravam, as cigarras zumbiam, as águas do regadio corriam docemente nas caleiras,<sup>419</sup> e dos verdes maciços de folhas leves e ondulantes, emoldurados no céu, espreitavam a primavera, curiosos, milhares de olhos túmidos e vermelhos. Era domingo. E ele subira por desfastio à velha bical dos Louvados a matar saudades do menino.

- Não dás um ramo, ó Coiso? – perguntou do caminho a rapariga.

- Dou, dou! Anda cá busca-lo.

Pela voz, pareceu-lhe logo a Natália. Mas só depois de arredar a cabeça de uma pernada é que se confirmou.

- <sup>420</sup>Não estás de caçada?

- Falo a sério!

Era bonita como só ela. Delgada, maneirinha, branca,<sup>421</sup> e de olhos esverdeados, fazia um homem mudar de cor.

- <sup>422</sup>Olha que aceito!

- E eu que estimo...

Tinha já no chapéu <sup>423</sup>algumas cerejas colhidas, reluzentes, a dizer comei-me.

- <sup>424</sup>Não teimes muito...

- Valha-me Deus!....

---

<sup>419</sup> e dos verdes maciços [...] túmidos e vermelhos] FEDC; emoldurados no céu [...] espreitar lá dentro] BA.

<sup>420</sup> – Não estás de caçada? – Falo a sério!] FEC; – Eras lá capaz disso! – A sério que dou!] DBA.

<sup>421</sup> e de olhos] FEDC; uns olhos] BA.

<sup>422</sup> – Olha que aceito – E eu que estimo] FEC; Não estás de caçada? – Valha-me Deus] DBA.

<sup>423</sup> algumas cerejas] FEC; uma mão delas] DBA.

<sup>424</sup> – Não teimes muito... - Valha-me Deus] FEC; – Olha que eu aceito! – E tu a dares-lhe] DBA.

<sup>425</sup>A rapariga atravessou então o valado, entrou na leira e chegou-se, risonha.

- Segura lá na abada...

<sup>426</sup>Encadearam os olhos um no outro, ela de avental aberto, ele de rosto afogueado, deram sinal, e a dádiva desceu, generosa e doce.

Vista lá de cima, a Natália <sup>427</sup>ainda cegava mais a gente. O queixo erguido dava-lhe um ar de criança grande; os seios, repuxados, pareciam <sup>428</sup>outeiros de virgindade; e o resto do corpo, fino, limpo, tinha uma pureza de coisa inteira e guardada.

- Terão bicho?

- Têm agora bicho! Ia-te mesmo dar cerejas com bicho!

Sem <sup>429</sup>querer, a resposta saíra-lhe expressiva demais. <sup>430</sup>O coração agitou-se um pouco, o instinto, acordado, estremeceu, e os olhos, culpados, fugiram-lhe do rosto da moça e fixaram-se sonhadoramente no céu.

- Bota cá mais meia dúzia. Já que comecei...

<sup>431</sup>À medida que se enfarruscava de sumo, a Natália ia-se tornando também num fruto que apetecia colher. <sup>432</sup>Mas recusou-se a vê-la com pensamentos desejosos e atrevidos.

- Segura lá esta pinhoca...

---

<sup>425</sup> A rapariga] FEC; Ela] DBA.

<sup>426</sup> Encadearam os olhos [...] deram sinal] FEDC; Puseram-se olhos com olhos [...] sinal um ao outro] BA.

<sup>427</sup> ainda cegava mais a gente] FEC; era ainda mais graciosa] DBA.

<sup>428</sup> outeiros de virgindade] FEC; mais rijos e mais castos] DBA.

<sup>429</sup> querer a resposta [...] expressiva] FEC; Sem ele querer [...] quente] DBA.

<sup>430</sup> O coração agitou-se [...] rosto da moça] FEC; O coração teve um pequeno [...] rosto dela] DBA.

<sup>431</sup> À medida que enfarruscava [...] apetecia colher] FE; Agora enfarruscada [...] ainda mais íntima] C; Agora enfarruscada [...] tinha um ar mais frágil] DBA.

<sup>432</sup> Mas recusou-se a vê-la] FEC; Mas nem assim ele a via] DBA.

Era um lindo ramo que fora buscar à coroa quase inacessível da árvore.<sup>433</sup> As cerejas, libertas da sombra protectora das folhas, tinham-se dado inteiramente ao sol, deixando-se amadurecer por igual, num abandono quente e ditoso.

- Que lindo!

- É para que saibas...

<sup>434</sup>Concentraram a atenção, um no outro, e de tal modo ficaram fascinados, que se ela não dá um grito de aviso, com a oferta vinha o doador também ao chão.

- <sup>435</sup>Cautela!

- Não há perigo.

No enlevo em que ficara, o desgraçado até se esqueceu do sítio onde estava.

- Queres mais?

- Não, bem hajas...

Pôs-se logo a descer, um pouco atarantado por lhe faltarem já as palavras que lhe havia de dizer cá na terra. <sup>436</sup>Ela é que entretanto se esculpira.

- Adeus!...

O namoro, contudo, tinha começado. Sem nunca falarem daquela tarde, sabiam ambos que se amavam e que fora a velha cerdeira bical <sup>437</sup>que lhes aproximara os corações. <sup>438</sup>Pena ele ser o que era: uma natureza tímida, incapaz de um acto rasgado e levado ao fim. Falavam <sup>439</sup>ao cair da tarde, quando a fresca do anoitecer aligeirava o cansaço das cavas, sem que ninguém reparasse, pois a povoação aceitara já aquela união como um facto natural e acertado – e o rapaz ainda no meio do caminho, atarantado e reticente.

---

<sup>433</sup> As cerejas, libertas [...] quente e ditoso] FE; As cerejas, libertas, [...] doce e ditoso] C; Os frutos fiados [...] sumarenta e ditosa] DBA.

<sup>434</sup> Concentraram a atenção [...] também ao chão] FE; Concentraram a atenção [...] donatário] C; Estava outra vez de olhos nos olhos [...] parar ao chão] DBA.

<sup>435</sup> – Cautela! [...] o desgraçado até] FEC; Naquele enlevo, até se esqueceu] D; Naquele enlêvo, tinha-se esquecido] BA.

<sup>436</sup> Ela é que entretanto se escapulira] FEDC; Mas, entretanto, ela escapulira-se] BA.

<sup>437</sup> que lhes aproximara os corações] FEC; que aproximara os seus corações] DBA.

<sup>438</sup> Pena ele ser [...] natureza tímida] FEC; Somente [...] particular] DBA.

<sup>439</sup> ao cair da noite [...] atarantado e reticente] FE; ao fechar do dia [...] indeciso e atarantado] DB; ao fechar da tarde [...] indeciso e atarantado] A.

-Que diz <sup>440</sup>vossemecê? – perguntava ele à mãe, à pobre Teodósia, que não via outra coisa na vida senão a felicidade do filho.

- <sup>441</sup>A mim agrada-me... É boa rapariga, é limpa, é jeitosa...

- Lá isso...

Dizia, e ficava-se calado, <sup>442</sup>indeciso entre o sonho e a realidade.

Era sempre a Natália a começar, como no dia das cerejas. <sup>443</sup>Por mais que fizesse, nunca ele se atreveria a dar o primeiro passo. Só quando a rapariga quebrava a distância <sup>444</sup>é que o coitado se abria num contentamento sem medida, tonto e novo como um cabrito. Mas nunca passava de coisas vagas e enternecidas. <sup>445</sup>As palavras concretas magoavam-lhe a boca.

- Ainda não lhe falaste em nada? – indagava a Teodósia, insofrida.

- Não. Mas amanhã...

- Ou quererás tu antes que eu lhe diga?...

- <sup>446</sup>Melhor fora! Valha-a Deus! Isso até era uma vergonha!

Lá conhecer os pontos de honra de um homem, conhecia-os ele. A coragem é que não chegava <sup>447</sup>à altura do entendimento.

Infelizmente, a vida não podia parar naquela lírica indecisão. Os meses passavam, as folhas caíam, e outros renovos vinham povoar a terra.

- O João Neca esperou-me ontem à entrada <sup>448</sup>do povo... - começou a Natália, à saída da missa.

---

<sup>440</sup> vossemecê?] FEC; a mãe?] DBA.

<sup>441</sup> – A mim agrada-me] FEC; Eu gosto dela] DBA.

<sup>442</sup> indeciso entre o sonho e a realidade] FEC; a sonhar de felicidade e de hesitação] DBA.

<sup>443</sup> Por mais que fizesse, nunca ele se atreveria a dar o] FEDC; O coração dêle, por mais que fizesse não se atrevia ao] BA.

<sup>444</sup> é que o coitado se abria] FEDC; é que se abria] BA.

<sup>445</sup> As palavras concretas magoavam-lhe a boca] FEC; O concreto afigurava-se-lhe um abismo sem ar] DBA.

<sup>446</sup> – Melhor fora! Valha-me Deus!] FEC; – Era melhor! Valha-a nossa Senhora] DBA.

<sup>447</sup> à altura] FEC; às alturas] DBA.

<sup>448</sup> – do povo... - começou a Natália, à saída] FE; do povo... - começou a Natália à vinda] C; do povo, e à fina força quis-me falar... - começou a Natália, à vinda] DBA.

- <sup>449</sup>Ah, sim? E depois? – perguntou ele, a sentir o sangue subir-lhe à cara.

- <sup>450</sup>Pediu-me em namoro... - deixou ela cair com melancolia.

Era justamente altura <sup>451</sup>de lhe dizer tudo, que a não podia tirar do pensamento, que só quando a levasse ao altar teria paz, que não seria nada no mundo sem os seus olhos verdes ao lado. Mas ainda desta vez o ânimo lhe faltou.

- Bem, tu é que vês... Ele não é mau rapaz...

<sup>452</sup>Rasgava-lhe conscientemente o coração com semelhante aquiescência, porque tinha a certeza que desde a primeira hora o amava também. <sup>453</sup>A coragem é que não era capaz doutra coisa.

- Eu queria <sup>454</sup>lá um farçola daqueles! Estou muito bem assim...

Puras palavras de desespero. Tanto ela, que despeitada as dizia, como ele, que culpado as <sup>455</sup>provocara, sabiam que eram o fruto de uma revolta impotente e destinada a morrer.

A pobre Teodósia é que lutava às claras. E dias depois já estava a picar o filho:

- Sabes o que me disseram hoje na fonte?

- Que a Natália tem namoro com o João Neca... - <sup>456</sup>respondeu, vencido.

- Nem mais.

- Pois tem...

---

<sup>449</sup> – Ah, sim? E depois? – perguntou ele, a sentir o sangue a subir-lhe a cara] FE; –Ah, sim? E depois – perguntou ele, com o sangue a subir-lhe à cara] C; E que te queria ele?- perguntou o rapaz, com o sangue a subir-lhe à cara] DBA.

<sup>450</sup> – Pediu-me em namoro... deixou ela cair] FEC; Namoro- deixou cair ela] DBA.

<sup>451</sup> de lhe dizer [...] teria paz] FEC; de ele lhe [...] para mulher] DBA.

<sup>452</sup> Rasgava-lhe conscientemente [...] o amava também] FEC; Sabia que lhe rasgava o coração [...] o primeiro dia] DBA.

<sup>453</sup> A coragem] FEC; A boca] DBA.

<sup>454</sup> lá] FEC; cá] DBA.

<sup>455</sup> provocara] FEDC; escutava] BA.

<sup>456</sup> – respondeu, vencido] FEC; respondeu o rapaz, vencido] DBA.

- <sup>457</sup>Já sabias?! Então... e tu? Não a queres? Ou foi ela que te deixou?

- Eu sei lá o que foi...

<sup>458</sup>Dali em diante parecia viver de alma viúva. E a alegria do rosto da rapariga cobriu-se também de um negro véu de desilusão. Passavam um pelo outro e comiam-se com os olhos. Mas nem ele lhe falava do seu amor, nem ela rasgava já a frágil teia da separação.

- Casam-se para a semana... - ia esclarecendo a Teodósia, como um remorso.

- Já sei.

- O padre leu hoje os banhos...

- Pois leu...

Era uma resignação que quebrava a gente, e desarmava. E a <sup>459</sup>velha não encontrava outro alívio senão chorar.

- Morria por ti! – disse-lhe numa manhã, que podia ser de <sup>460</sup>felicidade para os três, e se transformara num pesadelo.

Os sinos tocavam festivamente, ia por toda a aldeia um alvoroço de noivado, e só naquela casa a tristeza se aninhava sombria e <sup>461</sup>desamparada a um canto.

- Também eu gostava dela...

Era outra vez Junho, as searas aloiravam já, e nas cerdeiras, polpudas, rijas, as cerejas tomavam uma cor avermelhada e levemente escarninha.

---

<sup>457</sup> – Já sabias?! Então... e tu? Não a queres?] FEC; Então e tu? Já não a queres?] DBA.

<sup>458</sup> Dali em diante parecia [...] cobriu-se também de um véu de desilusão] FEC; A alma dele, dali em diante [...] coberto de um negro véu de desilusão] DBA.

<sup>459</sup> velha] FEC; pobre Teodósia] DBA.

<sup>460</sup> felicidade para os três e se transformara num pesadelo] FEC; felicidade dele e, não era] D; da sua felicidade e, não era] BA.

<sup>461</sup> Desamparado a um canto] FEC; sombria e desamparada] DBA.



## O LOPO

- Perdeste – anunciou sem rodeios o Dr. Canavarro, quando o Lopo entrou.

- Oh, senhor doutor, nem a brincar!

- Perdeste – reforçou o advogado, a fazer balançar o mata-borrão sobre a banca. E acrescentou: - Recebi <sup>462</sup>ontem á tarde a noticia da sentença. Tive de telefonar para Lisboa, e disseram-me do Tribunal.

O Lopo, que desde as primeiras palavras estacara à entrada do escritório, mordeu o beijo <sup>463</sup>por debaixo do bigode espesso, pôs-se a descansar o chapéu na mão e ficou assim um pedaço. Por fim, lá conseguiu abrir a boca.

- Então perdi?!

- É como dizes.

- Custas e tudo?

- Tudo.

- Bem, pronto, não se fala mais nisso. <sup>464</sup>E muito obrigado. O outro já saberá?

- Não. A notícia só lhe deve chegar de aqui a dois ou três dias. Eu soube-a particularmente.

- Então dou-lha eu...

- O velho dr. Canavarro parou de <sup>465</sup>embalar o bloco e fitou o Lopo. Depois, calmamente, perguntou-lhe:

---

<sup>462</sup> ontem à tarde] FEC; Recebi há dez minutos] D; Conto inexistente] BA.

<sup>463</sup> por debaixo] FEC; por baixo] D.

<sup>464</sup> E muito obrigado] FE; Obrigado, senhor doutor] DC.

<sup>465</sup> embalar] FEC; balouçar] D;

- Tu não estás de mal com ele?

- Estou, mas que tem lá isso? As pazes fazem-se depressa. Ganhou, que eu hei-de eu fazer? Digo-lho...

- Bem, arranjai-vos lá. Quarta ou quinta da semana que vem, aparece, paras se ver quanto debes. Sabes que a justiça não perdoa...

- Há tempo...

- Olha que eles gostam pouco de esperar!

- Esperam...

O Dr. Canavarro, através dos óculos, ia lendo no rosto <sup>466</sup>anguloso do Lopo o significado de cada palavra que dizia.

- Quarta ou quinta – insistiu.

- Pode calhar – respondeu o outro, já com metade do corpo fora da porta.

Era Janeiro e a manhã parecia de Maio. Um sol branco, diáfano, fazia brilhar as claraboias da Vila, cobertas da geada da noite. Pelas ruas a cabo, gente de sobretudo passava apressada.

- Vamos comer alguma coisa? – <sup>467</sup>propôs o Marrau, que o esperava no estanque do Castro.

- Pode ser. Nada na <sup>468</sup>figura e nos modos do Lopo denunciava o desespero que o lavrava.

- Em casa da Areias?

- Está bem.

---

<sup>466</sup> anguloso] FEC; firme] D.

<sup>467</sup> – propôs o Marrau, que o esperava no estanque] FEC; perguntou o Marrau, que esperava o Lopo] D.

<sup>468</sup> figura e nos modos] FEC; cara seca] D.

- Se houvesse tripas, é que era! – lembrou <sup>469</sup>o outro, guloso.

- Talvez haja.

Mas não havia.

- Tenho raia – informou a <sup>470</sup>estalajadeira, a limpar as mãos gordurosas ao avental.

- Fumega?

- Isso é cá comigo... - respondeu a <sup>471</sup>velha, num sorriso que fazia crescer água na boca.

- Pois venha ela!

Sentara-se os dois a uma mesa coberta <sup>472</sup>de oleado aos quadradinhos e almoçaram como príncipes.

- Vai uma cigarrada? – ofereceu o Marrau no fim, depois <sup>473</sup>de a conta paga.

- Uma vez por festa – aceitou o Lopo, com bonomia. – E deixo-te – acrescentou.

- Homessa! Cuidei que íamos juntos mais logo...

- Já fiz o que tinha a fazer e vou andando.

- Eu também pouco me demoro. É só ir às Finanças pagar a décima...

- A repartição não abre antes das duas. Fica-me tarde.

---

<sup>469</sup> o outro] FEC; o Marrau] D.

<sup>470</sup> estalajadeira] FE; velhota] DC.

<sup>471</sup> velha] FE; vendeira] DC.

<sup>472</sup> de oleado aos quadradinhos e almoçaram como príncipes] FEC; dum oleado aos quadradinhos e almoçaram como dois reis] D.

<sup>473</sup> de a] FEC; da] D.

Disseram até logo à saída da porta, e enquanto <sup>474</sup>o Marrau, desapontado, cortou a direito em direcção ao centro da Vila, o Lopo meteu pela calçada que levava à ponte e ia acabar na estrada de Carvas.

Pelo caminho, duas léguas bem medidas de serras e de carvalhais, nem o ar lavado das fragas nem a serena calma de tudo conseguiram arredar o Lopo das suas cogitações. Andava ligeiro, aéreo, sem ouvir as tachas <sup>475</sup>das botas de atanado a rilhar o macadame. Mas só por dentro é que ia assim. Por fora, respondeu a todas as pessoas que encontrou e o salvaram, e em Lobrigos, seco dos fumos da raia, bebeu um quartilho, sem que o taberneiro <sup>476</sup>desse conta de qualquer nuvem a turvar-lhe o semblante.

- Então adeus, ti João!

- Adeus, Manuel. Vais-te chegando ao borralho?

- Não há remédio... - respondeu, já na rua.

Até Carvas foi o mesmo quebra-cabeças. Os montes iam passando, o rio Verdeiro cachoou-lhe nos ouvidos, levantaram-se perdizes a dois <sup>477</sup>metros, e o Lopo sempre a andar, caldo e sério.

No Caleirão deixou a estrada e meteu pelas matas. Depois desandou à esquerda, atravessou o souto do Ró e chegou à entrada da mina que <sup>478</sup>lhe fora roubada.

Da boca escura que abrira na fraga, <sup>479</sup>a picareta e a dinamite, Deus sabe com quanto suor, saía um bafo quente como o de quem respira. O cascalho, o saibro e o lodo que arrancara às entranhas da serra tinham ainda a cor e o cheiro de carne dilacerada. E o

---

<sup>474</sup> o Marrau, desapontado, cortou a direito] FE; o Marrau seguia pela rua direita] D; o Marrau, desapontado, seguia pela rua direita] C.

<sup>475</sup> das botas] FEC; dos sapatos] D.

<sup>476</sup> desse conta de qualquer nuvem a turvar-lhe o] FE; desse conta de qualquer alteração naquele] C; desse nota de qualquer alteração naquele] D.

<sup>477</sup> metros] FEC; metros dele] D.

<sup>478</sup> lhe fora roubada] FEC; que já não era sua] D.

<sup>479</sup> a picareta e a dinamite [...] como o] FE; a picareta e a dinamite [...] como de] C; Deus sabe com [...] como de] D.

rego de água que, cauteloso saía da escuridão, e a cantar se punha a correr pela encosta abaixo, era como que uma veia aberta <sup>480</sup>do seu próprio corpo.

Religiosamente, debruçou-se sobre o regato, meteu nele a mão calosa, encheu-a, e deixou cair em cascata a liquefeita frescura <sup>481</sup>de três meses de trabalho.

- Cá fica... - murmurou.

E ergueu-se. Se aquela visita íntima e secreta o comovera, estava de novo sereno e senhor de si. Pelo menos em casa também a mulher, como os outros, não <sup>482</sup>lhe notou qualquer alteração.

- Já vieste?! – admirou-se ela, ao vê-lo chegar tão cedo.

- Vim... - respondeu, naturalmente. – Arranjei o que tinha a arranjar apenas cheguei, que ficava lá a fazer?

- E então? Que disse <sup>483</sup>o advogado?

- Ainda não sabe nada.

A tarde desceu serena a esfriar de hora a hora e a levedar um segredo profundo, calmo, de toda a natureza.

- Boa noite!

- Boa noite, senhora Dona Rosa.

---

<sup>480</sup> do seu próprio corpo] FEC; do próprio corpo do Lopo] D.

<sup>481</sup> de três meses de trabalho] FEC; do seu trabalho] D.

<sup>482</sup> lhe notou qualquer alteração] FE; notou qualquer novidade] DC.

<sup>483</sup> o advogado] FEC; ele] D.

<sup>484</sup>Era a professora de Guiães que passava de cadeirinha, empoleirada na burra do Amarante e o Lopo, depois de corresponder ao cumprimento voltou novamente a olhar as favas que despontavam no quintal.

- Manuel, posso lançar o caldo?

- Podes.

Entrou, sentou-se, pegou na malga e começou a comer, enquanto lá por dentro continuava na sua labuta. Mas a mulher, que lhe conhecia o feitio <sup>485</sup>ensimesmado, não deu por nada.

- Demoras-te? – perguntou no fim da ceia, ao vê-la avivar o lume.

- Tenho ainda que lavar a louça.

- A modos que me está a dar o sono...

- Mete-te na cama.

<sup>486</sup>A Rita ficou a cirandar pela casa e quando se foi deitar já o encontrou a dormir, tão imóvel e repousado no seu canto que nem a sentiu.

<sup>487</sup>Ao romper do dia, como habitualmente, ergueu-se ele primeiro. Lavou-se, tirou da arca a costumada côdea de pão, matou o bicho com aguardente, e foi à sala buscar a arma.

- Vou dar uma volta.

---

<sup>484</sup> Era a professora de Guiães que passava de cadeirinha [...] e o Lopo, depois de corresponder] FE; A professora passou, de cadeirinha, na burra [...] e o Lopo continuou a olhar] D; A professora de Guiães passou de cadeirinha, empoleirada] [...] e o Lopo continuou a olhar] C.

<sup>485</sup> ensimesmado] FEC; calado e sóbrio] D.

<sup>486</sup> A Rita ficou a cirandar [...] tão imóvel e repousado] FE; Ficou a cirandar [...] calado e imóvel] D; A Rita ficou a cirandar [...] calado e imóvel] C.

<sup>487</sup> Ao romper do dia [...] buscar a arma] FE; De manhã cedo foi ele [...] e disse] D; De manhã cedo foi ele [...] buscar a arma] C.

- Hoje?! <sup>488</sup>Cuidei que escavavas o bardo...

- Vou... <sup>489</sup>Parece que anda uma lebre na Alcaria...

<sup>490</sup>Ao vê-lo atravessar o quinteiro e seguir quelha abaixo sem assobiar ao cão, a Rita estranhou. Mas não fez mais caso.

Embora o dia começasse apenas a clarear, mostrava já o que viria a ser: <sup>491</sup>ainda mais escarolado de que o anterior e mais frio. <sup>492</sup>Bom tempo para saíbrar e repor. Não havia memória dum inverno tão seco e tão gelado. Nas poças de água o codo era de palmo.

O carreiro da veiga por onde o Lopo meteu parecia de cristal. E cada passo que dava ia libertando as ervas que o sincelo prendera. Caminhava ligeiro, atento, com a espingarda pendurada ao ombro pela bandoleira, de canos voltados para o chão. <sup>493</sup>Não queria ser visto e em Carvas a vida principiava cedo. Felizmente, quando a manhã se abriu de todo, e o leque de povo se abriu também nas leiras, já ele se distanciara da zona de perigo.

---

<sup>488</sup> Cuidei que escavavas o bardo] FE; admirou-se a mulher, sem ir mais longe] D; Cuidei que escavavas o bacelo] C.

<sup>489</sup> Parece que anda uma lebre na Alcaria] FEC; - Vou... - e foi buscar a arma [...] uma lebre no Lenteiro] D.

<sup>490</sup> Ao vê-lo atravessar o quinteiro [...] Rita estranhou] FEC; A mulher, quando ele saiu [...] andava à sua vida] D.

<sup>491</sup> ainda mais escarolado do que] FEC; pelo menos tão escarolado como] D.

<sup>492</sup> Bom tempo para saíbrar e repor [...] o Lopo meteu parecia de cristal] FE; Bom tempo para saíbrar e repôr [...] libertando as ervas prisioneiras dele] C; Pela veiga fora em direcção aos Balaus [...] libertando as ervas] D.

<sup>493</sup> Não queria ser visto e em Carvas a vida principiava cedo [...] distanciara da zona de perigo] FE; A luz da manhã foi abrindo [...] a tempo de ver passar o Lopo] D; Não queria ser visto, e por isso madrugara [...] atravessara a zona de perigo] C.

<sup>494</sup>Situada no termo da povoação, a quinta dos Balaus era uma propriedade vedada, onde o Sr. Casimiro, o homem que lhe tinha roubado nos tribunais a posse da mina, mourejava de sol a sol. <sup>495</sup>Na ocasião, podava à beira da estrada a vinha nova, toda enxertada de moscatel, donde saíam dornas de uvas, no Setembro. Rico e manhoso, movia montanhas a cavar o dia inteiro, sem ninguém descortinar como conseguia ter Portugal <sup>496</sup>nas mãos quase sem sair da terra.

Do alto da Silveirinha, <sup>497</sup>o Lopo, lobrigou-lhe o vulto ao fundo, debruçado, maciço, ainda mal desenhado na penumbra da manhã. <sup>498</sup>Fez de conta que nada e continuou a caminhar mergulhado nos seus pensamentos.

Passada a encruzilhada de Fermentões, <sup>499</sup>a estrada afundou-se entre barrancos. Só ao cabo de mais de cem metros <sup>500</sup>é que novamente o horizonte se rasgou. <sup>501</sup>Mas apenas dum lado.

---

<sup>494</sup> Situada no termo da povoação [...] mourejava de sol a sol] FE; Situada no termo da povoação [...] mourejava desde o amanhecer ao anoitecer] C; Os Balaus ficavam já no termo [...] desde a madrugada ao anoitecer] D.

<sup>495</sup> Na ocasião, podava [...] enxertada de] FE; Na presente ocasião podava [...] enxertada de] C; Na presente ocasião, podava [...] enxertada em] D.

<sup>496</sup> nas mãos quase sem sair da terra] FE; na mão, quase sem sair da terra] C; na mão, quase sem sair da quintarola] D.

<sup>497</sup> o Lopo lobrigou-lhe o vulto ao fundo, debruçado, maciço] FE; o Lopo descobriu logo, ao fundo, o vulto do demandista debruçado sobre uma cepa] C; o Lopo descobriu logo o seu vulto, ao fundo, debruçado sobre uma cepa] D.

<sup>498</sup> Fez de conta que nada e continuou a caminhar mergulhado nos seus pensamentos] FE; Calmo, continuou a caminhar, mergulhado nos seus pensamentos] C; 103.3 Calmo, continuou a caminhar ensimesmado lá nas suas coisas] D.

<sup>499</sup> a estrada afundou-se entre barrancos] FE; a estrada afundava-se entre barrancos] C; perdeu de vista os Balaus e quem lá andava] D.

<sup>500</sup> é que novamente o horizonte se rasgou] FE; é que novamente o horizonte se abriu] C; a proximidade do homem [...] se tornou evidente] D.

<sup>501</sup> Mas apenas dum lado] FEC; Mas não o via] D.



<sup>502</sup>Porque do outro erguia-se agora o muro da quinta, por detrás do qual o ladrão do seu trabalho tirava os olhos cegos às videiras.

Chegou-se adiante, ao portão, espreitou <sup>503</sup>por entre as grades, e calculou exactamente a que sítio do caminho vinha ter uma perpendicular tirada do sujeito. Depois, sem pressas, chegou-se a esse ponto e subiu à parede.

<sup>504</sup>Agachado e embrulhado no varino, a crucificar o presente em nome do futuro, o senhor Casimiro lá continuava no seu afã de impor ao sono das cepas um despertar fecundo. <sup>505</sup>Tanto empenho punha no trabalho que nem dava conta do que se passava à volta. E foi preciso o Lopo gritar duas vezes para que sentisse ruído e se erguesse a ver o que era.

- Sou eu – disse-lhe então o Lopo, direito em cima do muro, <sup>506</sup>com ele já no ponto de mira. – Sou eu que lhe trouxe este recado da Vila...

O tiro partiu, o podador caiu de bruços sobre a videira, e o sol por detrás dos montes começou a tentar encher o dia de inverno de uma luz doirada de primavera.

O Lopo, então, saltou ao caminho, regressou a casa pelo Lenteiro, depois de atirar <sup>507</sup>a caçadeira a um poço, e falou assim à mulher:

---

<sup>502</sup> Porque do outro erguia-se [...] olhos cegos à videira] FEC; Estava em plena estrada [...] limpava as suas videiras] D.

<sup>503</sup> por entre as grades [...] sujeito] FEC; por ele [...] proprietário] D.

<sup>504</sup> Agachado e embrulhado [...] ao sono das cepas um despertar fecundo] FE; Agachado e embrulhado [...] ao sono da vinha um despertar fecundo] C; O Sr. Casimiro podava, agachado e embrulhado no varino] D.

<sup>505</sup> Tanto empenho punha no trabalho que nem dava conta do que se passava à volta] FE; Não podia, por isso, ouvir o que se passava à sua volta] DC.

<sup>506</sup> com ele já no ponto de mira] FEC; de arma apontada ao peito do Sr. Casimiro] D.

<sup>507</sup> a caçadeira a um poço] FE; a um poço a caçadeira] DC.

- A questão está perdida e o ladrão já foi <sup>508</sup>prestar contas a Deus. Sigo agora para Fermentelos, a ver se o Grilo me arranja dinheiro e passo a fronteira ainda esta noite. Embarco em Vigo. Não levo nada, para ir mais leve e ninguém <sup>509</sup>desconfiar. Tu ficas aqui, muito calada, até eu dar notícias. Adeus, e não chores.

---

<sup>508</sup> prestar contas a Deus] FE; dar contas a Deus] DC.

<sup>509</sup> desconfiar] F; dar conta] EDC.

## O SÉSAMO

- Abre-te, Sésamo! – gritava o Raul, no meio do silêncio pasmado <sup>510</sup>da assistência.

<sup>511</sup>A fiada estava apinhada naquela noite. Mulheres, homens e crianças. As mulheres a fiar, a dobar ou a fazer meia, os homens a fumar e a conversar, e <sup>512</sup>a canalhada a dormitar ou nas diabruras do costume. Mas chegou a hora do Raul e, como sempre, todos arrebitaram a orelha às histórias do seu grande livro. Em Urros, ao lado da instrução da escola e da igreja, a primeira dada apalmatoadas pelo mestre e a segunda a bofetões pelo prior, havia a do Raul, gratuita e <sup>513</sup>pacífica, ministrada numa voz quente e húmida, que ao sair da boca lhe deixava cantarinhas no bigode.

«- Abre-te, Sésamo! – E o antro, com seu deslumbrante recheio, escancarou-se em sedutor convite...»

<sup>514</sup>As crianças arregalavam os olhos de espanto. Os homens estavam <sup>515</sup>indecisos entre acreditar e sorrir. As mulheres sentiam todas o que a Lamega exprimiu num comentário:

- <sup>516</sup>O mundo tem cousas!...

---

<sup>510</sup> da assistência] FEC; de toda a gente] DBA.

<sup>511</sup> A fiada estava apinhada naquela noite] FEC; Nessa noite, a fiada estava como raras vezes apinhada] DBA.

<sup>512</sup> a canalhada] FEC; as crianças] DBA.

<sup>513</sup> pacífica [...] que a sair da boca] FEC; amena [...] que lhe saía da boca] DBA.

<sup>514</sup> As crianças arregalavam os olhos de espanto] FE; Pasmadas, as crianças arregalavam os olhos e torciam os bonés] DCBA.

<sup>515</sup> indecisos entre acreditar e sorrir] FE; entre acreditar e sorrir] DCBA.

<sup>516</sup> O mundo tem cousas!] FE; - Ele há cousas] DCBA.

Urros, em plena montanha, é uma terra de ovelhas. Ao romper de alva, ainda o dia vem longe, cada <sup>517</sup>corte parece um saco sem fundo donde vão saindo movediços novos de lã. <sup>518</sup>Quem olha as suas ruelas a essa hora, vê apenas um tapete fofo, ondulante, pardo do lusco-fusco, a cobrir os lajedos. Depois o sol levanta-se e ilumina os montes. E todos eles mostram amorosamente <sup>519</sup>nas encostas os brancos e mansos rebanhos que tosam o panasco macio. A riqueza da aldeia são as crias, o leite e aquelas nuvens merinas <sup>520</sup>que se lavam, enxugam e cardam pelo dia fora, e nas fiadas se acabam de ordenar. Numa loja de gado, ao quente bafo animal, junta-se <sup>521</sup>o povo. <sup>522</sup>Todos os moradores se cotizam para a luz de carboneto ou de petróleo, e o serão começa. É no inverno, nas grandes noites sem fim, <sup>523</sup>que se goza na aldeia essa fraternidade. Há sempre novidades a discutir, namoricos a tentar, <sup>524</sup>apagadas fogueiras que é preciso reacender, e, sobretudo, <sup>525</sup>há o Raul a descobrir cartapácios ninguém sabe como e a lê-los com tal sentimento ou com tanta graça que ou faz chorar as pedras ou rebentar um morto de riso.

<sup>526</sup>Daquela feita tratava-se de uma história bonita, que metia uma grande fortuna escondida na barriga de um monte.

---

<sup>517</sup> corte parece [...] movediços] FEDC; loja parece [...] sem parar] BA.

<sup>518</sup> Quem olha as suas ruelas [...] a cobrir os lajedos] FEC; Dos postigos das casas [...] a cobrir o lajedo] D; Dos postigos das casas [...] indecisa da manhã] BA.

<sup>519</sup> nas] FEC; nas suas] DBA.

<sup>520</sup> que se lavam, enxugam e cardam pelo dia fora, e nas fiadas se acabam de ordenar] FEDC; que se vão fiando pelo dia fora e à noite se acabam de ordenar] BA.

<sup>521</sup> o povo] FEC; o povo todo] DBA.

<sup>522</sup> Todos os moradores se cotizam para a luz de carboneto ou de petróleo, e o serão começa] FEC; Cotiza-se cada um para a luz do carboneto ou petróleo, e o serão começa] D; Cotiza-se cada um para a luz de carboneto ou petróleo, e a fiada começa] BA.

<sup>523</sup> que se goza na aldeia essa fraternidade] FEDC; que ela abre na terra as largas portas acolhedoras] BA.

<sup>524</sup> apagadas fogueiras] FEC; amores] DBA.

<sup>525</sup> há o Raul a descobrir [...] rebentar] FEC; há o Raul a inventar [...] a rebentar] DBA.

<sup>526</sup> Daquela feita tratava-se de] FEC; Naquela noite, o caso era] DBA.

<sup>527</sup>E o rapazio, principalmente abria a boca de deslumbramento. Todos guardavam gado na serra. E a todos <sup>528</sup>ocorrera já que bem podia qualquer penedo dos que pisavam estar prenhe de tesouros imensos. <sup>529</sup>Mas que uma simples palavra os pudesse abrir – isso é que não lembrara a nenhum.

Da gente miúda que escutava, o mais pequeno era o Rodrigo, <sup>530</sup>guicho, imaginativo, e por isso com fama de amalucado. No meio de uma conversa séria, tinha saídas inesperadas e desconcertantes. Via estrelas de dia, que ninguém, por mais que fizesse, conseguia enxergar, assobiava modas <sup>531</sup>inteiramente desconhecidas, e desenhava no chão a cara de quem quer que fosse, o que era o cúmulo dos assombros. <sup>532</sup>Enfezado, sempre a pegar com os outros e a berrar como um infeliz quando depois lhe batiam, ouvia do seu canto a leitura do Raul, maravilhado e a fazer projectos. A fiada acabou tarde, <sup>533</sup>com a assistência a cair de sono e a lutar para prender na imaginação aquela riqueza oriental enfragada. E de manhãzinha, o Rodrigo, contra o costume, esgueirou-se sozinho <sup>534</sup>para a serra da Forca atrás do rebanho. A história do Raul tinha-lhe encandescido os miolos. Necessitava por isso <sup>535</sup>de solidão e de apagar o incêndio sem testemunhas.

---

<sup>527</sup> E o rapazio, principalmente, abria a boca de deslumbramento] FE; e a ganapada masculina, principalmente, abria a boca de deslumbramento] C; E a canalha miúda, principalmente, estava deslumbrada] DBA.

<sup>528</sup> ocorrera [...] penedo dos que pisavam] FE; tinha ocorrido [...] penedo dos que pisavam] DC; tinha ocorrido [...] penedo daqueles] BA.

<sup>529</sup> Mas que simples palavra] FEC; Mas que uma palavra] DBA.

<sup>530</sup> guincho, imaginativo, e por isso com fama] FEC; vivo, fino como um coral, mas com fama] DBA.

<sup>531</sup> inteiramente desconhecidas] FE; desconhecidas de toda a gente] C; assobiava modas ainda não ouvidas na terra nem nos arredores] DBA.

<sup>532</sup> Enfezado] FEDC; Pequenino] BA.

<sup>533</sup> com a assistência a cair [...] riqueza oriental enfragada] FE; com todo o mundo a cair [...] riqueza oriental enfragada] C; 90.4 com tudo a cair [...] soterrada num monte] DBA.

<sup>534</sup> para a serra da Forca atrás do rebanho] FEC; com o seu rebanho para a serra da Forca] DBA.

<sup>535</sup> de solidão e de apagar o incêndio sem testemunhas] FEC; de se fechar sem companhia no seu mundo, e apagar o incêndio] DBA.

A serra da Forca é longe e é feia. <sup>536</sup>Tem pasto, mas de que vale?! O passado deixou ali tanto grito perdido, tanto cadáver insepulto, tanta alma penada, que até mesmo as <sup>537</sup>ladainhas da primavera se desviam e passam de largo. <sup>538</sup>Mas é nos sítios assim amaldiçoados que o povo, talvez para as preservar da coscuvilhice da razão, gosta de plantar lendas bonitas e aliciantes. <sup>539</sup>E vá de inventar que havia um tesoiro escondido naquele ermo de maldição. <sup>540</sup>Encontrá-lo é que era difícil. Enterrado entre penedias, guardado <sup>541</sup>por mil fantasmas, quem teria coragem de tentar a empresa? Ninguém. <sup>542</sup>E o monte excomungado lá continuava azulado na distância, agreste e assombrado.

<sup>543</sup>O Rodrigo, porém, resolvera quebrar o encanto. E, às pedradas ao gado, <sup>543</sup>ao nascer do sol tinha-o na frente. Ia simplesmente <sup>544</sup>rasgar o véu do mistério. <sup>545</sup>Ia imitar o ladrão da história, com a diferença apenas de que uma vez dentro da caverna não se esqueceria, como o outro, das palavras mágicas que lhe assegurariam a retirada.

Das riquezas que encontrasse não sabia ainda o que <sup>546</sup>fazer. Nem sequer pensara nisso, porque os tesouros não eram o seu fim verdadeiro.

---

<sup>536</sup> Tem pasto, mas de que vale?] FEDC; Há lá pasto, mas ninguém lá vai] BA.

<sup>537</sup> da primavera] FEC; se desviam] DBA.

<sup>538</sup> Mas é nos sítios assim amaldiçoados [...] bonitas e aliciantes] FEC; Exatamente por isso [...] bonita e aliciante] D; Mas exatamente [...] bonita e aliciante] BA.

<sup>539</sup> E vá de inventar que havia um tesoiro escondido naquele ermo de maldição] FEC; E vai de inventar que há lá um tesouro] DBA.

<sup>540</sup> Encontrá-lo é que era difícil] FEC; Encontrá-lo é que é o difícil] DBA.

<sup>541</sup> por mil fantasmas [...] tentar a empresa] FEC; por tantos fantasmas [...] de se tentar] DBA.

<sup>542</sup> E o monte excomungado continuava [...] agreste e assombrado] FE; E o monte excomungado lá continua [...] agreste e assombrado] C; E o monte maldito lá vive [...] e que os homens]; DBA.

<sup>543</sup> ao nascer do sol tinha-o na frente] FE; lá chegou ao nascer do sol] DC;

<sup>544</sup> rasgar o véu do mistério] FEC; abrir o monte] DBA.

<sup>545</sup> Ia imitar o ladrão [...] assegurariam a retirada] FE; Ia gritar-lhe como [...] assegurariam a retirada] C; Ia gritar-lhe como [...] palavras maravilhosas] DBA.

<sup>546</sup> fazer] FEC; faria] DBA.

A sedução estava <sup>547</sup>no prodígio em si, na fascinação do próprio acto assombroso que iria realizar.

<sup>548</sup>E o pequeno, ágil e confiado, chegou ao alto, trepou à fraga maior e olhou em redor. A seus pés <sup>549</sup>jaziam, caídos, os dois grossos pilares da força, onde segundo a tradição tinham exalado o último suspiro todos os justicados da montanha. Sentar-se neles, tocar-lhes, era ainda, dizia o povo, uma pessoa condenar-se a morrer de morte infeliz. Mas o Rodrigo <sup>550</sup>trazia na vontade uma força que o preservava dessas contingências. <sup>551</sup>A fórmula encantatória brincava-lhe nos lábios finos e frescos de criança. E uma alegria imensa, pura, calma, arredou para longe <sup>552</sup>os espectros patibulares que tentavam perturbar a grandeza daquela hora. Abrir um monte! Dizer com ânimo e certeza duas palavras, e uma riqueza sem par oferecer-se passiva aos <sup>553</sup>olhos da gente!

Para dilatar o gosto do <sup>554</sup>poder que possuía (e talvez por um sentido intimo de falência de que não tinha consciência inteira), prolongava o tempo. <sup>555</sup>Murmurava mentalmente a ordem de comando que aprendera no conto, e cerrava os dentes para que a boca o não pudesse trair antes do momento escolhido.

---

<sup>547</sup> no prodígio em si, na fascinação do próprio acto assombroso que iria realizar] FE; estava no caso em si, no dom de proferir a ordem e ver a terra rasgar-se submissa e calada] DCBA.

<sup>548</sup> E o pequeno, ágil e confinado, chegou ao alto, trepou à fraga maior e olhou em redor] FE; E o pequeno, senhor do seu poder, trepou à fraga maior e olhou a serra sem] C; E o pequeno pastor, senhor da sua força, trepou à fraga maior e olhou sem] DBA.

<sup>549</sup> jaziam caídos, os dois grossos pilares] FEC; duas pedras malditas] DBA.

<sup>550</sup> trazia [...] dessas contingências] FE; trouxera [...] dessas contingências] C; levava na alma [...] mistério maior] D; tinha a chave [...] mistério maior] BA.

<sup>551</sup> A fórmula encantatória [...] finos e frescos] FE; A fórmula encantatória [...] confiantes e frescos] C; As palavras de condão [...] confiantes e frescos] DBA.

<sup>552</sup> os espectros patibulares que tentavam perturbar a grandeza daquela hora] FEC; de todo o real a nuvem de maldição] D; de todo o real a nuvem da maldição] BA.

<sup>553</sup> olhos da gente] FEC; seus olhos] DBA.

<sup>554</sup> poder que possuía] FEDC; seu poder] BA.

<sup>555</sup> Murmurava mentalmente [...] o não pudesse] FE; Murmurava mentalmente [...] eles o não pudessem] D; Murmurava mentalmente [...] ela o não pudesse] C; Murmurava só para a sua [...] o não pudessem] BA.

O rebanho, esquecido do dono, pastava, alheio aos segredos da serra e do pastor. De quando em quando erguia-se <sup>556</sup>do meio dele um balido solitário, mas era um apelo sem resposta.

- <sup>557</sup>Vai ser agora! – disse o Rodrigo, alto, a resolver-se.

E com medo de a <sup>558</sup>montanha fender precisamente pelo sitio onde estava, que era no pino e no meio da fraga mais alta, desviou-se um pouco para a esquerda.~

- É por ali, com certeza...

Media os <sup>559</sup>penedos, calculava o tamanho do buraco, via de antemão as entranhas da terra expostas à luz do sol.

- E o <sup>560</sup>gado? – lembrou-se então.

<sup>561</sup>O gado pastava em baixo, num valeiro, em lugar por onde a imaginação mais ardente não podia fazer passar o prodígio. <sup>562</sup>Mesmo que rolassem pedras, ou caísse a carvalha agarrada a um barranco, não havia perigo.

- <sup>563</sup>Só se houver muito azar – rematou, a serenar os cuidados.

---

<sup>556</sup> do meio dele um balido [...] sem resposta] FE; do meio dele um grito [...] sem resposta] DC; de entre ele [...] tinha resposta] BA.

<sup>557</sup> - Vai ser agora! – disse o Rodrigo, alto, a resolver-se] FEC; – Vou agora! – disse alto, a resolver-se, o Rodrigo] DBA.

<sup>558</sup> montanha [...] da fraga mais alta] FEC; serra [...] da mais alta fraga] DBA.

<sup>559</sup> os penedos [...] à luz do sol] FE; os penedos [...] do seu grito] C; as pedras [...] antemão] D; as pedras [...] antes da realidade] BA.

<sup>560</sup> gado] FEC; rebanho] DBA.

<sup>561</sup> O gado] FEC; O rebanho] D; Mas o rebanho] BA.

<sup>562</sup> Mesmo [...] não havia] FEC; Mesmo [...] fora] D; 93.4 Nem [...] fora] BA.

<sup>563</sup> Só se houver muito azar [...] serenar os cuidados] FE; Só por muito azar [...] serenar os cuidados] C; Não há mal [...] Não há mal] DBA.



<sup>564</sup>E de alma tranquila, mas a tremer de emoção, solenemente, o pequeno feiticeiro ergueu a mão e gritou:

- Abre-te, Monte da Forca!

A sua imaginação ardente acreditava em todos os impossíveis. <sup>565</sup>Tinha a certeza de que o Sésamo da história do Raul existira realmente. Por isso ouviu com serenidade e confiança o eco da <sup>566</sup>própria voz a regressar ferido das encostas. <sup>567</sup>Tudo requeria o seu tempo.

Irreais, os horizontes perdiam-se ao longe, <sup>568</sup>esfumados e frios. Vago, o rebanho, à volta, <sup>569</sup>tosava a erva mansamente. Impreciso, <sup>570</sup>o gemido da ovelha queixosa não conseguia transpor o limiar da consciência do pastor. <sup>571</sup>Transfigurado, o Rodrigo estava entregue ao milagre. Ordenara-o e esperava por ele.

- Abre-te, Monte da Forca! – gritou de novo, já enfadado de uma espera que <sup>572</sup>não cabia na ilusão. <sup>573</sup>Qualquer coisa à volta pareceu tremer, e o coração do pequeno saltou.

---

<sup>564</sup> E de alma tranquila [...] solenemente] FE; E com a consciência tranquila [...] do seu sonho] DCBA.

<sup>565</sup> Tinha a certeza [...] existira realmente] FE; Via estrelas no céu [...] existira realmente] C; Via estrelas no céu [...] rasgara em dois] DBA.

<sup>566</sup> própria voz] FEC; sua voz] DBA.

<sup>567</sup> Tudo requeria o seu tempo] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>568</sup> esfumados e frios] FE; azulados e frios] DCBA.

<sup>569</sup> tosava a erva] FEDC; pastava] BA.

<sup>570</sup> o gemido da ovelha] [...] do pastor] FE; o grito da ovelha [...] do pastor] C; o grito da ovelha [...] chegava-lhe] D; o grito da ovelha [...] subia] BA.

<sup>571</sup> Transfigurado, o Rodrigo estava entregue ao milagre] FEC; Mas o pastor era do milagre] DBA.

<sup>572</sup> não cabia] FEC; não estava] DBA.

<sup>573</sup> Qualquer coisa à volta pareceu tremer] FEC; Uma pedra tremeu] DBA.

- Abre-te! – reforçou, angustiado.

Mas os horizontes começaram a tomar crueza e sentido, o rebanho avolumou-se, e o <sup>574</sup>balido da ovelha aflita subiu mais.

- Era mentira! - <sup>575</sup>e pelo seu rosto infantil e desiludido uma lágrima desceu desesperada.

- Era mentira... - repetiu debruçado sobre a alta fraga, a soluçar.

<sup>576</sup>Tudo nele tinha a verdade da inocência. Lograra e fora logrado já, mas no jogo dos botões e a esconder da mãe um novelo de linhas para a baraça do pião. Quando, porém, se tratava de cousas grandes como <sup>577</sup>fábulas e mitos, a sua alma cândida não concebia que pudesse haver mistificação. E a primeira vez que tirava a prova <sup>578</sup>aquela confiança, que tentara ver de perto a miragem, acordava cruamente traído!

<sup>579</sup>Valeu-lhe a feliz condição de criança. Ele ainda a chorar e já a mão do esquecimento a enxugar-lhe os olhos. Breve como vem, breve se vai o pranto dos dez anos. A ovelha chamava sempre. E o balido insistente acabou por acordá-lo para a realidade simples da sua vida de pastor.

Ergueu-se, desceu da alta fraga enganadora, e, de ouvido atento, foi direito ao queixume.

- Olha, era a Rola...

---

<sup>574</sup> balido] FEC; grito] DBA.

<sup>575</sup> e pelo seu rosto infantil [...] uma lágrima desceu] FEC; e pelos seus olhos infantis [...] uma lágrima descia] DBA.

<sup>576</sup> Tudo nele tinha a verdade da] FEC; Tudo nele era verdadeiro como a] D; Tudo no seu coração era verdadeiro como a sua] BA.

<sup>577</sup> fábulas e mitos [...] haver mistificação] FEC; fábulas e mitos [...] pudesse enganar] D; 94.17 fábulas e céu [...] pudesse enganar] BA.

<sup>578</sup> que tentara ver] FEC; que tentava ver] D; a sua fé, que tentava ver] BA.

<sup>579</sup> Valeu-lhe [...] enxugar-lhe os olhos] FEC; Valeu-lhe [...] enxugar-lhe o pranto] D; A sua feliz [...] aquele pranto] BA.

Um cordeiro <sup>580</sup>acabara de nascer e a mãe lambia-o. O outro estava ainda lá dentro, no mistério <sup>581</sup>do ventre fechado.

---

<sup>580</sup> acabara de nascer] FE; tinha nascido já] DCBA.

<sup>581</sup> do ventre] FEC; do seu ventre] DBA.

## MARIANA

- Meu rico filho! Dava-o agora assim de mão beijada! Não que ele custou-me a parir e a criar!...

Julho, era por toda a parte a mesma verdura a ondular e a mesma <sup>582</sup>esperança a sorrir. A terra bebia o sol e a humidade, espremia-se depois quanto podia, <sup>583</sup>e atulhava o mundo de folhas, de flores e de frutos.

Mariana, com o filho ao colo de <sup>584</sup>cabeça a reluzir, ia andando e monologando.

- Não me faltava mais nada! Tenham-nos. Façam por eles, ora o canudo!

No Caleirão, mesmo à beira do caminho, o Júlio Pessanha regava.

- Deus o ajude!

- Vem com Deus...

A enxada nas mãos do trabalhador deu o <sup>585</sup>golpe, e a terra fofa, como uma mulher sôfrega de amor, bebeu de um trago a levada que a beijou.

- <sup>586</sup>Aonde é a ida? perguntou o Júlio, da leira, enquanto a nascente ia acalmando a embelga.

- Justes – respondeu Mariana, sem convicção. – Justes ou Gache, conforme.

Parara e olhava enlevada o rego de água a correr. Esteve assim algum tempo, enquanto <sup>587</sup>o Júlio a olhava a ela por sua vez, abrasado de calor.

- <sup>588</sup>São horas...

---

<sup>582</sup> esperança a sorrir] FEC; água a correr] DBA.

<sup>583</sup> e atulhava] FEC; enchia] DBA.

<sup>584</sup> cabeça] FE; cabecita] DCBA.

<sup>585</sup> golpe] FEDC; talhadoiro] BA.

<sup>586</sup> - Aonde é a ida? perguntou o Júlio, da leira] FEC; – Até onde é a ida? perguntou o Júlio da leira]

D; Até onde é a ida? – perguntou o Júlio parado] BA.

<sup>587</sup> o Júlio a olhava a ela] FEDC; da leira o Júlio a olhava] BA.

<sup>588</sup> – São horas] FEC; Vou-me lá] DBA.

- <sup>589</sup>Tens tempo , mulher!... Espera um migalho, que te acompanho até aí acima...

- O que você quer bem sei eu...

- E então?...

Mariana riu-se, meteu o bico do peito na boca do filho e esperou.

- São só mais três talhadoiros - prometeu o Júlio, apressado <sup>590</sup>no desejo.

- Ande lá...

Calma, sentou-se então numa anteira, com a mão direita a alisar docemente a penugem da criança. Depois, quando o Júlio <sup>591</sup>acabou, ergueu-se e foi caminhando a seu lado, na paz simples de quem ia por bom caminho. Nas minas, pôs a criança à sombra de um carvalho, sobre um chaile, e deitou-se um pouco adiante entre <sup>592</sup>as giestas, onde o Júlio a esperava já...

- Adeus - disse no fim, sem olhar o homem.

- Então adeus...

Pelo caminho fora, na tarde quente, o seu corpo tinha agora uma frescura de terra molhada. O filho, farto, <sup>593</sup>dormia-lhe no colo. E Mariana, feliz, continuou o monólogo interrompido.

- Há cada uma! Dar-lhe o menino! Não faltava mais nada! Uma a tê-los e outras a gozá-los... A gente vê coisas!...

Na veiga de Justes, com olmos à beira do caminho, <sup>594</sup>o corpo e as palavras que dizia perderam-se na sombra da ramagem espessa. E só três anos decorridos é que passou novamente por ali, agora acompanhada de duas crianças, <sup>595</sup>uma menina de peito, e um pequeno, descalço e ruço, que ia levando pela mão.

---

<sup>589</sup> – Espera um migalho, que te acompanho até ai acima] FEC; Deixa-me acabar este talhão, que te acompanho até às minas] DBA.

<sup>590</sup> no] FE; no seu] DCBA.

<sup>591</sup> acabou] FEC; acabou de regar] DBA.

<sup>592</sup> as giestas] FE; umas giestas] DCBA.

<sup>593</sup> dormia-lhe no colo] FEDC; dormia nos seus braços] BA.

<sup>594</sup> o corpo e as] FEC; o seu corpo e as suas] DBA.

<sup>595</sup> uma menina de peito [...] pela mão] FE; uma menina de peito [...] sua mão] C; uma de peito, menina [...] mão] D; uma nos braços [...] pela sua mão] BA.

- Deus o ajude!

- Vem com Deus...

Era o Joaquim Fortunato, <sup>596</sup>no lameiro, a arralar o milhão. <sup>597</sup>Nos braços rijos do cavador, o molho de verdura túmida era como um corpo de mulher a tentá-lo.

- Até onde é a ida?

- Pedralva – respondeu Mariana ao calhar. – Ou Jurjais. É conforme...

A pequenita, <sup>598</sup>a babar-se, dormia. O rapazinho, extenuado, aninhou-se na relva do caminho.

- Tu sentas-te? – ralhou Mariana, carinhosamente.

- Tou canchado...

- Deixa descansar <sup>599</sup>o rapaz – disse de lá o Joaquim Fortunado. – Ele merendou?

<sup>600</sup>O pequeno acenou com a cabeça a dizer que não, e o mondador pousou a braçada de relva e foi-lhe buscar pão e queijo.

- Também queres? – perguntou depois a Mariana.

- Se faz favor...

- Ma hás-de então vir cá...

Tinha o farnel ao fundo da leira, à sombra de um <sup>601</sup>freixo que cobria a poça, com a cabaça de vinho metida na água a refrescar. Mariana deitou a filha adormecida no chaile, ao pé do irmão, e saltou a parede.

- <sup>602</sup>Volto já. Não me demoro.

Foi, comeu, e em seguida o mesmo calor que já duas vezes a inundara apareceu-lhe no sangue a uma palavra do Joaquim.

- Com esta não contava eu... - começou ele, a olhá-la e a passar a mão pelo cachaço.

---

<sup>596</sup> no lameiro] FEC; logo em cima] DBA.

<sup>597</sup> Nos braços rijos do cavador] FEC; Nos braços rijos] DBA.

<sup>598</sup> a babar-se] FEDC; de peito] BA.

<sup>599</sup> o rapaz] FEC; o menino] DBA.

<sup>600</sup> O pequeno acenou [...] pão e queijo] FE; o pequeno acenou [...] queijo e pão] C; O pequeno respondeu [...] queijo e pão] DBA.

<sup>601</sup> freixo] FE; choupo] DCBA.

<sup>602</sup> – Volto já. Não me demoro] FEC; – Eu volto já] DBA.

Ela riu-se. E pouco tardou que não sentiu-se extinto o lume <sup>603</sup>que principiava a queimá-la também.

- Vamos lá embora, meus filhos.

A pequenita olhou-a com os olhos azuis do Júlio Pessanha, sem ver nada. O rapaz é que reparou que a mãe tinha terra nas costas.

- Adeus.

- Até qualquer dia...

O Joaquim Fortunado ficou com o gosto na boca daquele momento inesperado e saboroso. Por isso <sup>604</sup>despediu-se reticente e, sempre que podia, vinha até à veiga na esperança de ver outra vez passar o corpo aberto e generoso de Mariana.

Mas o milho amadureceu, <sup>605</sup>chegou o inverno, a terra cobriu-se novamente de verdura, e nada de a mulher aparecer.

Andava longe, por termos de Vessadios, e foi em plena serra dos Corvos que uma manhã o Lopo <sup>606</sup>deu por ela atravessar o rebanho.

- Deus o ajude!

- Vem com Deus...

Trazia agora três filhos, um casal a pé, e nos braços um terroso cachopinho, a cara do Joaquim Fortunato por uma pena.

Era Março e fazia ainda frio. No monte orvalhado, que o <sup>607</sup>pálido sol da manhã ia enxugando devagar, brilhavam teias de aranha, estendidas, a corar sobre os tojos. O pastor acendera uma fogueira. E o fumo <sup>608</sup>das carquejas molhadas subia ao céu lentamente, lasso e voluptuoso.

---

<sup>603</sup>que principiava a queimá-la também] FE; extinto o lume que começava a queimá-la] D; extinto o lume que começava a queimá-la também] C; aquele lume que começava a queimá-la] BA.

<sup>604</sup>despediu-se] FEC; saudou] DBA.

<sup>605</sup>chegou] FEC; veio] DBA.

<sup>606</sup>deu por ela a atravessar o rebanho] FEC; a viu vir ao encontro do rebanho] DBA.

<sup>607</sup>pálido] FEC; incerto] DBA.

<sup>608</sup>das carquejas molhadas] FEDC; da lenha molhada] BA.

- Aqueçam-se.

Chegaram-se todos às lambras.

<sup>609</sup>Agasalhadas na lã, plácidas, as ovelhas pastavam. <sup>610</sup>O laboreiro, deitado ao pé do borralho, dormitava. Uma contida paz cobria tudo.

- Não te fazia agora por estes sítios – começou o Lopo, a enrolar um cigarro forte.

Mariana sentiu outra vez o sangue a ferver-lhe pelas veias fora. A fogueira precisava de lenha.

- E se nós fôssemos a uma meda de rama, que há ali adiante, buscar um braçado dela?

Mariana calou-se. <sup>611</sup>O lume, por dentro, continuava a queimá-la.

- Põe aí o pequeno – ordenou ele.

Ela obedeceu. E, logo <sup>612</sup>adiante, num valado, sobre gabelas secas de mato, o seu corpo serenou.

- Vamos, meus filhos – disse <sup>613</sup>pouco depois, antes mesmo de deixar cair sobre os tições apagados a caruma que trazia. – Vamos, meus filhos.

Os dois maiores ergueram-se, e o pequenino ficou a olhá-la do chão, inquieto, sôfrego de colo e de peito.

- O rapaz já podia começar a servir... Eu, com a idade dele, guardava cabras... Queres tu deixá-lo comigo? – propôs o Lopo.

- Deixá-lo?!

<sup>614</sup>Pelo caminho fora a palavra soava-lhe como um zumbido atroz nos ouvidos escandalizados.

---

<sup>609</sup> Agasalhadas na lã [...] pastavam] FE; Agasalhadas na sua lã [...] pastavam] C; Plácido, o rebanho, [...] despontava o panasco] DBA.

<sup>610</sup> O laboreiro] FEC; O cão da serra] DBA.

<sup>611</sup> O lume, por dentro] FEC; O calor] DBA.

<sup>612</sup> adiante [...] secas de mato] FEC; depois [...] num valado] DBA.

<sup>613</sup> pouco [...] caruma que trazia] FEC; ela [...] sobre os tições] D; ela [...] gabela que trazia] B; ela [...] as brasas apagadas o braçado que trazia] A.

<sup>614</sup> Pelo caminho fora a palavra soava-lhe como um zumbido atroz nos ouvidos] FEC; Pelo caminho a palavra parecia não ter mais fim nos seus ouvidos escandalizados] DBA.



- Deixá-lo! Há cada uma! Ia agora deixar-lhe o menino!

Nas matas do Vale-Fundeiro o protesto <sup>615</sup> tinha o tamanho e o vigor dos castanheiros sem idade que ali cresciam. E só <sup>616</sup> ao chegarem à veiga de Constantim é que aquela revolta se atenuou, desvanecida pouco a pouco pela verdura sedativa dos lameiros.

- Isto é que é terra! – não se conteve o pequeno mais velho, com o instinto campónio do Custódio, o pai, a <sup>617</sup> brilhar-lhe nos olhos.

- É como as outras, que mais tem? – respondeu Mariana, <sup>618</sup> sem atingir a fundura do grito.

- Olhe lá que não seja!

Mariana não podia entender <sup>619</sup> a voz ancestral que irrompia da natureza virginal do filho. A terra parecia-lhe una, indivisível, nivelada na mesma serenidade e no mesmo destino de criar. Aqui, ali, acolá, <sup>620</sup> cerros ou descampados, várzeas ou costeiras, eram sítios iguais, que calcorreava sem distinguir a qualidade do barro que se lhe agarrava aos pés. <sup>621</sup> Compreendia tudo, menos o afeiçoamento da perdiz ao monte nativo. <sup>622</sup> Todos os horizontes lhe acenavam da mesma maneira. Em qualquer mata miúda <sup>623</sup> paria naturalmente e atrás de qualquer parede recebia a seiva de uma nova vida. Não. <sup>624</sup> Nem

---

<sup>615</sup> tinha o tamanho e vigor dos castanheiros] FEC; de Mariana era tão forte e natural como os pés dos castanheiros] DBA.

<sup>616</sup> ao chegarem à veiga [...] pela verdura sedativa] FE; nas primeiras [...] pela verdura sedativa] C; nas primeiras [...] na verdura sedativa] DBA.

<sup>617</sup> brilhar-lhe nos olhos] FEC; brotar-lhe pelos olhos] DBA.

<sup>618</sup> sem atingir a fundura do grito] FEC; sem perceber aquele grito] DBA.

<sup>619</sup> a voz ancestral que irrompia da natureza virginal do filho] FEC; a certeza do filho] DBA.

<sup>620</sup> cerros ou descampados [...] agarrava aos pés] FEC; aldeias, casais [...] do rosmaninho] DBA.

<sup>621</sup> Compreendia tudo [...] monte nativo] FEC; Nem sequer a simpatia [...] tirou a ninhada] DBA.

<sup>622</sup> Todos os horizontes lhe acenavam da mesma maneira] FEC; As crias de Mariana nasciam [...] para chegar] D; Os filhos de Mariana [...] para chegar] BA.

<sup>623</sup> paria naturalmente] FE; paria em paz] C; o seu ventre paria em paz] BA.

<sup>624</sup> Nem entendia o rapaz a gabar [...] instrumento de prazer] FEC; Nem entendia o rapaz a gabar [...] coisa de gozo] D; Nem entendia o filho a gabar [...] coisa de gozo] BA.

entendia o rapaz a gabar os lameiros de Constantim, nem a sensualidade do Jeremias Manso a querer fazer dela um simples instrumento de prazer.

- Outra vez... - pedia ele, <sup>625</sup>ao vê-la erguer-se, honesta e pura como uma leiva semeada.

Nem sequer respondeu. Saiu <sup>626</sup>do centeio, pôs-se à frente da ninhada, e retomou o caminho da sua aventura.

<sup>627</sup>Só em Ordonho abrandou a marcha.

- Quantos são ao todo? – perguntou o Paul, que já não via bem, quando o rancho lhe passou à porta.

- Sete – respondeu o cunhado.

- Valha-nos Deus! Que desgraça! As raparigas estão mulheres feitas e a <sup>628</sup>mãe a dar-lhes um exemplo daqueles...

Mas já Mariana ia longe, alheia ao zelo do velho sátiro. Pedia: se davam, davam; se não davam, deixava os filhos matar a fome nos soutos, nos pomares ou nas vinhas, e a quem tentava, <sup>629</sup>de uma maneira ou doutra, dividir a perfeita unidade que formava com a prole, respondia a rugir como uma leoa ferida.

- Criada?! Ia-lhe agora dar a menina para criada! <sup>630</sup>A gente vê cada uma! De lhe <sup>631</sup>comprar um farrapo para se vestir, não se lembrou a senhora. Criada! <sup>632</sup>Que conveniência!... <sup>633</sup>A servir ponha as filhas, se não lhes tem amor... Agora as minhas, está bem livre!

---

<sup>625</sup> ao vê-la erguer-se] FEC; quando ela se levantou] DBA.

<sup>626</sup> do centeio] FEDCB; da vinha] A.

<sup>627</sup> Só em Ordonho abrandou a marcha] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>628</sup> mãe a dar-lhes um exemplo daqueles] FEDC; seguir aquêlê exemplo] BA.

<sup>629</sup> de uma maneira [...] com a geração] FE; de uma maneira [...] com a prole] C; mesmo ao de leve [...] leoa ferida] D; mesmo ao de leve [...] leoa assaltada] BA.

<sup>630</sup> A gente vê cada uma!] FEDC; Mande a sua filha, ora a conversa!] BA.

<sup>631</sup> comprar] FEC; dar] DBA.

<sup>632</sup> Que conveniência!] FE; Não queria mais] DC; Não faltava mais nada] BA.

<sup>633</sup> A servir ponha as filhas, se não lhe tem amor [...] Agora as minhas, está bem livre] FEDC; Excerto inexistente] BA.

<sup>634</sup>Ia já nas matas do Bouço e a indignação continuava ainda.

- Criada!

A palavra, dita por intenção da sua Zulmira, parecia-lhe um insulto <sup>635</sup>sem perdão.

- Fala à gente!...

<sup>636</sup>Mariana nem o olhar se dignou concentrar no rosto desejoso do Lopo. O seu ventre estava já fecundado pelo Guilherme da Póvoa, e o Lopo, como os outros, passada a hora, não <sup>637</sup>significava nada, nada, na sua lembrança. A pureza com que se entregava tocava-os de uma força criadora e irresponsável que os imaterializava como deuses distantes. A terra humilde era ela. <sup>638</sup>Eles actuavam apenas como o vento, que traz a semente, e passa. Mas todos teimavam em permanecer ligados ao doce sabor de um minuto, e queriam-na segunda vez.

- Nos montes de Vessadios, não te lembras?

-Vossemecê <sup>639</sup>está maluco! Eu conhece-o lá!

- O Lopo não queria acreditar no que ouvia. E por orgulho ofendido, frouxo aceno do sangue e <sup>640</sup>mágoa de solitário, teve um gesto:

- Conheças ou não conheças, já pariste de mim. <sup>641</sup>Por isso, quero o pequeno.

- Que pequeno?! – perguntou Mariana, assombrada.

---

<sup>634</sup> Ia já nas matas do Bouço e a indignação continuava ainda] FEDC; Pelas matas do Bouço adiante a indignação não tinha fim] BA.

<sup>635</sup> sem perdão] FEDC; desmedido] BA.

<sup>636</sup> Mariana nem o olhar se dignou concentrar] FEDC; Mas Mariana nem o olhar se dignou a concentrar] BA.

<sup>637</sup> significava] FEC; era] DBA.

<sup>638</sup> Eles actuavam apenas como o vento] FEC; Eles significavam o vento que traz a semente] DBA.

<sup>639</sup> está maluco] FEC; parece doido] DBA.

<sup>640</sup> mágoa de solitário] FEC; da sua solidão] DBA.

<sup>641</sup> Por isso] FEDC; E agora] BA.

- Aquele. O chegado à de vestido às riscas.

- O meu Jorge?! O homem é <sup>642</sup>doidinho!

Os filhos são meus, muito meus! Atreva-se a pôr-lhes a mão, se <sup>643</sup>quer ver...

O pastor tinha-se aproximado, num desejo irresoluto de tirar da touceira a vergôntea que lhe pertencia. <sup>644</sup>Não o empurrava nenhum impulso profundo. Era uma reacção de momento, sem calor verdadeiro. E como Mariana parecia uma cabra das dele, pronta a marrar às cegas contra o cão que lhe farejasse a cria, <sup>645</sup>deteve os passos que dera sem convicção.

- Bem, está bem... <sup>646</sup>Mais perde... - disse então, a justificar a debilidade do seu apego ao andrajoso ser a que tinha ajudado a dar a vida.

- És <sup>647</sup>parva...

Mariana sorriu. E seguida do <sup>648</sup>rebanho inteiro, lá partiu para Valongueiras, à esmola de sábado em casa do Sr. Vitorino.

- <sup>649</sup>Essa mulher continua na mesma vida? – perguntou na sala a Marília, que acabara de chegar do colégio com um selo branco na virgindade.

---

<sup>642</sup> doidinho] FEC; doudinho] DBA.

<sup>643</sup> quer ] FEDC; quere] BA.

<sup>644</sup> Não o empurrava nenhum impulso profundo] FEDC; Não era uma voz do fundo que o mandava] BA.

<sup>645</sup> deteve os passos] FEDC; êle deteve] BA.

<sup>646</sup> Mais perde [...] a justificar a debilidade do seu apego ao andrajoso ser] FE; Mais perde [...] justificar a pobreza do seu apego ao andrajoso ser] C; Se não queres [...] do seu apego ao pequeno ser] D; Se não queres [...] justificar a pobreza da sua adesão ao pequeno ser] BA.

<sup>647</sup> parva] FEC; maluca] DBA.

<sup>648</sup> rebanho inteiro] FEC; seu rebanho] DBA.

<sup>649</sup> - Essa mulher continua na [...] na sala a Marília] FEC; – A Mariana continua na [...] na sala a Marília] D; – A Mariana continua na [...] na sala a menina Nêné] BA.

- <sup>650</sup>Pois continua...

- <sup>651</sup>Pouca vergonha maior!

- Que se lhe há-de fazer?

- Tirar-lhe <sup>652</sup>as crianças e metê-las num asilo.

- Deixa-te de asilos! – reprovou o Sr. Vitorino, que tivera uma meninice aperreada.

- Então chamar <sup>653</sup>à ordem os responsáveis!

- Vai-lhe lá falar nisso!...

E é que vou mesmo!

<sup>654</sup>Ergueu-se cheia de zelo, e foi direita como uma heroína ao encontro do lodaçal.

Rodeada do bando, Mariana comia em paz <sup>655</sup>na cozinha o caldo caridoso.

- <sup>656</sup>Estás boa?

- <sup>657</sup>Muito agradecida. Cá vou andando...

- Olha lá, os pais dos pequenos não tomam conta deles?

---

<sup>650</sup> – Pois continua] FEDC; – Pois continua, que se lhe há-de fazer?] BA.

<sup>651</sup> – Pouca vergonha maior! [...] Que se lhe há-de fazer] FEDC; Excerto inexistente] BA.

<sup>652</sup> as crianças e metê-las] FEC; os filhos e metê-los] DBA.

<sup>653</sup> à ordem os responsáveis!] FEC; os pais à responsabilidade] DBA.

<sup>654</sup> Ergueu-se cheia de zelo [...] encontro do lodaçal] FEDC; Excerto inexistente] BA.

<sup>655</sup> na cozinha o caldo caridoso] FE; o seu caldo na cozinha] DCBA.

<sup>656</sup> – Estás boa?] FE; – A Senhora passou bem?] C; – A menina passou bem?] DBA.

<sup>657</sup> – Muito agradecida. Cá vou andando [...] – Olha lá, os pais dos pequenos não tomam conta deles] FE; – Bem, como estás? – Olha lá, os pais dos pequenos não tomam conta deles] DC; – Bem, como estás? – Olha lá, o pai dos pequenos não toma conta deles] BA.

Mariana <sup>658</sup> sorriu, cheia de uma inocência que a outra não entendia. E respondeu, na sua pureza:

- Saiba a menina que não têm pai... São só meus.

---

<sup>658</sup> sorriu] FE; olhou-a] DCBA.

Nota: Conto Inexistente] FEDC; Firmeza] BA.

## NATAL

De sacola e bordão, o velho Garrinchas fazia os possíveis por se aproximar da terra. A necessidade levava-o longe de mais. Pedir é um triste ofício, e pedir em Lourosa, pior. Ninguém dá nada. Tenha paciência, Deus o favoreça, hoje não pode ser – e beba um desgraçado água dos ribeiros e coma pedras! Por isso, que remédio senão alargar os horizontes, e estender a mão à caridade de gente desconhecida, que ao menos se envergonhasse de negar uma côdea a um homem a meio do padre-nosso. Sim, rezava quando batia a qualquer porta. Gostavam... Lá se tinha fé na oração, isso era outra conversa. As boas acções é que nos salvam. Não se entra no céu com ladainhas, tirassem daí o sentido. A coisa fia mais fino! Mas, enfim... Segue-se que só dando ao canelo por muito largo conseguia viver.

E ali vinha de mais uma dessas romarias, bem escusadas se o mundo fosse doutra maneira. Muito embora trouxesse dez réis no bolso e o bernal cheio, o certo é que já lhe custava arrastar as pernas. Derreadinho! Podia, realmente, ter ficado em Loivos. Dormia, e no dia seguinte, de manhãzinha punha-se a caminho. Mas quê! Metera-se-lhe em cabeça consoar à manjedoura nativa... E a verdade é quem nem casa nem família o esperavam. Todo o calor possível seria o do forno do povo, permanentemente escancarado à pobreza. Em todo o caso sempre era passar a noite santa debaixo de telhas conhecidas, na modorra dum borralho de estevas e giestas familiares, a respirar o perfume a pão fresco da última cozedura... Essa regalia ao menos dava a Lourosa aos desamparados. Encher-lhes a barriga, não. Agora albergar o corpo e matar o sono naquele santuário colectivo da fome, podiam. O problema estava em chegar lá. O raio da serra nunca mais acabava, e sentia-se cansado. Setenta e cinco anos, parecendo que não, é um grande carregó. Ainda por cima atrasara-se na jornada em Feitais. Dera uma volta ao lugarejo, as bichas pegaram, a coisa começou a render, e esqueceu-se das horas. Quando foi a dar conta, passava das quatro. E, como anoitecia cedo, não havia outro remédio senão ir agora a mata-cavalos, a correr contra o tempo e contra a idade, com o coração a refilar. Aflito, batia-lhe na taipa do peito, a pedir misericórdia. Tivesse paciência. O remédio era andar para adiante. E o pior de tudo é que começava a nevar! Pela amostra, parecia coisa ligeira. Mas vamos ao caso que

pegasse a valer? Bem, um pobre já está acostumado a quantas tropelias a sorte quer. Ele então, se fosse a queixar-se! Cada desconsideração do destino! Valia-lhe o bom feito. Viesse o que viesse, recebia tudo com a mesma cara. Aborrecer-se para quê?! Não lucrava nada! Chamavam-lhe filósofo... Areias, queriam dizer. Importava-lhe lá.

E caía, o algodão em rama! Caía, sim senhor! Bonito! Felizmente que a Senhora dos Prazeres ficava perto. Se a brincadeira continuasse, olha, dormia no cabido! O que é, sendo assim, adeus noite de Natal em Lourosa...

Apressou mais o passo, fez ouvido de mercador à fadiga, e foi rompendo a chuva de pétalas. Rico panorama!

Com patorras de elefante e branco como um moleiro, ao cabo de meia hora de caminho, chegou ao adro da ermida. À volta não se enxergava um palmo sequer de chão descoberto. Caiados, os penedos lembravam penitentes.

Não havia que ver: nem pensar noutro poso. E dar graças!

Entrou no alpendre, encostou o pau à parede, arreou o alforge, sacudiu-se, e só então reparou que a porta da capela estava apenas encostada. Ou fora esquecimento ou alguma alma pecadora forcara a fechadura. Vá lá! Do mal o menos. Em caso de necessidade, podia entrar e abrigar-se dentro. Assunto a resolver na ocasião devida... Para já, a fogueira que ia fazer tinha de ser cá fora. O diabo era arranjar lenha.

Saiu, apanhou um braçado de urgueiras, voltou, e tentou acende-las. Mas estavam verdes e húmidas, e o lume pois, depois dum clarão animador, apagou-se. Recomeçou três vezes, e três vezes o mesmo insucesso. Mau! Gastar os fósforos todos, é que não.

Num começo de angústia, porque o ar da montanha tolhia e começava a escurecer, lembrou-se de ir à sacristia ver se encontrava um bocado de papel.

Descobriu, realmente, um jornal a forrar um gavetão, e já mais sossegado e também agradecido ao Céu por aquela ajuda, olhou o altar.

Quase invisível na penumbra, com o divino filho ao colo, a mãe de Deus parecia sorrir-lhe.

- Boas festas! – desejou-lhe então, a sorrir também.

Contente daquela palavra que lhe saíra da boca sem saber como, voltou-se e deu com o andor da <sup>659</sup>procissão arrumado a um canto. E teve outra ideia. Era um abuso,

---

<sup>659</sup> procissão] FE; festa] D; Conto inexistente] CBA.



evidentemente, mas paciência. Lá morrer de frio, isso vírgula! Ia escavar o arcanho. Olarila! Na altura da <sup>660</sup>romaria que arranjassem um novo.

Daí a pouco, envolvido pela negrura da noite, o coberto, não desfazendo, desafiava qualquer lareira afortunada. A madeira seca do palanquim ardia que regalava; só de se cheirar o naco de presunto que recebera em Carvas crescia água na boca; que mais faltava!

Enxuto e quente, o Garrinchas dispôs-se então a cear. Tirou a navalha do bolso, cortou um pedaço de broa e uma fatia de febra, e sentou-se. Mas antes da primeira bocada a alma deu-lhe um rebate e, por descargo de consciência, ergueu-se e chegou-se à entrada da capela. O clarão do lume batia em cheio na talha dourada e enchia depois a casa toda.

- É servida?

A Santa pareceu sorrir-lhe outra vez, e o menino também.

E o Garrinchas, diante daquele acolhimento cada vez mais cordial, não esteve com meias medidas: entrou, dirigiu-se ao altar, pegou na imagem e trouxe-a para junto da fogueira.

- Consoamos aqui os três – disse, com a pureza e a ironia dum patriarca. – A Senhora faz de quem é; o pequeno a mesma coisa; e eu, embora indigno, faço de S. José.

---

<sup>660</sup>romaria] FE; festa] D.

## NÉVOA

<sup>661</sup>Já nos tempos de rapariguinha, quando as outras, da mesma idade, esguedelhadas e de nariz sujo, brincavam aos casados, ela se punha de lado, toda penteada e limpa.  
<sup>662</sup>Esbelta e airosa, loira, branca e rosada, nem parecia criada ali.

-Muito bonita é a <sup>663</sup>tua Celestina!

<sup>664</sup>A pobre Joana desfazia no elogio, com medo de qualquer castigo de Deus, e continuava a não compreender como pudera sair de si, tão feia, tão mísera e tão infeliz, uma criatura assim, bafejada da natureza. <sup>665</sup>Giesta agarrada à ponta do fraguado da sorte, que nenhum vendaval poupava, olhava com olhos incrédulos o milagre daquela flor de que fora mãe.

<sup>666</sup>Sempre doente, desafortunada no casamento, desgraçada pela vida fora, morrera-lhe o homem quando andava grávida da filha.

- Não chego a ver a menina... - <sup>667</sup>lamentava-se ele, logo ao terceiro mês, já com a sentença lavrada.

---

<sup>661</sup> Já nos tempos [...] penteada e limpa] FE; Conto inexistente] D; Já nos tempos [...] linda como um amor-perfeito] CBA.

<sup>662</sup> Esbelta e airosa [...] parecia criada ali] FE; Tinha um fino e ondedado [...] esbelto como um vime] CBA.

<sup>663</sup> tua Celestina!] FE; tua filha, ó Joana!] CBA.

<sup>664</sup> A pobre Joana desfazia no elogio [...] tão mísera e tão infeliz] FE; A pobre mulher desfazia no elogio [...] tão mal vestida e tão infeliz] CBA.

<sup>665</sup> Giesta agarrada [...] flor de que fora mãe] FE; A mãe de Celestina [...] duro e mirrado] CBA.

<sup>666</sup> Sempre doente, desafortunada [...] morrera-lhe o homem] FE; Desgraçada ao nascer [...] morrera-lhe o homem, o Lourenço] CBA.

<sup>667</sup> lamentava-se ele, logo ao terceiro mês, já com a sentença lavrada] FE; lamentou-se ele um dia à tarde, já com a esgana a apertá-lo] CBA.

- <sup>668</sup>Valha-te Nossa Senhora! Se isso são coisas que se digam!

- Tenho a certeza.

Sofria de asma. <sup>669</sup>Permanentemente a arfar, a erguer e a abaixar o peito num desesperado vaivém de náufrago a afogar-se, a inquietação contínua que criava à volta, às duas por três, transformava-se em pânico. Ao vê-lo assim esganado, até se tinha remorsos de respirar normalmente.

- <sup>670</sup>E gostava tanto! – insistia, no fim do acesso.

Naquela vida sem ar e sem <sup>671</sup>esperança, a cavar à sobreposse e a fumegar-se de pós da Abissínia, o sonho da filha representava um lavado horizonte de calma respiração e confiança.

- <sup>672</sup>Há-de ser linda, que to digo eu!

<sup>673</sup>Sempre que falava nela, perdia-se, a descrever-lhe a beleza. Alta, branca, loira... Parecia tê-la diante dos olhos.

<sup>674</sup>Ao lado de uma tal imaginação, a Joana, sem fantasia, pecava por míngua. Quer antes, quer depois da mortalha do homem, nunca passou de uma tímida certeza, onde cabia

---

<sup>668</sup> – Valha-te Nossa Senhora! [...] – Tenho a certeza] FE; Excerto inexistente] CBA.

<sup>669</sup> Permanentemente a arfar, a erguer e a abaixar [...] respirar normalmente] FE; E como conservava ainda os olhos esbugalhados [...] coragem de o desmentir] C; E como tinha ainda os olhos esbugalhados [...] coragem de o desmentir] BA.

<sup>670</sup> – E gostava tanto! – insistia, no fim do acesso] FE; – E gostava tanto... Há-de ser linda! Tenho mesmo a certeza] CBA.

<sup>671</sup> esperança [...] respiração e confiança] FE; altura [...] vento e de perfeição] CBA.

<sup>672</sup> – Há-de ser linda, que to digo eu!] FE; Excerto inexistente] CBA.

<sup>673</sup> Sempre que falava nela, perdia-se [...] diante dos olhos] FE; Sempre que falava nela, insistia [...] com a imaginação] C; Sempre que falava nela, insistia [...] com a sua imaginação] BA.

<sup>674</sup> Ao lado de uma tal imaginação [...] fruto do seu ventre] FE; A mulher, sem fantasia, [...] onde cabia apenas uma rapariga] C; A mulher, sem fantasia [...] onde cabia uma rapariga] BA.

apenas uma rapariga ou um rapaz, e qualquer deles nem feio nem bonito, um justo fruto do seu ventre natural e terroso.

<sup>675</sup>Mas chegou a hora do parto e, uma por uma, todas as profecias do vidente se realizaram no corpo da criança. Olhos azuis, cabelos loiros, linda....

- Só me admiro é como ele adivinhou isto!- dizia a Joana, <sup>676</sup>a ver a filha a crescer-lhe no colo.

- Beri-berá... - <sup>677</sup>respondia a pequenita, com uma luz de esplendor à volta da inocência.

<sup>678</sup>O retrato do Lourenço, tirado na feira dos nove, era o de um camponês de traços grosseiros. <sup>679</sup>Contudo, mal começou a ter tino do mundo, a cachopita ficava-se tempo esquecido a olhá-lo, numa ternura e numa admiração que a princípio comoviam a mãe. <sup>680</sup>A coisa, porém, de tal modo passou as marcas, que foi preciso atirar uma palavra de desaprovação ao êxtase contemplativo.

- <sup>681</sup>Ó mulher, nem tanto!

---

<sup>675</sup> Mas chegou a hora do parto [...] cabelos loiros, linda] FE; Enquanto o homem agonizava [...] no corpo da criança] C; Quando o homem morreu [...] no seu corpo] BA.

<sup>676</sup> a ver a filha crescer-lhe no colo] FE; a olhar a filha e a saber que ela a não entendia] CBA.

<sup>677</sup> respondia a pequenita, com uma luz de resplendor à volta da inocência] FE; respondia a pequenita, com uma luz de resplendor a nimbá-la] C; respondia a criança, com uma luz de resplendor a nimbá-la] BA.

<sup>678</sup> O retrato de Lourenço, tirado na feira dos nove [...] traços grosseiros] FE; O retrato do pai, tirado na feira dos vinte e dois [...] pulmões sem ar] CBA.

<sup>679</sup> Contudo, mal começou a ter tino do mundo, a cachopita [...] numa admiração] FE; E contudo, mal começou a ter tino do mundo, a cachopita [...] numa ternura] C; E contudo, mal começou a ter tino do mundo, a pequenita [...] numa ternura] BA.

<sup>680</sup> A coisa, porém, de tal modo [...] ao êxtase contemplativo] FE; Mas de tal modo a adoração [...] palavra de desaprovação] CBA.

<sup>681</sup> Ó mulher] FE; Ó rapariga] CBA.

À medida que os anos <sup>682</sup>corriam, a saudade do homem esfumava-se no coração de Joana. <sup>683</sup>A lembrança do marido sumia-se pouco a pouco, e ficava da passada vida em comum uma certeza sem nitidez, baça, que esbatia as feições do morto. <sup>684</sup>A fotografia dele lá estava sobre a cómoda, numa tentativa de sobrevivência teimosa. <sup>685</sup>Mas bastava-lhe fechar a porta de casa para a imagem perder os contornos. <sup>686</sup>Só recordando certos factos, ou obrigando a memória a concentrar-se, conseguia, que de uma nuvem esfarrapada se gerasse a figura antiga. <sup>687</sup>Direcção inteiramente oposta à de Celestina que, partindo praticamente do nada, ia modelando a realidade do defunto, tirando, pondo, corrigindo na febre de o ressuscitar em corpo inteiro.

- O pai era baixo, <sup>688</sup>não era?

Era.

Eu já calculava...

Como é que calculavas?

- <sup>689</sup>Não sei, calculava...

- <sup>690</sup>Valha-te Deus.

---

<sup>682</sup> corriam [...] homem esfumava-se] FE; passavam [...] homem ia morrendo] CBA.

<sup>683</sup> A lembrança do marido [...] feições do morto] FE; A presença do marido [...] morto diluía] CBA.

<sup>684</sup> A fotografia [...] teimosa] FE; O retrato dele [...] de vez em quando] CBA.

<sup>685</sup> Mas bastava-lhe fechar a porta [...] perder os contornos] FE; Mas, apenas fechava a porta [...] perdia os contornos] C; Mas, apenas fechava a porta [...] perdia os seus contornos] BA.

<sup>686</sup> Só recordando certos factos [...] que de uma] FE; Para a lembrar [...] certas forças] CBA.

<sup>687</sup> Direcção inteiramente [...] ressuscitar em corpo inteiro] FE; E era ao contrário [...] feições do defunto] C; E era ao contrário [...] feições do morto] BA.

<sup>688</sup> não era] FE; não era, mãe] CBA.

<sup>689</sup> Não sei, calculava?] FEC; – E tinha a boca grande, não tinha?] BA.

<sup>690</sup> Valha-te Deus] FEC; – Tinha] BA.

Um mal-estar indizível, <sup>691</sup>uma zanga sem raiva, começou a apoderar-se de Joana sempre que via a cachopa absorta diante do retrato. <sup>692</sup>Não conseguia resolver no espírito aquela estranha contradição: ela a distanciar-se progressivamente do marido e a filha a aproximar-se dele cada vez mais.

-O pai <sup>693</sup>gostava muito de si, não gostava?

- Olha que conversa!

<sup>694</sup>Mulher feita, e cada vez mais bonita, a rapariga parecia não ter outro destino no mundo senão recriar um passado que não vivera. Os rapazes rondavam-lhe a porta, escreviam-lhe ou falavam-lhe, e ela <sup>695</sup>mantinha-se insensível a todas as solicitações do presente.

Tu não te queres casar? – perguntou-lhe a mãe a certa altura.

- <sup>696</sup>Para quê?

- Essa agora! Então para que há-de ser?

<sup>697</sup>Houve um silêncio penoso entre as duas, que uma resposta insólita e violenta quebrou.

- Para depois esquecer o homem, como a mãe fez <sup>698</sup>ao seu...

---

<sup>691</sup> uma zanga sem raiva [...] diante do retrato] FE; uma zanga que não era raiva [...] a olhar o retrato da sala] C; uma zanga que não era raiva [...] a olhar o pai] BA.

<sup>692</sup> Não conseguia resolver [...] aproximar-se dele cada vez mais] FE; Dentro de si, qualquer [...] lembrá-lo cada vez mais] CBA.

<sup>693</sup> gostava muito de si] FE; gostava muito da mãe] CBA.

<sup>694</sup> Mulher feita, e cada vez mais bonita [...] que não vivera] FE; Era já Celestina uma [...] como que a prendia] C; Era já Celestina uma [...] a prendia] BA.

<sup>695</sup> mantinha-se insensível a todas as solicitações do presente] FE; mantinha-se longe deles, insensível e fria] CBA.

<sup>696</sup> - Para quê?] FE; – Casar para quê] CBA.

<sup>697</sup> Houve um silêncio penoso [...] violenta quebrou] FE; Excerto inexistente] CBA.

<sup>698</sup> ao seu] FE; ao pai] CBA.

A pobre e a velha Joana sentiu estalar qualquer coisa dentro do coração. Foi uma suspeita esticada,<sup>699</sup> tensa, que a brutalidade da agressão rompeu.<sup>700</sup> Mas só confusamente conseguiu compreender o que se passava.<sup>701</sup> A filha pareceu-lhe de repente outra mulher, e a estranheza dessa sensação perturbava qualquer análise esclarecedora. Por isso<sup>702</sup> emudeceu e afastou-se devagar como se fugisse de um inimigo.

- O retrato?- perguntou dias depois, ao ver que sobre a cómoda<sup>703</sup> já não estava o morto emoldurado no seu caixilho de arame estrançado.

-<sup>704</sup> Não sei dele.

Olhou fixamente a filha.

Então se tu não sabes, quem é que sabe?

A rapariga, sem pestanejar, enfrentou-a:

- Já lhe disse que não sei.

Voluntariosa, Celestina sempre lhe metera medo. Mas agora<sup>705</sup> temia-a doutra maneira.<sup>706</sup> Depois da última conversa, nenhuma palavra ou intenção da filha lhe davam

---

<sup>699</sup> tensa, que a brutalidade da agressão] FE; tensa sem poder mais, que, tocada pelo gume daquelas palavras] CBA.

<sup>700</sup> Mas só confusamente conseguiu compreender o que se passava] FE; A sua razão é que não tinha nome para aquilo] C; Mas a sua razão não tinha nome para aquilo] BA.

<sup>701</sup> A filha pareceu-lhe de repente [...] análise esclarecedora] FE; Doeulhe muito o que rasgou [...] de semelhante dor] C; Doeulhe muito o que rasgou [...] de tal dor] BA.

<sup>702</sup> emudeceu] FE; calou-se] CBA.

<sup>703</sup> já não estava o morto emoldurado no seu caixilho de arame entrançado] FE; rodeado do seu caixilho de arame, já não estava o morto] CBA.

<sup>704</sup> – Não sei dele] FE; – Não sei] CBA.

<sup>705</sup> temia-a doutra maneira] FE; o pavor era doutra natureza] CBA.

<sup>706</sup> Depois da última conversa [...] sinal de perigo] FE; Depois da última conversa que tinham tido [...] estava do seu lado] CBA.

garantias. O clamor cada vez mais vivo da alma injustamente magoada mandava-a recuar ao primeiro sinal de perigo.

Guardaste-o, é o que foi – rematou, a <sup>707</sup>fugir ao embate. – Podias ter dito logo...

Cheia de vida, cada vez mais loira e mais formosa, a rapariga parecia um sol imerecido a iluminar a terra.

- É sua filha? – <sup>708</sup>perguntou um feirante de longe, na altura em que lhes vendia um leitão.

- É.

- Abençoado pai que a fez!

<sup>709</sup>Os olhos de uma fulguraram de alegria; os da outra nublaram-se de tristeza.

- Pois olhe que a boniteza dele... - <sup>710</sup>desabafou a velha, quase sem querer.

- É você mais engraçada!- <sup>711</sup>replicou Celestina, como se lhe tivessem mordido.

- Amiga dele é ela!... – comentou o <sup>712</sup>outro.

- E nem o conheceu...

- <sup>713</sup>Mas gabo-me de o ter visto no coração, como vossemecê nunca foi capaz!

---

<sup>707</sup> fugir ao embate. – Podias ter dito logo] FE; querer sanar a nova ferida. – Podias ter dito logo] C; querer sanar a nova ferida. – Mas podias ter dito] BA.

<sup>708</sup> – perguntou um feirante de longe, na altura em que lhes vendia um leitão] FE; perguntava na feira quem vinha de longe, ao passar à porta] CBA.

<sup>709</sup> Os olhos de uma fulguraram [...] os da outra nublaram-se de tristeza] FE; 143.8 Os olhos de Celestina [...] os de Joana nublavam-se de parda tristeza] CBA.

<sup>710</sup> desabafou a velha] FE; disse uma vez] CBA.

<sup>711</sup> replicou Celestina] FE; saltou de lá a rapariga] CBA.

<sup>712</sup> o outro] FE; de fora] CBA.

<sup>713</sup> – Mas gabo-me de o ter visto [...] e aquele drama também] FE; Excerto inexistente] CBA.



O dia morreu assim azedo e os que vieram a seguir foram ainda mais amargos. Até que o verão se aproximou do fim e aquele drama também.

<sup>714</sup>Foi em Setembro e passavam ranchos de vindimadores para a ribeira. <sup>715</sup>O harmónio da rusga polvilhava a terra de uma melodia antiga, melancólica e sem préstimo. <sup>716</sup>Celestina fora à costureira e a desgraçada Joana, sentada na soleira da porta, acompanhava com os últimos resquícios da coragem aquele fim de tarde desalentado. Como as uvas que iam ser cortadas, <sup>717</sup>estava também madura para o lagar da morte. <sup>718</sup>Apenas a prendia à vida a dolorosa lembrança de um caminho brumoso, desconsolado, com muita chuva, muito frio e algum sol que, em vez de a aquecer, a queimara. <sup>719</sup>O homem fora no seu amor uma aflição constante; a filha trouxera-lhe uma angústia mais profunda ainda. <sup>720</sup>Que fazia ela no mundo? Que gosto poderia ter numa existência que lhe roía a velhice e matava no coração da rapariga a mocidade?

<sup>721</sup>Sem ânimo para continuar a arder naquele inferno de lume apagado, todo de sombras e absurdos, ergueu-se, foi à cozinha, pegou na faca e na cesta, e correu pelo atalho dos Barrocos ao encontro do último rancho.

---

<sup>714</sup> Foi em Setembro] FE; Era à tardinha no Setembro] CBA.

<sup>715</sup> O harmónio da rusga polvilhava a terra de uma melodia antiga] FE; No som dos instrumentos toscos que tocavam, morria uma tristeza velha] CBA.

<sup>716</sup> Celestina fora à costureira e a desgraçada [...] tarde desalentado] FE; A filha deitara-se já [...] tarde e desalento] C; A filha tinha-se recolhido [...] tarde e desalento] BA.

<sup>717</sup> estava também madura para o lagar da morte] FE; assim ela sentia terminada a duração da sua vida] CBA.

<sup>718</sup> Apenas a prendia à vida [...] brumoso, desconsolado] FE; Nada a segurava mais nada [...] brumoso, triste] CBA.

<sup>719</sup> aflição [...] profunda] FE; angústia [...] mais profundo] CBA.

<sup>720</sup> Que fazia ela no mundo? Que gosto poderia ter numa existência [...] rapariga a mocidade?] FE; Que bruxedo as afastara tanto [...] roía a velhice?] CBA.

<sup>721</sup> Sem ânimo para continuar a arder [...] foi à cozinha] FE; Sem resposta à sua dor, ergueu-se, foi à cozinha] CBA.

-Vossemecê quer <sup>722</sup>mais uma mulher na roga? – perguntou, desesperada, ao maioral.

- <sup>723</sup>Quero, quero! Mas é preciso que ela ainda distinga os bagos das folhas...

A velha Joana sorriu com brandura. Depois, humildemente, disse:

- Distingo. Mas, se me enganar, dê-me um empurrão e atire-me aos boleirões ao Doiro.

<sup>724</sup>É um favor que me faz.

---

<sup>722</sup> mais uma mulher na roga? - perguntou, desesperada, ao maioral] FE; mais uma mulher na sua roga? [...] – perguntou, desesperada, ao feitor] CBA.

<sup>723</sup> – Quero, quero! Mas é preciso que ela ainda distinga os bagos das folhas] FE; – Então não quero! Mas o que é preciso é que ela ainda distinga os bagos das pedras] CBA.

<sup>724</sup> É um favor que me faz] FE; Excerto inexistente] CBA.

## RENOVO

- A Lucinda? – perguntou o Pedro, coberto de suor, lívido a acabar de sair de uma modorra de morte.

- Está boa... - <sup>725</sup>respondeu a mãe, com a naturalidade que pôde.

- E porque não vem cá?

- Isto pega-se, filho. Ela bem queria; <sup>726</sup>eu é que não consinto...

<sup>727</sup>Uma onda de tristeza, que lhe embaciou a imagem da namorada, atravessou os olhos febris do rapaz. <sup>728</sup>Depois, exausto, do esforço de vir à tona do poço, desceu as pálpebras e caiu na sonolência em que vivia há dias.

No princípio da epidemia, <sup>729</sup>de ouvido atento, ia vigiando o mundo através do dobrar do sino. O som a entrar no quarto abafado e ele a inquirir, inquieto:

- Quem foi, minha mãe?

- O Belmiro.

- O pai ou o filho?

- O pai.

---

<sup>725</sup> respondeu a mãe, com a naturalidade que pôde] FED; com toda a calma, a mãe] CBA.

<sup>726</sup> eu] FED; mas eu] CBA.

<sup>727</sup> Uma onda de tristeza, que lhe embaciou a imagem [...] febris do rapaz] FED; Uma onda de tristeza atravessou os olhos febris do rapaz] CBA.

<sup>728</sup> Depois, exausto do [...] as pálpebras] FED; Mas não pôde [...] as pálpebras] CBA.

<sup>729</sup> de ouvido [...] a inquirir, inquieto] FED; o seu ouvido [...] perguntar inquieto] CBA.

Cuidadosa, a Felisberta <sup>730</sup>varria implacavelmente o caminho de todos os espinhos que pudessem magoar as justas esperanças da <sup>731</sup>mocidade. <sup>732</sup>Só rodeado de gente da mesma geração, nascida e feita nas mesmas festas, nos mesmos magustos e nas mesmas ilusões, o sangue jovem pulsa com vontade. E a Felisberta, docemente, ia matando os velhos e as <sup>733</sup>velhas da freguesia, para deixar ao doente, intactas, as fontes da alegria.

- E hoje? – queria ele saber de novo, sôfrego de uma palavra que fosse uma garantia da imunidade dos seus vinte anos.

- O Pinto.

A única distinção que o sino fazia era entre homens e mulheres. E bastava à Felisberta ter <sup>734</sup>debaixo da língua um nome de sessenta invernos, capaz de justificar as três ou as cinco badaladas, para inquietar aquele atento desassossego.

<sup>735</sup>O mal, porém, alastrou de tal modo que se tornou impossível tocar a todos os defuntos. Além disso, o sinal fatídico <sup>736</sup>acabara por ser um aviso a cada moribundo. E o prior, rogado e <sup>737</sup>convencido, mandou calar o bronze.

---

<sup>730</sup> varria implacavelmente] FEDC; ia limpando] BA.

<sup>731</sup> Excerto inexistente] FED; Antes de adoecer, o Pedro [...] é que ele agora subia dos abismos] C; O filho, o Pedro [...] é que ele subia dos abismos] BA.

<sup>732</sup> Só rodeado de gente da mesma geração [...] o sangue jovem] FED; Só rodeado de gente da mesma idade [...] o sangue novo] C; Mas a verdade dela só poderia ter inteiro sentido [...] nas mesmas ilusões] BA.

<sup>733</sup> velhas da freguesia, [...] queria ele saber] FED; velhas da freguesia, [...] inquiria ele] C; velhas da sua idade, [...] inquiria ele] BA.

<sup>734</sup> debaixo da língua [...] atento desassossego] FED; apenas debaixo da língua [...] ansioso desassossego] CBA.

<sup>735</sup> O mal, porém, alastrou de tal modo que se tornou] FED; A epidemia, porém, alastrou de tal modo que era] CBA.

<sup>736</sup> acabara por ser] FE; era] CBA.

<sup>737</sup> convencido] FED; também convencido] CBA.

- De hoje em diante não há mais dobre a finados – ordenou ele. – Toda a gente que tem doentes em casa reclama e tem razão. De mais a mais, pelo caminho que isto a leva, nem a tocar de manhã à noite se dava a vazão...

- Pronto, acabou-se! – respondeu, obediente, o sacristão. – Vão empandeirados como animais, mas lá vão...

O padre olhou <sup>738</sup>em silêncio o rosto amarelo do Eusébio, a pensar na força dos sentimentos humanos. Até <sup>739</sup>aquela alma rude sabia que, embora triste, sempre era uma nota de vida e de dignificação o sino a anunciar um trespassse humano. A vibração plangente <sup>740</sup>descia da torre, propagava-se pelas veigas a cabo, e levava a cada caule, a cada folha e a cada fruto um estremecimento melancólico mas pulsátil, que significava ainda força, respiração e, sobretudo, protesto. E quem cavava, lavrava e suava, nos lameiros, não sentia no silêncio <sup>741</sup>conivente do sino o vazio do pó e do esquecimento.

- Morreu um de Feitais...

Pela coragem com <sup>742</sup>que puxavam a corda do badalo, pela maneira como repicavam ou dobravam, sabia-se a que terra pertencia o cadáver que baixava à cova. Cada aldeia <sup>743</sup>enterrava singularmente os seus mortos. Os de Leirosa, bonacheirões, pacíficos, pobres, tocavam pouco, devagar, sem vontade e sem brio. Mas já os de Fermentões, espadaúdos, carreiros e jogadores de pau, homens de bigodaça e mau vinho, davam sinais de <sup>744</sup>outro

---

<sup>738</sup> em silêncio [...] sentimentos humanos] FED; calado [...] sentimentos humanos] C; calado [...] espontânea e simples] BA.

<sup>739</sup> aquela alma rude [...] trespassse humano] FED; aquela alma rude [...] de cada um] C; a alma rude do sacristão [...] morte de cada um] BA.

<sup>740</sup> descia da torre [...] ainda força, respiração] FED; na velha torre [...] que ainda era força] CBA.

<sup>741</sup> conivente do sino] FED; de uma agonia] CBA.

<sup>742</sup> que puxavam a corda [...] repicavam] FED; que na torre puxavam a corda [...] badalavam] CBA.

<sup>743</sup> enterrava singularmente] FED; enterrava] CBA.

<sup>744</sup> outro modo] FED; outra maneira] CBA.

modo, viril e triunfalmente. <sup>745</sup>E nestas variações o próprio defunto encontrava o seu húmus, ia desta para melhor amortalhado em verdade nativa.

<sup>746</sup>Infelizmente, o tempo feliz dessas expressões fraternas passara. Nas freguesias à volta era o que se sabia. <sup>747</sup>E em Vilalba, depois da caminhada de expiação que o abade ordenara a ver se conjurava o mal, começou também a azia. Ou porque se <sup>748</sup>juntou gente de toda a parte e pegaram a peste uns aos outros, ou porque a noite estava fria e ia tudo descalço e desagasalhado pela serra acima, ou porque o destino assim o quis, o certo é que no dia seguinte a povoação ardia em febre.

<sup>749</sup>O prior, apenas chegou a notícia do flagelo que dizimava as povoações vizinhas, não esteve com meias medidas:

- <sup>750</sup>Aqui a solução é implorar o auxílio do nosso padroeiro Mártir S. Sebastião, num acto colectivo de desagravo e penitência.

- <sup>751</sup>Se o remédio é esse... - responderam todos.

E logo no outro dia à noite, pois não havia tempo a perder, <sup>752</sup>pelos Pousados fora parecia uma ronda de fantasmas.

---

<sup>745</sup> E nestas variações o próprio defunto [...] em verdade nativa] FED; De modo que nestas variações [...] em verdade e justiça] CBA.

<sup>746</sup> Infelizmente, o tempo feliz dessas expressões [...] que se sabia] FED; Mas a epidemia alastrou pela montanha fora] C; Mas a epidemia alastrou pela serra fora] BA.

<sup>747</sup> E em Vilalba, [...] que o abade ordenara] FE; E em Vilalba [...] que fez] D; Depois da penitência que Vilalba fez [...] por sua conta] CBA.

<sup>748</sup> juntou gente [...] a povoação] FED; ajuntou gente [...] Vilalba] CBA.

<sup>749</sup> O prior, apenas chegou [...] meias medidas] FE; O prior é que tivera a lembrança [...] chegou] D; Excerto inexistente] CBA.

<sup>750</sup> - Aqui a solução é implorar o auxílio do nosso padroeiro [...] desagravo e penitência] FED; Isto aqui o remédio é fazer a festa ao Mártir [...] procissão de penitência] CBA.

<sup>751</sup> – Se o remédio é esse] FED; – Mas faz-se. Se o remédio é esse] CBA.

<sup>752</sup> pelos Pousados fora] FED; pelos seixos acima] C; pela serra fora] BA.

Ia à frente a bandeira das Santíssimas Almas, pintada a alvaiade e a zarcão, onde se <sup>753</sup>via quase ao natural o Arcanjo S. Miguel a pesar pecados: uma balança de doceira, o fiel a descair para o lado das chamas, e no prato de baixo um meio corpo aflito, a ver-se no inferno. Vinha depois, ajoelhado no seu andor, <sup>754</sup>de cruz às costas, pálido e terrível, vestido de roxo e de severidade, o Senhor dos Passos. <sup>755</sup>Só de olhá-lo, uma pessoa sentia-se perdida. Seguia-se o andor do orago, com santo nu, atado a um poste e cravado de setas. A síntese perfeita da vulnerabilidade humana, que todos sentiam. <sup>756</sup>Por fim, a fila interminável de polviléu. Velhos e novos, descalços, cobertos de lençóis, as mulheres de coroas de silva à cabeça, e os homens de cordas de carro à cinta e ao pescoço, e a sopesar ferros de arroteio, um, dois, três, quatro, seis até, conforme a força, a fé e o número <sup>757</sup>de filhos.

<sup>758</sup>Era uma caminhada desumana para o outro mundo, branca fúnebre, fantástica e resignada. <sup>759</sup>Irmanados no mesmo sentimento de perdição, bons e maus gemiam em coro a cantilena que o padre orquestrava, roucos, abatidos e apavorados. Nas mãos <sup>760</sup>inocentes ardiam círios e archotes, onde a esperança, batida pelo vento, tremeluzia inquieta. <sup>761</sup>E em todos um sincero arrependimento de culpas horríveis que não tinham. <sup>762</sup>

---

<sup>753</sup> via quase ao natural o Arcanjo [...] ver-se no inferno] FED; onde se via ao natural [...] a sua perdição] CBA.

<sup>754</sup> de cruz às costas [...] severidade] FED; pálido, terrível, [...] crime divino] CBA.

<sup>755</sup> Só de olhá-lo, uma pessoa [...] todos sentiam] FED; Excerto inexistente] CBA.

<sup>756</sup> Por fim, [...] ferros de arroteio] FED; A seguir [...] de arrotear às costas] C; E logo a seguir [...] de arrotear às costas] BA.

<sup>757</sup> Excerto inexistente] FED; Senhor Deus, misericórdia] CBA.

<sup>758</sup> Era] FED; Era como] CBA.

<sup>759</sup> Irmanados no mesmo sentimento [...] que o padre orquestrava] FED; Gemiam em coro a cantilena, roucos, abatidos e apavorados] CBA.

<sup>760</sup> inocentes ardiam círios e archotes [...] tremeluzia inquieta] FED; calosas, círios e archotes [...] vento do monte] CBA.

<sup>761</sup> E em todos] FED; É nas almas] CBA.

<sup>762</sup> Excerto inexistente] FED; Dai-nos saúde, pão e concórdia] CBA.

Mas ou do frio ou do ajuntamento, ou castigo, <sup>763</sup>o resultado de tanta humildade e sacrifício foi a aldeia acordar com os pulmões tornados.

- <sup>764</sup>Vão chamar o médico! Vão chamar o médico! – clamavam agora, uma vez que o santo protector visivelmente os abandonara.

Infelizmente, nem o <sup>765</sup>doutor lhes podia valer. Como <sup>766</sup>frutos maduros abanados por rabanadas de vento, caíam aos magotes na enxerga. E no dia seguinte, ou pouco mais, <sup>767</sup>marchavam para a sepultura, desiludidos do céu e da terra.

A princípio o sino dava sinal e, ao som <sup>768</sup>condóido da sua voz, o prior ia buscar o defunto a casa, e havia um lugar para cada fiel na terra sagrada do cemitério. À medida, porém, que a desgraça alargou, as garantias paroquianas foram perdendo <sup>769</sup>a força. A torre calou-se, o padre já <sup>770</sup>não fazia os levantamentos, e as valas eram no adro, e até numa vinha da residência, benzida à pressa. Sem o alarme dolorido do campanário, a morte perdera a solenidade, a individualidade e a santidade. <sup>771</sup>Juntavam-se no largo pobres e ricos, amigos e inimigos, dez a mais, e o prior, de lenço no nariz, a defender-se da pestilência, conduzia o cortejo à igreja, onde os encomendava na mesma oração rápida e niveladora.

---

<sup>763</sup> o resultado de tanta humildade e sacrifício] FED; o resultado foi a aldeia] CBA.

<sup>764</sup> – Vão chamar o médico! Vão chamar o médico! [...] santo protetor] FED; 150.14 – O médico! O médico! [...] mártir S. Sebastião] CBA.

<sup>765</sup> doutor] FED; médico] CBA.

<sup>766</sup> frutos maduros abanados] FED; castanhas abanadas] CBA.

<sup>767</sup> marchavam] FED; aí iam eles] CBA.

<sup>768</sup> condóido da sua voz, o prior ia buscar o defunto] FED; protector da sua voz o prior ia buscar o morto] CBA.

<sup>769</sup> a força] FED; a sua força] CBA.

<sup>770</sup> não fazia levantamentos [...] benzida à pressa] FED; ia fazer os levantamentos [...] prior benzeu] CBA.

<sup>771</sup> Juntavam-se no largo dos pobres e ricos [...] rápida e niveladora] FED; Juntavam-se pobres e ricos [...] oração niveladora] CBA.



- Não morreu mais ninguém?! – estranhava o Pedro, como um caracol que pudesse cautelosamente <sup>772</sup>os cornos de fora, a sondar o silêncio.

- Nunca mais ouvi o sino...

Não, filho. Não.

A aldeia parecia um pinhal devastado por um ciclone. Casas inteiras despovoadas, famílias exterminadas até à raiz, a flor da mocidade ceifada como trigo maduro.

A pobre Felisberta tinha pago o seu tributo com três filhas, dois netos e o marido. Restava-lhe apenas aquele filho, que a cada instante parecia querer abandonar a luta e a cada instante a renovava. <sup>773</sup>E todo o seu instinto de mulher estava ali, suspenso da respiração e dos olhos da última semente.

- <sup>774</sup>A Lucinda? Porque não vem? – era o gemido dele, mal acordava.

- <sup>775</sup>Ainda é cedo. Esteve à porta de manhã a saber de ti, queria ver-te à fina força, mas disse-lhe que tivesse paciência.

<sup>776</sup>Já não restava nenhuma das raparigas casadoiras da aldeia. Como flores crestadas <sup>777</sup>por geada traiçoeira, uma a uma, forma deixando tombar no caule a cabeça gentil.

---

<sup>772</sup> os cornos] FED; as antenas] CBA.

<sup>773</sup> E todo] FED; Todo] CBA.

<sup>774</sup> A] FED; E a] CBA.

<sup>775</sup> – Ainda é cedo [...] tivesse paciência] FEDC; – Ainda a não deixei entrar. [...] mas não deixei] BA.

<sup>776</sup> Já não restava nenhuma das raparigas casadoiras da aldeia] FE; De todas as raparigas casadoiras da aldeia, não restava um sequer] DC; De todas as raparigas casadoiras da terra, não restava uma sequer] CBA.

<sup>777</sup> por geada traiçoeira, uma a uma, foram deixando] FED; pela geada traiçoeira, uma a uma foram deixando] C; pela geada traiçoeira, uma a uma tinham deixado] BA.

Uma visão de fim do mundo, se a Felisberta não soubesse no mais íntimo do <sup>778</sup>cerne que nada estava perdido desde que a sua própria seiva persistisse.

- Come filho. Faz por engolir...

A trovoada <sup>779</sup>rondava ainda no ar, mas já distante e sem força. Apesar disso, o sino mantinha-se calado, com medo de acordar a morte.

– Não me apetece...

- Ora não te apetece! Vai <sup>780</sup>teimando...

Era difícil encontrar outra vez as palavras esquecidas, a razão aparente das cousas, o sentido simples de tudo. A vida parecia começar de novo, hesitante, sem saber o caminho.

- Estás aqui, estas melhor, vais ver...

- E de que vale? Antes tivesse ido com o pai, com as minhas irmãs e com os meninos...

O peito <sup>781</sup>da Felisberta queria satar de angústia. Mas já não havia tempo para mais desesperos.

- Cala-te, filho. O que lá vai, lá vai...

O valor <sup>782</sup>da desilusão sabia-o ela. Agoraurgia descobrir o sabor da confiança.

- Ainda havemos de ter muitas alegrias... Deixa lá!

- Não diga isso, mãe... Alegrias...

---

<sup>778</sup> do cerne [...] seiva partisse] FE; do cerne [...] não desanimasse] D; do cerne [...] se mantivesse] C; de si [...] se mantivesse] BA.

<sup>779</sup> rondava] FED; estava] CBA.

<sup>780</sup> teimando] FED; ateimando] CBA.

<sup>781</sup> da] FEDC; de] BA.

<sup>782</sup> da desilusão [...] da confiança] FED; de uma desilusão [...] de uma esperança] CBA.

- Digo e torno a dizer... Mastiga, mastiga, filho.

- E a Lucinda?

- <sup>783</sup>Não tenhas pressa. Deixa ver se isto varre mais...

- Mas não tem morrido ninguém! O sino nunca mais tocou!...

- Olha, toca agora...

Repenicava de verdade o velho amigo e eram sinais de baptizado. A aldeia, numa paz de corpo sangrado e combalido, não se esquecera da vida. E ele quebrava a mudez prudente, e abria-se num contentamento apressado, cristalino, que inundava tudo de <sup>784</sup>esperança.

-De quem será?

Seja lá de quem for! O que <sup>785</sup>se precisa cá é de gente.

Amparado nos braços velhos e amorosos da mãe, o rapaz chegara-se à janela e olhava as leiras em pouso, as casas fechadas e o largo deserto. O tamanho da desgraça entrava pelos olhos dentro.

- A Lucinda morreu, pois morreu, minha mãe?

O sino repicava sempre, alegre, festivo, prometedor.

- Há mais raparigas no mundo... Não te aflijas...

As terras, lá fora, pediam fé e coragem. Pelo menos a fé e coragem que a mãe tinha, sem homem, sem filhas, sem netos, cheia de lágrimas, de dívidas, e cansada até à última fibra do coração.

---

<sup>783</sup> – Não tenhas pressa] FEDC; – Tem paciência] BA.

<sup>784</sup> esperança] FED; frescura] CBA.

<sup>785</sup> se precisa cá é de gente] FED; é cá preciso é gente] CBA.

## O REGRESSO

Casta, orvalhada da mesma frescura que humedecia a fruta <sup>786</sup>nos seus pomares, Leiró acordava de uma grande noite de sono e de sonho. O primeiro fio de fumo subia já da lareira do João Rã, o madrugador da <sup>787</sup>povoação. Erguia-se branco, preguiçoso, tímido da aragem fria da manhã. Mas, logo que chegava a céu aberto, tomava respiração, alargava os braços e diluía-se voluptuoso no éter perfumado do ar. Dos quinteiros nasciam vozes confusas da Babel animal. E da esquadria honesta dos portais, largas e franca, iam surgindo a caras humanas e cristãs, levedadas para nova romaria de suor.

À distância de um tiro de espingarda, a medida que agora melhor conhecia, Ivo olhava e analisava aquele despertar. Sentado numa fraga de granito, a trouxa de roupa pousada ao lado, com o olho que lhe restava ia fotografando as fases sucessivas por que passava o casario e a vida da <sup>788</sup>terra onde nascera. Talvez porque a via assim, só de um lado, precisamente o do coração, parecia-lhe que a entendia <sup>789</sup>melhor agora, que a visão binocular de outrora destrinchava e empobrecia o sentido das cousas, incapaz de abraçar no mesmo amor o execrável e o santo.

O burro do latoeiro, então, orneou longa e melancolicamente. E o rapaz, ao lamento arrastado e triste do animal, não conseguiu estancar a emoção que o detinha ali. Uma lágrima irrompeu-lhe da alma e deslizou-lhe pelo rosto magro.

- <sup>790</sup>Não sei o que faça... - murmurou, hesitante.

---

<sup>786</sup> nos seus pomares] FED; dos seus quintais] CBA.

<sup>787</sup> povoação] FED; terra] CBA.

<sup>788</sup> terra] FED; aldeia] CBA.

<sup>789</sup> melhor agora [...] incapaz de abraçar] FED; melhor [...] e abraçava] CBA.

<sup>790</sup> – Não sei o que faça [...] - murmurou, hesitante] FED; – Leiró... - murmurou a erguer-se [...] reboava no peito] C; – Leiró... - murmurou de pé, [...] reboar-lhe no peito] BA.

<sup>791</sup>Sabia que morrera há muito para toda a aldeia. A mãe, a Maria Torres, trajava ainda de preto, mas acostumara-se à tristeza de <sup>792</sup>o ter perdido. O pai, ensimesmado como sempre, engolira o desespero silenciosamente, envelhecera dez anos em poucos meses e esquecera-o <sup>793</sup>também. As irmãs, depois do choro convulsivo e do ano de luto carregado, vestiam blusas claras e namoravam alegremente. <sup>794</sup>Era a vida. Já ninguém o lembrava, o desejava, <sup>795</sup>o chamava ali das veras do corpo e da alma. Partira contra a vontade pacífica e humana de todos para uma guerra que não era deles, matara sem razão nenhuma, atraíçara milénios de fraternidades, de paz e de entendimento. <sup>796</sup>Que poderia esperar agora? Que o aceitassem de braços abertos, ressuscitado num outro ser, estranho e desfigurado?

- Você quem é?

Sem dar conta, tinha um rebanho calmo <sup>797</sup>e lanzudo à volta e um pequeno pastor, o Zé Chaveco, ao pé, a mirá-lo de cima a baixo.

<sup>798</sup>Sim, quem era ele, na verdade, cosido de cicatrizes, meio cego, maneta, coberto de sangue e de remorsos?

<sup>799</sup>Atento, o miúdo continuava a olhá-lo e a inventariar-lhe o vestuário de salteador – calça de bombazina, blusa americana, gorra vasca e alpercatas galegas.

---

<sup>791</sup> Sabia que morrera há muito] FED; Morrera há muito] CBA.

<sup>792</sup> o ter perdido] FED; o perder] CBA.

<sup>793</sup> também] FED; quase] CBA.

<sup>794</sup> Era a vida] FED; Excerto inexistente] CBA.

<sup>795</sup> o chamava ali das veras do corpo e da alma] FED; o chamava das veras do coração e da vida] CBA.

<sup>796</sup> Que Poderia ser agora? [...] estranho e desfigurado] FED; Quem o poderia querer ainda [...] de sangue e de remorsos] CBA.

<sup>797</sup> e lanzudo à volta [...] mirá-lo de cima a baixo] FED; e noveludo à volta [...] a perguntar-lhe quem era] C; e noveludo á volta [...] junto de si perguntar-lhe quem era] BA.

<sup>798</sup> Sim, quem era ele, [...] de remorsos] FED; Excerto inexistente] CBA.

<sup>799</sup> Atento, o miúdo continuava a olhá-lo [...] vestuário de salteador] FED; Porque era outro na verdade [...] como qualquer salteador] CBA.

- Eu?!

<sup>800</sup>Fitou a criança enternecido e mortificado. <sup>801</sup>Aquela interrogação da infância à sua identidade verdadeira comovia-o e dilacerava-o. <sup>802</sup>Nada o podia desiludir mais do que verificar que já nem os olhos da inocência o reconheciam.

Lá, no outro mundo onde combatera, ninguém o interpelara, funda e humanamente. <sup>803</sup>Chegado à fonteira, abriram-lhe a boca do abismo sem nenhuma pergunta.

-Voluntário- <sup>804</sup>declarara, sem saber ao certo o que dizia.

- Muito bem.

<sup>805</sup>Arrastado por não sabia que fome de aventura, partira. E alistara-se, longe de calcular que entregava no compromisso de uma palavra mais do que a própria vida.

Pouco depois era um número. E no campo de batalha, quando finalmente chegou a sua vez, avançava ou recuava como um autómato que tivesse a corda na voz do comandante.

No fim <sup>806</sup>do pesadelo – desmobilizado, mutilado e outro.

---

<sup>800</sup> Fitou a criança enternecido e mortificado] FED; Fitava a criança enternecido e gelado] CBA.

<sup>801</sup> Aquela interrogação da infância à sua identidade verdadeira comovia-o e dilacerava-o] FED; Aquela interrogação [...] aquela transfiguração que se dera nele] CBA.

<sup>802</sup> Nada o podia desiludir mais do que verificar que já nem os olhos da inocência o reconheciam] FED; Excerto inexistente] CBA.

<sup>803</sup> Chegado à [...] sem nenhuma pergunta] FED; Passada a [...] a si homem apenas] CBA.

<sup>804</sup> declarara] FED; respondera então] C; tinha dito] BA.

<sup>805</sup> Arrastado por não sabia que fome [...] a própria vida] FED; Excerto inexistente] CBA.

<sup>806</sup> do] FE; desse] DC; daquele] BA.

Nem o nome <sup>807</sup>que recebera na pia baptismal o designava já porque no homem passado não cabia o homem presente. <sup>808</sup>Arrependido e miserável, vinha a bater à porta nativa. E era <sup>809</sup>justamente uma criança que lhe fechava.

- Sabe de quem você dá uns ares? É de um rapaz daqui, que morreu. Chamava-se Ivo. Fugiu de casa, foi para a guerra e ficou lá.

- Não conheci...

A paz orvalhada que há pouco cobria a aldeia enxugava agora ao claro sol que rompia. Todas as chaminés fumegavam, todas as casas estavam abertas, todos os mistérios desabrochavam <sup>810</sup>e perdiam insensivelmente a graça da virgindade.

- <sup>811</sup>De que terra é, ao menos? – insistia o garoto, com a volubilidade satânica da infância, acostumada a cortar as pernas aos saltaricos.

- Eu?!!!

- <sup>812</sup>Sim!...

<sup>813</sup>Mais difícil do que saber quem era, era localizar-se no mundo. No segredo da sua intimidade podia ainda somar as duas metades da alma dividida; mas não havia morada na terra para esse aborto da vida.

---

<sup>807</sup> que recebera na pia baptismal o designava já [...] homem presente] FED; Nem o próprio nome o designava já[...] aqueles dias em que vivera] C; Nem o seu nome o designava já [...] aqueles dias que vivera] BA.

<sup>808</sup> Arrependido e miserável, vinha bater à porta nativa] FED; Humildemente e sem lar [...] à porta do passado] C; Humildemente e sem outro lar [...] do passado] BA.

<sup>809</sup> justamente uma criança que lhe fechava] FED; a voz de uma criança que o chamava a uma purificação impossível] CBA.

<sup>810</sup> e perdiam insensivelmente a graça da virgindade] FED; e, por isso, perdiam a graça da virgindade] CBA.

<sup>811</sup> – De que terra é, ao menos? [...] da infância] FE; – De que terra é, ao menos [...] da sua idade] D; – Diga lá quem é! [...] da sua idade] CBA.

<sup>812</sup> – Sim!] FED; – Sim, você, quem há-de ser?] CBA.

<sup>813</sup> Mais difícil do que saber quem era [...] para esse aborto da vida - Nem sei] FED; Excerto inexistente] CBA.

- Nem sei.

<sup>814</sup>Tal e qual como o rebanho que, aparentemente sem se mexer, se afastava minuto a minuto, deixando atrás de si o terreno pastado, assim a aldeia lhe fugia dos olhos, fixos nela. À medida que o sol <sup>815</sup>lhe desvendava o recolhimento, e a resposta ao pastor se tornava mais impossível, perdia o ar acolhedor de há pouco e embaciava-se de incompreensão.

<sup>816</sup>As imagens de uma bela história com infância e mocidade, ninhos e maiores, dias de Natal e noites de S. João, apagava-se inexoravelmente. <sup>817</sup>O cenário negava-se à função de servir apenas de fundo passivo à saudade. <sup>818</sup>Ali, ou vivo ou morto. <sup>819</sup>Para todos os fantasmas do mundo, indecisos entre o ser e o não ser, havia apenas um escarolado sorriso de desdém.

- <sup>820</sup>Se não diz quem é, nem onde nasceu, é porque tem medo de alguma cousa... - insinuava, cruel, o instinto do pequeno.

Por aquela boca falava a <sup>821</sup>povoação.

---

<sup>814</sup> Tal e qual como o rebanho que [...] fugia dos olhos, fixos nela] FED; A aldeia fugia-lhe lenta [...] lameiras pastadas] CBA.

<sup>815</sup> lhe desvendava o recolhimento [...] mais impossível, perdia] FE; ia desvendando o seu recolhimento [...] mais impossível, Leiró] D; ia desvendando o seu recolhimento [...] mais inadiável, Leiró] CBA.

<sup>816</sup> As imagens [...] inexoravelmente] FED; As linhas [...] vertiginosamente] CBA.

<sup>817</sup> O cenário negava-se à função de servir apenas de fundo passivo à saudade] FED; O tempo negava-se a continuar suspenso da saudade e da lembrança] CBA.

<sup>818</sup> Ali, ou vivo ou morto] FED; Desprendia-se desses píncaros e morria apagado num riso calmo de desdém] CBA.

<sup>819</sup> Para todos os fantasmas do mundo [...] sorriso de desdém] FED; Tinha um passado aquele que o merecia [...] do esquecimento] CBA.

<sup>820</sup> – Se não diz quem é, nem onde nasceu] FED; Se não quer dizer] CBA.

<sup>821</sup> povoação] FEDC; terra] BA.



<sup>822</sup>Exigia intransigentemente a cada filho um passaporte humano corrido e limpo, de fidelidade ao seu calor e de submissão às suas leis. E o mutilado, diante de um muro tão alto, sentiu que <sup>823</sup>não valia a pena lutar, ter qualquer esperança.

- Sou um pobre... - disse então, <sup>824</sup>humildemente, a evidenciar o coto do baço e a órbita vazia.

A aldeia, desperta, clara e rumorosa, era agora uma fortaleza inacessível. <sup>825</sup>E o filho pródigo voltou-lhe as costas, vencido.

---

<sup>822</sup> Exigia intransigentemente a cada filho um passaporte humano] FED; Pedia intransigentemente um passaporte humano] CBA.

<sup>823</sup> não valia a pena lutar] FE; era inútil lutar] D; era inútil lutar, defender-se] CBA.

<sup>824</sup> humildemente] FED; humilde] CBA.

<sup>825</sup> E o filho pródigo voltou-lhe as costas, vencido] FED; E o soldado voltou-lhe as costas, triste e resolutamente] CBA.

## A CONFISSÃO

Sentia ainda o cinturão do sargento a cortar-lhe a carne. A mocidade de Fontela, amontoada no posto da guarda, em Freixeda, ia sendo interrogada assim.

- Outro! – ordenava a voz sinistra lá de dentro.

E enquanto o cabo Silvino atirava pela porta fora um desgraçado de camisa despedaçada e a escorrer sangue, recebia guia de marcha novo bombo para a festa.

- Tu.

- Tu.

- Tu.

- E agora nós...

Retesou a vontade. Já só faltava ele e a própria mudança no tom e nos termos da intimação dizia tudo.

Preso logo a seguir ao crime, negara redondamente que fosse o criminoso. E o inquiridor recorria ao seu processo habitual nos casos complicados: jurava os suspeitos e os insuspeitos no mesmo redil e levava-os a eito. A verdade acabava por sair do látego, ou confessada ou denunciada.

Entrou calmamente e tentou provar mais uma vez a sua inocência. Brigara, realmente, na noite de Reis com o Armindo, de quem, como toda a gente podia testemunhar, era amigo. Andavam na paródia, beberam muitos quartilhos e, às tantas, por dez réis de coisa nenhuma, pegaram-se. Dera, levava, mas em luta aberta e leal. No fim da zaragata, bem apalpados ambos, seguira cada qual o seu caminho e do fundo da rua é que ouvira gritar aqui del-rei.

- Confessa. Confessa, que é melhor...

- Já lhe disse que não fui eu!

- Queres provar da marmelada, está visto. Pois seja feita a tua vontade.

Olhou fixamente o fatinário antes do primeiro golpe. Sabia que as aparências o comprometiam e que caíra nas mãos do Diabo. Todos, aberta ou encobertamente, o consideravam o autor do crime. A própria vítima o apontara à justiça.

- Ah! Bernardo, que me mataste! – gemera o Armindo, ao sentir-se trespassado pelas costas.

E a Júlia Garrido, que já estava na cama e ouvira a acusação, acrescentava que, sem pôr as mãos nos Evangelhos, ia jurar ter reconhecido o vulto dele a esgueirar-se pelo quelho, quando, alarmada, correu à janela.

Com provas de tal natureza, ninguém duvidava da sua culpa. E muito menos o sargento, que só por tática armara aquela comédia. Até no simples facto de o guardar para remate do arraial mostrava claramente o jogo. Tentava atemorizá-lo pondo-lhe diante dos olhos o sudário prévio do que se ia passar. Mas um homem é um homem e quem não deve não teme. Altivamente estremeou os campos.

- Faça como entender, na certeza de que estás muito enganado se cuida que me obriga a ser o que não sou.

- Talvez mudes de opinião daqui a nada. Ora vamos lá...

O azorrague zuniu e nem se queria lembrar do tempo que durara aquele malhar sem tino. Os últimos golpes já quase os não sentira, de tal modo ardia todo numa dor viva. Por sinal que foi durante a pancadaria que teve o pressentimento do que se passara. De repente, como que iluminado por dentro, viu o Reinaldo apagado na escuridão a assistir à bulha, seguir o Armindo depois da refrega e aproveitar a ocasião para o esfaquear à falsa-fé quando o desgraçado virava a esquina da casa. Despeitado por se ver preterido por ele no coração da Silvana, vingava-se a coberto de qualquer perigo. Se tinha havido barulho antes da morte, nada mais natural do que pensar num desforço traiçoeiro do adversário de há pouco...

O vozeirão do sangrento quebrou-lhe o fio à meada.

- Então? Chega ou queres mais?

Arquejante, numa posta de sangue, ainda arranjava forças para recalcitrar.

- Nem que me corte aos bocados! Nego e torno a negar.

O carrasco abaixou o chicote e chamou o ajudante.

- Solta os outros e põe este de salmoura. Amanhã continuamos.

Estendido nas lajes da prisão, com a roupa colada ao corpo retalhado, malucou naquela miséria. Por todos os lados que a encarasse, ia dar sempre ao mesmo. Ninguém acreditaria, dissesse o que dissesse. Infelizmente, a verdade, no seu caso, não tinha demonstração. Teimar em proclamá-la? De que valia? Surdo, o sargento não a podia ouvir. E o sargento era Freixeda e o resto do mundo. Lançar o nome do Reinaldo na fogueira? Talvez outros o fizessem. Ele é que nunca. Nem tinha a certeza, nem era denunciante. Portanto, só havia um recurso: fugir.

E fugira, realmente, nessa mesma noite, coisa que não passara sequer pela cabeça<sup>826</sup> do da guarda. Tanto assim que nem sentinela mandara pôr à porta da velha cadeia concelhia onde agora o guardava sozinho. Embora a saber que escapulindo-se confirmava para o resto da vida a acusação que lhe faziam, às tantas da manhã, com a energia, a paciência e a arte de que apenas se é capaz nas horas apertadas, ala que se faz tarde.

Passou por casa, mudou de roupa, pediu dinheiro emprestado, e antes de o sol nascer atravessou a fronteira.

Voltava agora, decorrido meio século, velho, pobre, amargurado, com toda uma existência de exilado atras de si e dorido ainda dos golpes injustos que recebera. A que vinha? Rever a terra da criação, rezar duas avé-marias na sepultura dos pais e calar uma ânsia obscura de resgate que os anos tornavam cada vez mais premente.

Não anunciara a chegada nem mesmo à única irmã que lhe restava. Vinha como um fantasma sorrateiro apropriar-se da realidade de que fora espoliado.

---

<sup>826</sup> do da guarda] F; do sargento] E; Conto inexistente] DCBA.

Passageiro anónimo da camioneta da carreira, apenas ela o alijou no largo, ficou-se pasmado a olhar o fontanário, o cruzeiro, o rego de água que atravessara a povoação e o casario que a tarde mortíça tornava sonolento. E apeteceu-lhe chorar. O que ele fora e o que ele era agora! Naquela terra sonhara e confiara. E daquela terra o expulsara a maldade de alguém que, sem remorsos, ali pudera continuar no aconchego das coisas familiares. Cinquenta anos de vida errante, com o labéu dum assassinato a roê-lo. Aonde chegava, chegava a sombra do homicida que não era. Até nos olhos dos que não conheciam a história do crime lia sempre a negra acusação. O tempo acabara por lhe delir na própria lembrança a imagem vislumbrada do possível criminoso. Nítido na sua consciência e na do mundo, apenas um nome infamado: o seu.

- Oh! Bernardo! – gritou-lhe uma voz cavernosa atrás das costas.

Voltou-se. Era o padre Artur, seu companheiro de meninice, ainda seminarista na altura do crime. Sempre a pastorear freguesias longínquas, fora finalmente encarregado do rebanho nativo.

- Oh Artur! Artur! – correspondeu num alvoroço, esquecido de distâncias e conveniências.

Caíram nos braços um do outro, num irresistível impulso fraterno.

- Ainda bem que voltaste! Ia escrever-te hoje. Até pedi a direcção a tua irmã. Tinhas-lhe dito que vinhas?

- Não valia a pena...

- Então vai ter com ela e amanhã falamos. É que o Reinaldo morreu esta manhã. Ouvi-o ontem de confissão... Eu sempre acreditei na tua inocência, rapaz!

Melancolicamente, pegou na mala e deu alguns passos em direcção à casa paterna. Mas logo adiante parou, depôs o carregamento e mudou de rumo.

No cimo da rua principal desandou à esquerda, atravessou vários quinteiros, subiu as escadas do Reinaldo e entrou.

O ambiente era lúgubre. Havia lágrimas e luto em todos os olhos.

Rompeu por entre a multidão que se acotovelava, sem ninguém o reconhecer .

- Quem é? – perguntavam.

- Não sei.

O cadáver jazia ainda sobre a cama, já vestido, à espera do caixão.

A passos lentos aproximou-se e fitou durante alguns momentos a figura hirta e mirrada do defunto... De repente, num ímpeto, deitou-lhe as mãos às abas do casaco, ergueu-o e rouquejou, fora de si:

- Estás morto, é o que te vale. Mas mesmo assim não vais deste mundo sem duas bofetadas na cara, covarde!

E deu-lhas.

## O MILAGRE

A mãe, com o seu instinto agudo de mulher, a chorar, até ao último momento lhe pediu:

- Não cases, filho. Pelo amor de Deus, não cases com ela... Acredita que não é por ser pobre: <sup>827</sup>é por causa da casta... <sup>828</sup>Adivinha—me o coração que vais ser muito infeliz.

O rapaz, porém, estava cego. Metera-se-lhe a Raquel <sup>829</sup>no pensamento e não havia razão que o vencesse. Sabia que não era bonita, e via bem que nunca seria companheira para lhe jungir os bois e roçar um carro de <sup>830</sup>mato. Mas gostava dela sem saber porquê, doída e teimosamente. <sup>831</sup>Rapariga da sua criação, fora sempre adoentada e sorumbática. <sup>832</sup>Apesar disso ganhara-lhe um tal amor que, não obstante as outras o picarem com ditos e darem a demonstrar que estariam pelos ajustes, acabou por lhe pedir namoro. A rapariga atendeu-o sem grande entusiasmo e deu-lhe <sup>833</sup>um sim que deixaria outro qualquer desiludido. Ele é que não precisou de mais.

Mal a notícia constou na terra, <sup>834</sup>ninguém se resignou.

- <sup>835</sup>Um rapaz daqueles merecia coisa melhor! – protestavam todos.

---

<sup>827</sup> é por causa da casta] FEC; por causa do sangue] DBA.

<sup>828</sup> Adivinha-me] FEC; Palpita-me] DBA.

<sup>829</sup> no pensamento] FEC; na cabeça] DBA.

<sup>830</sup> mato] FEC; estrume] DBA.

<sup>831</sup> Rapariga da sua criação, fora sempre adoentada e sorumbática] FEC; Tinham sido criados juntos, e ela fora [...] mais sorumbática] DBA.

<sup>832</sup> Apesar disso ganhara-lhe um tal amor [...] acabou por lhe pedir namoro] FEC; Apesar disso, afeiçoara-se-lhe do coração [...] até lhe pedir namoro] D; Mas afeiçoara-se-lhe do coração [...] até lhe pedir namoro] BA.

<sup>833</sup> um sim que deixaria [...] não precisou de mais] FEC; como era de seu [...] frouxo que ela lhe deu] DBA.

<sup>834</sup> ninguém se resignou] FEDC; foi uma desilusão] BA.

<sup>835</sup> – Um rapaz daqueles merecia coisa melhor] FEC; – Então um rapaz daqueles não merecia coisa melhor] DBA.

<sup>836</sup>Embora ninguém pudesse apontar à cachopa tanto com uma unha em matéria de honestidade e a pouca saúde não fosse propriamente um defeito, havia vários casos de loucura na família. <sup>837</sup>E como o Pedro era uma espécie de príncipe da aldeia, são, alegre, e lindo como um S. Vicente, tal união parecia-lhes um atentado contra a natureza.

- Homem, vê lá... Pensa bem no que vais fazer... - <sup>838</sup>ponderou-lhe o prior. – A Raquel não é má pequena... Agora quanto ao resto... Tens de contar com a carga hereditária... Olha, eu não digo nada. Resolve tu...

Deu-lhe a mesma resposta que dava aos outros:

- Casamento e mortalha no céu se talha. A sorte quis assim, seja o que for.

<sup>839</sup>E contra a vontade de todos – menos dos pais da rapariga, mortos por vê-la como dono-, casaram.

A princípio correu tudo pelo melhor. Embora não fosse a mulher de armas de que o rapaz necessitava no começo da vida, a Raquel <sup>840</sup>lá ia dando conta do recado. <sup>841</sup>Cozinhava, tratava dos vivos, chegava praticamente onde as mais chegavam. Só não engravidava.

---

<sup>836</sup> Embora ninguém pudesse contar à cachopa [...] loucura na família] FEC; Não tinham nada contra a honra da moça [...] vários casos de loucura] D; Não tinham nada contra a honra da moça [...] vários casos de loucura, é que reclamavam] BA.

<sup>837</sup> E como o Pedro [...] contra a natureza] FEC; O Pedro [...] contra a natureza] D; Ora o Pedro [...] semelhante união] BA.

<sup>838</sup> ponderou-lhe [...] carga hereditária] FEC; avisou [...] a geração] DBA.

<sup>839</sup> E contra a vontade de todos – menos dos pais da rapariga, mortos por vê-la com dono] FEC; E, contra a vontade da povoação e das lágrimas da mãe] DBA.

<sup>840</sup> lá ia dando conta do recado] FEC; fazia a lida da casa e dava conta do recado] DBA.

<sup>841</sup> Cozinhava, tratava dos vivos [...] as mais] FEC; Ia à fonte, ao mato, cozia o pão [...] as outras] DBA.



E a secura daquelas entranhas, que nos primeiros meses não admirou ninguém, ao cabo de três anos começou a <sup>842</sup>causar engulhos ao povo e a inquietar seriamente o marido. Um rebanho de filhos, numa casa de lavoura, é uma riqueza com que o homem conta no bragal da mulher.

E o Pedro, <sup>843</sup>cansado de esperar secretamente e em vão o começo dessa colheita, não pôde reprimir a voz do instinto desiludido.

-Comprei hoje o lameiro <sup>844</sup>à Margarida... - anunciou certo dia. – Vendi o vinho cá por uma certa conta... O pior é se nós andamos a trabalhar para o bispo...

A Raquel <sup>845</sup>há muito já que empreendia, até aos limites do desespero, na sua infecundidade e fizera-se até benzer pela Ana Rosa. Por isso, <sup>846</sup>ao ouvir a insinuação, abriu-se num pranto desfeito.

- Bem, <sup>847</sup>não estejas a afligir-te... - consolou-a ele. – Ainda não é tarde... Quantas há que só ao fim de cinco e mais anos...

---

<sup>842</sup> causar engulhos ao povo e a inquietar seriamente o marido] FEC; inquietar o próprio marido]

DBA.

<sup>843</sup> cansado de esperar secretamente [...] instinto desiludido] FEC; ao cabo de esperar secretamente [...] dar-lhe um baque] DBA.

<sup>844</sup> à Margarida [...] anunciou certo dia. – Vendi o vinho cá por uma certa conta] FEC; da Mocha – disse um dia. – Vendi o vinho [...] Se não temos filhos] DBA.

<sup>845</sup> há muito já que empreendia, até aos limites [...] na sua infecundidade] FEC; já pensara nisso [...] benzer pela Ana Rosa] D; já tinha pensado nisso [...] benzer pela Ana Rosa] BA.

<sup>846</sup> ao ouvir a insinuação, abriu-se num pranto desfeito] FEC; diante de palavras [...] pelos olhos. Em silêncio, começou a chorar] D; diante daquelas palavras [...] pelos olhos. Silenciosamente começou a chorar] BA.

<sup>847</sup> não estejas a afligir-te [...] ao fim] FEC; não estejas a afligir-te [...] ao cabo] D; mas não te aflijas [...] ao cabo] DBA.

<sup>848</sup>Desgraçadamente, a Raquel, que o seu ventre nunca se abriria para nenhum fruto.<sup>849</sup>Desde nova que <sup>849</sup>o negro pressentimento da esterilidade a atormentava. Só por essa razão não se <sup>850</sup>atrevera a olhar para nenhum rapaz com olhos de terra em pousio e aceitara o amor do Pedro sem dar mostras de contentamento.<sup>851</sup>Na altura da declaração teve mesmo vontade de lhe confessar tudo.<sup>852</sup>A natureza é que não se resignou a tanto.<sup>853</sup>Talvez estivesse enganada... Infelizmente, o tempo encarregara-se de confirmar as suspeitas.<sup>854</sup>E agora sofria duplamente, por se ver incapaz e traidora.

- Não. Nunca hei-de ter filhos... - <sup>855</sup>respondeu entre dois soluços. – Tenho a certeza...

<sup>856</sup>O homem olhou-a como se a visse pela primeira vez. Uma Raquel <sup>857</sup>maninha não entrava no seu amor.

- <sup>858</sup>Tu nem a brincar me digas isso!

---

<sup>848</sup> Desgraçadamente, a Raquel [...] fruto] FEC; Desgraçadamente, a Raquel [...] parto] D; A Raquel, porém [...] parto] BA.

<sup>849</sup> o negro pressentimento da esterilidade a atormentava] FEC; uma voz íntima e má lhe dizia isso] DBA.

<sup>850</sup> atrevera [...] contentamento] FEC; atrevia [...] pousio] DBA.

<sup>851</sup> Na altura da declaração [...] confessar tudo] FEC; Quando o Pedro a abordou [...] o triste segredo] D; Quando o Pedro lhe falou [...] o triste segredo] BA.

<sup>852</sup> A natureza é que se resignou a tanto] FEC; A sua mocidade é que não se resignou a tanto] D; Mas a sua mocidade não se resignou a tanto] BA.

<sup>853</sup> Talvez estivesse enganada... Infelizmente, o tempo encarregara-se de confirmar as suspeitas] FEC; E calou-se] E calou-se] DBA.

<sup>854</sup> E agora sofria duplamente, por se ver incapaz e traidora] FEC; Agora sofria a dor de se ver incapaz e traidora] DBA.

<sup>855</sup> – respondeu entre dois soluços. – Tenho a certeza] FEC; Tenho a certeza] D; Tenho a certeza disso] BA.

<sup>856</sup> O homem] FEDC; O Pedro] BA.

<sup>857</sup> maninha] FEC; estéril] DBA.

<sup>858</sup> – Tu nem a brincar me digas isso!] FEC; – Tu nem a rir me digas isso] DBA.

Começara reticente, benévolo, a interrogar e a compreender. Mas diante da negativa estreme, irremediável, <sup>859</sup>passou a uma atitude de desilusão ofendida, revoltada e agreste.

<sup>860</sup>Humilhada no que havia de mais profundo na sua condição de mulher, quanto mais o homem se recusava a encarar a verdade, mais ela, numa perversidade macerada, teimava em lhe varrer do espírito todas as esperanças.

- <sup>861</sup>Digo, porque sei.

- Como é que sabes?

- Sei.

Estavam no quarto ano de casados e começou então <sup>862</sup>o profetizado inferno dos dois.

- A Raquel não pode ter filhos... - confidenciou ele à mãe.

- <sup>863</sup>Eu já calculava... Via-se logo pelo andamento! Futurei sempre que dali nunca te viria nada de bom... E se ainda se for aguentando assim com algum juízo, tens muita sorte...

<sup>864</sup>Era a obsessão da pobre Filomena – a loucura da nora. Se iam ao mato juntas, se escolhiam batatas, se andavam sozinhas na descampa, olhava-a de soslaio de vez em quando, sempre à espera dum gesto, dum esgar, de qualquer manifestação do mal que a habitava.

---

<sup>859</sup> passou a uma atitude de desilusão ofendida] FEC; passara a uma atitude de desilusão ofensiva] DBA.

<sup>860</sup> Humilhada no que havia [...] todas as esperanças] FEC; Ela, por sua vez, quanto [...] necessidade sentia] D; Ela, por sua vez, quanto [...] necessidade tinha] BA.

<sup>861</sup> – Digo, porque sei [...] - Sei] FEC; – Escusamos de esperar] D; – Podes ter a certeza] BA.

<sup>862</sup> o profetizado inferno dos dois] FEC; o verdadeiro calvário deles] DBA.

<sup>863</sup> – Eu já calculava [...] nada de bom] FEC; – Pois não. Ela não presta [...] tens muita sorte] DBA.

<sup>864</sup> Era a obsessão [...] que a habitava] FEC; Era o velho terror [...] fúria da rapariga] DBA.

<sup>865</sup>Conhecera-lhe um avô zaranza, ouvira falar de um antepassado também pouco católico da mioleira e à mãe, embora não fosse propriamente maluca, faltava-lhe uma aduela.

- <sup>866</sup>Vossemecê para a consolação...

- Bem sei que te aflijo. Mas que queres? <sup>867</sup>Agoura-me o pensamento que mais dia, menos dia, tens trabalhos... Oxalá que não...

<sup>868</sup>E nem de propósito. Ou porque estava escrito, ou apressado pela conversa da véspera, o certo é que passado pouco tempo, depois de um período de exaltação em que as lágrimas e as gargalhadas se entremeavam numa volubilidade de folha de olmo, o temporal desabou. <sup>869</sup>Vinha o Pedro de ganhar a jorna, por sinal carregado de canhotas para o lume, abriu a porta, e voou-lhe uma faca ao peito. Desviou-se e ficou transido. A desgraça de que todos o tinham prevenido estava <sup>870</sup>à sua frente, absurda e terrível, na figura da mulher, sinistra, de olhos esbugalhados e a espumar

- <sup>871</sup>Ah, Satanaz, que te hei-de matar! – gritava ela, como se visse o próprio demónio.

---

<sup>865</sup> Conhecera-lhe um avô zaranza [...] faltava-lhe uma aduela] FEC; Conhecera-lhe o avô maluco [...] estoirada das aduelas] DBA.

<sup>866</sup> - Vossemecê para a consolação [...] Mas que queres?] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>867</sup> Agoura-me o pensamento [...] Oxalá que não] FEC; – Ou eu me engano muito [...] Oxalá que não] D; Mas não [...] Oxalá eu me engane] BA.

<sup>868</sup> E nem de propósito [...] folha de olmo] FEC; E ou porque tinha de ser [...] estava afeito] DBA.

<sup>869</sup> Vinha o Pedro de ganhar [...] abriu] FEC; Ao despegar [...] foi abrir] DBA.

<sup>870</sup> à sua frente [...] e a espumar] FE; estava na sua frente [...] e a espumar] C; estava na sua frente [...] sua mulher] BA.

<sup>871</sup> – Ah, Satanaz, que te hei-de matar!] [...] o próprio demónio] FEC; – Satanaz! Satanaz [...] diante o próprio demónio] D; - Satanaz! Satanaz! [...] demónio diante de si] BA.

E o <sup>872</sup>infeliz, a estalar de angústia, desandou a chave e foi dormir a casa da mãe.

No dia seguinte <sup>873</sup>não se falava na terra doutra coisa. Passavam a dolorosa notícia uns aos outros afanosamente, numa agri-doce emoção de prescientes e não ouvidos conselheiros.

<sup>874</sup>A crise durou três dias, repetiu-se pouco tempo depois, tornou a voltar, e alguns anos decorreram naquela triste vida. Em casa do Pedro nem havia paz, nem esperança, nem nenhuma das alegrias <sup>875</sup>a que tem direito o mais humilde lar deste mundo. As horas <sup>876</sup>decorriam à espera de novo acesso, as sementeiras e as colheitas andavam à mercê das luas da Raquel, tão depressa cordata como enfurecida.

<sup>877</sup>Até que num inverno a escuridão veio e ficou. Passou uma semana, passou um mês, passaram dois, e a demente aos gritos, varrida, fechada no quarto como uma reca num cortelho.

- Sou eu, mulher! O Pedro! Não me conheces?

De nada valia. <sup>878</sup>Atirava-se a ele, possessa, e eram precisas forças sobre-humanas para lhe desprender as garras traiçoeiras.

---

<sup>872</sup> infeliz] FEC; Pedro] DBA.

<sup>873</sup> não se falava na terra [...] emoção de prescientes] FE; não se falava na terra [...] emoção de amigos] C; a terra estava cheia de novidade [...] conselheiros do rapaz] DBA.

<sup>874</sup> A crise durou três dias, repetiu-se pouco depois, tornou a voltar] FEC; O acesso durou três dias, repetiu-se daí a muitos meses, tornou a passar] DBA.

<sup>875</sup> a que tem direito o mais humilde lar deste mundo] FEC; que o mundo dá a todo o ser que existe] DBA.

<sup>876</sup> decorriam à espera de novo acesso [...] como enfurecida] FEC; decorriam à espera de novo ataque [...] negras e destruidoras] D; passavam-se à espera de novo ataque [...] tenebrosas e destruidoras] BA.

<sup>877</sup> Até que num inverno [...] demente] FEC; Até que num inverno [...] a Raquel] D; Num inverno, porém [...] a Raquel] BA.

<sup>878</sup> Atirava-se a ele, possessa [...] forças sobre-humanas] FE; Atirava-se a ela, possessa [...] forças desumanas] C; Atirava-se a ele, possessa [...] onde as fincava] D; Atirava-se possessa a êle [...] onde as fincava] BA.

O médico há muito que o desenganara da cura.<sup>879</sup> E o desgraçado, numa derradeira braçada de naufrago, resolveu levar a doente a Mondrões, a S. João Baptista. Tinha de ir só com ela, como expressamente recomendou a Ana Rosa,<sup>880</sup> que bem ou mal fazia de bruxa do lugar. Espalhava sal em todas as encruzilhadas que encontrasse, rezava a seguir uma oração que ela lhe ensinou, e dava dez voltas ao adro da ermida com a endemoninhada.

<sup>881</sup> Relutante a credices, temente a Deus, o Pedro lutara até onde lhe fora possível dentro das regras do bom-senso e da farmácia. E como nada conseguira, dispôs-se a experimentar aquela mezinha sobrenatural.

Com a ajuda dos vizinhos, amarrou a mulher bem amarrada sobre o macho, e meteu-se<sup>882</sup> a caminho. Saiu de madrugada, num dia de sincelo que embranquecia todas as esperanças.<sup>883</sup> Cuidadosamente, mal chegava a qualquer cruzamento, atirava a mão-cheia de sal e rezava a prece.<sup>884</sup> Depois, alheio aos olhares invisíveis e rancorosos dos espíritos maus, que a feiticeira lhe garantiu que o espreitavam, seguia.

<sup>885</sup> Apanhou-os o alvorecer em plena serra, no Alto Cabeço, um ermo de causar calafrios. A doida, cansada dos arrancos que dera, ia agora mais calma, a monologar tolices que ele nem queria ouvir.

---

<sup>879</sup> E o desgraçado, numa derradeira [...] a doente] FEC; E ouvidas todas as opiniões [...] a mulher] DBA.

<sup>880</sup> que bem ou mal fazia de bruxa [...] a endemoninhada] FEC; a mulher de virtude [...] com a doente] DBA.

<sup>881</sup> Relutante a credices [...] mezinha sobrenatural] FEC; O Pedro era um homem animoso [...] tentar a sorte] DBA.

<sup>882</sup> a caminho] FEC; à serra] DBA.

<sup>883</sup> Cuidadosamente, mal chegava a qualquer cruzamento] FEC; E, cuidadosamente, mal pisava caminhos cruzados] DBA.

<sup>884</sup> Depois, alheio aos olhares invisíveis [...] seguia] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>885</sup> Apanhou-os o alvorecer [...] de causar] FEC; Apanhou-o dia claro [...] de fazer] DBA.

O macho <sup>886</sup>choutava sobre o codo, resignado. E o Pedro, à frente, de rabeira no braço e mãos nos bolsos, arrastava animosamente a sua cruz. Pelas alturas da Tamargueira, a Raquel teve nova fúria. Esticava as cordas, fazia oscilar o animal, dava gritos desmedidos e pavorosos, que as fragas devolviam num eco de arrepiar.

<sup>887</sup>Outro esconjuro e outra salgadela ao terreno lá fizeram amainar a tempestade, e a peregrinação pôde continuar.

Chegaram tarde à <sup>888</sup>capela. E, depois, das voltas do preceito e das rezas recomendadas, a doente não parecia a mesma.

- Estou boa, homem! Estou curada! Podes-me desamarrar...

<sup>889</sup>Farto de desilusões, o Pedro fez ouvidos de mercador. Deu grão ao macho, estendeu à mulher um pedaço de frango do farnel, comeu ele, e resolveu aguardar os acontecimentos, a ver se o milagre tinha solidez.

Entretanto, o tempo começara a enfarruscar-se e leves flocos de neve surgiram no espaço, a dançar. <sup>890</sup>Mau! O programa não previa um regresso atormentado, de mais a mais depois dos resultados auspiciosos da romagem. E, para abreviar caminho, resolveram voltar por Justes. Havia o perigo da ponte, mas era mais perto.

---

<sup>886</sup> choutava sobre o codo [...] animosamente a sua cruz] FEC; chouteava sobre o gelo [...]

animosamente a sua cruz] D; chouteava o gelo [...] a sua cruz] BA.

<sup>887</sup> Outro conjuro e outra salgadela ao terreno lá fizeram amainar a tempestade] FEC; Outro esconjuro, e outro punhado de sal a uns caminhos [...] fizeram amainar a tempestade] D; Mas um esconjuro, novo punhado de sal a uns caminhos [...] fizeram amainar a tempestade] BA.

<sup>888</sup> capela [...] parecia a mesma] FEC; ermida [...] E lá, depois] D; ermida [...] Mas, lá depois] BA.

<sup>889</sup> Farto de desilusões, o Pedro [...] o milagre tinha solidez] FEC; O Pedro era cavador [...] e resolveu] D; O Pedro era cavador [...] mas resolveu] BA.

<sup>890</sup> Mau! [...] mar de brancura] FEC; Entretanto, pela serra da Moira Morta [...] Raquel côrda] D; Entretanto, pela serra da Moira Morta [...] mulher côrda] BA.

Partiram como chegaram, ele à arreata e a mulher empoleirada na azémola. E quando, passada uma hora de serra, dobraram a lombada de Moira Morta e pensavam ter escapado ao temporal que os perseguia, acharam-se com espanto num ma de brancura.

- Ih! Com Deus! Como isto se pôs!

A besta enterrava-se até à barriga, <sup>891</sup>o arrieiro via-se e desejava-se para dar uma passada, e a Raquel ia como uma moleira, no seu trono.

- O pior é se nos anoitece aqui!

- Não te aflijas, homem. Lá para baixo há-de estar melhor. Mas desata-me, que não posso mais dos pés...

-Daqui a bocado... Vamos a ver se rompemos...

<sup>892</sup>Guiados pelas mariolas de sinalização – marcas de pedra solta, que o rapazio do gado desfizera, aqui e ali, para confusão e pânico dos viandantes -, ao cabo de algum tempo de luta avistaram a garganta do Cabril.

- <sup>893</sup>Se conseguirmos atravessar, estamos safos! – disse o condutor da caravana.

- Mas desata-me. Desata-me, que estou gelada...

Tudo quanto se avistava era branco e calmo. As penedias, majestosas no seu manto de arminho, pareciam deusas tutelares. <sup>894</sup>O próprio fragor da torrente, que espreada até ali se despenhava subitamente num desfiladeiro apertado e a pique, morria abafado nas paredes almofadadas da escarpa.

---

<sup>891</sup> o arrieiro [...] e a Raquel ia como uma moleira no seu trono] FEC; o Pedro [...] e a mulher ia gelada sobre a albarda] BA.

<sup>892</sup> Guiados pelas mariolas de sinalização [...] tempo de luta] FEC; Depois de uma hora de luta [...] haviam sido] D; Depois de uma hora de luta [...] tinham sido] BA.

<sup>893</sup> – Se conseguirmos atravessar, estamos safos [...] condutor da caravana] FEC; – Se atravessarmos o rio, estamos salvos [...] renovada, o lavrador] D; – Se atravessarmos o pontão, estamos salvos [...] renovada, lavrador] BA.

<sup>894</sup> O próprio fragor da torrente [...] almofadas da escarpa] FEC; O próprio rio, no desfiladeiro estreito [...] ar feroz de salteador] DBA.



- <sup>895</sup>Tu sentes-te mesmo boa, boa de todo? – perguntou, ele, inseguro.

- Sinto, homem. Acredita!

- É que passávamos melhor <sup>896</sup>se descesses... O pontão é estreito e o macho pode escorregar...

Estavam perto do <sup>897</sup>passadiço, duas lajes desguarnecidas atravessadas sobre o precipício.

- Estou curada. Podes crer...

<sup>898</sup>Nunca, desde o primeiro dia da doença, a mulher lhe falara com tanta naturalidade e propósito. <sup>899</sup>E, como isso acontecia depois da visita devota, o companheiro acreditou no bafejo divino.

- Então <sup>900</sup>apeia-te.

<sup>901</sup>Parou o animal, desatou a corda, e ofereceu os braços abertos à mulher.

A <sup>902</sup>doida, então, saltou da albarda, sacudiu-se e caminhou calmamente até ao pontão. Mas antes que o homem pudesse sequer fazer um gesto, viu-a voar de saias abertas sobre o despenhadeiro. – Satanaz! – ouviu ele, como um último adeus maldito.

---

<sup>895</sup> – Tu sentes-te mesmo boa, boa de todo?] FEDC; – Mas tu sentes-te mesmo boa de todo?] BA.

<sup>896</sup> se] FEC; se tu] DBA.

<sup>897</sup> passadiço [...] precipício] FEC; pontão [...] abismo] DBA.

<sup>898</sup> Nunca, desde o primeiro dia da doença [...] naturalidade e propósito] FEC; Nunca desde o primeiro dia da doença, a mulher lhe falara assim] DBA.

<sup>899</sup> E, como isso acontecia [...] o companheiro acreditou no bafejo divino] FE; E, como isso acontecia [...] o Pedro acreditou no bafejo divino] C; E como tudo acontecera [...] o Pedro acreditou na graça] DBA.

<sup>900</sup> apeia-te] FEC; desce] DBA.

<sup>901</sup> Parou o animal, desatou] FEC; Parara o macho, desatara] DBA.

<sup>902</sup> doida, então, saltou da albarda, sacudiu-se [...] sobre o despenhadeiro] FEC; e antes que o homem pudesse sequer estender a mão [...] sobre o precipício] DBA.

- Satanaz... - repetiu o eco, escarninhamente. O corpo perdeu-se no fundo do boqueirão, <sup>903</sup>e o Pedro ficou em cima, especado, atônito, de boca aberta. O macho encolhia as orelhas à neve, que recomeçara a cair.

- Seja feita a vontade de Deus... - disse por fim <sup>904</sup>o infeliz, como que a lavar as mãos da desgraça.

<sup>905</sup>O seu desespero não cabia numa fórmula ritual, a que faltava verdadeira palpitação humana. <sup>906</sup>A dor que sentia não achava lenitivo numa passiva aceitação da vontade do Criador. <sup>907</sup>Mas submetia-se humildemente ao seu arbítrio. Jogara e perdera.. Porquê? Não sabia, nem poderia talvez sabê-lo nunca. Era um pobre de Cristo a tropeçar no mundo. O destino servira-se do seu coração com dum castiçal, onde fizera arder até ao fim do pavio a vela da ilusão e da esperança. Justa ou injustamente?

Como se quisesse ouvir a resposta da boca da própria morta, debruçou-se sobre o abismo.

- Raquel! – <sup>908</sup>gemeu em carne viva, quando o silêncio se tornou cruciante.

- Raquel!

---

<sup>903</sup> e o Pedro [...] boca aberta] FE; e o infeliz [...] boca aberta] C; e o homem [...] fora da vida] DBA.

<sup>904</sup> o infeliz, como que a lavar as mãos da desgraça] FE; o lavrador, instintivamente, a lavar as mãos da desgraça] C; o Pedro, instintivamente [...] dor infinita que sentia] DBA.

<sup>905</sup> O seu desespero não cabia [...] a que faltava verdadeira] FEC; Mas o seu desespero não podia caber [...] onde não faltasse verdadeira] DBA.

<sup>906</sup> A dor que sentia não achava [...] vontade do Criador] FEC; O vasio que a companheira deixara [...] louvor irónico ao Criador] DBA.

<sup>907</sup> Mas submetia-se humildemente ao seu arbítrio [...] debruçou-se sobre o abismo] FEC; Por isso, de olhos a engolir as lágrimas [...] confins do fosso] D; Por isso, de olhos rasos [...] confins do fôss] BA.

<sup>908</sup> em carne viva, quando o silêncio se tornou cruciante] FEC; em carne viva, quando o silêncio lhe pareceu definitivo] D; em carne viva o Pedro, quando o silêncio lhe pareceu definitivo] BA.

Do <sup>909</sup>fundo do poço, porém, só regressava o eco deformado do seu apelo.  
<sup>910</sup>Desvairado, tentou então descer o desfiladeiro, num cego impulso de fidelidade ao amor e ao dever. Mas aos primeiros passos ia-se precipitando também no túmulo maldito. A neve adoçara os acidentes e cada palmo de chão era uma armadilha disfarçada.

- Não lhe posso acudir de maneira nenhuma... - confessou, vencido. – É tudo contra!...

<sup>911</sup>As palavras de desalento soaram como pedradas na muda serenidade que o rodeava. Anoitecera, e a serra, que no crepúsculo de há perdera a brancura de cal e a quietude, à luz do luar nascente tornara-se lívida e petrificada.

- <sup>912</sup>Não sei o que hei-de fazer...

Abobalhado, sem poder reencontrar na irrealidade do que se passara a sua própria realidade, acabou por descobrir na presença viva do macho uma espécie de irmandade protectora. E num automatismo de sonâmbulo, cavalgou-o e deixou-se levar passivamente.

<sup>913</sup>Só na Chã de Panóias o rasto de uma nova violência, marcado no fofo pergaminho da neve, o acordou.

- Lobo... - <sup>914</sup>murmurou calmamente.

---

<sup>909</sup> fundo do poço] FEC; despenhadeiro] DBA.

<sup>910</sup> Desvairado, tentou então descer o desfiladeiro [...] - É tudo contra] FEC; – Seja feita a vontade de Deus [...] sentia-se inexpugnável como uma fortaleza] D; – Seja feita a vontade de Deus [...] o seu corpo era inexpugnável como uma fortaleza] BA.

<sup>911</sup> As palavras de desalento soaram como pedras [...] lívida e petrificada] FEC; A serra, perdera, no crepúsculo, toda a candura de há pouco [...] mãos humanas poderiam ir arrancá-la] D; A serra perdera agora toda a candura [...] àquela hora poderiam ir arrancá-la] BA.

<sup>912</sup> – Não sei o que hei-de fazer [...] deixou-se levar passivamente] FEC; Petrificada em solidão [...] ia-lhe acompanhando os passos [...] D; Petrificada em solidão [...] ia acompanhando os seus passos] BA.

<sup>913</sup> Só na Chã de Panóias o rasto de uma violência [...] o acordou] FEC; Arrastado pela força da vida [...] escolhido pela mulher] D; Arrastado pela força da vida [...] escolhido pela companheira] BA.

<sup>914</sup> murmurou] FEC; disse] DBA.

<sup>915</sup>O muar estremeceu-lhe debaixo dos joelhos e uma massa viva, familiar, apareceu na vezeira ao fundo, abandonada.

- Que é aquilo? – perguntou <sup>916</sup>alto, como se o pobre animal seu companheiro tivesse entendimento e fala.

<sup>917</sup>A resposta entrou-lhe pelos olhos, apenas se aproximou: era uma vitela estendida e esquadrihada entre duas urgueiras.

- <sup>918</sup>Foi ele, o malvado! Agadanhou-a mesmo agora. Nem teve tempo de a acabar. Largou-a quando sentiu gente...

Sem se poder erguer, a rês jazia moribunda à beira do curral deserto, <sup>919</sup>a que não chegara a tempo de o pastor a levar. <sup>920</sup>Tinha uma grande ferida na cernelha, onde a fera ferrara os dentes quando lhe saltou ao lombo. A articulação das mãos estava desfeita, todo o <sup>921</sup>corpo sangrava dos golpes abertos pelas garras agressoras, e a vida teimava em persistir ali, arquejante e sem esperança.

<sup>922</sup>No pensamento atribulado do Pedro, a imagem repousada da mulher, liberta no fundo do abismo, sobrepôs-se subitamente à imagem crispada que o acompanhava. Humana e compreensivamente, <sup>923</sup>viu a doida serena e feliz pela eternidade fora.

---

<sup>915</sup> O muar] FEC; O macho] DBA.

<sup>916</sup> alto] FEDC; êle alto] BA.

<sup>917</sup> A resposta [...] esquadrihada] FEC; A resposta, contudo [...] entre duas urgueiras] DBA.

<sup>918</sup> – Foi ele, o malvado [...] Largou-a quando sentiu gente] FEC; – Foi ele] DBA.

<sup>919</sup> a que não chegara] FEC; para onde não viera] DBA.

<sup>920</sup> Tinha uma grande ferida na cernelha [...] quando lhe saltou ao lombo] FEC; Tinha parte da sernelha comida [...] se fartara nela] DBA.

<sup>921</sup> corpo sangrava dos golpes abertos pelas garras agressoras, e a vida em persistir ali, arquejante] FEC; corpo sangrava dos golpes abertos [...] ali, cruciante] D; corpo tinha golpes profundos [...] ali cruciante] BA.

<sup>922</sup> No pensamento atribulado do Pedro [...] o acompanhava] FEC; A visão da mulher liberta no fundo [...] atribulado de Pedro] DBA.

<sup>923</sup> viu a doida serena e feliz pela eternidade fora] FEC; o lavrador viu a doida serena e feliz pela eternidade além] DBA.

<sup>924</sup>Num relance, avivou-se-lhe na memória o íngreme calvário da companheira, subido entre noites negras de demência e dias claros de incerteza. Ao menos agora <sup>925</sup>o corpo e o espírito da desgraçada estavam em paz. Uma paz conquistada a desespero, mas que força nenhuma podia mais perturbar.

<sup>926</sup>Iluminado por este clarão revelador, que lhe tornava inteligível o que até ali fora apenas no seu entendimento um desígnio oculto do destino, desceu então os olhos calmos e fraternos sobre o corpo mutilado e sofredor da toira, apeou-se do macho, tirou do bolso a navalha de ponta e mola e, piedosamente, sangrou aquela alma dorida.

---

<sup>924</sup> Num relance, avivou-se-lhe na memória o íngreme] FEC; A sua memória nítida reviu de relance o íngreme] DBA.

<sup>925</sup> o corpo e o espírito da desgraçada estavam em ] FEDC; o seu corpo e o seu espírito tinham] BA.

<sup>926</sup> Iluminado por esse clarão revelador [...] desceu então os olhos] FE; Iluminado por esse clarão revelador [...] o lavrador desceu então os olhos] C; Aberto por essa luz reveladora, o homem desceu então os olhos] D; Aberto por essa luz reveladora, o Pedro desceu então os olhos] BA.

## O ARTILHEIRO

- Carlos Pinto, um seu criado! O Artilheiro.. – proclamou, alto e bom som, no silêncio da sala, o filho do Alma em Pé.

E o Tribunal não pôde deixar de ter um sorriso de simpatia pelo moço que, da <sup>927</sup>pequenez a que fora condenado, atirava à cara carrancuda da justiça aquela grande e poderosa palavra.

- Artilheiro, é boa! – fungava o delegado, a <sup>928</sup>imaginar o que seria uma praça com pouco mais de um metro de altura a manobrar os canhões do Amarante.

Se perguntassem em Malhão <sup>929</sup>o nome do autor de todas as alcunhas que no povo definiam quem tinha definição, ninguém sabia. A <sup>930</sup>crisma nascida anónima e certa, englobando numa só palavra um mundo de realidades contraditórias, admiráveis e ridículas, bonitas e feias, dignas de indulgência e merecedoras de escárnio. A história humana <sup>931</sup>da terra estava inteira nos apelidos dos seus filhos. João, António, Francisco, Carlos da Lousa ou Joaquim da Fonte <sup>932</sup>individualizavam gente, mas não testemunhavam vida e acção.

---

<sup>927</sup> pequenez a que fora [...] cara carrancuda justiça] FE; pequenez do seu físico [...] cara carrancuda justiça] C; pequenez do seu físico, atirava à justiça] DBA.

<sup>928</sup> imaginar o que seria uma praça com pouco [...] metro de altura] FEC; vislumbrar o que seria uma praça com pouco [...] metro de altura] D; futurar o que seria uma praça daquelas] BA.

<sup>929</sup> o nome do autor que no povo] FEC; o nome do autor de todas as alcunhas que na terra] D; quem era o autor de todas as alcunhas que na terra] BA.

<sup>930</sup> crisma [...] merecedoras de escárnio] FE; crisma [...] de indulgência e de escárneo] D; crisma [...] de indulgência e susceptíveis de escárneo] C; marca [...] de indulgência e de escárneo] BA.

<sup>931</sup> da terra] FEDC; de Malhão] BA.

<sup>932</sup> individualizavam gente, mas não testemunhavam ] FEC; indicavam gente, mas não eram] DBA.

Já Fogo-Morto, Nalguinhas, Chega-me-Isso e Pé-Tolo <sup>933</sup>exprimiam defeitos e virtudes concretas que todos conheciam. Eram instantâneos onde a <sup>934</sup>aldeia podia ver os seus títeres ao natural. Às vezes o <sup>935</sup>apodo não tinha aparentemente qualquer significação. Lafunfa, por exemplo, <sup>936</sup>não queria dizer nada. E, contudo, nenhuma palavra podia retratar tão completamente a pessoa atarracada, frascária e casamenteira da Gregória.

O portador do cartaz zombeteiro, como uma truta presa no anzol, a principio saltava e barafustava. <sup>937</sup>A tudo Malhão assistira, nesse capítulo. Zangas, injúrias e tiros, até! <sup>938</sup>O curioso é que daí a pouco tempo a própria vítima se servia desse cartão de identidade, mais explícito e universal.

- Saiba V. S.<sup>a</sup> que a minha graça é Gabriel Ramiro dos Anjos... - <sup>939</sup>explicava o interessado, a tentar receber no Banco um cheque que lhe mandara o filho do Brasil.

- <sup>940</sup>Acredito. Mas traga, traga um fiador... Ou então arranje uma casa comercial que o abone...

- <sup>941</sup>Talvez V. S.<sup>a</sup> tenha ouvido falar no Luminárias...

---

<sup>933</sup> exprimiam defeitos e virtudes concretas que todos conheciam] FEC; queriam dizer coisas expressivas e reveladoras] D; queriam dizer coisas impressivas e reveladoras] BA.

<sup>934</sup> aldeia podia ver os seus títeres] FEC; aldeia podia ver os seus heróis ao natural] D; terra podia ver os seus heróis ao natural] BA.

<sup>935</sup> o apodo [...] qualquer significação] FEC; a palavra não [...] de conhecido] DBA.

<sup>936</sup> não queria dizer nada [...] da Gregória] FEC; não vinha em livro nenhum [...] retratava] DBA.

<sup>937</sup> A tudo Malhão assistira, nesse capítulo. Zangas, injúrias e tiros, até!] FEC; Desde a injúria aos tiros, Malhão assistira a tudo] D; Desde a injúria aos tiros, Malhão tinha visto tudo] BA.

<sup>938</sup> O curioso é que daí a pouco tempo a própria vítima se servia] FEC; O curioso é que daí a pouco era a própria vítima a servir-se] D; Mas com o tempo, era o próprio a servir-se] BA.

<sup>939</sup> explicava o interessado [...] o filho do Brasil] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>940</sup> – Acredito. Mas traga, traga um fiador] FEC; – Está rico! Gabriel Ramiro dos Anjos... Traga, traga um fiador] DBA.

<sup>941</sup> – Talvez] FEDC; – Mas talvez] BA.

- Ai vossemecê é que é o <sup>942</sup>célebre Luminárias?! Isso é outro cantar!... Assine aqui...

<sup>943</sup>Embora a coisa fosse um bocadito amarga e dolorosa, o rabo-leva era tão simples e prático que não havia remédio senão um homem resignar-se. De resto, nem todos <sup>944</sup>se mostravam igualmente sensíveis a estas radiografias cruéis. A maioria aceitava em estoicismo e dignidade o diagnóstico colectivo. <sup>945</sup>E à cabeça do rol desses heróis estava o Artilheiro.

<sup>946</sup>Lapantim, muito teso dentro da roupa, desde pequeno que qualquer coisa na sua pessoa denunciava uma impossibilidade eterna de chegar ao estalão. E um dia a alcunha surgiu, <sup>947</sup>justa por antinomia. O Carlos, porém, não se deixou vencer pela chacota. Foi crescendo até onde pôde, <sup>948</sup>aproveitando os milímetros, e à frente da figura mirrada, confiante e risonho, erguia sempre, como um cartaz identificador, o grande nome que Malhão lhe dera.

<sup>949</sup>Nem mesmo na carta que escreveu à Guiomar, quando o tempo do amor chegou, se esqueceu de acrescentar o epíteto de guerra.

---

<sup>942</sup> célebre Luminários] FEDC; Luminárias] BA.

<sup>943</sup> Embora a coisa fosse um bocadito amarga e dolorosa [...] homem resignar-se] FEC; Era um bocadito amargo e doloroso [...] tão prático] D; Era um bocadito amargo e doloroso [...] era tão prático] BA.

<sup>944</sup> se mostravam [...] diagnóstico colectivo] FEC; se mostravam [...] das próprias virtudes e defeitos] D; eram igualmente [...] das suas virtudes e defeitos] BA.

<sup>945</sup> E à cabeça do rol desses heróis estava o Artilheiro] FEC; Exatamente o que se sucedia com o Carlos, o Artilheiro] DBA.

<sup>946</sup> Lapantim, muito teso dentro da roupa [...] eterna de chegar] FEC; Desembaraçado, muito direito [...] de chegar ao estalão] D; Desembaraçado, muito direito [...] de crescer e chegar ao estalão] BA.

<sup>947</sup> justa por antinomia] FEC; de uma justeza angustiosa na sua mofa] DBA.

<sup>948</sup> aproveitando os milímetros [...] cartaz identificador] FEC; devagarinho e pouco [...] valiam palmos, punha] D; devagarinho e pouco [...] valiam, punha] BA.

<sup>949</sup> Nem mesmo na carta que escreveu à Guiomar [...] to manda] FEC; Excerto inexistente] DBA.



Como não recebeu resposta, meteu no caso a Lafunfa, que tentou amaciar a rapariga.

- Valha-te Deus, mulher! É o céu que to manda!...

- O Artilheiro?! Eu queria lá um meio-alqueire daqueles! Quando casar, há-de ser com um homem que me aqueça os pés... <sup>950</sup>Não me fale em semelhante enfezado!

- Olha que é como os outros... - insinuava, <sup>951</sup>maliciosamente, a velha alcoviteira. – Experimenta...

- Experimentar?! – <sup>952</sup>exclamou a desamorável, entre ofendida e pasmada.

- Experimentar, é como quem diz... Não quero que te metas com ele na cama... Atendê-lo, a ver...

Batida e pelada como uma franga do ribeiro, a Lafunfa <sup>953</sup>era a casamenteira da terra. Por um <sup>954</sup>miçoilo de qualquer coisa, não havia cachopa que não levasse à bebida, nem estola que não atasse a mãos namoradas desavindas. <sup>955</sup>Beata, sempre a pregar moralidade, todo o amor de Malhão passava por sua casa.

- Entra... - sussurrava em <sup>956</sup>tom cúmplice a quem, levemente e a altas horas, lhe batia à porta...

- Sou eu, o Abel...

---

<sup>950</sup> Não me fale em semelhante enfezado!] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>951</sup> maliciosamente, avelha alcoviteira] FEC; maliciosa, a velha] DBA.

<sup>952</sup> exclamou a desamorável, entre ofendida e pasmada] FE; estranhou, entre ofendida e pasmada, a rapariga] DCBA.

<sup>953</sup> era a casamenteira da terra] FEC; a Lafunda era o terror e a paixão da mocidade] DBA.

<sup>954</sup> um miçoilo [...] a mãos namoradas] FEC; um miçoilo de batatas [...] a mãos amorosas] D; duas canadas de vinho [...] mãos amorosas] BA.

<sup>955</sup> Beata, sempre a pregar [...] por sua casa] FEC; Sempre metida na sua fuma [...] e brancas] DBA.

<sup>956</sup> tom cúmplice a quem, levemente e a altas horas] FEC; tom cúmplice a quem, levemente, a altas horas] D; baixo a quem, levemente, a altas horas] BA.

- Pois sim, filho. Senta-te ao lume, que eu vou já...

Aparecia embrulhada no chaile e, a cada lamento do apaixonado, só dizia:

- A grande tola!... Coitada, ainda ninguém lhe <sup>957</sup>mostrou a verdade...

Depois, o <sup>958</sup>romeu saía, a noite apertava as malhas, e o dia só raiava ao fim de muitas horas de suspiros. Mas logo nessa mesma tarde os olhos da ovelha arisca <sup>959</sup>brilhavam com outra brandura e consentimento.

- <sup>960</sup>Farta de o ver estou eu! – defendia-se a Guiomar com bravura. – Olhe que ele vê-se depressa...

- Enganas-te filha. Enganas-te... <sup>961</sup>Os homens às vezes parecem uma coisa e são outra. Aquele tenho a certeza que é dos tais... Não fales antes de lhe tomares o gosto...

- Quem a ouvir, há-de dizer que já o provou!...

- Na minha idade!... <sup>962</sup>Quem me dera!

E com mais duas conversas assim o Artiheiro tinha namorada. Mas como sabia o que a velha lutara para conseguir o sim, e como <sup>963</sup>desejava tirar todas as dúvidas à cachopa, não esteve com demoras.

---

<sup>957</sup> mostrou] FEC; disse] DBA.

<sup>958</sup> romeu saía, a] FEC; amoroso saía] DBA.

<sup>959</sup> brilhavam com outra brandura e consentimento] FEDC; eram mais brandos e consentidores] BA.

<sup>960</sup> Farta de o ver estou eu] FEDC; – Então mas eu não estou farta de o ver] BA.

<sup>961</sup> Os homens às vezes parecem [...] lhe tomares o gosto] FEDC; Os homens às vezes parecem uma coisa, e são outra] BA.

<sup>962</sup> Quem me dera] FEC; Valha-te Deus. Tomara eu] DBA.

<sup>963</sup> desejava tirar todas as dúvidas à cachopa] FEC; queria tirar as dúvidas aos escrúpulos da rapariga] DBA.

Na primeira altura que pôde, em vez de lhe <sup>964</sup>aquecer os pés, aqueceu-lhe o corpo inteiro. <sup>965</sup>A rapariga viera ao penso para o gado, à tardinha, a uma hora em que as próprias silvas adormecem brandas nas sebes. <sup>966</sup>E o rapaz, que a viu passar, foi-lhe no encalço. <sup>967</sup>Largou a enxada e o lameiro, e resolveu tratar doutra sementeira.

A primeira facha desatou-se. <sup>968</sup>E, quando a moça se baixou à procura do vincilho, duas mãos ávidas e seguras agarram-na pelos seios de granito.

- Jesus!

<sup>969</sup>O grito alarmado não queria significar recusa. Surpresa, apenas. Enleada, morna, submissa, a carne aceitava o abraço e o resto que ele prometia.

- Pode vir gente...

- <sup>970</sup>Quem há-de vir?

A porta deslizou <sup>971</sup>nos gonzos e, à branda luz que adoçava o medo, os dois deram-se com toda a força da juventude.

---

<sup>964</sup> aquecer os pés, aqueceu-lhe o corpo inteiro] FEC; lhe aquecer os pés, aqueceu à Guiomar o corpo inteiro] D; aquecer dois lençóis de tomentos [...] carros de feno] BA.

<sup>965</sup> A rapariga viera ao penso para o gado] FEC; A rapariga tinha vindo buscar penso para o gado] DBA.

<sup>966</sup> E o rapaz, que a viu passar, foi-lhe no encalço] FEC; E o rapaz, que a viu da varanda, foi-lhe no encalço. O dia fora áspero, de suor e de estrume] D; O dia fora áspero, de suor e de estrume] BA.

<sup>967</sup> Largou a enxada e o lameiro [...] doutra sementeira] FEC; E o instinto, voluptuoso [...] mais promissor] D; E o corpo, cansado, voluptuoso [...] rigoroso e comprido] BA.

<sup>968</sup> E, quando a moça se baixou] FE; E quando a moça se abaixou] DC; E quando a rapariga se abaixou] BA.

<sup>969</sup> O grito alarmado não queria significar recusa] FEC; O grito não correspondia a nenhum querer diferente. Pudor, apenas.] D; Era um grito que já não correspondia a nenhum querer] BA.

<sup>970</sup> Quem há-de vir] FEC; – Gente, aqui] DBA.

<sup>971</sup> nos gonzos [...] força da juventude] FE; nos gonzos [...] homem e mulher que eram] C; sobre a palha [...] homem e mulher que eram] DBA.

Rijo, <sup>972</sup>só músculos e tendões, viril como um gato ágil, o Artilheiro parecia um raio a varar aquela virgindade. E a Guiomar, se não sentia <sup>973</sup>nos braços um homem do tamanho do Marão, abria-se inteira à eficiência de uma força sem dispersão, rápida, concêntrica e desfibrada.

- Meu amor...

Começava uma verdadeira e pura fonte a nascer <sup>974</sup>dentro dela e a inundá-la da única paz que é na vida o remédio de todas as feridas.

- Meu amor...

Casta, das funduras da alma, a paixão irrompia pela crosta dos sentidos e aparecia à tona em palavras que as outras horas não deixavam dizer.

O rapaz ouvia confusamente a confissão rendida. E uma alegria de triunfo total irradiava-lhe das fontes a latejar.

<sup>975</sup>Foi no intervalo de dois beijos que um alarme inesperado os acordou.

- <sup>976</sup>Ó Júlia, não viste por acaso a minha Guiomar? Veio ao feno e nunca mais apareceu...

- <sup>977</sup>Eu não senhor!

- Vou espreitar aqui à loja. Está a chave na porta...

---

<sup>972</sup> só] FE; todo] DCBA.

<sup>973</sup> nos braços [...] de uma força] FE; ter nos braços [...] concêntrica e desfibrada] DC; ter nos braços uma bisarma [...] desfibrada] BA.

<sup>974</sup> dentro dela e a inundá-la da única paz que é na vida remédio de todas] FEC; nela, e a inundá-la da única paz] D; nela, e a inundá-la daquela paz] BA.

<sup>975</sup> Foi no intervalo de dois beijos que um alarme inesperado os acordou] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>976</sup> – Ó Júlia, não viste por acaso a minha Guiomar] FEC; – Ando à procura da minha Guiomar] DBA.

<sup>977</sup> – Eu não senhor [...] na porta] FEC; Foi no intervalo de dois beijos que este alarme inesperado os acordou] DBA.

Invejoso de tanta felicidade, o mundo vinha desprendê-los dum abraço de comunhão perfeita e lançar o Carlos <sup>978</sup>fora da intimidade que o tornava desmedido.

- Guiomar! <sup>979</sup>Onde raio se meteu o demónio da cachopa?

O Artilheiro estava já <sup>980</sup>escondido debaixo de uma meda de canas, e a rapariga limpava e desenrugava a saia como podia.

- Guiomar! – <sup>981</sup>e o velho e a luz entraram de repelão na loja.

- Meu pai...

Bem que o pé remexia o chão, tentava <sup>982</sup>disfarçar o ninho de felicidade. Patente, natural e denunciadora, a cama daquela hora nunca mais se desfigurava.

- Que estavas tu aqui a fazer?

<sup>983</sup>Afogueada ainda, a rapariga não respondeu. Que poderia ela responder? <sup>984</sup>A evidência do que se passara metia-se pelos olhos dentro. Não tinha medo, de resto. Tentara apagar as marcas <sup>985</sup>da sua entrega, mais por um sentimento superficial de pudor do que por íntima vergonha.

---

<sup>978</sup> fora da intimidade que o tornava] FEC; comunhão perfeita, e lançar o Carlos fora da intimidade que o tornava] D; comunhão, e lançar o Carlos fora daquela intimidade que o fizera] BA.

<sup>979</sup> Onde raio se meteu o demónio da cachopa] FEC; – Guiomar] DBA.

<sup>980</sup> escondido debaixo de uma meda de canas] FEC; enterrado sob uma meda de canas] D; enterrado sob uma mêda de feno] BA.

<sup>981</sup> e o velho e a luz entraram de repelão na loja] FEC; – Guiomar!] DBA.

<sup>982</sup> disfarçar] FEC; apagar] DBA.

<sup>983</sup> Afogueada ainda, a rapariga não respondeu. Que poderia ela responder] FEC; A uma pergunta assim, a rapariga nem sabia que responder] D 164.8 A uma pergunta assim, absurda, a rapariga nem sabia que responder] BA.

<sup>984</sup> A evidência do que se passara metia-se pelos olhos dentro] FEC; Para ela, fora tudo tão natural [...] não entrasse pelos olhos dentro] D; Para ela era tudo tão evidente [...] não entrasse pelos olhos dentro] BA.

<sup>985</sup> da sua entrega [...] íntima vergonha] FEC; do seu amor [...] íntimo receio DBA.

Se alguma coisa lhe pesava ali era <sup>986</sup>não ter a seu lado, altivo, de cara descoberta, o homem que a possuía.

<sup>987</sup>Sem querer encarar a verdade, o velho quase lhe pedia que o enganasse.

- Anda, responde!

Se fosse uma ou duas horas depois, quando dentro dela não ressoasse já a voz alvoroçada do instinto acordado, talvez pudesse mentir-lhe. Em pleno deslumbramento, não.

- Que quer que lhe responda? Não vê?...

Ia caindo o palheiro.

- <sup>988</sup>Ó sua reca! Sua galdrona! Seu grande coiro! E quem foi o maroto, o safardana? Onde está, que o mato?!

A pequenez do Artilheiro começava a ser um pesadelo <sup>989</sup>no espírito da rapariga. Se ao menos <sup>990</sup>o rapaz pudesse ter saído da loja a tempo, pronto, não ouvia o pai e depois o tempo diria. Agora assim alapardado enquanto ele disparatava, era de desesperar.

---

<sup>986</sup> não ter a seu lado [...] possuía] FEC; saber que o homem que a possuía [...] verdade] D; saber que o homem que a tivera [...] escondido] BA.

<sup>987</sup> Sem querer encarar [...] não ressoasse] FE; Sem querer encarar [...] tivesse emudecido] C; Ou será que tu? [...] a evidência impôs-se] D; – Ou será que tu? [...] a verdade impôs-se] BA.

<sup>988</sup> - Ó sua reca! Sua galdrona! [...] que o mato!?] FEC; – Quem foi o maroto [...] Onde está ele que o desfaço. Sua reca, sua porca!] D; – Quem foi o maroto [...] Onde está êle, sua reca, sua porca?] BA.

<sup>989</sup> no espírito da rapariga] FEC; para a rapariga] DBA.

<sup>990</sup> o rapaz [...] e depois o tempo diria] FE; o rapaz [...] e não tinha que o enfrentar] C; o rapaz [...] medroso como um rato] D; êle [...] tímido como um rato] BA.

<sup>991</sup>E foi então que a Guiomar viu novamente crescer diante dela o homem que a Lafunfa lhe prometera. Antes que as coisas passassem a mais, intrépido, digno, o Artilheiro saiu de dentro da moreia e apresentou-se.

- <sup>992</sup>O maroto sou eu, ti Adriano.

- Ó meu excomungado! Meu ladrão, que te bebo o sangue!

- <sup>993</sup>Não se exalte! Isto tinha de se fazer... Amanhã trata-se dos papéis.

- <sup>994</sup>O que tu merecias, bem sei eu, patife! – espumava o velho, a meter-lhe os punhos à cara e a olhar o feno onde os dois tinham rolado.

- <sup>995</sup>Acalme-se, homem de Deus! Não faça escândalo! Lembre-se que vou ser seu genro... E um genro às direitas, verá. Como vossemecê nunca avezou!

<sup>996</sup>Amainado a custo o temporal, silenciosos, deixaram os três o palheiro. No largo, o pai e a filha foram sós para casa.

- <sup>997</sup>Que te aconteceu? – perguntou a Gaudência, intrigada, ao ver entrar o homem carrancudo.

---

<sup>991</sup> E foi então que a Guiomar [...] apresentou-se] FEC; E foi então que a Guiomar [...] o Artilheiro ergueu-se] D; Mas foi então que a Guiomar [...] o rapaz ergueu-se] BA.

<sup>992</sup> – O maroto sou eu, ti Adriano] FEC; Não faça barulho] DBA.

<sup>993</sup> – Não se exalte!] FEC; – Não faça barulho, já lhe disse] DBA.

<sup>994</sup> – O que tu merecias, bem sei eu [...] tinham rolado] FEC; – Saíste-me uma boa rez [...] na reforma] D; – Saíste-me uma boa rez [...] como homem] BA.

<sup>995</sup> – Acalme-se homem de Deus [...] vossemecê nunca avezou] FEC; – Agora saí [...] você nunca avezou] DBA.

<sup>996</sup> Amainado a custo [...] os três o palheiro] FEC; Silenciosos os três [...] lusco-fusco da noite] DBA.

<sup>997</sup> – Que te aconteceu? – perguntou a Gaudência] FEC; – O que foi que aconteceu? – perguntou a mãe da Guiomar] DBA.

- <sup>998</sup>Olha, foi esta bácora! Fui encontrá-la fechada na loja com o badana do Artilheiro!...

- Artilheiro, não! <sup>999</sup>Carlos, se faz favor. Pode-lhe chamar pelo nome... - reclamou a rapariga, já senhora de si e cheia da seiva do namorado.

- Com o Artilheiro?! Nem me digas!

- Pois, então! <sup>1000</sup>De tantos rapazes que havia na terra, só lhe serviu o senhor Artilheiro! E com medo que ele lhe fugisse, deu-lhe a esmola antes do padre-nosso.

-Já disse que o tratem pelo nome, <sup>1001</sup>com mil diabos! – protestava a Guiomar, indignada, e cada vez mais firme no seu amor.

- <sup>1002</sup>Cale-se, sua desavergonhada! Só por escárnio! Se algum dia eu calculei que me caía em casa um fedunças daqueles!

<sup>1003</sup>À dor sincera do pai misturava-se a raiva do homem. Sem <sup>1004</sup>o Adriano querer, o instinto bruxuleante tinha guinadas de rancor a lembrar-se da facha macia e perfumada de feno, pisada e ainda quente no chão.

---

<sup>998</sup> – Olha, foi esta bácora! Fui encontrá-la fechada na loja] FEC; – Olha, fui encontrar esta coira fechada na loja] DBA.

<sup>999</sup> Carlos, se faz favor [...] seiva do namorado] FEC; Carlos [...] seiva do rapaz] DBA.

<sup>1000</sup> De tantos rapazes que havia [...] antes do padre-nosso] FEC; Não lhe serviu mais nenhum senão o senhor Artilheiro] DBA.

<sup>1001</sup> com mil diabos!] FEC; caramba] DBA.

<sup>1002</sup> – Cale-se, sua desavergonhada! [...] Só por escárnio!] FEC; – Artilheiro, e bem Artilheiro [...] insistia o pai a vingar-se] DBA.

<sup>1003</sup> À dor sincera do pai misturava-se a raiva do homem] FEC; Era dor sincera, mas era também raiva de impotente o que o velho sentia] D; 166.17 Era dor sincera, mas era também raiva de homem o que o velho sentia] BA.

<sup>1004</sup> o Adriano] FEC; ele] DBA.



<sup>1005</sup>O rifão popular é que não podia falhar: casa com a filha do rei, que as pazes eu as farei. A vergonha e os melindres foram passando, a vida continuou, e, quando apareceu o primeiro fruto do matrimónio, a família inteira foi baptizá-lo a Paços.

- Ele sai ao pai? – <sup>1006</sup>perguntou, ao vê-los passar, o Mareante, uma das vítimas amorosas de Guiomar, que não engolia o triunfo do Artilheiro.

- Sai, <sup>1007</sup>queres ver? – respondeu a mãe babosa, lorpa, a descobrir o criançaço.

- <sup>1008</sup>Pois sai, sai, coitadinho!... Ainda há-de vir a ter menos um palmo...

O Mareante era um <sup>1009</sup>rapagão como uma torre e o Artilheiro, ao pé dele, parecia um frango. Mas ainda <sup>1010</sup>todos, o sogro principalmente, estavam a mastigar a ofensa, já o atrevido tinha uma paulada nas fontes e gemia no chão.

Correu gente, acomoda daqui, ampara dali, <sup>1011</sup>e vá lá ninguém estancar a bica de sangue que esguichava do toutiço do desgraçado!

---

<sup>1005</sup> O rifão popular é que não podia falhar [...] fruto do matrimónio] FEC; O rifão é que não duvidava da harmonia final [...] verdadeiro nasceu] D; Casa, porém com a filha do rei [...] verdadeiro nasceu] BA.

<sup>1006</sup> perguntou ao vê-los [...] o triunfo do Artilheiro] FEC; perguntou no caminho o Mareante [...] o triunfo do Artilheiro] D; perguntou no caminho o Mareante [...] aquele triunfo do Artilheiro] BA.

<sup>1007</sup> queres ver? - respondeu a mãe babosa, lorpa, a descobrir o criançaço] FEC; queres ver? - respondeu a Guiomar, inocente e babosa, a descobrir o criançaço] D; quere ver? – respondeu a Guiomar, inocente e babosa, a descobrir a criança] BA.

<sup>1008</sup> – Pois sai, sai, coitadinho!... Ainda há-de vir a ter menos um palmo] FEC; – Pois sai, sai... Ainda há-de vir a ter menos um palmo, coitadinho] DBA.

<sup>1009</sup> rapagão] FEDC; homem] BA.

<sup>1010</sup> todos, o sogro principalmente, estavam a mastigar] FEDC; a família, o velho principalmente estava a engolir] BA.

<sup>1011</sup> e vá lá ninguém estancar a bica de sangue que esguichava do toutiço do desgraçado] FEC; e vá lá ninguém estancar a bica de sangue que esguichava do toutiço do Mareante] D; mas o que ninguém parava era a bica de sangue a esguichar do toutiço do Mareante] BA.

-Um <sup>1012</sup>meio tostão daqueles, hein?! – comentava o Sequinho. – Pequenino, pequenino, e por um triz que não lhe punha os miolos ao sol!

Na vila, que <sup>1013</sup>só com uma operação de urgência se lhe podia valer. Nada mais que trepanar-lhe a cabeça!

<sup>1014</sup>Lá o salvaram, mas no tribunal, depois, é que foram elas! O próprio advogado torcia o nariz. As coisas estava

- Bem escusávamos disto, se tu fosses outra!... – resmungava <sup>1015</sup>o Adriano, com os olhos no genro, muito teso, prestes a sentar-se no banco dos réus.

- Olhe lá não lhe caia a pedra de armas! – refilou a Guiomar, cada vez mais orgulhosa do <sup>1016</sup>marido.

- Silêncio! Como se chama?

<sup>1017</sup>E foi então que o rapaz, corajoso e leal, disse escaroladamente ao juiz o seu nome civil e o apelido que Malhão lhe dera. E como o crime não era de morte nem fora premeditado, e há pessoas que entram no coração da gente sem se saber por quê, o magistrado ouviu as testemunhas e a defesa, pensou, pensou, mediu as razões do ofendido, e acabou por aconselhar ironicamente ao Mareante que para outra vez tivesse mais juízo e não se metesse com homens de brios, de mais a mais

---

<sup>1012</sup> meio tostão daqueles, hein?! [...] punha os miolos ao sol] FEDC; pinguinhas daqueles, hein? [...] comentava o Sequinho] BA.

<sup>1013</sup> só com uma operação de urgência se lhe podia valer] FE; só com uma operação de urgência se lhe poderia valer] C; só com uma operação de urgência ao desgraçado] D; era preciso fazer uma operação de urgência ao desgraçado] BA.

<sup>1014</sup> Lá o salvaram, mas no tribunal [...] estavam muito fuscas] FEC; E no tribunal, depois, quando o Mareante muito amarelo [...] estavam fuscas, mas fuscas] DBA.

<sup>1015</sup> o Adriano, com os olhos no genro, muito teso, prestes a sentar-se no banco dos réus] FEC; o Adriano, com os olhos no genro muito teso no banco dos réus] D; o velho, quando viu o genro no banco dos réus] BA.

<sup>1016</sup> marido] FEDC; homem] BA.

<sup>1017</sup> E foi então que o rapaz [...] mais a mais Artilheiros] FEC; Foi então que o rapaz [...] mais a mais Artilheiro] D; Foi então que o rapaz [...] meter com um Artilheiro] BA.

O tempo em S. Cristóvão anda devagar. As terras são cascalho puro, de maneira que é preciso dar prazo às raízes para roerem o granito até fazerem de uma areia um <sup>1018</sup>grão de cevada ou de centeio. Um ano, ali, são trezentos e sessenta e cinco dias bem medidos. E as pessoas que lá moram, afeitas a horas longas, têm paciência de relojoeiro, cheia de mil cálculos e de mil ponderações. Exactamente como nas leiras, onde a gente vê semanas a fio o mesmo pé de milho parado, mediativo, enigmático, <sup>1019</sup>a aloirar encobertamente a sua espiga, assim nos homens mais pasmados, mais lentos e mais metidos consigo, anda às vezes uma resolução secreta a criar e a amadurecer. <sup>1020</sup>E saem obras tão perfeitas destas meditações, tão acabadas na concepção e na forma, que só o dedo da providência, porque aponta do céu, é capaz de lhes evidenciar os defeitos de fabrico. Mas mesmo assim são às vezes precisos anos para que Deus descubra <sup>1021</sup>a fenda do cântaro. Tal é a perfeição dos artífices de S. Cristóvão!

No caso <sup>1022</sup>do tio Artur, a façanha foi de pura prestidigitação. Na altura exacta em que o rapaz, trabalhador e zeloso como sempre, murava o lameiro da ribeira, o velho sumiu-se como por encanto. Viram-no à noitinha ir buscar a jumenta ao monte da relva <sup>1023</sup>e trazer-lhe depois feno do palheiro de Chã, mas daí por diante os seus passos apagaram-se sem deixar rasto.

---

<sup>1018</sup>grão de cevada ou de centeio] FEDC; grão] BA.

<sup>1019</sup>a aloirar encobertamente [...] resolução secreta] FEC; para acabar numa espiga loira [...] resolução a criar] DBA.

<sup>1020</sup>E saem obras tão perfeitas [...] lhes evidenciar] FE; E saem obras tão perfeitas [...] lhes apontar] C; E saem obras tão perfeitas[...] fraquezas terrenas] DBA.

<sup>1021</sup>a fenda do cântaro] FEC; malha caída] DBA.

<sup>1022</sup>do tio do Artur, a façanha foi de pura prestidigitação] FEC; de Artur, o tio desapareceu pura e simplesmente] DBA.

<sup>1023</sup>e trazer-lhe depois feno do palheiro [...] os seus passos apagaram-se] FED; viram-no depois trazer-lhe feno do palheiro [...] os passos do homem apagaram-se] C; viram-no depois trazer-lhe feno do palheiro [...] os passos do homem sumiram-se] BA.

<sup>1024</sup>Essa noite, embora de Agosto, foi escura e comprida, a condizer com a manha e a perseverança do lugarejo. E nela nem se <sup>1025</sup>ouviram gemidos, nem passos suspeitos, nem uivo de cão, nem pio de coruja. Nada. Ao cantar do galo, quando a aldeia acordou, <sup>1026</sup>havia no ambiente a mesma calma serenidade do dia anterior. <sup>1027</sup>As mulheres acenderam o lume e fizeram o caldo, os pedreiros, na obra do Artur, assentaram os alicerces do novo troço de parede, e só tarde, quase à hora do almoço, é que a jerica, cansada do esquecimento em que o dono a deixara na loja, deu de lá um impaciente sinal de enfado. <sup>1028</sup>E foi através desse riso animal que S. Cristóvão compreendeu que o Bento Caniço, habitualmente tão madrugador, não acordara ainda e que o melhor seria bater-lhe à porta.

Bateram, realmente, entraram, e não há dúvida que durante o sono lhe acontecera qualquer desgraça. De que natureza, é que ninguém sabia.

A casa não estava roubada, não havia <sup>1029</sup>vestígios de luta nem de violência, reinava uma tal melancolia no sepulcro vazio, que o dono parecia ter subido ao céu.

De busca em busca, de suspeita em suspeita, de interrogatório em interrogatório, o mistério cada vez se <sup>1030</sup>adensava mais.

---

<sup>1024</sup> Essa noite, embora de Agosto, foi escura e comprida [...] perseverança do lugarejo] FEC; Essa noite, embora de Agosto, foi escura e longa, como tudo em S. Cristóvão] D; Essa noite de agosto foi escura e longa, como tudo em S. Cristóvão] BA.

<sup>1025</sup> ouviram gemidos] FEC; ouviu gemido] DBA.

<sup>1026</sup> havia no ambiente a mesma calma serenidade do dia anterior] FEC; havia no ambiente a mesma calma compostura do dia atrás] D; tinha tudo a mesma calma compostura do dia atrás] BA.

<sup>1027</sup> As mulheres acenderam o lume e fizeram o caldo [...] em que o dono a deixara na loja] FEC; As mulheres foram à fonte encher os canecos [...] que o dono a deixara na loja] D; As mulheres foram à fonte encher os canecos [...] que o dono a tinha na loja] BA.

<sup>1028</sup> E foi através desse aviso animal [...] é que ninguém sabia] FEC; E foi assim que S. Cristóvão compreendeu que a noite não fora tão calma [...] Mas qual] D; E foi assim que S. Cristóvão compreendeu que a noite não tinha sido tão calma [...] Mas qual] BA.

<sup>1029</sup> vestígios de luta nem de violência [...] que o dono parecia] FEC; vestígios de luta, tudo tão inocente e puro que o velho parecia] DBA.

<sup>1030</sup> adensava] FEC; escurecia] DBA.

O Caniço, nem mau nem bom, como era de regra no <sup>1031</sup>lugar, se não tinha amigos, também não tinha inimigos. <sup>1032</sup>Solteirão, o que lhe pertencia, embora de tentar, fizera-o de há muito por escritura ao Artur, seu único sobrinho. De forma que ninguém descortinava <sup>1033</sup>maneira de encontrar o fio à meada.

<sup>1034</sup>Ora, por mais absurdo que seja o mundo, uma criatura não desaparece da noite para o dia sem fazer pensar. O homem necessita de sentir uma segurança vital a longo prazo. A morte é aceite por todos como senhora de barão e cutelo, mas a esperar pelo freguês lá muito longe, numa encruzilhada que tem vários desvios. <sup>1035</sup>Por isso, o caso do Bento Caniço, evaporado da terra por obra e graça, desencadeou em S. Cristóvão um vendaval de suspeitas e de investigações. Tudo inútil. Os dias passaram, as raízes de várias sementeiras digeriram os carolos de várias colheitas, <sup>1036</sup>e o problema cada vez mais intrincado.

De todos os zelos pela claridade daquele <sup>1037</sup>sumiço, o maior era, como de justiça, o do Artur. Honrado homem no conceito da aldeia, bom cristão nos anais da igreja, dedicado à família, não houve passo que não desse, esforço a que se poupasse, a ver se conseguia decifrar o enigma. <sup>1038</sup>E, quando verificou que de maneira nenhuma podia valer ao corpo do tio, tentou ao menos salvar-lhe a alma.

---

<sup>1031</sup> lugar] FEDC; povo] BA.

<sup>1032</sup> Solteirão, o que lhe pertencia [...] seu único sobrinho] FEC; O que lhe pertencia, embora de tentar [...] reconhecido dele] DBA.

<sup>1033</sup> maneira de encontrar o fio à meada] FEC; onde pudesse estar o fio da meada] DBA.

<sup>1034</sup> Ora, por mais absurdo que seja o mundo] FEC; Mesmo numa terra estranha e fechada como S. Cristóvão] DBA.

<sup>1035</sup> Por isso, o caso do Bento Caniço, evaporado da terra [...] suspeitas e investigações] FEC; Ora um exemplo como o do Bento Caniço, pulverizado num sumiço trágico [...] protesto e de piedade] DBA.

<sup>1036</sup> e o problema cada vez mais intrincado] FEC; e a desgraça do velho cada vez mais enevoad] DBA.

<sup>1037</sup> sumiço [...] no conceito da aldeia] FEC; fim [...] no conceito da aldeia] D; fim, [...] no conceito da terra] BA.

<sup>1038</sup> E, quando, verificou que de maneira nenhuma podia valer ao corpo] FEC; E como não pôde de maneira nenhuma salvar o corpo do tio] DBA.

<sup>1039</sup>Nesse capítulo, até o padre Maurício reconheceu que a piedade do Artur roçara pelo exagero. Vinte missas em S. Cristóvão, já são missas! <sup>1040</sup>Juntando ainda o ofício a sete vozes, com que mandou encomendar a sombra do defunto, subiu-lhe a coisa a conto e pico, maquia a considerar.

<sup>1041</sup>E foi assim, dignificada na diligência vã dos estranhos e no amor devotado do sobrinho, que a memória do Bento Caniço desbotou. Outras mortes vieram, desta vez mais claras e menos <sup>1042</sup>perturbadoras, outros interesses ocuparam a atenção lenta e ruminadora de S. Cristóvão, e outras missas de sufrágio fizeram esquecer as vinte do Artur. Apenas as não rezou <sup>1043</sup>o padre Maurício. Chegara também no céu a sua vez. E da terceira indigestão do ano, <sup>1044</sup>rebentou. Venceu a dos pepinos e a dos pimentos, mas na dos melões o fígado não pôde mais.

Era um homem bonacheirão e aberto, <sup>1045</sup>da boca de quem saíam, de vez em quando, confidências indiscretas que criavam o pânico no pequeno mundo de silêncio que pastoreava. <sup>1046</sup>Talvez para compensar a mudez colectiva, falava ele. E cada paroquiano ou arrostava o ano inteiro com o pesadelo de se não ter descosido na desobriga, ou encaracolava a alma publicamente através daquele alto falante. Mas morreu e foi substituído por um colega que infelizmente não lia pela mesma cartilha.

---

<sup>1039</sup> Nesse capítulo, até o padre Maurício reconheceu [...] roçara pelo exagero] FE; Foi o padre Maurício o primeiro a reconhecer [...] roçara pelo exagero] C; Foi o padre Maurício o primeiro a reconhecer [...] limites do possível] DBA.

<sup>1040</sup> Juntando ainda o ofício] FEC; Com ofício] DBA.

<sup>1041</sup> E foi assim, dignificada na diligência vã [...] que a memória] FEC; E, na diligência vã dos estranhos [...] Bento Caniço desbotou] DBA.

<sup>1042</sup> perturbadoras [...] fizeram esquecer as vinte] FEC; aterradoras [...] apagaram as vinte] DBA.

<sup>1043</sup> o padre Maurício] FEC; como nessa altura, o padre Maurício] DBA.

<sup>1044</sup> rebentou] FEC; morreu] DBA.

<sup>1045</sup> da boca de quem saíam, de vez em quando [...] silêncio que pastoreava] FEC; em contraste com o ar fechado da terra [...] mudo viver daquela gente] DBA.

<sup>1046</sup> Talvez para compensar a mudez coletiva [...] e foi substituído] FE; Talvez para compensar a mudez coletiva [...] e teve de ser substituído] C; Mas morreu, e foi substituído então pelo padre Lobato [...] nas refeições e na língua] DBA.

Muito mais comedido nas refeições e na língua, o novo prior tinha ideias unificadoras do animal com o meio e punha-as em prática. Seco de carnes, depressa compreendeu que a voracidade palreira do <sup>1047</sup>antecessor não estava de acordo com a magreza sisuda do chão de S. Cristóvão. De maneira que fartava o corpo no confessionário dos pecados da aldeia e do que ouvia <sup>1048</sup>nessas horas intermináveis de cochicho não vinha nunca sinal ao mundo. Fechado na batina negra, que o amortalhava do pescoço aos pés, acabava de descarregar as consciências <sup>1049</sup>da povoação enigmático como um cipreste. Até parecia <sup>1050</sup>que nascera ali e mamara a sorna germinação da terra!

No apogeu do seu <sup>1051</sup>reinado, chegou a vida do Artur ao fim. Apesar de <sup>1052</sup>moroso, o tempo vai batendo à porta de todos em S. Cristóvão. <sup>1053</sup>E, quando o Artur menos esperava, soou-lhe também a hora, e foi preciso prepará-lo para a grande viagem com a extrema-unção.

Morreu lúcido e é de crer que despejou o saco, na confissão demorada que fez. Pelo menos o padre Lobato, no fim, deu-lhe a absolvição, ungiu-o, e acompanhou-o depois à última morada.

- *Requiescat in pace...*

- *Amen.*

Honrada, a mão do Paivoto deixou <sup>1054</sup>então cair sobre o caixão as pazadas de terra gorda do cemitério, na comoção devida a uma alma lavada.

---

<sup>1047</sup> antecessor [...] chão de ] FEC; colega [...] das terras] BA.

<sup>1048</sup> nessas] FEDC; naquelas] BA.

<sup>1049</sup> da povoação] FE; da povoação] DC; de S. Cristóvão] BA.

<sup>1050</sup> que nascera] FEC; que tinha nascido] DBA.

<sup>1051</sup> reinado, chegou a vida do Artur ao] FEC; pastoreio, estava a vida do Artur no] DBA.

<sup>1052</sup> moroso, o tempo vai batendo à porta de todos] FEC; lento, o tempo vai chegando a todos] DBA.

<sup>1053</sup> soou-lhe também [...] à última morada] FE; a sua hora soou também [...] à última morada] C; a hora do Artur veio também [...] lhe deu o Senhor e a extrema-unção] DBA.

<sup>1054</sup> então cair sobre o caixão as pazadas de terra gorda do cemitério] FEC; cair sobre o cadáver as pásadas da terra da verdade] DBA.

- Que lhe seja leve... - choramingou Ester.

- Se fosse no inverno, <sup>1055</sup>era pior... - gracejou o Jacinto.

Choravam e riam como faz a vida. Mas havia neles <sup>1056</sup>o sentimento pungente da negrura do momento, porque ao cabo e ao rabo o defunto fora um homem, e urdira a sua teia de mortal em tudo de acordo com os usos e costumes de S. Cristóvão.

<sup>1057</sup>A prova disso é que o próprio Criador, se lhe quis descobrir as malhas caídas, teve de arranjar na serra uma trovoadas desmedida e fazer crescer as águas da ribeira como no dilúvio. Só assim a corrente pôde levar o muro do lameiro <sup>1058</sup>e mostrar sob os alicerces o esqueleto branco do Bento Caniço – o que restava do corpo inteiro que o sobrinho ali enterrara na noite do crime, e sobre o qual os pedreiros, no dia seguinte, acamaram pedras inocentes.

---

<sup>1055</sup> era pior] FEC; estava mais pesada] DBA.

<sup>1056</sup> o sentimento pungente da negrura do momento, porque ao cabo e ao rabo o defunto fora um homem [...] usos e costumes] FEC; a noção pungente da negrura do momento, porque ao cabo, ao cabo, o morto fora um homem [...] paciência e a tenacidade] D; a noção pungente da negrura do momento, por que ao cabo, ao cabo, o morto tinha sido um homem [...] paciência e a tenacidade] BA.

<sup>1057</sup> A prova disso é que o próprio Criador, se lhe quis descobrir as malhas caídas] FEC; Tanto, que o Criador, se lhe quis descobrir as falhas] DBA.

<sup>1058</sup> e mostrar [...] enterrara] FEC; do Artur, e mostrar [...] pusera] DBA.



## A FESTA

Tinha cada um o seu sonho para a festa de Santa Eufémia.

O Nobre, era deslindar umas contas velhas com o Marcolino; a mulher, era pagar a promessa que <sup>1059</sup>fizera por causa do ferrujão dos bois; a filha, era passar a noite no arraial, a dançar a cana-verde nos braços do namorado.

<sup>1060</sup>Por mais duro que fosse o serviço – roçar o estrume, saibrar ou arrancar batatas - , bastava a ideia desse dia longínquo para o cansaço se evaporar. O Nobre via-se limpo do nome de covardola <sup>1061</sup>com que o Marcolino o mimoseara; a Lúcia imaginava-se a dar voltas à capela, acarinhada pela bênção protectora da santa; a Otília fervia já no calor dum contacto permitido e amado, ao som da música de Torrozelo.

- Quando vamos à Vila? – perguntava a <sup>1062</sup>rapariga dois meses, a pensar na saia nova de merino.

- Tens tempo... - respondia o pai, que também acalentava o <sup>1063</sup>desejo inconfessado de uma faixa de cinco voltas.

---

<sup>1059</sup> fizera por causa da ferrujão de bois] FEC; lhe fizera por causa da monqueira dos bois] DBA.

<sup>1060</sup> Por mais duro que fosse o serviço [...] cansaço se evaporar] FEC; No meio de um serviço rude [...] desejada consolação] DBA.

<sup>1061</sup> com que o Marcolino o mimoseara [...] calor dum contacto] FEC; que o Marcolino lhe dera: a Lúcia futurava-se [...] daquele contacto] D; que o Marcolino lhe dera; a Lúcia vislumbrava-se [...] daquele contacto] BA.

<sup>1062</sup> rapariga dois meses antes, a pensar na saia nova de merino] FEC; perguntava a rapariga já no Jumbo, a pensar na saia nova] DBA.

<sup>1063</sup> desejo inconfessado] FEC; seu desejo secreto] DBA.

<sup>1064</sup>Sorrateiramente, faziam os três, pelo ano fora, economias para esse dia, num segredo sorna e feliz. O Nobre vendera os bois por dezoito notas e escamoteara uma da conta; a mulher roubara dois alqueires de centeio da tulha, e passara-os à socapa ao padeiro; a Otilia <sup>1065</sup>entendeu-se com o comprador do vinho e surriprou um almude na altura na altura da medição.

Os <sup>1066</sup>projectos ocultos de cada um implicavam despesas extraordinárias, que a economia oficial da casa não poderia consentir. O Nobre queria ter com que pagar de beber à farta aos amigos, diante dos quais se sentia na obrigação de lavar a honra, mas <sup>1067</sup>não estava disposto a prestar contas à mulher. Esta, por sua vez, <sup>1068</sup>além de penitência da promessa, tencionava reforçar com uma boa esmola a gratidão à santa, e não via razão para meter o homem nesses pormenores de fé. A moça prevenia-se para todas as eventualidades. Se o rapaz a brindasse com uma limonada, precisava ela de lhe oferecer pelo menos uma cerveja. Amor com amor se paga...

<sup>1069</sup>De resto, no capítulo de teres e haveres, cada qual sabia intimamente que nenhum dos outros estava descalço, à espera do cão que manqueja.

---

<sup>1064</sup> Sorrateiramente, faziam os três [...] num segredo sorna e feliz] FEC; Tinham os três economias [...] num segredo sorna e feliz] D; Tinham os três economias [...] naquele segredo] BA.

<sup>1065</sup> entendeu-se com o comprador [...] na altura da mediação] FEC; essa fez sinal ao comprador [...] intrujou o pai num almude] DBA.

<sup>1066</sup> projetos ocultos [...] não poderia consentir] FEC; sonhos diferentes [...] precisava de conhecer] DBA.

<sup>1067</sup> não estava disposto a prestar] FEC; desejava fazê-lo sem prestar] DBA.

<sup>1068</sup> além de penitência [...] nesses pormenores de fé] FE; além de penitência [...] nesses pormenores da sua fé] C; tencionava [...] além de penitências da promessa] D; tencionava [...] além das cinco voltas da promessa] BA.

<sup>1069</sup> De resto, no capítulo de teres e haveres, cada qual sabia [...] à espera do cão que manqueja] FEC; Sabiam de resto todos que nenhum deles estava descalço à espera do que as circunstâncias permitissem] DBA.

Mas, <sup>1070</sup>por defesa própria, fechavam os olhos à suspeitosa fonte dos proventos alheios. Era um jogo infantil, que a família inteira jogava harmoniosamente.

E <sup>1071</sup>foi assim, de bolsa confortada e vestidos de novo ou de lavado, que os três se meteram a caminho da serra, na véspera da romaria.

A <sup>1072</sup>ermida de Santa Eufémia fica no alto de um descampado de fragões e à sombra de meia dúzia de castanheiros da idade do mundo é que se lhe faz a festa. <sup>1073</sup>Gente de todas as castas, cabritos assados de quantos rebanhos pastam nas redondezas, vinho de Guiães e de Abaças, trigo de Favaio, doceiras da Magalhã e de Sabrosa, andores armados por quatro freguesias, duas músicas, sete padres, pregador de Murça – o divino e o profano dão ali as mãos, num amplo entendimento. <sup>1074</sup>O céu desce um pouco, a montanha sobe mais, e ninguém sabe ao certo a que reino pertence. Com a cuba do estômago cheia e a imagem da Santa espetada na fita do chapéu, um homem sente-se capaz de tudo: de matar o semelhante e de comungar. Ouve-se um padre-nosso e uma saraivada de asneiras ao mesmo tempo. E apaga-se naturalmente do espírito a estrema que separa o mundo real do irreal. Só que vem de peito feito para cumprir à risca a devoção que o traz, seja ela qual for, consegue encontrar pé num tal mar de contradições.

---

<sup>1070</sup> por defesa própria, fechavam os olhos] FEC; calava-se cada qual com o seu pecúlio, fechando os olhos] DBA.

<sup>1071</sup> foi assim, de bolsa confortada e vestidos de novo ou de lavado [...] na véspera da romaria] FEC; assim prevenidos e vestidos de novo ou de lavado [...] para o arraial] DBA.

<sup>1072</sup> ermida de Santa [...] se lhe faz a festa] FEC; romaria de Santa Eufémia [...] melhor festa da montanha] D; romaria de Santa [...] idade do mundo] BA.

<sup>1073</sup> Gente de todas as castas, cabritos assados de quantos rebanhos pastam nas redondezas [...] amplo entendimento] FEC; Filhos de todas as mães, cabritos assados de quantos rebanhos pastam na serra [...] não perde entre tanta balbúrdia] D; Filhos de todas as mães, cabritos assados de quantos rebanhos pastam na montanha [...] não perde entre tanta balbúrdia] BA.

<sup>1074</sup> O céu desce um pouco, a montanha sobe mais [...] encontrar pé num tal mar de contradições] FEC; Excerto inexistente] DBA.

<sup>1075</sup>Ora, justamente, o Nobre, a mulher e a filha faziam parte desse restrito número de romeiros.

Traziam um programa definido no pensamento, e nenhuma solicitação, por mais sedutora, os faria mudar de propósito.

-Bem, <sup>1076</sup>vou à minha vida... - anunciou a Lúcia logo depois da merenda, a arranjar liberdade.

Era muito devota de Santa Eufémia e gostava de <sup>1077</sup>lhe abrir o coração com vagar, a sós, numa intimidade lá dela.

-Eu também <sup>1078</sup>quero falar aí com umas pessoas... - preveniu o homem, que não se confessava em matéria de zaragatas.

- Fico então sozinha... - disse a rapariga, a fingir solidão. – O que vale é que sempre hei-de encontrar alguém da nossa terra...

- Diverte-te, mas tem juízo... - avisou a mãe.

- <sup>1079</sup>Não se aflija, que ninguém me come!

Partiu cada qual para seu lado, o <sup>1080</sup>Nobre em direcção às pipas de vinho, a mulher direita como um tiro à capela, e a filha em sentido oposto às rixas do pai e ao beatério da mãe.

---

<sup>1075</sup> Ora, justamente, o Nobre, [...] mudar de propósito] FEC; Ora, justamente, o Nobre [...] arredar do seu propósito] C; Os três, porém, iam com horário certo [...] arredar do seu caminho] DBA.

<sup>1076</sup> vou à minha vida [...] - anunciou a Lúcia logo] FEC; eu tenho que cumprir a promessa [...] - disse a Lúcia] DBA.

<sup>1077</sup> lhe abrir o coração] FEC; fazer as suas rezas] DBA.

<sup>1078</sup> quero falar] FEC; tenho que falar] DBA.

<sup>1079</sup> – Não se aflija, que ninguém me come] FEC; – Olhe lá não me comam] DBA.

<sup>1080</sup> Nobre [...] ao beatério da mãe] FEC; pai [...] música como um tiro] DBA.

- Ora viva! – <sup>1081</sup>saudou-a daí a nada o Leonel, antes de ela lhe pôr os olhos.

- Ai, és tu?!... Até tive medo...

Estavam aprazados para um bailado sem fim e ainda não tinham acabado os cumprimentos rodopiavam já nos braços um do outro.

- Sejas bem aparecido! – <sup>1082</sup>cumprimentou chibante o Marcolino, mal o Nobre se aproximou, todo ancho, de faixa nova, corrente de prata ao peito e calças de boca de sino.

- Olé!...

Só a Santa é que não disse nada à devota. Olhou-a do altar com os <sup>1083</sup>olhos vidrados e assim se ficou enquanto a Lúcia lhe desfiava salve-rainhas aos pés.

Entretanto anoitecera e o arraial abria na escuridão da serra uma clareira luminosa, intensa de vida e <sup>1084</sup>paixão. As músicas desafiavam-se o mais rumorosamente que podiam, os foguetes estoiravam no ar como bombas de dinamite, os pares <sup>1085</sup>levantavam nuvens de pó, havia mocadas aqui e além, e nas barracas comia-se, bebia-se e jogava-se a vermelhinha.

- Vamos até ali... - convidou, implorativo, o Leonel, perdido pela namorada.

- Ali, aonde? – perguntou ela, sem forças para resistir.

- Ali adiante

- Malandro, que mas hás-de pagar todas hoje! – gritava o Nobre de <sup>1086</sup>lódão no ar.

---

<sup>1081</sup> saudou-a daí a nada] FEDC; disse a rapariga] BA.

<sup>1082</sup> – Sejas bem aparecido! - cumprimentou chibante o Marcolino [...] calças de boca de sino] FE; Sejas bem aparecido! – cumprimentou chibante o Marcolino [...] calça à boca de sino] C; Seja bem aparecido!- cumprimentou chibante o Marcolino [...] calça à boca de sino] D; Seja bem aparecido! - saüdou chibante o Marcolino [...] calça à bôca de sino] BA.

<sup>1083</sup> olhos vidrados [...] aos pés] FE; seus olhos espantados [...] salve-rainhas aos pés] C; seus olhos espantados [...] o rosário a seus pés] DBA.

<sup>1084</sup> paixão] FEC; de dramas] DBA.

<sup>1085</sup> levantavam ] FEC; levantavam ao céu] DBA.

<sup>1086</sup> lódão] FEC; pau ] DBA.

- Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores...

Ninguém tinha tempo para cuidar dos outros. Cada um tratava de si, dos seus amores, da sua fé, dos seus ódios.

À medida que <sup>1087</sup>as horas avançavam, os menos resistentes iam cedendo às leis do sono e do cansaço. <sup>1088</sup>Qualquer sítio lhes servia de cama. E às tantas, dentro da capela e no adro, o chão era uma estrumeira de corpos, adormecidos numa promiscuidade de animais. Crianças ressonavam de boca aberta, velhas <sup>1089</sup>descompostas, escancaradas, mostravam as pernas secas e varicosas, e roliços braços de raparigas reluziam inertes à luz dos foguetes. Ao lado de cada um, o cesto do farnel, o varapau ou a cana de moirado, guardada como um troféu.

- <sup>1090</sup>Oh! Meu Deus da minha alma, que há-de ser de mim?!...- gemia a Otília.

- Agora já ele sabe quem é covarde – <sup>1091</sup>farroncava o Nobre.

- Salvé, Rainha, Mãe de misericórdia, vida e doçura... - orava a Lúcia.

O calor das fragas e da terra, que o sol cozera todo o dia, antinha a saturnal num mormaço de febre. <sup>1092</sup>A lamentar o mau passo, a blasonar, ou a erguer um hino de

---

<sup>1087</sup> as horas [...] iam cedendo] FE; as horas [...] ou vindos de mais longe cediam] C; o arraial [...] ou os de mais longe cediam] D; o arraial [...] vindo de mais longe cediam] BA.

<sup>1088</sup> Qualquer sítio lhes servia de cama. E às tantas, dentro [...] estrumeira de corpos] FE; Qualquer sítio lhes servia de cama. E às tantas, à volta [...] estrumeira de corpos] C; E no chão liso, arrumados aos cantos [...] sombra impenetrável, eram corpos aos cantos] D; E no chão liso, arrumados aos cantos [...] sombra mais impenetrável eram corpos aos cantos] BA.

<sup>1089</sup> descompostas, escancaradas [...] inertes à luz dos foguetes] FEC; mostravam as pernas secas e varicosas [...] à luz de um foguete mais luminoso] DBA.

<sup>1090</sup> – Oh! Meu Deus da minha alma, que há-de ser de mim] FEC; Oh! Meu Deus da minha alma] DBA.

<sup>1091</sup> – farroncava] FEDC; – exclamava] BA.

<sup>1092</sup> A lamentar o mau passo, a blasonar [...] cada acto a paz da plenitude] FEC; A insultar, a amar ou a pedir, as almas tinham a mesma força e o mesmo dom de entrega] DBA.

glorificação, as almas tinham a mesma força e o mesmo dom de entrega, embora qualquer coisa – a escuridão talvez – roubasse a cada acto a paz da plenitude.

- Juro... - prometia frouxamente <sup>1093</sup>o Leonel, reticente, a dizer que casava.

- <sup>1094</sup>Chegaste para ele, não há dúvida... - concediam os amigos do Nobre, depois da refeição, num dúbio reconhecimento da bravura com que se houvera.

- Amen... - ouviu a Lúcia dos <sup>1095</sup>próprios lábios, a sentir na alma o vazio do rendeiro que pagou a renda.

<sup>1096</sup>O contrato era de se encontrarem no fim do arraial, pela madrugada, para darem ao dente e beberem mais uma pinga. E realmente, mal a última girândola subiu ao ar e morreu em fumo no céu, lá <sup>1097</sup>estavam todos no sítio combinado, exaustos, de olhos vermelhos da poeira e do sono, cada qual com as contas do seu rosário passadas.

Acordada pela luz da manhã que rompia calma e diáfana, a serra mostrava os largos horizontes varridos e <sup>1098</sup>amortecia nas consciências a confusa exaltação que a noite permitira. As <sup>1099</sup>rodas de fogo de artifício, que a multidão vira rodopiar num frenesim de loucura, eram agora a imagem desoladora do transitório, tortas e desmanteladas nos

---

<sup>1093</sup> o Leonel, reticente] FEC; no fim o Leonel] DBA.

<sup>1094</sup> – Chegaste para ele, não há dúvida [...] bravura com que se houvera] FEC; - Não há dúvida [...] reconhecimento do seu heroísmo] DBA.

<sup>1095</sup> próprios lábios, a sentir na alma o vazio do rendeiro que pagou a renda] FEC; seus próprios lábios como se escutasse o eco final da oração de um pobre a agradecer a esmola] D; seus próprios lábios, como se ouvisse o eco final da oração de um pobre] BA.

<sup>1096</sup> O contrato era de se encontrarem no fim do arraial [...] e beberem mais uma pinga] FEC; A combinação era de se encontrarem depois do fogo [...] que a Lúcia guardava] DBA.

<sup>1097</sup> estavam todos no sítio combinado [...] do seu rosário passadas] FEC; estavam todos no sítio escolhido [...] no coração vazio] D; estava cada um no sítio escolhido [...] no coração vazio] BA.

<sup>1098</sup> amortecia nas consciências] FEC; tirava às almas a recolhida] DBA.

<sup>1099</sup> rodas de fogo de artifício, que a multidão vira rodopiar [...] as chagas cobertas de moscas] FEC; canas de fogo de artifício que a multidão vira subir ao céu soberbas e arrebatadoras, pisadas e sem glória] D; canas do fogo de artifício, que na negrura tinham subido ao céu soberbas e arrebatadoras, jaziam no chão, pisadas e sem glória] BA.

eixos; vômitos de vinho, ossos descarnados, excrementos e cascas de melancia testemunhavam a íntima e triste miséria da vida; e pobres pedintes, andrajosos e aleijados, punham termo ao interregno das lamúrias e mostravam novamente as chagas cobertas de moscas. Uma dormência lassa quebrava o corpo, a vontade, a fé e a própria esperança. Nas caras sanguíneas dos que tinham palmilhado léguas para chegar ali havia uma palidez de desilusão,<sup>1100</sup> de inconfessado e dorido arrependimento.

- Foi bonito... - disse, contudo, a rapariga, a disfarçar<sup>1101</sup> o desencanto.

- Foi – respondeu<sup>1102</sup> o pai, com segura.

-Mas<sup>1103</sup> parece que gostei mais do ano passado... - arriscou a mãe, a sangrar dos joelhos.

- Vamos a ver logo que tal a procissão...

Defendiam-se como podiam<sup>1104</sup> da luz crua da realidade. Mas<sup>1105</sup> já nenhuma esperança sincera os amparava.

---

<sup>1100</sup> de inconfessado e dorido arrependimento] FEC; de dorido e não confessado arrependimento]

DBA.

<sup>1101</sup> o desencanto] FEC; a sua dor] DBA.

<sup>1102</sup> o pai, com segura] FEC; seco, o pai] DBA.

<sup>1103</sup> parece que gostei mais do ano passado... - arriscou a mãe, a sangrar dos joelhos] FEC; gostei mais do ano passado... - gemeu a mãe, com os joelhos em chaga] DBA.

<sup>1104</sup> da luz crua da realidade] FEC; do seu desalento e da luz crua da realidade] DBA.

<sup>1105</sup> já nenhuma esperança sincera os amparava] FEC; nenhuma esperança entrava inteira nos seus instintos] DBA.



O Nobre dera mas recebera, e duas lombeiradas do Marcolino tiravam-lhe <sup>1106</sup>o contentamento da desforra. Ou tinha uma costela <sup>1107</sup>partida, ou grossa avaria dentro da caixa do peito. A Lúcia, de <sup>1108</sup>contas saldadas, e com as rótulas à mostra da areia grossa do chão, sentia-se rarefeita como um fole espremido. A rapariga, essa reduzia tudo à sua honra perdida atrás de numa fraga que nem saberia <sup>1109</sup>agora identificar.

Mas iam todos <sup>1110</sup>encher a barriga, dormir, e arranjar novas forças para continuarem a gozar pelo dia fora aquela festa a Santa Eufémia, pela qual tinham suspirado tanto o ano inteiro.

---

<sup>1106</sup> o contentamento] FEC; a magia da desforra] DBA.

<sup>1107</sup> partida, ou grossa avaria dentro da caixa do peito] FEC; dentro, ou o seu corpo já não era corpo] DBA.

<sup>1108</sup> contas saldadas [...] rarefeita como um fole espremido] FEC; promessa cumprida [...] quite e desligada da comunhão da Santa, vazia como um fole espremido] DBA.

<sup>1109</sup> agora identificar] FEC; reconhecer] DBA.

<sup>1110</sup> encher a barriga, dormir, e arranjar novas forças para continuarem a gozar pelo dia fora] FEC; comer, dormir, e arranjar novas forças para prosseguirem pelo dia fora] DBA.

## O MARCOS

Enjeitado e comido de cieiro, o Marcos apareceu em Valdigem a pedir. Os pés, descalços e pequeninos, pareciam dois aranhões vermelhos a cirandar na neve. <sup>1111</sup>Pelos rasgões das calças viam-se-lhe retalhos do corpo de criança. Um braguês ensebado caía-lhe sobre as orelhas e tapava-lhe os olhos de doninha. E um casaco de homem, de mangas arregaçadas e ombros caídos, cheio de cunetas e fechado na gola com uma segurança, acaba por fazer dele um cabide sem pernas.

- Não podes trabalhar, rapaz? – ralhou-lhe a Engrácia, a dar-lhe um migalho de pão.

- Posso, sim senhora. Quer-me para moço?

Não o quis a Engrácia, mas ficou em casa dos Maia.

- Onde arranjaste o enxalmo, João? – <sup>1112</sup>perguntou-lhe o cunhado.

- <sup>1113</sup>Na rua... É cão vadio...

- <sup>1114</sup>Está bem! E meteste-o de portas para dentro sem saber nada dele?

- Tens medo que me degole?

E o Maia riu-se daquela desconfiança <sup>1115</sup>crónica do parente.

- Mas pode-te roubar...

- Caldo de panela!

A conversa do costume. Na monotonia rotineira da povoação, só o Maia conseguia agitar o espírito de todos com o simples gesto de estender a mão ao <sup>1116</sup>desconhecido. <sup>1117</sup>Sem

---

<sup>1111</sup> Pelos rasgões das calças viam-se-lhe retalhos do corpo de criança] FED; As calças rotas deixavam ver retalhos do seu corpo de criança] C; Conto inexistente] BA.

<sup>1112</sup> perguntou-lhe] FE; quis saber] DC.

<sup>1113</sup> – Na rua... É cão vadio] FED; Apareceu aí] C.

<sup>1114</sup> – Está bem! E meteste-o de portas para dentro sem saber nada dele] FED; - E meteste-o de portas para dentro sem saber nada dele] C.

<sup>1115</sup> crónica do parente] FED; crónica] C.

<sup>1116</sup> desconhecido] FED; imprevisto] C.

<sup>1117</sup> Sem grande generosidade [...] o que lhe pertencia] FED; Sem generosidade particular [...] os seus interesses] C.

grande generosidade e amigo de acautelar o que lhe pertencia, tinha contudo um fraco: a novidade. E o que aparecia na terra de inesperado ou de pitoresco <sup>1118</sup>passava-lhe pelo quinteiro. Nas histórias de Valdigem entrava sempre o <sup>1119</sup>seu nome, duma maneira ou doutra. Uns ciganos que deixara acampar no souto levaram-lhe a égua; o homem dos Robertos, que agasalhara em casa, fez uma pantomina do dia seguinte das zangas dele com a mulher; uma recoveira de Freixo pariu-lhe numa loja. Mas o Maia achava graça a tudo <sup>1120</sup>e, mal se oferecia nova oportunidade, ei-lo metido outra vez a empresário de aldeagantes. <sup>1121</sup>Olhava os seres estranhos com a curiosidade dum espectador. Muito embora às vezes eles comessem a isca e sujassem no anzol, nem por isso deixava de se rir como um perdido, se o caso o merecia. No fundo, era um imaginativo sem imaginação. E aplaudia incondicionalmente a dos outros, mesmo quando fazia figura de asno. O <sup>1122</sup>Alexandre Rato é que se doía, zeloso do bom nome da família.

- Como se chama o pequeno?

- Marcos.

- Marcos quê?

- Marcos. É tudo o que sei dele.

Não interrogava os actores. Dava-lhes um palco para a representação e ficava à espera. Nem conhecia o passado, nem lhe interessava o futuro de nenhum.

-Tu lá te <sup>1123</sup>entendes. Mas eu cá, pelo sim, pelo não... O rapaz não caiu do céu! Há-de ter vindo de alguma parte. Ao menos perguntar-lhe a terra onde nasceu!

- Nada. Não pergunto nada.

- Olha, oxalá tenhas sorte.

---

<sup>1118</sup> passava-lhe pelo quinteiro] FED; encontrava ali paradoiro] C.

<sup>1119</sup> seu nome] FED; nome dele] C.

<sup>1120</sup> e, mal se oferecia nova oportunidade, ei-lo metido outra vez a empresário de aldeagantes] FED; que fizesse figura de asno, quer de herói] C.

<sup>1121</sup> Olhava os seres estranhos com a curiosidade [...] quando fazia figura de asno] FED; Olhava os seres estranhos com a curiosidade dum espectador] C.

<sup>1122</sup> Alexandre Rato [...] bom nome da família] FED; Rato [...] da dignidade familiar] C.

<sup>1123</sup> entendes] FED; sabes] C.

Encolheu os ombros, <sup>1124</sup>indiferente à ambiguidade do voto. Deus, ou quem mandava no andamento do mundo, conhecia bem as suas necessidades. Há muito que não <sup>1125</sup>fazia outra coisa senão plissar as leiras com a aiveca da charrua, numa desconsolação de corpo e alma. <sup>1126</sup>Por isso, tudo seria bem vindo, menos a sensaboria de mais um serviçal com pia de baptismo conhecida e boas informações. Objectivamente, precisava de alguém para <sup>1127</sup>substituir o Acúrcio, convocado para o serviço militar. Porque não havia de ser justamente o arábias do rapaz, arribado a Valdigem como andorinha nova, tresmalhada do bando e do tempo?

- Que andas tu a fazer, gabiru? – perguntara-lhe à saída da venda do Belchior, ao vê-lo de penugem arrepiada e com duas torcidas de ranho no nariz.

- A pedir.

Sem saber porquê, gostou da pinta do miúdo. E não esteve com meias medidas:

- Queres guardar gado?

- Quero, sim senhor.

- Então, vem daí.

A mulher, acostumada àquelas <sup>1128</sup>manias, nem reagiu. Quando o novo hóspede lhe entrou a medo pela cozinha dentro, só disse:

- Assoa-te ao menos.

O que o pequeno fez à manga do casaco.

<sup>1129</sup>E logo no dia seguinte o Marcos palmilhava a serra a passear as ovelhas, feliz da vida.

---

<sup>1124</sup> indiferente à ambiguidade do voto] FED; à ambiguidade daquele voto de desconfiança] C.

<sup>1125</sup> fazia outra coisa senão plissar as leiras] FED; se ria, que plissava as leiras] C.

<sup>1126</sup> Por isso, tudo seria bem vindo [...] conhecida e boas informações] FEC; Dessem-lhe, pois, tudo menos o ramerrão [...] nascimento e boas informações] C.

<sup>1127</sup> substituir o Acúrcio, convocado para o serviço militar] FEC; lhe guardar o gado que comprara na feira dos Santos] C.

<sup>1128</sup> manias] FED; maluquices] C.

<sup>1129</sup> E logo no dia seguinte o Marcos [...] da vida] FEC; E o Marcos [...] sua vida] C.

- Por acaso, parece que acertaste... - confessava o Rato, tempos depois, <sup>1130</sup>rendido.  
- <sup>1131</sup>É danado, o garoto! Ontem encontrei-o nos Pitões com três <sup>1132</sup>borregos às costas, acabados de nascer.

- Tem jeito, tem...

- Tem jeito, ou tu nunca <sup>1133</sup>avezaste coisa tão boa?

- Ora, não <sup>1134</sup>avezei!

- <sup>1135</sup>Passa-mo, que eu agradeço. Se não estás contente, dá-mo.

- Não posso dar aquilo que não é meu!

Falava com um espinho a picar-lhe a alma. <sup>1136</sup>Muito embora reconhecesse a boa vontade e finura do ganapo, no fundo, esperava dele outra coisa. <sup>1137</sup>Não sabia o quê, evidentemente. Mas qualquer maluqueira. Uma façanha inesperada, que desse brado! Assim, diligente e desenhado, é que era de perder a paciência. E, como não podia confessar os motivos da desilusão, tergiversava diante do entusiasmo do cunhado e dos mais. O rapaz <sup>1138</sup>não se distinguia, afinal, dos outros da terra. Aparecia de vez em quando em casa com um láparo arrancado duma lura, soltava-se-lhe o sangue do nariz, mijava na cama – bolas para tal riqueza! <sup>1139</sup>E, ainda por cima, sempre ensacado no maldito balandrau, agora mais esfarrapado ainda.

- Trazes o moço tão mal arranjado, João! – protestou um dia o Moisés.

- Bem anda. Desde que tenha a barriga forrada de broa, o resto é luxo.

---

<sup>1130</sup> rendido] FED; vencido] C.

<sup>1131</sup> É danado, o garoto!] FED; É danado!] C.

<sup>1132</sup> borregos às costas, acabados de nascer] FED; borregos às costas] C.

<sup>1133</sup> avezaste] FED; tiveste] C.

<sup>1134</sup> avezei!] FED; tive] C.

<sup>1135</sup> – Passa-mo, que eu agradeço] FE; - Passa-mo] D; – Dá-mo] C.

<sup>1136</sup> Muito embora reconhecesse a boa vontade] FED; Reconhecendo a boa vontade] C.

<sup>1137</sup> Não sabia o quê, evidentemente [...] da desilusão] FED; E como não podia confessar a ninguém [...] a sua desilusão] C.

<sup>1138</sup> não se distinguia, afinal dos outros da terra] FED; era afinal como todos os outros da terra] C.

<sup>1139</sup> bolas para tal riqueza. E, ainda por cima, sempre ensacado no maldito balandrau] FED; e sempre ensacado no eterno casaco] C.

E o tempo ia correndo na pobreza serrana de Valdigem. Acabou o inverno, passou a primavera, entrou o verão, e o Marcos na mesma triste figura de pobre pedinte,<sup>1140</sup> encafuado nos trapos.

- Dá uma roupa ao desgraçado! – aventurou a irmã, a mulher do Rato, já com vergonha<sup>1141</sup> de uma tal miséria.

- Dou-lhe mas é cabo do canastro, se torna a roubar uvas a alguém! Que me venham fazer queixa outra vez...

O Marcos recolhia o gado na loja e por acaso<sup>1142</sup> ouviu a conversa.

- Mesmo de cotim... - teimava a Júlia. – Calas o povo.

- O povo não tem nada com a minha vida.

Começava a odiar o rapaz. A monotonia das coisas secava-lhe a humanidade. Tinha necessidade de fantasia,<sup>1143</sup> de variedade, de abalos súbitos na pasmaceira das horas. Então, sim! Diante duma situação inesperada, trágica ou grotesca, tanto fazia, abria-se-lhe o coração e a carteira.

- Também não sei que mal te fez a criança! – desabafou a irmã, agora com sentimentos de mulher.

- Nem mal, nem bem... Não vale a água que bebe! Mas, enfim... Mudemos de conversa.

- Eu vejo-o é derreadinho o dia inteiro, como um escravo. Logo de manhã cedo, lá vai<sup>1144</sup> aquele infeliz...

- Não é por muito madrugar...

Debatia-se entre duas forças opostas: por um lado, uma vontade insofrida de correr com<sup>1145</sup> o moço a pontapés; por outro, uma espécie de superstição inibidora, uma necessidade secreta de não aceitar a falência da sua esperança. Apesar de tudo, não queria

---

<sup>1140</sup> encafuado nos trapos] FED; encafoado nos seus trapos] C.

<sup>1141</sup> de uma tal] FED; daquela] C;

<sup>1142</sup> e por acaso ouviu a conversa] FED; ouviu ainda o resto da conversa] C.

<sup>1143</sup> de variedade] FE; de aventura] D; de imprevisto] C.

<sup>1144</sup> aquele infeliz] FED; ele] C.

<sup>1145</sup> o moço [...] necessidade] FED; o ganapo [...] vontade] C.

desesperar. Despedir o catraio parecia-lhe dizer adeus para sempre à ilusão. E, acabadas as conversas laudatórias do cunhado, da irmã ou dos vizinhos, continuava a espiar disfarçadamente o <sup>1146</sup>rapaz, a ver se o milagre acontecia.

Caiu-lhe a alma aos pés quando ouviu contar que em Grijó um pastor da idade do Marcos, por falta de um espelho onde visse a figura que fazia com a primeira camisa que ia estrear, a vestira ao cão do rebanho, transformado em manequim. Nisto aparece um lobo <sup>1147</sup>e quem é que segura o laboreiro? O pequeno bem corria atrás dele a berrar: Jau, Jau, dá-me primeiro a camisa! Jau, ouve cá, ouve... Era o mesmo que gritar a um mouco. Os que presenciavam a cena <sup>1148</sup>riam-se como perdidos... E o maluco às asneiras a quem fazia caçoada e sempre a choramingar: Jau, <sup>1149</sup>olha que ma rasgas!... Jau... Jau...

Um pratinho! Segue-se que quando o cão regressou do combate trazia apenas o colarinho muito bem abotoado à volta do pescoço. O resto tinha ficado em <sup>1150</sup>tiras, nas urgueiras.

- Não ser o meu! – desabafou Maia, sem querer...

- Dá-lhe primeiro a camisa...

Coçou a barba, constrangido.

- Dava, dava, se ele a merecesse...

E largou, para não lhe pedirem mais explicações.

Acabou por ser a própria mulher, a Laura, mísera como uma fuinha, a reclamar:

- <sup>1151</sup>Não tens remédio senão comprar uma andaina ao cachopo, agora na Senhora da Saúde...

- Se estiver tão livre da peste!

- Então, manda-o embora.

---

<sup>1146</sup> rapaz] FED; moço] C.

<sup>1147</sup> e quem é que segura o laboreiro? [...] Jau, ouve cá, ouve...] FED; Está-se a ver o resultado [...] Jau, dá-me primeiro a camisa! Jau, dá-me primeiro a camisa] C.

<sup>1148</sup> riam-se como perdidos] FED; claro, riam, riam] C;

<sup>1149</sup> olha que me rasgas! [...] pratinho!] FED; dá-me primeiro a camisa! [...] modos, um pratinho] C.

<sup>1150</sup> tiras] FED; farrapos] C;

<sup>1151</sup> - Não tens remédio senão comprar [...] agora na Senhora da Saúde] FED; Compra uma roupa [...] nos 15 de setembro] C.

- Ah! mando! Sossega. Mas primeiro temos de ajustar umas contas velhas. Deixa-me acabar de encher.

O Marcos ouvia a conversa, da cama.

- <sup>1152</sup>Mas põe-mo a andar antes da festa! Não quero mais falatórios.

- <sup>1153</sup>Descansa! Já te disse que não vai de anjo na procissão. Até lá, há-se saber o gosto que o fado tem. Pedaco de asno! A gente a matar-lhe a fome, a metê-lo dentro de casa, e sai-me um bandalho que não presta para nada...

A mulher, alheia <sup>1154</sup>às razões íntimas de um tal rancor, e sem procurar sequer conhecê-las, começou a roncar. E o Maia adormeceu também.

O Marcos, na sua enxerga, é que ficou ainda a ruminar. Tinha portanto doze dias, quantos demorava ainda a <sup>1155</sup>romaria, para pôr o corpo a são e salvo das iras do patrão. Estava informado.

Começou então uma luta surda entre os dois. O Maia a arranjar pretextos para tosar o miúdo, e <sup>1156</sup>este, finório, a redobrar de solicitude, a quebrar-lhe as mãos.

- O filho da puta do rapaz parece que me adivinha os pensamentos!

- <sup>1157</sup>Compra-lhe a roupa e fica com ele.

- Não. Prova-me as unhas e <sup>1158</sup>depois rua!

Foi justamente na véspera do arraial que o Maia conseguiu <sup>1159</sup>o almejado pé que esperava.

---

<sup>1152</sup> – Mas põe-mo [...] quero mais falatórios] FE; – Mas põe-mo [...] quero falatórios] D; – Emponta-o então antes da festa] C;

<sup>1153</sup> – Descansa! Já te disse que [...] e sai-me] FED; – Emponto! Pedaco de asno! [...] e sai] C.

<sup>1154</sup> às razões íntimas de um tal rancor [...] começou a roncar] FED; àquele desespero começou a roncar] C.

<sup>1155</sup> romaria] FED; festa da Senhora dos Aflitos] C.

<sup>1156</sup> este [...] a quebrar-lhe as mãos] FED; o Marcos [...] pequena oportunidade] C;

<sup>1157</sup> – Compra-lhe] FED; – Dá-lhe] C.

<sup>1158</sup> depois rua] FED; rua] C.

<sup>1159</sup> o almejado] FED; arranjar o pé] C.



<sup>1160</sup>Ergueu-se um migalho mais tarde e, quando foi dar conta, o gado berrava na loja cheio de fome. Ahn?! Queriam ver? Tinha ou não tinha razão? Ora ali estava o grande zelo do senhor moço! O sol a pino e a sua excelência ainda no primeiro sono.

Sem mais delongas, não fosse o diabo roubar-lhe a aquela oportunidade de explodir, entrou o curral de sogá na mão. O facínora lá estava ferrado a dormir, com o chapéu esbadanado a cobrir-lhe a cara, por causa das moscas. O grande corno! <sup>1161</sup>Até que enfim podia dar-lhe uma lição! E sem lhe ficar a doer a consciência... Nada! O estupor do valdevinos não valia um cigarro. Nem <sup>1162</sup>brios, nem criação, nem piada, nem coisíssima nenhuma! Nunca lhe entrar em casa traste tão reles!

<sup>1163</sup>De sorriso sardónico nos lábios, pé ante pé, para que fosse a primeira vergastada a acordar o malandrim, chegou-se junto do catre e descarregou a fúria. Mas nem o som da pancada lhe agradou, nem o dorminhoco <sup>1164</sup>se doeu. E foi já desconfiado que secundou o golpe.

Viu então com alegria que estava diante duma mistificação. O Marcos enchera as calças e o casaco de palha, <sup>1165</sup>metera o corpo fingido debaixo da manta, no sítio da cabeça colocara o cabaneiro, e deixara-lhe ali o fantasma do corpo.

- <sup>1166</sup>Ai o grande malandro que chegou para mim!

Agradecido ao céu por aquele desfecho inesperado, subiu novamente a escada e entrou na cozinha perdido de riso.

- Tu que tens? – quis saber a mulher, pasmada do despropósito.

---

<sup>1160</sup> Ergueu-se um migalho mais tarde [...] moscas] FED; Pela manhã, quando se ergueu [...] moscas do curral] C;

<sup>1161</sup> Até que enfim podia dar-lhe uma lição [...] Nada] FED; Ainda bem podia finalmente cevar a sua desilusão [...] Cheinho de razão. Nada] C.

<sup>1162</sup> brios [...] traste tão reles] FED; tinha brios [...] coisíssima nenhuma] C.

<sup>1163</sup> De sorriso sardónico [...] vergastada a acordar] FED; Com um sorriso de triunfo [...] fosse o acto a acordar] C.

<sup>1164</sup> se doeu [...] secundou o golpe] FED; deu de si [...] que repetiu o golpe] C;

<sup>1165</sup> metera o corpo fingido debaixo da manta, no sítio da cabeça colocara o cabaneiro] FED; tapara a cara com o cabaneiro] C.

<sup>1166</sup> - Ai o grande malandro, que chegou [...] ainda quis discutir] FED; Quando no adro [...] de pagar] C.

- O rapaz saiu-se à última hora! Anda ver...

Até ela achou graça, sem se lembrar que o pequeno não se pusera na alheta nu como viera ao mundo.

<sup>1167</sup>Prepararam-se para a missa e, quando depois no adro os dois contavam o caso, a Elvira Concha, iluminada, responsabilizou-os por uma roupa nova do filho, que na véspera lhe desaparecera de casa misteriosamente. A Laura, sumítica e assomadiça, ainda quis discutir. Mas o Maia continuou com a boa disposição, prometeu pagar o prejuízo, e passou o dia a perguntar a todos se precisavam dum espantalho nas leiras, porque tinha lá um.

---

<sup>1167</sup> Mas o Maia continuou [...] dum espantalho nas leiras] FED; Mas continuou [...] dum espantalho]

## A CAÇADA

Quando ao romper da manhã o Felismino ouviu bater à porta, admirou-se da pressa do companheiro. Estava madrugada, o Leoniz. Sim, senhor!

Riscou um palito, acendeu a candeia e saltou da cama. A mulher, como sempre, espapaçada no seu canto, sem dar acordo de si.

- Joaquina!

- Ahn?!

- Raios te partam e mais ao sono! – e puxou-lhe a roupa.

O que a gente se faz! Que ruína de corpo! Dantes, mal a via assim descoberta, exposta, não resistia. Caía-lhe em cima como um abutre, mesmo antes de ela acordar. Agora podia olhá-la à vontade, que a natureza nem lhe estremecia. Velho também, era o que era!

Com um arrepio, a companheira abriu os olhos estremunhada e desceu a camisa pudicamente.

- O galo já cantou?

- Não. Mas está o Leoniz a bater.

Tinha enfiado as calças e abotoava conscienciosamente a braguilha, quando as novas pancadas impacientes ressoaram no silêncio.

- Lá vai! – gritou.

Meteu os pés nas botas de atanado e, sem apertar os cordões, foi à janela. Abriu, pôs a cabeça de fora e chalaceou:

- Madrugas-te!

O vulto, em baixo, não respondeu.

- Que horas são?

Via-se mal. Enevoadado, o céu só a custo se deixava atravessar pelos primeiros laivos da alvorada.

- Hoje deu-te a espertina!

Enquanto falava ia espetando os olhos na negrura. Começava a desconfiar que não era o Leoniz que chamava.

- Quem está aí? – perguntou, a certificar-se.

- Gente.

Não identificou a voz. E, contudo, apenas a ouviu, o coração deu-lhe um baque.

- Que é gente, vejo eu. Mas que gente?

- Não me conhece?

Agora sim, conhecia... O cabrão do Marta! Mordeu o beijo e coçou a barba.

- Olá!

- Quer vir às perdizes?

Nada mal imaginado, não senhor! Por aquela não esperava ele... Mas tinha que ser. Enterrou as unhas no lambril da janela e respondeu, sem deixar tremer as palavras:

- Posso ir.

Tirou a cabeça para dentro, voltou-se, e viu a mulher a enfiar a saia.

- Torna-te a deitar.

- E o farnel?

- Já não é preciso.

- O Leoniz leva que chegue?

- O Leoniz não vai. Se ele aparecer, diz-lhe que tive um convite e não pude recusar.

- Um convite de quem?

- Não interessa.

Acostumada a obedecer cegamente, a Joaquina meteu-se outra vez na cama e adormeceu quase logo. Calmamente, o Felismino acabou então de se vestir, foi à gaveta do pão buscar uma côdea, e quando acabou de mastigar bebeu dum trago um cálice de aguardente. Depois, pôs o cinturão, tirou a arma do prego onde estava pendurada, abriu-a e meteu-lhe um zagalote no cano esquerdo e um cartucho de chumbo cinco no direito. Finalmente, desceu e destrancou a porta.

Mais negra que a escuridão, a figura do Marta parecia um tronco carbonizado. A noite apagava-lhe inteiramente as feições, e era uma impressão maciça e tenebrosa que vinha daquela presença. Mas pouco a pouco, ajudado pela memória dos olhos, Felismino foi passando para a tela da claridade o negativo que tinha em frente.

- Bons dias!

- Viva...

Enquanto os dois se cumprimentavam assim, os cães rosnavam também.

- Onde é a caçada?

- Qualquer sítio serve...

O Felismino contraiu-se por dentro. Já sabia que não eram as perdizes que interessavam ao visitante. O bandido não lhe perdoava tê-lo enfrentado na feira da Vila e vinha vingar-se.

- Podemos então ir por aí fora... - disse, num tom desprendido.

Começaram a caminhar lado a lado, calados como velhos amigos que já não têm que dizer. Quem os visse, mal diria que cada um levava às costas a vida do outro, apertada nas canas da caçadeira.

Assim atravessaram a povoação adormecida, subiram a encosta dos sotos e entraram pela serra dentro, agora a entremostar as corcovas do lombo à teimosia de uma luz oculta. Ás tantas, o Felismino ergueu a mão, num sinal de silêncio.

- Aí estão elas... - Acrescentou em voz baixa.

Pararam e ficaram a ouvir. Perto deles, no seio da penumbra, um alegre e descuidado cacarejo respondia ao apelo que lhe fora feito mais adiante.

Apesar de já se terem olhado de soslaio por diversas vezes, não conseguiam ainda distinguir claramente a cara um do outro. Viam-se como retratos desfocados.

Insofridos, os cães agitavam-se à volta deles, a pedir liberdade de movimentos.

- Aqui, Liró!

- Nero, quieto!

Subitamente, o perfil da montanha apareceu gravado na tela imensa do horizonte. Uma toalha de luz citrina descera do céu e pousara na terra sem eles darem conta. Mas em vez de extasiarem os olhos do mar de oiro que os rodeava, encararam-se mutuamente.

- Podemos começar... - disse o Marta, escarninho, ao fim de algum tempo.

No mesmo gesto automático, como soldados num exercício, tiraram as armas dos ombros e com elas empunhadas entraram no mato orvalhado.

Ia ser bonito aquilo! Com que então, um tiro à falsa-fé, e depois, claro, fora um acidente! Filho de uma porca! E o Felismino ajeitou o dedo indicador ao gatilho como se entortasse um prego sobre o encabadoiro da enxada.

Cautelosamente, numa recíproca vigilância, foram-se afastando até chegarem à distância regulamentar. Então, começaram a caminhar paralelamente. Adiante deles, num incansável vaivém do instinto, os cães iam <sup>1168</sup>farejando as urgueiras.

---

<sup>1168</sup> farejando as urgueiras] FE; batendo o terreno] D; Conto inexistente] CBA.

No esplendor do outono, o grande panorama da montanha escancarara-se à luz do sol. Denunciadas por um tufo de fumo que se erguia delas, as povoações circundantes surgiam milagrosamente na paisagem.

Em dado momento, o perdigueiro de Felismino estacou. Alguns segundos de expectativa, passos cautelosos do dono e, por fim, duas perdizes saltaram, mansas, de rabo, inocentes ainda. Uma única detonação alarmou a quietude das fragas.

- Dá cá!

De arma pronta, o Marta ficara parado, à espera. E ao ver a segunda perdiz distanciar-se sem fogo, cuspiu fora, numa raiva mal contida.

Pouco depois chegou a sua vez. Logo adiante, o resto do bando ergueu-se aos pés, todo em girândola, no pavor desordenado. Mas deu-lhe também um tiro apenas.

- Claro... - rosnou o Felismino, com os seus botões.

Ambos elucidados, mal o Liró entregou a peça caída, puseram-se novamente a caminhar pela serra fora, batendo o terreno conscienciosamente, sem se perderem de vista e guardando sempre um cano carregado. Ajudavam-se <sup>1169</sup>como podiam, combinando os movimentos no sentido do melhor rendimento da caçada, adiantando-se ou atrasando-se conforme as revoadas e os relevos, nunca emendando o tiro, e carregavam rapidamente o cano vazio de olhos pregados no companheiro.

O dia, que começara fresco, aquecia de hora a hora. E, por volta das onze a serra parecia incendiada pelo sol a refulgir na mica das fragas. Quente, o perfume do rosmaninho aumentava a secura. Mas os dois caçadores, a soar em bica, continuavam a palmilhar o chão de lareira, no mesmo ritmo incansável e conjugado.

- É preciso ir àquelas!...

- Vamos lá.

---

<sup>1169</sup> como podiam [...] nunca emendando o tiro] FE; mutuamente [...] mas disparavam uma única vez de cada vez, nunca emendando o tiro] D.

O de cima parava, o de baixo rodava, e daí a pouco, na mesma formatura impecável, mudavam de rumo e até de encosta.

Quando a uma da tarde chegou, os cães já mal procuravam. Esfalfados, com a língua de fora, eram máquinas vivas a arfar. Se casualmente uma perdiz se levantava perto deles, olhavam-na numa espécie de espanto resignado e ficavam-se.

- Ferido! Boca lá, boca!

Pois sim! O chão apenas lhe cheirava a urze queimada. E deitavam-se na primeira sombra, impotentes e comprometidos. Os donos é que pareciam invulneráveis à torreira e à fadiga.

- Valerá a pena <sup>1170</sup>entrar no giestal?

- Pousaram lá...

Desciam e subiam incansavelmente, como bonecos a que uma secreta mão desse corda. Nem à sede torturante atendiam. Ao transpor qualquer ribeiro, olhavam-se de esguelha e passavam adiante.

A certa altura, uma perdiz saltou entre os dois e quando o Felismino se refez da momentânea emoção do levante e se propunha visá-la, deu com a arma do Marta apontada na sua direcção. Agachou-se com a rapidez dum raio e o tiro passou-lhe por cima.

- Este era para mim!... – galhofou, já com os olhos da sarrasqueta pregadas no inimigo.

O Marta teve um sorriso amarelo. E tentou disfarçar a traição.

- Foi sem querer. Disparou-se-me a arma...

Mesmo assim o Felismino não se afastou da linha. Manteve a distância que até ali os separava e apenas redobrou de atenção.

---

<sup>1170</sup> entrar no giestal [...] à sede torturante atendiam] FE; bater o giestal [...] sede tinham] D.



Os perdigueiros seguiam agora atrás deles, na dura disciplina de uma escravidão domesticada. E a caça, sem o radar canino a farejá-la, ferrava-se nas moitas e nos pedregulhos. Mas a penitência dos dois continuava.

- Tem de ser a calcão! Gritou de lá o Marta, inexorável.

- Não há outro remédio...

Apesar de alagados e de estômago vazio, <sup>1171</sup>nenhum dava sinais de fraqueza. E redobravam o esforço para que o terreno ficasse honradamente varrido.

- Caiu mais adiante. Aí.

Por volta das quatro o sol começou a perder a força tropical e uma aragem subtil acariciou-lhes as caras tisonadas.

- Sobe-se?

- É melhor.

Ao dobrar o serro, o Felismino vislumbrou um gesto equívoco do Marta. Nova tentativa de agressão. Mas o seu instinto, numa manobra instantânea da arma, sustou o tiro no momento preciso. O outro, comprometido, pôs-se a vasculhar um bitoiro.

Até que a tarde empalideceu de vez e a serra começou a cobrir-se de uma poalha de penumbra. Uma perdiz atravessou a linha e erraram-na ambos.

- Já não se vê. Talvez não valha a pena continuar...

- É consigo... - respondeu Felismino, sem sombra de cansaço na voz.

Sempre a andar como se traçassem com os pés duas rectas convergentes, foram-se aproximando. Em frente um do outro, mediram-se ainda, num último e mudo desafio.

- Morreram poucas... - disse o Marta, a quebrar o silêncio.

---

<sup>1171</sup> nenhum dava sinais de fraqueza. E redobravam o esforço] FE; eram obrigados a redobrar de esforço, para que o terreno ficasse honradamente varrido. Mas nenhum dava sinais de fraqueza] D;

- Podia ser pior...

Tinham doze cada um.

- Mas há umas perdizes e o terreno é bom.

- Se quiser voltar, às ordens..

O Marta teve um sorriso onde o ódio se adoçava.

- Fica longe. A brincar, a brincar, daqui a Boças são duas léguas. Hoje é que me deu na veneta vir por aí a cima... Trazia esta fígada...

- Foi uma boa ideia.

Já com os traços do rosto esfumados no lusco-fusco, o Marta meteu um cigarro à boca e fez lume. O clarão do fósforo aceso desenhoulhe a dureza do perfil. Tirou duas fumaças, ajeitou a bandoleira da arma no ombro e ficou indeciso.

- Não sei que faça. Se desça, se meta a direito...

- Veja lá. A corta-mato encurta um pedaço.

- Está resolvido. Sigo por aqui. Liró, vamos embora!

O navarro ergueu-se nas patas doridas e deu ao rabo cordialmente.

- Até qualquer dia.

- Boa noite.

Rodaram e puseram-se a caminhar, cada qual em sua direcção.

De repente, houve uma pausa na restolheira que o Marta ia fazendo no matagal. O Felismino, atento, aguçou o ouvido, mas não se voltou. Continuou no seu chouto sossegado.

E, em vez do tiro que esperava bateu-lhe nas costas a voz grossa do Marta, quente como uma baforada de vento suão:

- E ouça... O que lá vai, lá vai...

## O SENHOR

O dia tinha acabado, comprido e duro, com os arados desde pela manhã a rasgar Valongueiras de termo a termo, fundos, cortantes, inexoráveis.

- Ei-e!...

E as juntas de bois, a escorrerem monco <sup>1172</sup>das narinas, de canelos besuntados de estrume, firmavam o cachaço na canga e continuavam <sup>1173</sup>aquele penoso caminho de vaivém.

- Volta, Torrado! Volta.

O engate da aiveca saltava no pé da vara, a relha mudava de direcção e a terra abria-se noutro golpe fresco, odoroso e largo.

- Que tal está ela? – <sup>1174</sup>perguntava o Raboto, o último da povoação a semear.

- Boa!

E as narinas do da rabiça alargavam-se numa luxúria casta, de bicho a cheirar o ninho.

- Vamos! Vamos, que isto tem de se findar hoje! – gritava o Bernardino.

- <sup>1175</sup>Não haverá tempo... - ponderava-lhe o filho.

- Qual não há! Bota, bota para diante!

---

<sup>1172</sup> das] FED; pelas] CBA;

<sup>1173</sup> aquele caminho penoso de vaivém] FE; aquele caminho de vaivém] DC; aquele caminho de suor] BA.

<sup>1174</sup> perguntava o Raboto, o último da povoação a semear] FED; – Que tal está ela?] CBA.

<sup>1175</sup> – Não haverá tempo – ponderava-lhe o filho [...] que o dia chegou ao fim, cansado também] FED; Vamos! Vamos, que isto tem de se findar hoje! [...] dos propósitos humanos a passividade dos animais] C; Excerto inexistente] BA.

As horas, como a ferrã, cortadas pela roçadoira, caíam submissas na frescura do rego. E adormeciam.

- Viva! E não alargues tanto.

- Cabano! Ah, ladrão!

- Vais ver que fica tudo pronto. Olha o bardo!...

- O pior é o gado... A puxar desta maneira...

- Pica! Que tenham paciência.

Apenas o suor que escorria pela ilharga dos paivotos os afligia. Ao zelo interesseiro de donos, juntava-se um íntimo sentimento de justiça, que distinguia o trabalho voluntário do esforço imposto aos animais.

Até que o dia chegou ao fim, cansado também.

- Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo!

- Para sempre seja louvado e bendito!

Era a palavra de despegar esperada desde o amanhecer e da qual ninguém se lembrava já. <sup>1176</sup>De tanto se dobrar sobre as leivas e de se enterrar nelas, o corpo esquecera o momento da libertação e da ceia. <sup>1177</sup>E quando depois, em casa ou às mesas alheias, refaziam as forças afligia-os ainda o pesadelo dos cadabulhos por acabar.

- Casquem-lhe! Casquem-lhe à vontade!

---

<sup>1176</sup> De tanto se dobrar sobre as leivas e de se enterrar nelas, o corpo esquecera o momento da libertação e da ceia] FEDC; Excerto inexistente] BA.

<sup>1177</sup> E quando depois, em casa ou às mesas alheias [...] - Casquem-lhe! Casquem-lhe à vontade!] FE; - Bebam! Vocês bebam!] CBA.

Por toda a aldeia pairava um perfume forte e quente de fim de vessada. Ao crepúsculo que descera e obrigara a largar o trabalho, sucedera um luar indeciso, tépido, de noite de Maio. E nessa viagem de luz, agora conscientes da energia gasta, <sup>1178</sup>exaustos e ressequidos, comiam e bebiam como lobos.

- <sup>1179</sup>Outra rodada! Andem lá!

A cabaça passava de boca em boca <sup>1180</sup>a chocalhar, babada de saliva pegajosa e de mosto. E os lábios, espessos e gretados, sorviam com avidez daquele manancial o renovo da vitalidade que ficara enterrada <sup>1181</sup>na fundura dos lameiros.

- <sup>1182</sup>Mais uma pinga!

À excitação inicial <sup>1183</sup>ia-se sucedendo um torpor pesado que, embora os libertasse da fadiga do dia inteiro, lhes tirava também a consciência de que continuavam a ser criaturas humanas. Era o cair sonolento num abismo de nada, sem arado <sup>1184</sup>e sem esperança, de que só os poderia arrancar o toque imperativo do sino grande da torre a dar sinais de Senhor-fora.

- <sup>1185</sup>Só cá faltava esta!

---

<sup>1178</sup> exaustos e ressequidos, comiam] FED; exaustos e ressequidos, os homens comiam] C; esgotados e ressequidos, os homens comiam] BA.

<sup>1179</sup> – Outra rodada! Andem lá!] FED; – Bebam! Bebam!] CBA.

<sup>1180</sup> a chocalhar, babada de saliva pegajosa e de mosto] FED; pesada, babada de saliva grossa e de vinho tinto] CBA.

<sup>1181</sup> na fundura dos lameiros] FEDC; sob o pêso das leivas] BA.

<sup>1182</sup> – Mais uma pinga] FED; – Bebam!] CBA.

<sup>1183</sup> ia-se sucedendo [...] ser criaturas humanas] FED; porém, ia-se sucedendo [...] consciência da vida activa] CBA.

<sup>1184</sup> e sem esperança [...] da grande torre] FED; sem alegria, [...] grande da igreja] CBA.

<sup>1185</sup> – Só cá faltava esta] FED; – Ainda mais esta] CBA.

- <sup>1186</sup>Ninguém te manda!...

<sup>1187</sup>Pois não. Mas sentiam-se obrigados a obedecer à ordem que descia do campanário.

Tinham acabado de semear a vida <sup>1188</sup>e, talvez por isso, a morte estava agora mais vigilante dentro deles. Hoje vós, amanhã nós – dizia-lhes o instinto. E, calados, à uma, começaram a engolir o pão e o apresigo numa pressa sem gosto.

- <sup>1189</sup>Outra golada!

Sem volúpia, só para acabar o vinho, a cabaça passou de mão em mão, rapidamente. Da igreja, no cimo do povo, saía já o padre Gusmão debaixo do pálio, com um <sup>1190</sup>rebanho de gente à volta, que devia ser engrossado pela rua abaixo.

- ... *sa-cra-mento... da eu... ca... ris... ti-i-a...*

O luar, agora mais claro, reluzia na capa do prior e cobria a multidão de uma beleza fantástica e desumana.

- ... *fru-to do vem-tre sagra-a... do...*

Os homens, <sup>1191</sup>com a garganta escaldada da poeira das leiras, entoavam numa voz grossa, pastosa, cobrindo de húmus o cristalino canto das mulheres, leve e flutuante como um fogo-fátuo.

---

<sup>1186</sup> – Ninguém te manda] FED; – Homem, ninguém te manda] CBA.

<sup>1187</sup> Pois não. Mas sentiam-se obrigados a obedecer à ordem que descia do campanário] FE; Pois não. Mas todos se sentiam obrigados a obedecer à ordem que descia do campanário] D; Mas todos sabiam que era preciso obedecer à ordem que descia da torre] CBA.

<sup>1188</sup> e, talvez por isso, a morte estava agora mais vigilante] FED; mas a morte não morrera dentro das suas lembranças] CBA.

<sup>1189</sup> – Outra golada] FED; – Mais uma pinga!] CBA.

<sup>1190</sup> rebanho de gente à volta] FED; maciço de gente à sua volta] CBA.

<sup>1191</sup> com a garganta escaldada da poeira das leiras [...] flutuante como um fogo-fátuo] FED; escaldados da poeira do dia [...] até mundos impossíveis] CBA.

E eram eles que <sup>1192</sup>seguravam à realidade do mundo aquela procissão irreal, que a própria lua parecia acompanhar, a mover-se no descampado do céu.

- Onde é?

- Ao moinho do Fojo.

- <sup>1193</sup>Livra!

- Pela fresca, é um passeio...

- Não que eu andei a <sup>1194</sup>esterroar o dia todo!

<sup>1195</sup>Os mais cansados sumiam-se sorrateiramente nos cortelhos, nas quelhas ou nos quinteiros, temerosos da longa caminhada. <sup>1196</sup>E ficavam-se escondidos e culpados a seguir nas raloeiras dos pinheirais as quatro lanternas acesas que iam de sentinela à sagrada partícula que o padre Gusmão levava na píxide, encostada ao peito.

- Zeloso daquela hora dramática e solene, o sino continuava a bater, soturno e autoritário. E na povoação as casas que tinham luz pareciam marcadas <sup>1197</sup>por uma estrela de traição.

- ... *virgem purí-ssima, Santa Mari-ia...*

---

<sup>1192</sup> seguravam à realidade do mundo [...] mover-se no descampado do céu] FED; mesmo transfigurados pela magia da lua [...] pela noite fora] CBA.

<sup>1193</sup> – Livra!] FEDC; – Deus me livre!] BA.

<sup>1194</sup> esterroar ] FED; estorrear ] CBA.

<sup>1195</sup> Os mais cansados sumiam-se sorrateiramente [...] da longa] FED; Os mais cansados sumiam-se sorrateiramente [...] na sua] D; Um ou outro dos mais cansados ia-se sumindo sorrateiramente [...] na sua] BA.

<sup>1196</sup> E ficavam-se escondidos e culpados a seguir [...] sagrada partícula] FE; E ficavam-se escondidos e culpados a seguir [...] sagrada hóstia] D; E ficavam-se escondidos e culpados a seguir [...] junto ao peito] C; E ficava-se escondido e culpado a seguir [...] levava junto ao peito] BA.

<sup>1197</sup> por uma estrela] FE; por uma estrela maldita] D; com uma estrela maldita] CBA.

- Canta, mulher!

- Já me dói a garganta.

<sup>1198</sup>A voz apagada fazia falta no coro. Mas a cotovelada da vizinha ergueu-a, e novamente o Senhor e as matas adormecidas tiveram a acariciá-los as agudas e aveludadas notas da rapariga.

Perdido nos ermos de Midões, o moinho do Fojo demorava a vir ao encontro da leva de melodia e de fé que o procurava.

O tropel <sup>1199</sup>é que não renunciava a tê-lo, a purificá-lo no seu calor, e seguia sempre, maciço, clamoroso, descendo encostas, galgando montes, saltando ribeiros, na fervorosa crença de que era a própria verdade a caminhar.

- ... *louvado seja*...

- Cada qual se sentia <sup>1200</sup>uma parcela do Deus que ia à frente a guiá-los e a partilhar com eles o seu poder de salvação. Arrastavam-se sem consciência do corpo, <sup>1201</sup>numa leveza de eleitos, movidos apenas pela força da missão transcendente de que se julgavam investidos. E nessa <sup>1202</sup>exaltação apagava-se aos olhos de todos o relevo das coisas, a distância do caminho, a grandeza da paisagem. Quando o Malaquias surgiu finalmente, ajoelhado na estrumeira do quinteiro, de mãos erguidas, por um triz que não foi pisado pela avalanche piedosa e cega. A integração numa outra vida cilindrava a realidade desta.

---

<sup>1198</sup> A voz apagada [...] e as matas adormecidas] FED; A voz apagada [...] e os pinheiros adormecidos] C; Aquela voz [...] e os pinheiros adormecidos] BA.

<sup>1199</sup> é que não renunciava [...] própria verdade a caminhar] FED; é que não renunciava [...] do poder de salvação] C; porém, não renunciava [...] do poder de salvação] BA.

<sup>1200</sup> uma parcela do Deus que ia à frente [...] o seu poder de salvação] FED; qual se sentia um bocado do Deus [...] do trabalho do dia] CBA.

<sup>1201</sup> numa leveza de eleitos, movidos apenas pela força da missão transcendente de que se julgavam investidos] FED; fundidos na certeza transcendente de uma missão sobrenatural] CBA.

<sup>1202</sup> exaltação [...] avalanche piedosa e cega] FED; cegueira [...] surgiu ajoelhado] C; cegueira [...] apareceu ajoelhado] BA.



- É a tua mulher? – perguntou o prior, <sup>1203</sup>à frente do acompanhamento subitamente acordado.

- É, sim senhor.

Fez-se um silêncio penoso, que <sup>1204</sup>repôs o céu na sua altura e roubou a cada um o íntimo sentimento de comparticipação divina. <sup>1205</sup>Todos sabiam que chegaria esse momento triste. E temiam-no secretamente. Agora o Senhor já <sup>1206</sup>lhes não pertencia. Ia morrer na boca da agonizante e deixá-los sozinhos, terrosos, <sup>1207</sup>derreados de cansaço, com a légua e meia do regresso a palmilhar. <sup>1208</sup>No dia seguinte lá estaria outra vez na igreja matriz, severo, a exigir o chapéu na mão e uma quebra imperceptível do joelho a quem passasse na rua. Mas não seria deles inteiramente senão quando outro da freguesia recebesse o aviso <sup>1209</sup>de partida e o reclamasse do leito. Então, novamente o sino grande daria sinal, e novamente voltariam a tê-lo, a participar do <sup>1210</sup>poder que emanava, a fundir agruras e desesperos na imaterialidade ázima da sua onipotência.

- <sup>1211</sup>Há quanto tempo adoeceu ela?

---

<sup>1203</sup> à frente do acompanhamento subitamente acordado] FED; perguntou o prior, à frente da multidão, subitamente acordado] CBA.

<sup>1204</sup> repôs o céu na sua altura e roubou a cada um o íntimo sentimento de comparticipação divina] FED; roubava a cada um a sua porção de divindade] CBA.

<sup>1205</sup> Todos sabiam que chegaria esse momento triste. E temiam-no secretamente] FED; Sabiam todos que chegaria esse momento triste] C; Mas sabiam todos que era fatal esse momento] BA.

<sup>1206</sup> lhes não pertencia] FED; não era deles, já lhes não pertencia] CBA.

<sup>1207</sup> derreados de cansaço, com a légua e meia do regresso a palmilhar] FED; doloridos de cansaço, com légua e meia de caminho a andar] CBA.

<sup>1208</sup> No dia seguinte lá estaria outra vez na igreja [...] a quem passasse na rua] FED; Na igreja de Valongueiras, no dia seguinte [...] quebra imperceptível do joelho] CBA.

<sup>1209</sup> de partida e o reclamasse do] FED; da sua hora, e o reclamasse do seu] CBA.

<sup>1210</sup> poder que emanava] FED; seu poder] CBA.

<sup>1211</sup> – Há quanto tempo adoeceu ela? [...] Foi só agora de parto] FED; – É de parto] CBA.

- Foi só agora, do parto...

- <sup>1212</sup>Mas já teve a criança?

- <sup>1213</sup>Pois não. E é por isso que está tão malzinha...

Um arrepio de comoção terrena percorreu a multidão desencantada.

- Anda lá à frente...

<sup>1214</sup>O moleiro guiou o prior até junto da mulher, e cá fora o mundo tornou-se definitivamente concreto e palpável. Fechado no tabernáculo do quarto, o halo de irradiação sobrenatural não tinha forças para atravessar as paredes.

- <sup>1215</sup>É o Senhor que me trazem? – gemeu a Filomena, acordada para a inefabilidade a que a chamava a capa doirada do sacerdote.

- É...

- Pois sim... Pois sim... Mas o meu menino... Há três dias <sup>1216</sup>que estou aqui neste calvário...

<sup>1217</sup>O padre relanceou os olhos apreensivos pela cara boçal do sacristão, postado junto de si como uma ordenança impassível.

---

<sup>1212</sup> – Mas já teve a criança?] FED; Um arrepio de comoção terrena percorreu a multidão desencantada] CBA.

<sup>1213</sup> – Pois não. E é por isso que está tão malzinha [...] - Anda lá à frente] FED; Mas já teve a criança? - Não] CBA.

<sup>1214</sup> O moleiro guiou o prior até junto da mulher, e cá fora o mundo [...] atravessar as paredes] FED; Lá dentro, o mistério da morte e da comunhão [...] desvendava a sombra de tudo] CBA.

<sup>1215</sup> – É o Senhor que me trazem?- gemeu a] FED; – É o Senhor que me trazem?- perguntou a voz quase sem tom de] C; - É o Senhor? – perguntou a voz quási sem tom de] BA.

<sup>1216</sup> que estou aqui neste calvário...] FED; senhor Prior, que estou aqui] CBA.

<sup>1217</sup> O padre relanceou [...] ordenança impassível] FED; Padre Gusmão [...] vela que segurava] CBA.

- <sup>1218</sup>Vai lá para fora, João!

<sup>1219</sup>O acólito colou à tampa da caixa encostada à cama a vela que segurava e saiu. Um cheiro adocicado e enjoativo de cera a arder e de transpiração toldava o cubículo.

- Ora diz lá outra vez!

Branda, débil, a Filomena renovou o queixume. Dos seus lábios secos e descorados o mesmo lamento de há pouco tornou a levantar-se severo contra os homens e contra Deus.

- O menino... Quer sair e não pode... Há bocado pôs a mãozinha de fora...

Da caminhada, do calor do quarto e das palavras que ouvia, <sup>1220</sup>o prior ofegava no forro dos paramentos. <sup>1221</sup>Grossas bagadas de suor corriam-lhe das têmporas congestionadas. ao esforço dispendido e ao peso do ambiente, juntava-se a inesperada urgência daquele apelo terreno, a opor-se à intemporalidade consubstanciada que sustinha nas mãos indignas e mortais. Inopinadamente, os valores mudavam de sinal, o transitório sobrepunha-se ao eterno, e só uma coisa se mantinha firme diante dos seus olhos de homem: a moleira estendida no leito, com um filho dentro dela a pedir mundo.

- Ó Malaquias! – gritou fora de si.

- Senhor <sup>1222</sup>padre Gusmão...

---

<sup>1218</sup> – Vai lá para fora] FED; – Sai lá para fora] CBA.

<sup>1219</sup> O acólito colou à tampa da caixa [...] transpiração toldava o cubículo] FE; O acólito colou à tampa da caixa [...] sangue quente toldava o cubículo] D; O homem colou a luz à tampa da caixa [...] continuou no quarto] CBA.

<sup>1220</sup> o prior ofegava no forro dos paramentos] FED; padre Gusmão escorria água] CBA.

<sup>1221</sup> Grossas bagadas [...] mãos dignas] FE; Grossas bagadas [...] mãos trémulas] D; Uma evidência humana [...] dentro dela] C; Uma evidência humana [...] dentro de si] BA.

<sup>1222</sup> padre Gusmão] FED; Prior] CBA.

- Em vez de me chamar a mim, porque não foste <sup>1223</sup>ter com o médico de Lordelo?

- Fui, mas está doente. <sup>1224</sup>Mandou-me à Vila e lá pediram-me um conto de réis...

<sup>1225</sup>Os pés do sacerdote estavam agora bem assentes no soalho do quarto. O borborinho que vinha da rua trazia-lhe aos ouvidos um estímulo de naturalidade e de terra. A angústia de Filomena <sup>1226</sup>pedia e comandava.

- <sup>1227</sup>Bem, ouve: espera aí fora um migalho...

A cara branca e pálida de Filomena parecia polvilhada da farinha que cobria tudo. <sup>1228</sup>Enternecido, o prior olhou-a com uma simpatia humana que só um menino tivera. E, naquela comunhão, depôs o sagrado viático sobre a tampa da caixa, ao lado da vela, tirou a estola do braço, despiu a capa, e disse, ao mesmo tempo que levantava a roupa da cama:

- <sup>1229</sup>Mostra lá!

Era a primeira vez que via uma mulher naquele abandono, e uma <sup>1230</sup>vergastada do instinto alterou-lhe o ritmo do coração. Filomena, do seu lado, embora já quase

---

<sup>1223</sup> ter com o médico de Lordelo] FED; chamar o médico de Lordelo] C; chamar o médico] BA.

<sup>1224</sup> Mandou-me à Vila e lá pediram-me um conto de réis] FED; Só na Vila. O que é, pediram-me um conto de réis] CBA.

<sup>1225</sup> Os pés do sacerdote estavam [...] trazia-lhe aos ouvidos] FED; O soalho estava agora parado e firme sob os pés do prior [...] aos seus ouvidos atentos] CBA.

<sup>1226</sup> pedia e comandava] FED; era um pedido e um comando] CBA.

<sup>1227</sup> – Bem, ouve: espera aí fora um migalho] FEDC; – Sai lá para fora!] BA.

<sup>1228</sup> Enternecido, o prior [...] tivera] FED; Padre Gusmão olhou-a [...] tinha tido] CBA.

<sup>1229</sup> – Mostra lá] FED; – Ora mostra lá] CBA.

<sup>1230</sup> vergastada do instinto alterou-lhe o ritmo do coração] FED; onda de calor alterou-lhe o coração sereno e solidário] CBA.

despedida deste mundo, também sentiu no corpo a brisa de um pudor violado. Mas a <sup>1231</sup>força da realidade quase logo os serenou a ambos.

- Há três dias... - gemeu a infeliz, a queixar-se e a justificar-se...

Roxa, a mãozita jazia pendurada entre as duas <sup>1232</sup>coxas cabeludas, redondas, sulcadas de veias negras entumecidas.

- E a Matilde, a parteira, já cá veio?

- Não fez nada, que só o <sup>1233</sup>doutor...

Os sacramentos, inúteis, lá estavam sobre a caixa da roupa. A vela ia-se consumindo lentamente. <sup>1234</sup>No quinteiro continuava a inquietação ruidosa do povo.

- <sup>1235</sup>Malaquias!

-Senhor <sup>1236</sup>padre Gusmão...

- Traz água!

<sup>1237</sup>Com o alguidar de barro a transbordar, parvo, o moleiro olhou o corpo escancarado da mulher e o padre de mangas arregaçadas.

- <sup>1238</sup>Põe aí. E agora vai aquecer uma pouca...

---

<sup>1231</sup> força] FED; realidade] CBA.

<sup>1232</sup> coxas] FE; pernas] DCBA.

<sup>1233</sup> doutor] FED; médico] CBA.

<sup>1234</sup> No quinteiro continuava a inquietação ruidosa] FED; No quinteiro continuava a inquietação viva] C; Lá fora continuava a inquietação viva] BA.

<sup>1235</sup> – Malaquias!] FED; – Ó Malaquias] CBA.

<sup>1236</sup> padre Gusmão [...] Traz água] FED; Prior [...] Quero lavar as mãos] C; Prior [...] Traz água] BA.

<sup>1237</sup> Com o alguidar de barro a transbordar, parvo, o moleiro olhou o corpo] FED; Parvo, o moleiro olhou o corpo] CBA.

<sup>1238</sup> – Põe aí. E agora vai aquecer uma pouca] FED; Mas estendeu o alguidar de barro [...] como o prior mandou] CBA.

<sup>1239</sup>O desgraçado correu à cozinha e o prior, mal acabou de se lavar, num arrepio de pecado, pegou na pequenina mão. <sup>1240</sup>Os dedos ásperos e ossudos estremeceram-lhe de nojo e de medo ao contacto daquela carne tenra.

Mas um momento depois <sup>1241</sup>tacteavam já sem relutância e confiantes, dentro de Filomena, o resto do corpo escorregadio.

A mulher gemia brandamente. Na rua <sup>1242</sup>o sacristão acalmava como podia a impaciência do povo. As pedras do moinho iam rilhando o milhão.

Depois de um grande esforço <sup>1243</sup>de Filomena e do padre, um pequenino pé encarquilhado saiu preso à garra possante que o fora procurar. Um grito agudo <sup>1244</sup>chegou ao meio da turba alarmada.

- O que foi?

- Calai-vos!

---

<sup>1239</sup> O desgraçado correu à cozinha e o prior [...] pegou na pequenina mão] FED; Com um arrepio de pecado, o padre pegou na pequenina mão] CBA.

<sup>1240</sup> Os dedos ásperos e ossudos estremeceram-lhe] FEC; Os seus dedos brancos e ossudos estremeceram] DBA.

<sup>1241</sup> tateavam já sem relutância [...] o resto do corpo escorregadio] FE; tateavam já corajosos, dentro [...] o resto do corpo escorregadio] D; já tateavam corajosos dentro [...] o resto do corpo escorregadio] C; já tateavam corajosos [...] o resto do escorregadio corpo] BA.

<sup>1242</sup> o sacristão acalmava como podia a impaciência do povo [...] rilhando o milhão] FED; a demora começava a impacientar o povo [...] vergonha de estar ali] CBA.

<sup>1243</sup> de Filomena [...] que o fora procurar] FED; de Filomena [...] os tinha ido procurar] C; da mulher [...] os tinha ido procurar] BA.

<sup>1244</sup> chegou ao meio da turba] FED; chegou ao meio da multidão] C; de Filomena chegou ao meio da multidão] BA.

Era meio caminho andado, e o prior estava decidido a chegar ao fim. Guiados por uma intuição de raiz e por uma ciência brumosa de manual, <sup>1245</sup>os seus dedos pareciam adivinhar no seio da escuridão.

- Tem paciência, minha filha...

Duas lágrimas de cor e de gratidão desceram pelo rosto de Filomena.

- Malaquias!

- Senhor <sup>1246</sup>padre Gusmão...

- Traz água quente.

O moleiro entrou no quarto e quando <sup>1247</sup>viu lá o filho quase de fora ia deixando cair a vasilha. Além de carregar <sup>1248</sup>a moega e o macho, o Malaquias não sabia mais nada. Por isso atravessara aqueles três dias de pesadelo, atarantado, a correr o caminho <sup>1249</sup>de Lordelo e de Feitais, através da parteira e do doutor. <sup>1250</sup>Mas, como ninguém lhe valera, resignou-se à morte irremediável da mulher. Coberta da farinha <sup>1251</sup>do moinho, que naquela casa embranquecia tudo – as teias de aranha, o gato e a roupa de casamento -, via-a subir ao céu embalada no coro que a gente de Valongueiras levantara da igreja até ali. A sua viuvez era já uma solidão consentida, mesmo com o corpo da <sup>1252</sup>companheira ainda quente na cama.

---

<sup>1245</sup> os seus dedos [...] no seio] FE; os seus dedos [...] as portas] D; as suas mãos [...] as portas] CBA.

<sup>1246</sup> padre Gusmão] FEC; Prior] DBA.

<sup>1247</sup> viu o filho quase] FED; viu metade do filho] CBA.

<sup>1248</sup> a moega] FED; o moinho] CBA.

<sup>1249</sup> de Lordelo e de Feitais, atrás da parteira] FED; de Feitais e de Lordelo, atrás de Matilde que entendia de partos] D; de Feitais e de Vila-Pouca, atrás da Matilde que entendia de partos] BA.

<sup>1250</sup> Mas, como ninguém lhe valera, resignou-se] FE; Mas como ninguém lhe valera, o seu espírito resignou-se] D; Como porém ninguém lhe tinha acudido, o seu espírito resignara-se] CBA.

<sup>1251</sup> do moinho] FED; que em sua casa] CBA.

<sup>1252</sup> companheira] FED; mulher] CBA.

Do prior, esperava, pois, que <sup>1253</sup>consumasse o que faltava dessa transfiguração e lhe apagasse apenas do entendimento a sombra da presença que o não deixava ter uma paz inteira.

- <sup>1254</sup>Não fiques a olhar como um palerma! Pousa isso e arranja uma tesoura e linha. Mexe-te!

Faltava só a cabeça, que saíu depois de Filomena gastar as últimas forças a gritar.

- Pronto, já cá está!

<sup>1255</sup>Na exclamação de triunfo do padre Gusmão havia qualquer coisa de herético que feria os sentimentos do moleiro. Mas, por outro lado, <sup>1256</sup>nada o poderia comover mais do que ver o filho, a espernear naquelas mãos poderosas, humanas, que acabavam de o roubar à escuridão do nada.

- <sup>1257</sup>É parecido contigo. E pelos vistos não gosta de se molhar... Deixa ver a toalha.

- <sup>1258</sup>Coitadinho!...

- Enxuga! Então e nós, sua valentona?

---

<sup>1253</sup> consumasse [...] o não] FED; ele consumasse [...] não lhe] CBA.

<sup>1254</sup> – Não fiques a olhar como um palerma [...] Mexe-te] FED; – Põe aí. Tens uma tesoura e linha?] CBA.

<sup>1255</sup> Na exclamação de triunfo do padre Gusmão [...] sentimentos do moleiro] FED; A exclamação de triunfo do prior [...] homem de cabeção] CBA.

<sup>1256</sup> nada o poderia comover mais do que ver o filho [...] acabavam de o roubar] FED; o seu filho esperneava naquelas mãos [...] o haviam roubado] CBA.

<sup>1257</sup> – É parecido contigo. E pelos vistos não gosta de se molhar... Deixa ver a toalha] FED; – É parecido contigo] CBA.

<sup>1258</sup> – Coitadinho!... – Enxuga! Então e nós, sua valentona] FED; – Ó, Senhor Prior! Coitadinho] CBA.



<sup>1259</sup>A cara esvaída de Filomena tinha agora uma paz de dia findo. Exausta, olhou por alguns instantes a criança aos estremeções, deixou cair duas lágrimas de ternura e mergulhou num sono profundo.

- Chama uma das <sup>1260</sup>mulheres lá de fora. Pode ser a Constança.

O Malaquias saiu a correr, estonteado de alegria e de assombro, e entrou pouco depois acompanhado da <sup>1261</sup>velha.

- <sup>1262</sup>Tome conta do pequerrucho e fique aí ao pé dela, que o pior já passou.

- <sup>1263</sup>Olha que riqueza!

A Constança agasalhou no chaile <sup>1264</sup>a nudez limpa da pequena vida que estreava nos seus braços o aconchego do mundo, e o padre Gusmão lavou as mãos, desarregçou as mangas e paramentou-se outra vez.

- João!

- Senhor prior...

- Vamos lá.

Da caixa, o Senhor ergueu-se então solene, chegou à porta, e cobriu-se novamente do pátio da sua glória.

---

<sup>1259</sup> A cara esvaída de [...] mergulhou num sono profundo] FE; A cara magra e esvaída de [...] olharam a criança] D; A cara magra e esvaída de [...] olharam o filho] C; A cara pálida e branca [...] fecharam-se com sono] BA.

<sup>1260</sup> mulheres lá de fora] FED; velhas lá de fora – disse o prior] CBA.

<sup>1261</sup> velha] FED; mulher] CBA.

<sup>1262</sup> – Tome conta do pequerrucho e fique aí] FED; – Tome lá, e fique aqui] CBA.

<sup>1263</sup> – Olha que riqueza] FED; – Pois sim, senhor Prior. Pois sim] CBA.

<sup>1264</sup> a nudez limpa da pequena vida [...] e o padre Gusmão] FED; aquele ser desamparado, e o padre] CBA.

## 7. Considerações Finais

As sucessivas correções que Miguel Torga foi introduzindo ao longo das diversas edições de *Novos Contos da Montanha* revelam uma preocupação quase obsidiana do autor pela perfeição, quer da forma, quer das *nuances* de conteúdo. Das numerosas, e por vezes até substanciais, alterações que Torga foi sucessivamente incluindo nos contos que integram esta coletânea sobrepõe uma enorme preocupação por expressões mais sugestivas e adequadas aos contextos e à condição sociocultural das personagens que os povoam. Compreende-se assim o que quer dizer Clara Rocha quando afirma que vários dos seus datiloscritos eram cortados, recortados, e certas emendas coladas em tiras de papel. Algumas das suas folhas eram inclusive, autênticos palimpsestos (cf. Rocha, 2000: 86). Em determinadas provas tipográficas, cada livro era revisto até à exaustão, o que suscitava motivos de gracejos entre os tipógrafos (cf. Rocha, 2000: 88).

Na verdade, as alterações introduzidas por Torga ao longo das diversas edições em apreço de *Novos Contos da Montanha* vai muito para além da mera adição ou remoção de contos. Como foi, aliás, referido anteriormente no trabalho, a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> edições são praticamente idênticas (apesar das manifestas diferenças no plano das ilustrações). Porém, o mesmo não se verifica com a 3.<sup>a</sup> edição, sujeita pelo autor a um conjunto de alterações. Na 4.<sup>a</sup> edição, as alterações intensificam-se em relação às três primeiras. Esta situação não se verifica contudo em todos os contos. A 5.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> edições apresentam poucas diferenças entre si. Se as compararmos contudo com a 4.<sup>a</sup>, verifica-se que Torga introduziu na 5.<sup>a</sup> bastantes alterações.

Do cotejo entre as edições em apreço de *Novos Contos da Montanha* verificam-se algumas tendências: a tendência para tornar a linguagem das personagens mais coloquial e pitoresca, a tendência para frases mais curtas, incisivas e depuradas e ainda a tendência para intensificar o visualismo de certas cenas. Uma outra tendência verificável diz respeito ao uso frequente de certos vocábulos por parte do autor. Palavras como “Suor”, “arfar”, “temor” e “fumegar” surgem com bastante frequência ao longo dos contos que preenchem a obra. São palavras que o autor utiliza para retratar a dura realidade que o povo

transmontano enfrenta. Um povo trabalhador que tem de suportar um conjunto de vicissitudes, e que luta contra um conjunto de leis divinas e terrestres.



## 8. Bibliografia

### 1. Edições de *Novos Contos da Montanha*:

- Torga, Miguel (1944), *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Coimbra Editora, 1.<sup>a</sup> ed.  
\_\_\_\_\_ (1945), *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Coimbra Editora, 2.<sup>a</sup> ed.  
\_\_\_\_\_ (1952), *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Coimbra Editora, 3.<sup>a</sup> ed.  
aumentada.  
\_\_\_\_\_ (1959), *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Coimbra Editora, 4.<sup>a</sup> ed.  
refundida.  
\_\_\_\_\_ (1967), *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Coimbra Editora, 5.<sup>a</sup> ed.  
acrescentada e revista.  
\_\_\_\_\_ (1980), *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Coimbra Editora, 9.<sup>a</sup> ed.  
revista.

### 2. Estudos sobre *Novos Contos da Montanha*

- Fagundes, Francisco, (1992), *Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e seu Compromisso*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Fioravanti, Solange (2008), «Percursos do trágico nos Contos de Miguel Torga», Disponível, URL: [http://tede.uefs.br/tedesimplificado/tde\\_arquivos/1/TDE-2008-06-20T170512Z-54/Restrito/Solange.pdf](http://tede.uefs.br/tedesimplificado/tde_arquivos/1/TDE-2008-06-20T170512Z-54/Restrito/Solange.pdf) [consultado a 21.07.2013].
- Gonçalves, Fernão de Magalhães (1998), *Ser e Ler Miguel Torga*. Chaves: Edições Tartaruga.
- Loureiro, Adriano (2011), «O Espaço-Tempo no Conto de Miguel Torga», URL: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1103.pdf> [consultado a 14.07.2013].
- Monteiro, Maria (1997), «Trás-os-Montes: Um Paraíso Perdido e Reencontrado por Torga», *Estudos Transmontanos e Durienses*, n.º 7, URL: <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Falfarrabio.di.uminho.pt%2Fvercial%2Fzips%2Fassunc02.rtf&ei=wJ2KUv30Oc->

Q7Abxt4CYAQ&usg=AFQjCNFp3EdkfHoGk83DbQAm5CXwimfJ5Q&sig2=UueSp8faIMbPuuGD5yOnbA&bvm=bv.56643336,d.ZGU [consultado em 12.08.2013].

Paroshi, Wilson (2010), «O que é a Crítica Textual», URL: <http://porquecreio.blogspot.pt/2010/11/o-que-e-critica-textual.html> [consultado a 10.06.2012].

Ponce de Leão, Isabel (2004), *O Essencial sobre Miguel Torga*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Reis, Sara Silva (2002), *A Identidade Ibérica de Miguel Torga*. S. João do Estoril: Principia.

Rocha, Clara (2000), *Miguel Torga. Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

\_\_\_\_\_ (1977), *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Livraria Almedina.

Silva, Carlos (2008), *Um Balanço do Período Leiriense de Miguel Torga*, URL: [http://jornaldascortes.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=105&Itemid](http://jornaldascortes.com/index.php?option=com_content&task=view&id=105&Itemid) [consultado a 21.08.2013].

Torga, Miguel (1999), *Diário. Vols. V a VIII*. Lisboa: Publicações D.Quixote.

\_\_\_\_\_ (1999), *Diário. Vols. XIII a XVI*. Lisboa: Publicações D.Quixote.

### 3. Obras sobre Crítica Textual

Cambráia, César Nardelli (2005), *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes.

Cambráia, César Nardelli / Miranda, José Américo (2004), *Crítica Textual: Reflexões & Práticas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Núcleo de Estudos de Crítica Textual.

Eça de Queirós (2000), *Prefácio: O Crime do Padre Amaro*. Edição de Carlos Reis, Maria do Rosário Cunha. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Grésillon, Almuth (2007), *Elementos de Crítica Genética, Ler os Manuscritos Modernos*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Silva, Maximiano (1994) *Crítica Textual – Conceito – Objecto - Finalidade*. Rio de Janeiro: Editorial Confluência.

Spaggiari, Barbara / Perugi, Maurizio (2004), *Fundamentos da Crítica Textual. História, Metodologia, Exercícios*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.